

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

EMMA STRAUB

«Não consegui
largar este livro.»
TAYLOR JENKINS REID

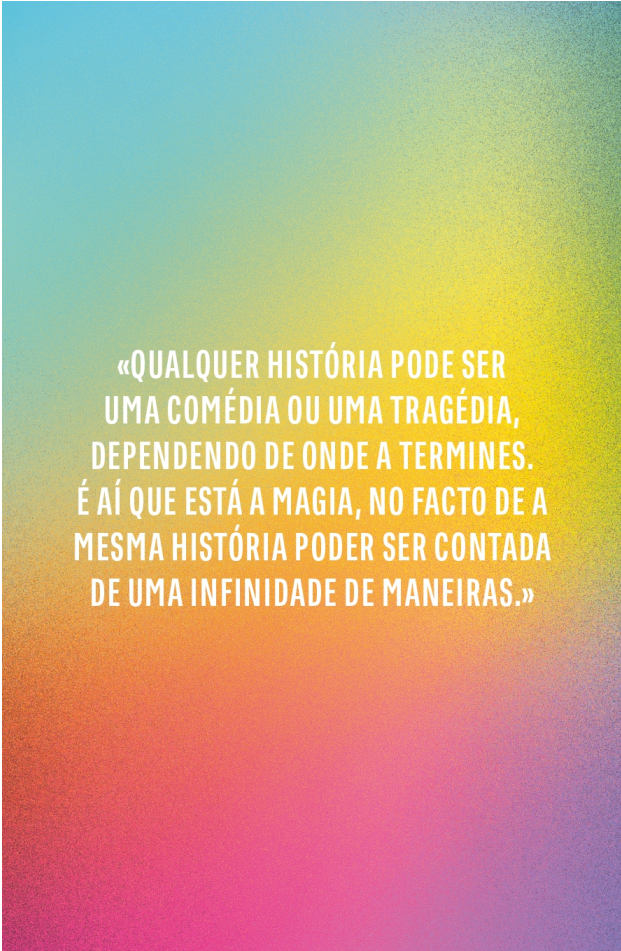


AMANHÃ

ESTA HORA

Aurora





«QUALQUER HISTÓRIA PODE SER
UMA COMÉDIA OU UMA TRAGÉDIA,
DEPENDENDO DE ONDE A TERMINES.
É AÍ QUE ESTÁ A MAGIA, NO FACTO DE A
MESMA HISTÓRIA PODER SER CONTADA
DE UMA INFINIDADE DE MANEIRAS.»

**AMANHÃ A
ESTA HORA**

EMMA STRAUB

AMANHÃ A ESTA HORA

TRADUÇÃO DE RAQUEL ALMEIDA

Aurora



TÍTULO ORIGINAL: *This Time Tomorrow* Copyright © 2022 by Emma Straub © Aurora Editora A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Amanhã a Esta Hora* AUTORIA: Emma Straub TRADUÇÃO: Raquel Almeida EDIÇÃO: Helena Magalhães REVISÃO: Susana Amaro Velho e Lénia Rufino PAGINAÇÃO: Ana Gaspar Pinto CAPA: Grace Han ADAPTAÇÃO DE CAPA: Ana Gaspar Pinto ISBN: 978-989-8860-24-8
1.ª EDIÇÃO EM PAPEL: janeiro de 2023

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.



Aurora Editora é uma chancela Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Para Putney Tyson Ridge.

Só após o final da história, de todos os destinos estarem traçados e todas as questões resolvidas, de um modo que essa história se pareça com todas as outras, é que ela poderia sentir-se imune e pronta a furar os limites das margens, a prender os capítulos com pedaços de cordel, a pintar ou desenhar a capa e a mostrar a obra concluída à mãe ou ao pai, quando este se encontrava em casa.

IAN MCEWAN, *Atonement* ***

Amanhã a esta hora Onde estaremos nós?

THE KINKS ***

Até ao futuro!

LEONARD STERN, TIME BROTHERS

PARTE UM

1

O tempo não existia no hospital. Tal como num casino em Las Vegas, não havia relógios em lado nenhum, e a desagradável luz fluorescente mantinha-se igualmente brilhante durante todo o período das horas de visita. Alice já tinha perguntado, uma vez, se desligavam as luzes durante a noite, mas a enfermeira não a ouviu, ou talvez pensasse que era uma piada; de qualquer maneira, não lhe respondeu, por isso Alice não sabia a resposta. O pai, Leonard Stern, ainda se encontrava na cama no centro do quarto, ligado a mais fios e cabos e sacos e máquinas do que aqueles que Alice podia contar, e mal tinha falado durante uma semana, por isso ele também não lho diria, mesmo que voltasse a abrir os olhos novamente. Será que ele conseguia ver a diferença? Alice lembrou-se de quando se deitava no relvado do Central Park no verão, adolescente, deixando as pálpebras fechadas sentirem o calor do sol, quando ela e os amigos esticavam os corpos sobre mantas enrugadas, à espera de que o JFK Jr. os atingisse acidentalmente com um *frisbee*. Estas luzes não eram como a luz do sol. Eram demasiado brilhantes e demasiado frias.

Alice podia fazer as visitas aos sábados e aos domingos, e às terças e quintas-feiras durante a tarde, quando o trabalho acabava cedo o suficiente para que pudesse apanhar o comboio e chegar ao hospital a tempo, antes que as horas de visita terminassem. Do apartamento onde vivia em Brooklyn, a viagem de metro durava uma hora, da 2/3 de Borough Hall até à Rua 96, e depois seguia até à Rua 168; mas, do seu trabalho, era meia hora no comboio C, que seguia direto da Rua 86 e da Central Park West.

Durante o verão, Alice tinha conseguido visitar o pai quase todos os dias, mas, desde que a escola começara, o melhor que conseguia era ir alguns dias por semana. Era como se se tivessem passado décadas desde a última vez que o pai tinha sido ele mesmo, quando era mais ou menos igual ao que sempre tinha sido para Alice, a sorrir e irónico, com uma barba mais castanha do que cinzenta. Na realidade, tinha-se passado apenas um mês. Ele já tinha estado num andar diferente do hospital, num quarto que mais parecia o de um hotel mal decorado do que uma sala de pós-operatório, com uma fotografia de Marte, que tinha rasgado do *The New York Times* e

colado na parede, ao lado da fotografia da sua gata velha e poderosa, *Ursula*. Alice questionava-se sobre se teriam retirado essas coisas e colocado juntamente com o restante dos seus pertences — a sua carteira, telemóvel, as roupas com que chegara ao hospital, um conjunto de livros de capa mole que tinha com ele — ou se tinham sido enviadas para os contentores de depósitos médicos, que se alinhavam nos corredores estéreis.

Quando lhe perguntavam sobre o estado do pai — Emily, com quem partilhava uma secretária no gabinete de admissões; ou Sam, a sua melhor amiga da escola secundária, que tinha três filhos, um marido, uma casa em Montclair e um *closet* cheio de sapatos de salto alto, para usar no seu emprego horrível numa firma de advogados; ou o seu namorado, Matt —, Alice desejava ter uma resposta simples. Quanto mais tempo passava, mais a pergunta se tornava numa frase vazia, um *Como estás?* que um conhecido perguntava ao passar na rua enquanto se afastava. Não existiam tumores para serem retirados, ou germes para serem combatidos. Apenas várias partes do corpo de Leonard que estavam em demolição, num coro grande e unificado: o seu coração, os seus rins, o seu fígado. Agora, Alice entendia, como nunca percebera realmente antes, que o corpo funcionava como uma máquina numa fábrica e que, sempre que uma peça de dominó ou uma alavanca eram afetadas, toda a estrutura parava de funcionar. Quando os médicos passavam pela Unidade de Cuidados Intensivos, a palavra *falha* estava sempre presente, uma e outra vez. Todos esperavam que o pai dela morresse. Poderiam passar dias ou semanas ou meses, ninguém conseguiria dizer de facto. O pior de tudo isso, como Alice entendeu, era que os médicos estavam quase sempre com suposições. Eram pessoas inteligentes e as suas suposições vinham de testes e estudos, e de longos anos de experiência, contudo eram isso mesmo, suposições.

Alice conseguia ver agora: durante toda a sua vida, pensara na morte como sendo um momento singular, o coração que parava, o último suspiro, mas agora sabia que morrer poderia ser mais parecido com um parto, com nove meses de preparação. O pai dela estava profundamente grávido de morte e só lhes restava esperar — os seus médicos e enfermeiros, a mãe de Alice, na Califórnia, os seus amigos e vizinhos, e, sobretudo, eles os dois. Só poderia acabar de uma maneira e só poderia acontecer uma vez. Não importava o número de vezes que uma pessoa andasse num avião turbulento, ou se envolvesse num acidente de viação, ou que conseguisse fugir do trânsito mesmo na hora certa, não importava quantas vezes se

caísse sem partir o pescoço. Era daquela maneira que a maioria das pessoas morria — morria durante um longo período de tempo. A única surpresa seria saber quando é que isso iria realmente acontecer, o dia certo, e, depois, todos os dias que se seguiriam à morte, quando o pai já não insistisse na tarefa de se manter por cá. Alice sabia todas essas coisas e, por vezes, sentia-se bem com isso, era a maneira como o mundo funcionava; mas, noutras, ficava tão triste que mal conseguia manter os olhos abertos. Leonard só tinha setenta e três anos. Daí a uma semana, Alice teria quarenta e iria sentir-se imensuravelmente velha quando ele já cá não estivesse.

Alice conhecia algumas das enfermeiras do quinto andar e algumas do sétimo — Esmeralda, cujo pai também se chamava Leonard; Iffie, que achava engraçado quando Leonard afirmava que o almoço do hospital tinha sempre maçãs de três maneiras: sumo de maçã, puré de maçã e uma maçã; e George, que era quem levantava o pai dela com maior facilidade. Quando reconhecia uma dessas pessoas que haviam tomado conta do seu pai numa fase inicial, era como relembrar alguém da sua vida passada. Os três homens que trabalhavam na receção eram os cuidadores mais consistentes, de tal maneira que eram amigáveis e se lembravam dos nomes das pessoas que, como Alice, faziam visitas vezes sem conta, porque entendiam o que isso significava. Eram chefiados por London, um homem negro de meia-idade, com um espaçamento entre os dentes da frente e uma memória de elefante. Lembrava-se do nome dela, do nome do pai dela, do que o pai fazia, tudo. O trabalho dele era enganosamente fácil — não bastava sorrir para as pessoas com balões, que vinham visitar bebés acabados de nascer. Não, visitantes como Alice apareciam e apareciam e apareciam até que deixasse de existir uma razão para voltarem, e sobrasse apenas uma longa lista de números a quem ligar e de coisas para fazer e outras para organizar.

Alice tirou o telemóvel da mala para ver as horas. O horário das visitas estava quase a acabar.

— Pai... — disse.

Ele não se mexeu, mas as suas pestanas sim. Alice levantou-se e colocou a mão sobre a dele. Estava magra e com hematomas — tomava anticoagulantes, para impedir que tivesse um derrame cerebral, e isso significava que, de cada vez que os enfermeiros e médicos lhe tocavam com mais uma agulha, uma nova mancha pequena e roxa aparecia. Os seus olhos permaneceram fechados. Ocasionalmente, abria uma pálpebra e Alice

observava-o enquanto ele perscrutava a sala, sem se focar em nada, ou nela. Pelo menos, assim pensava.

Quando conseguiu que a mãe lhe atendesse o telemóvel, Serena disse-lhe que a audição era o último sentido a ir-se embora e, por isso, Alice continuava a falar com ele, mesmo não tendo a certeza de para onde as suas palavras seguiam, ou se seguiam para algum lado. Pelo menos, *ela* podia ouvi-las. Serena também lhe disse que Leonard tinha de se libertar do seu ego e que, se não o fizesse, ficaria para sempre preso ao seu corpo terreno. Acrescentou, ainda, que os cristais podiam ajudar. Alice nem sequer ouviu tudo o que a mãe disse.

— Eu volto na terça-feira. Amo-te. — Tocou-lhe no braço.

Alice habituara-se a isso, ao afeto. Ela nunca tinha dito ao pai que o amava até ele ter ido para o hospital. Talvez uma vez, na escola secundária, quando estava miserável por os dois terem discutido a propósito de ela não cumprir os horários de chegada a casa, mas tinha sido num grito, um epíteto largado a partir da porta do quarto. Agora, dizia-o sempre que o visitava e olhava para ele enquanto proferia as palavras. Uma das máquinas que se encontrava atrás de Leonard deu um *beep* em resposta. A enfermeira de serviço acenou com a cabeça para Alice enquanto saía, as suas rastas presas a uma touca branca com imagens do Snoopy.

— *Okay* — suspirou Alice.

Foi como se tivesse desligado a chamada ao pai, ou mudado de canal.

2

Alice mandava sempre mensagem à mãe depois de sair do hospital. *O pai está bem. Igual, o que é bom?* Serena respondia de volta com um emoji de coração vermelho e depois um de arco-íris, indicando que tinha lido as palavras e que não tinha mais nada a acrescentar, nem a perguntar. Não parecia justo a Alice que a mãe abdicasse de toda a responsabilidade só porque já não estavam casados, mas claro que era isso que significava estar divorciado. E o tempo de divórcio dos pais já era superior ao que tinham permanecido casados — o triplo do tempo, pensou Alice, fazendo as contas.

Tinha seis anos quando a mãe a acordou um dia, dizendo-lhe que tinha recebido uma visita autoatualizada da sua consciência futura — ou da própria deusa Gaia¹, Serena não tinha a certeza —, e que precisava de se mudar para o deserto para se juntar a uma comunidade de cura, organizada por um homem chamado Demetrious. O juiz disse-lhes, no divórcio, que era muito raro um pai ter guarda exclusiva, mas nem ele conseguiu argumentar muito mais sobre isso. Era assim que as coisas seriam. Serena era carinhosa, quando estava disponível, mas Alice nunca desejou que os pais ficassem juntos por essa razão. Se Leonard tivesse voltado a casar, uma outra pessoa estaria ali a segurar-lhe as mãos e a colocar questões às enfermeiras, mas ele não o fez, e, por esse motivo, Alice estava sozinha. Poligamia teria sido fantástico, ou um conjunto de irmãos, mas Leonard tivera somente uma esposa e uma filha, e Alice era o que sobrava.

Desceu as escadas da estação de comboios e, quando o comboio número um chegou, Alice nem fingiu tirar um livro da mala antes de adormecer contra o vidro sujo e raspado.

¹ Gaia, na mitologia grega, refere-se à personificação da Mãe-Terra, criadora de todos os Deuses e do planeta.

3

Alice e Matt ainda não moravam juntos, porque ter dois apartamentos sempre lhes pareceu ser um grande truque — uma forma verdadeiramente revolucionária de se estar empenhado numa relação. Ela vivia sozinha desde que fora para a faculdade, e partilhar um espaço com outro adulto todos os dias — cozinha, casa de banho, tudo — era um nível de compromisso que Alice não pretendia. Certa vez, lera uma coluna na *Modern Love*² sobre um casal que tinha dois apartamentos no mesmo prédio e isso parecera-lhe um sonho. Alice vivia no mesmo estúdio desde os vinte e cinco anos, desde que tinha finalmente deixado a faculdade onde passara pela escola de artes o mais lentamente possível. Era um apartamento térreo, numa casa castanha geminada em Cheever Place, uma rua pequena em Cobble Hill onde se ouvia o barulho da autoestrada Brooklyn-Queens, o que embalava Alice, como se fosse o som do oceano, até que adormecesse. Por viver ali há tanto tempo, pagava menos de renda do que as pessoas de vinte e cinco anos, que viviam em Bushwick.

Matt, ao contrário do esperado, vivia em Manhattan, em Upper West Side, o bairro onde Alice tinha crescido e onde trabalhava. A primeira vez que ela e Matt foram jantar, ele contou-lhe onde vivia e Alice pensou que ele estava a brincar. A ideia de alguém da sua idade — na verdade, cinco anos mais novo — conseguir pagar para viver em Manhattan era absurda, mesmo que Alice já tivesse percebido há muito que o sítio onde alguém se podia dar ao luxo de viver pouco dependia do salário, principalmente em Manhattan. Matt vivia num dos apartamentos novos e brilhantes perto de Columbus Circle, que tinha um porteiro e uma sala de encomendas com uma secção especial para frios para quem pedisse comida da *FreshDirect*³. Vivia no décimo oitavo andar e tinha uma vista que dava até New Jersey. Quando Alice olhava pela janela da casa, conseguia ver uma boca de incêndio e metade dos corpos das pessoas que passavam.

Mesmo que tivesse uma chave do apartamento de Matt, Alice parava sempre na receção antes de ir para o elevador, como as visitas devem fazer. Não era diferente das suas idas ao hospital, onde deixava o seu nome.

Naquele dia, um dos porteiros, um homem velho, careca, que lhe piscava sempre o olho, apontou para o elevador enquanto ela se aproximava, e Alice anuiu. Um passe direto.

Perto do canto brilhante em mármore, uma mulher e duas crianças esperavam pelo elevador. Alice reconheceu a mulher de imediato, mas não se atreveu a dizer uma palavra, tentando manter-se invisível. As crianças — dois rapazes louros, talvez com quatro e oito anos — corriam à volta das pernas da mãe, enquanto tentavam acertar um no outro com raquetes de ténis. Quando o elevador finalmente chegou, ambos correram lá para dentro, seguidos pela mãe, os tornozelos magros, sem meias, enfiados nos mocassins. Ela olhou para trás e reparou em Alice, que tinha acabado de entrar no elevador, colocando-se ao lado dos botões, apertada no canto do pequeno cubo.

— Oh, olá — disse a mãe.

A mulher era bonita e loira, com um bronzado impressionante, do género que se apanha gradualmente nos campos de ténis ou golfe. Alice tinha conhecido aquela mulher — Katherine, talvez? — quando levara o filho mais velho ao gabinete de admissões da Escola Belvedere.

— Olá — respondeu Alice. — Como está? Olá, rapazes.

As crianças tinham abandonado a luta de raquetes e pontapeavam-se nas canelas. Um novo jogo.

A mulher — Katherine Miller, lembrou-se Alice; e os rapazes, Henrik e Zane — puxou o cabelo para trás.

— Estamos ótimos. Sabe como é... felizes por voltar à escola. Estivemos em Connecticut o verão inteiro, e eles estão com imensas saudades dos amigos.

— A escola não presta — acrescentou Henrik, o rapaz mais velho. Katherine agarrou-o pelos ombros e apertou-o contra as pernas.

— Ele não queria dizer isto — desculpou-se ela.

— Queria, sim! A escola não presta!

— A escola não presta! — repetiu Zane, com uma voz três vezes mais alta do que o necessário para um elevador. As bochechas de Katherine ficaram roxas de vergonha. O elevador parou e ela empurrou os rapazes para fora. O mais novo iria para a pré-escola naquele outono, o que significava que Katherine iria, em breve, visitar uma vez mais o gabinete de Alice. Várias emoções podiam ser vistas no rosto de Katherine, e Alice ignorou-as todas de forma cuidada.

— Resto de bom dia! — cantarolou Katherine. A porta do elevador fechou-se novamente, e Alice conseguia ouvi-la a gritar, de forma sussurrada, para as crianças enquanto caminhavam pelo átrio.

Havia vários tipos de pessoas ricas em Nova Iorque. Alice era perita em conhecê-los, mas não porque o quisesse; era como se tivesse sido criada como bilingue, com a diferença de que uma das linguagens que dominava era *dinheiro*. Regra de ouro: quanto mais difícil fosse perceber a quantidade de dinheiro que uma pessoa tinha, mais ela teria. Ou, se ambos os pais fossem artistas ou escritores, ou talvez nem tivessem empregos notáveis, mas conseguissem ter tempo livre para irem levar e buscar os filhos à escola, isso significava que o dinheiro vinha de uma fonte bem grande, como gotas de um icebergue. Havia também os invisíveis, tanto mães como pais, que trabalhavam constantemente e que, se fossem apanhados na escola ou no parque infantil, estariam sempre em chamadas de telemóvel, com um dedo dentro do outro ouvido para abafar o barulho da vida real. Essas eram as famílias que tinham ajuda. Aquelas que tinham vergonha da sua riqueza utilizavam o termo *au pair*; e, aquelas que não tinham, utilizavam *empregada*. Mesmo que as crianças nem sempre entendessem estas coisas, tinham olhos e ouvidos e pais que coscuvilhavam uns com os outros nos encontros onde os filhos brincavam.

O próprio dinheiro da família de Alice era algo simples de entender: quando era criança, Leonard escrevera *Time Brothers*, um romance sobre dois irmãos que viajavam no tempo e que vendera milhões de cópias, tornando-se numa série de televisão a que todos assistiam — por vontade própria, ou como resultado de uma preguiça em mudar de canal —, pelo menos duas vezes por semana, entre 1989 e 1995. Por essa razão, Alice frequentara uma escola privada em Belvedere, uma das mais prestigiadas da cidade, desde o quinto ano. No espetro que ia desde loiras-em-uniforme até más-notas-e-chamar-professores-pelo-primeiro-nome, Belvedere situava-se no centro. Tinha demasiados judeus para os WASP⁴ e demasiadas tradições confortáveis para os marxistas.

Se confiássemos no que dizia a literatura, acharíamos que a maioria das escolas privadas de Nova Iorque seria igual — todas desafiantes, ricas, e superlativas de todas as maneiras — e, mesmo tomando isso como certo, Alice conseguia ver as diferenças entre algumas delas: havia uma escola para mentes brilhantes; outra para quem sofria de distúrbios alimentares; uma para os burros com problemas de droga, mas com pais ricos; e ainda a

escola para os atletas e para os pequenos manequins *Brooks Brothers*, que iriam acabar como CEO; ou a escola para os *normies* aplicados, que se tornariam advogados; e aquela para os artistas estranhos, com pais que desejavam que os filhos fossem também artistas estranhos. Belvedere abriu em 1970 em Upper West Side e, por esse motivo, fora a escola dos socialistas e dos *hippies*. Cinquenta anos depois, porém, as mães esperavam pelos filhos nos seus *Teslas* e as crianças estavam medicadas para o transtorno de hiperatividade e déficit de atenção. Tudo o que é bom acaba, mas, ainda assim, aquele era o lugar de Alice, e ela adorava-o.

Alice só reparara nas diferentes categorias de famílias quando atingira a idade adulta: as loiras com braços tonificados e armários cheios dos melhores licores; os atores de séries de televisão e com uma outra casa em Los Angeles, para quando a sorte mudasse; os intelectuais, escritores de romances e outros com fundos de investimento ambíguos e casas maiores do que aquelas que podiam pagar; os da área da economia, com as bancadas impecáveis e estantes de livros embutidas, mas vazias. Havia ainda aqueles com sobrenomes retirados de livros de história, para quem o trabalho era algo supérfluo, mas que podiam dedicar-se a *design* de interiores ou angariação de fundos. Algumas dessas pessoas ricas eram realmente boas — boas a fazer martinis, boas a coscuvilhar, boas a reclamar dos problemas, porque, afinal, quem poderia ficar chateado com elas? Todas estavam nalgum comitê de uma instituição cultural. E, quase sempre, alguém de um desses grupos casava com alguém de um outro e poderiam fingir que, de alguma maneira, haviam casado fora da sua bolha social. Era uma farsa, aquele contorcionismo que as pessoas ricas estavam dispostas a fazer para que os seus privilégios não fossem assim tão óbvios. E essa também era uma verdade para Alice.

Alice reconhecia-os a todos quando entravam no gabinete de admissões da Escola Belvedere, onde ela, solteira, sem filhos e com um curso superior de pintura e uma graduação em teatro de fantoches, iria decidir se os seus queridos descendentes seriam aceites ou não. Havia imensos tipos de pessoas ricas, mas todas elas ambicionavam que as suas crianças entrassem na escola que tinham escolhido, porque viam as vidas dos filhos como uma via ferroviária, cada paragem levaria diretamente à próxima — de Belvedere para Yale, para a Harvard Law School, para um casamento, para filhos, para uma casa de campo em Long Island e um cão enorme chamado

Huckleberry. Alice era apenas um passo, mas um passo bastante importante.

No final daquele dia, recebeu um *e-mail* de Katherine, muito positiva, mostrando o quanto fora *muito bom* encontrá-la. No mundo real, e na sua vida, Alice não tinha poder, mas no reino de Belvedere ela era um Sith Lord, ou um Jedi, dependendo daquilo que a criança mais gostava.

² É uma famosa coluna no jornal *The New York Times* que, todas as semanas, conta histórias sobre relações. Neste momento, além da coluna, também já tem um livro, um *podcast* e uma série de televisão.

³ Serviço de entrega de compras ao domicílio.

⁴ Sigla para White Anglo-Saxon Protestant, termo pejorativo para descrever a elite americana branca, de classe alta e protestante que detém o maior poder económico, social e cultural.

O apartamento de Matt estava sempre limpo. Vivia ali há cerca de um ano e, no entanto, nunca preparava mais do que uma refeição por dia — Matt fazia tudo o que podia a partir de uma aplicação, incluindo pedir comida. Como uma criança criada na cidade, Alice também tinha encomendado muitas refeições, mas pelo menos pegava no telefone e falava com outros seres humanos. Como muitos daqueles que vinham de uma cidade pequena do mundo, Matt parecia olhar para a cidade de Nova Iorque como se fosse um cenário por onde se podia passear, sem pensar muito naquilo que acontecera antes de ali ter chegado. Alice pousou a mala na bancada branca e foi até ao frigorífico. Havia três tipos de bebidas energéticas, meia garrafa de *kombucha*, que ela ali deixara havia um mês, um salame, um pedaço de queijo *cheddar* sem cobertura, que havia começado a endurecer nas extremidades, metade de um bloco de manteiga, um frasco de *picles*, várias embalagens de comida encomendada, uma garrafa de champanhe e quatro *Coronas*. Alice fechou o frigorífico e abanou a cabeça.

— Olá? Estás em casa? — chamou, na direção do quarto de Matt.

Ninguém lhe respondeu e, em vez de mandar uma mensagem a Matt, Alice decidiu fazer uma pequena máquina com a roupa suja que tinha enfiado na *tote bag* antes de ir para o hospital. A melhor coisa do apartamento de Matt eram as máquinas de lavar louça e de roupa, que lavava e secava. A máquina de lavar louça era um desperdício, já que ele mal comia a partir de pratos, mas a de lavar e secar roupa era o amor da vida de Alice. Por norma, levava o seu monte de roupa suja a uma lavandaria na esquina, perto do seu apartamento — não tinha de atravessar nenhuma rua e eles lavavam e dobravam a roupa, devolvendo-a num saco gigante de lavandaria —, mas a facilidade com que podia lavar os seus *jeans* favoritos, três pares de roupa interior e a camisa que queria vestir no dia seguinte no trabalho, isso era especial. Em frente à máquina, Alice decidiu que era preferível lavar também aquilo que tinha vestido, por isso despiu os *jeans* e a *t-shirt* e colocou tudo lá dentro. Quando as roupas começaram às voltas na lavagem, deslizou com as suas meias pelo chão escorregadio, até ao quarto de Matt, onde procurou alguma coisa que pudesse vestir.

A porta da frente abriu-se, e Alice ouviu as chaves de Matt aterrarem na bancada da cozinha.

— Olá! Estou aqui! — gritou ela.

Ele apareceu na porta do quarto, com manchas gigantes de suor no pescoço e nas axilas. Tirou os auriculares dos ouvidos.

— Quase morri, juro-te! Hoje foi uma mistura de ataques em três circuitos, incluindo *dead lifts* e flexões. Eu bebi, tipo, quatro cervejas ontem à noite e pensei que ia vomitar.

— Isso é bom — respondeu Alice.

Matt já andava há tempo suficiente no *CrossFit* para ter uma barriga de cerveja mais pequena, mas não o suficiente para conseguir completar uma aula sem a ameaça de vômito. Dizia sempre o mesmo de cada vez que ia a uma.

— Vou tomar um duche. — Olhou para ela. — Porque é que estás nua?

— Eu não estou nua — disse Alice. — Estou a fazer uma máquina de roupa.

Matt abriu a boca, ofegante.

— Então acho que também lá vou pôr a minha roupa. — Passou pelo corpo de Alice e abriu a porta da casa de banho. Ela sentou-se na cama, a ouvir a água.

Matt e Alice não formavam um grande casal, ela sabia-o. Não eram como alguns dos seus amigos e conhecidos, que publicavam hinos ao amor no Instagram a cada aniversário de vida, de casamento, ou de namoro. Não gostavam das mesmas coisas, nem ouviam as mesmas músicas, não tinham os mesmos sonhos e esperanças, mas, quando se conheceram numa aplicação (*claro!*) e foram tomar uma bebida, esta passou a jantar, e o jantar tornou-se outra bebida, e essa bebida acabou em sexo, e, agora, já tinha passado um ano e o porteiro já não perguntava o nome dela. Um ano era uma quantidade decente de tempo. Sam — que era casada e, portanto, percebia do assunto — achava que Matt iria, em breve, pedir Alice em casamento. E, se ele o fizesse, ela não tinha a certeza de qual seria a sua resposta.

Alice examinou as unhas, que estavam a precisar de mais verniz, agora só com pequenos discos de vermelho nas pontas, como um padrão de bolinhas. O seu quadragésimo aniversário seria dentro de uma semana. Ela e Matt ainda não tinham feito planos, mas Alice pensou que, se algo fosse

acontecer, seria nessa altura. O seu estômago embrulhou-se só de pensar nisso, como se estivesse a tentar virar-se ao contrário.

O casamento parecia um bom negócio, na maioria das vezes — ter sempre alguém ali e, no leito da morte, haver sempre alguém ao lado, a segurar-te a mão. Claro que não se contavam os casamentos que acabariam em divórcio, ou os casamentos infelizes, onde segurar a mão do outro era apenas uma memória. Não se contavam, também, as pessoas que morriam em acidentes de carro, ou que tinham um ataque cardíaco fatal sentadas nas suas secretárias. Qual seria a percentagem de pessoas que morriam enquanto se sentiam amadas e apoiadas pelo parceiro? Dez por cento? Não seria somente a morte, como era óbvio, que tornava o casamento apelativo, mas fazia parte disso. Alice tinha pena do pai, já que ela era tudo o que lhe restava, e ela tinha medo de ser demasiado parecida com ele para ter mais do que isso também. Não — *ela teria menos*. Leonard tivera uma criança. Não apenas uma criança — uma *filha*. Se ela tivesse nascido rapaz, e não tivesse sido treinada pela sociedade para ser boa, uma cuidadora zelosa, teria sido diferente.

Passou tudo tão depressa — sobretudo os seus trintas. Os vinte haviam sido um borrão, e dez anos antes, no início dos trintas, os amigos de Alice começaram a casar e a ter filhos — a maioria não os teve até aos trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco, e, por isso, ela não estava assim tão atrasada, mas agora, de repente, estava quase nos quarenta, o que significava que era tarde de mais, não era? Ela tinha amigos já divorciados, amigos que estavam no segundo casamento. Esses, seguiam sempre em frente rápido de mais, por isso era fácil perceber o que tinha corrido mal da primeira vez — se um casal se divorciasse e dois anos depois um deles estivesse novamente casado e com um bebé a caminho, não havia mistério para resolver. Alice não sabia se queria filhos, mas sabia que, num momento que chegaria no futuro, esse desconhecimento iria transformar-se num facto, num facto decisivo. Por que razão não tinha mais tempo?

Matt saiu do duche e olhou para ela, debruçada sobre os pés como um *golem*⁵ preocupado.

— Queres mandar vir comida? E... talvez foder antes de a comida chegar?

Havia uma toalha à volta da cintura dele, mas caiu e Matt não a apanhou. A ereção dele cumprimentou-a.

— Piza? Daquele sítio? — perguntou Alice, anuindo.

Matt carregou nos botões do telemóvel e depois atirou-o para cima da cama, atrás dela.

— Temos entre trinta e dois e quarenta minutos — declarou.

Podia não ser muito bom a cozinhar, ou em tantas outras coisas, mas Matt era bom a fazer sexo, e isso já era muito.

⁵ Criatura inanimada do folclore judaico, criada a partir de substâncias como poeira ou terra e que ganha vida através de rituais.

Belvedere, como muitas escolas privadas na cidade, não se cingia a um único edifício, e, com o passar do tempo, espalhou-se por parte do bairro como um vírus. Os primeiros anos e o gabinete de admissões ficavam no edifício original, no lado sul da Rua 85, entre Central Park West e Columbus — um edifício compacto de seis andares, com uma arquitetura moderna, um pouco desagradável à vista, e um sistema de ar condicionado excelente; janelas grandes e ecrãs de projeção embutidos, uma biblioteca com carpete e confortáveis cadeiras de várias cores. Os mais velhos — do sétimo ao décimo segundo anos — frequentavam o novo edifício, na esquina da Rua 86. Alice estava agradecida por não ter de lidar com adolescentes no seu dia a dia. Os finalistas passavam o outono a entrar e a sair do gabinete de preparação para a universidade, no escritório da porta ao lado, e ver os seus corpos magros e pele sem poros a três metros de distância era exposição suficiente. O gabinete de admissões era no segundo andar, e, se Alice esticasse o pescoço pela janela, conseguia ver o topo da encosta do Central Park.

O gabinete de admissões tinha uma sala de espera arejada, com *puzzles* de madeira caros, mas populares, em mesas de madeira pequenas, e que eram jogados por pais ansiosos, enquanto as crianças se encontravam com Alice, a sua colega Emily, ou a chefe de ambas, Melinda — uma mulher extraordinária, com ancas largas e uma seleção de colares volumosos nos quais as crianças queriam sempre tocar.

— Ossos do ofício! — exclamava, sempre que era elogiada por uma mãe a estremecer como um galgo nas suas roupas de exercício. Também era o que Alice e Emily costumavam dizer quando faziam pausas para fumar durante o dia. Emily espreitava para o outro lado da meia parede que as separava e perguntava:

— Ossos do ofício? — e ambas saíam pela porta de emergência, nas traseiras da escola, e fumavam num pequeno quadrado cinzento de pavimento, onde viviam os caixotes do lixo.

— Viste o Pai de Bicicleta hoje? Eu adoro o Pai de Bicicleta — afirmou Emily.

Tinha vinte e oito anos e estava a meio da temporada de casamentos, o que era exatamente como a temporada dos *bar mitzvah*, com a diferença que era necessário pagar pelo próprio vestido e presente. Emily tinha ido a oito casamentos durante aquele verão, o que Alice sabia, porque Emily lhe mandava sempre mensagens quando estava bêbada, especialmente quando se sentia triste.

— Aposto que é do signo leão. Não achas? — perguntou Emily. — Ele tem *Big Leo Energy*. Já viste a maneira como pega na bicicleta para subir as escadas? Com os *dois* filhos ainda sentados? Sabemos que aquela coisa tem de pesar, tipo, noventa quilos, e ele... *roaarrrrrrrr*. — Estendeu o rugido.

— Não — respondeu Alice, dando uma passa.

O cigarro era de Emily, um *Parliament*. Sabia a jornais molhados, se alguém conseguisse pegar fogo a um conjunto de jornais molhados. Alice já desistira de fumar várias vezes durante a última década, mas nunca funcionava, mesmo com pastilhas elásticas, livros e o olhar de desaprovação de estranhos e amigos. Abençoada Emily, pensou Alice. Quase ninguém do *staff* mais jovem fumava — nem *vape*! Fumavam erva, porém mal conseguiam enrolar um cigarro em condições. Comiam gomas com erva. Eram uns bebês! Alice sabia que era muito mais saudável, com certeza, talvez fosse melhor para os pulmões e provavelmente também para o planeta, mas fazia-a sentir-se sozinha.

— Ele estava a usar uma *t-shirt* às riscas, como a do Picasso, só que em bom e sem aquele ar medonho. Eu adoro-o. — Emily raspou a sola do sapato no chão cinzento.

— É a mulher dele quem vem buscar os miúdos — rematou Alice. — E o Ray? Vi-o a entrar, o que se passa?

Ray Young era um professor assistente do Jardim de Infância, que tocava *ukelele*; ele e Emily dormiam juntos uma vez por mês, mais ou menos. Emily jurava constantemente que não tornaria a acontecer, mas Ray passeava o cão perto do alpendre dela, o que Alice julgava ser um problema ao género *Melrose Place* — embora Emily nunca tivesse visto *Melrose Place* e, por isso, Alice guardava os seus pensamentos para si. Ele tinha vinte e cinco anos e estava perfeitamente disponível, o que, para Emily, significava ser aborrecido.

— Tu sabes — disse Emily, revirando os olhos. — Ele fode como se os pais estivessem a ver.

— Tu és terrível — constatou Alice, engasgando-se com o fumo do cigarro.

Emily piscou-lhe o olho.

— Vamos voltar para dentro antes que fiquemos de castigo. — Atirou o cigarro para o chão e pisou-o. — Ah, a propósito, como está o teu pai?

— Nada bem — respondeu Alice, enquanto atirava o cigarro, que ainda ardia, para o chão.

Melinda deu-lhes um conjunto de pastas, cada uma delas com o nome de uma criança escrito a caneta permanente na capa. Havia duzentas candidaturas para trinta e cinco lugares, no que dizia respeito ao jardim de infância. Alice, Emily e Melinda iriam, cada uma, entrevistar os candidatos do seu conjunto de pastas e, depois, escrever as suas notas no ficheiro de admissão compartilhado entre as três, com todas as crianças organizadas numa classificação — se tinham irmãos, o seu legado, pais famosos, se estavam inscritos como bolseiros, se eram estudantes de cor, com famílias internacionais, qualquer coisa digna de anotação. Por vezes, Alice pensava em tudo o que essas crianças já tinham feito para merecer estar ali e isso deixava-a doente. Sentia-se como o júri do concurso da Miss América. Este toca piano! Aquele consegue ler em duas línguas! O outro já ganhou uma regata! Mas as crianças eram, na sua maioria, fantásticas, *claro*, estranhas e doces e desajeitadas e engraçadas como qualquer criança.

Os miúdos eram a melhor parte do seu trabalho. Alice pensava, por vezes, que poderia até ter gostado de ser pedopsicóloga, mas ao mesmo tempo sabia que era tarde demais para isso. Adorava conhecê-los, ouvir os seus pensamentos doidos e as suas vozes, e ver a timidez desaparecer.

O plano não era trabalhar na sua antiga escola para sempre.

O plano era tornar-se pintora. Ou uma artista, de qualquer género, que fosse paga para fazer o seu trabalho. Ou uma professora de arte adorada pelos seus estudantes, com paredes cheias de coisas bonitas, feitas por crianças pequenas, enquanto ela própria fazia a sua arte nos tempos livres. As hipóteses de agora se tornar uma artista famosa e bem-sucedida eram escassas, mas, porque ainda estava rodeada de pessoas que a conheciam como uma adolescente talentosa, continuavam a olhar para ela dessa forma, mesmo que ela não tocasse numa tela, ou em pincéis, havia mais de um ano. Os seus amigos da Belvedere, que se tinham tornado de facto artistas, haviam deixado Nova Iorque, tida como demasiado cara para viver. Tinham partido havia cinco, dez, quinze anos, talvez. Alice perdera-lhes o rasto. Os de quem mais gostava, inclusivamente, tinham-se afastado das redes

sociais, à exceção de uma ou outra fotografia de paisagens ou algo divertido que viam numa loja. Alice tinha saudades deles.

— Terra chama Alice! — disse Melinda, de forma pouco delicada.

Estavam sentadas num círculo imperfeito, com as cadeiras do gabinete viradas para dentro.

— Desculpa, estava distraída a pensar.... Mas, estou aqui — respondeu Alice.

Emily piscou-lhe o olho.

— Eu gostava que conseguíssemos fazer isto nas próximas duas semanas: se conseguires contactar as famílias da tua lista e fazer as marcações, eu acredito que a Emily já tenha preparado o ficheiro para as inscrições. Seria perfeito. — Melinda assentiu, dirigindo-se a ambas.

O monte de pastas era pesado — cada uma delas tinha a fotografia da criança agraphada ao exterior e estava cheia de informações úteis para a sua candidatura. Alice tinha dificuldade em imaginar que o mesmo havia sucedido consigo aquando da sua própria inscrição — os seus pais nunca iriam colocar mais do que uma simples folha lá dentro. Alice baralhou as pastas no colo, olhando para nomes que ela poderia reconhecer. Havia sempre alguns. Os seus colegas de turma, que tinham ficado em Nova Iorque, tinham procriado a uma velocidade impressionante — alguns já estavam no terceiro bebé, e a *fábrica de reciclagem* numa escola privada era bastante eficaz. Por vezes, Alice achava estranho que algumas pessoas ainda estivessem a viver no mesmo código postal onde tinham crescido, mas, depois, lembrava-se da quantidade de pessoas de cidades pequenas, e de outras cidades pelo país fora, que também faziam o mesmo. Ali era estranho, porque era Nova Iorque, um local que se regenerava a cada ano, povoado por novos habitantes e pessoas vindas de outras cidades. Normalmente, era bom ver nomes que não lhe eram estranhos naquelas pastas — a maioria seriam até de mulheres que Alice não conhecia muito bem, mas que eram amigáveis e pareciam ter os pés bem assentes no chão. Mais do que ela. Era raro que encontrasse alguém que conhecesse melhor do que isso.

Como o pequeno Raphael Joffey. Quantos Joffeys poderiam existir? O rapaz da fotografia tinha uma pele morena, cabelo preto acastanhado, sobrancelhas grossas e faltava-lhe um dente. Era tão parecido com o pai, que Alice sabia o que ia encontrar dentro da pasta antes de a abrir. Ali estava, na segunda linha — Thomas Joffey. A morada apontada era em

Central Park West — San Remo⁶, onde Tommy tinha crescido. Tinha quase dois anos a mais do que ela e frequentara um ano escolar à sua frente. Alice não se conseguia lembrar do número do apartamento dele, o que era reconfortante, mas conseguia lembrar-se do número de telefone de casa. Se a informação estivesse correta, ele vivia a alguns quarteirões da escola, no mesmo bairro onde ambos tinham crescido. Era estranho que Alice nunca tivesse visto Tommy na rua, mas, por vezes, era assim que as coisas funcionavam. Havia aquelas pessoas que se movimentavam no mesmo circuito, que viviam mesmo ao virar da esquina ou do outro lado do bairro, e que, por alguma razão, estavam sempre a encontrar-se. Depois, havia aquelas pessoas que viviam na porta ao lado e tinham diferentes rotinas e nunca se viam. Diferentes caminhos, diferentes linhas de metro, diferentes horários. Alice questionou-se sobre a profissão de Tommy, ou, sequer, se alguém na vida dele ainda o chamava assim: *Tommy*. Se teria regressado recentemente à sua antiga casa, ou se nunca se mudara durante todo aquele tempo. Se ele e a família viveriam no apartamento onde Tommy crescera, ou num outro andar, com o pequeno Raphael a apanhar o elevador para cima e para baixo para ir visitar os avós. Alice questionou-se sobre o aspeto dele naquele momento, se o seu cabelo estaria cinzento, se o seu corpo ainda seria bonito como antes, alto e apumado com as suas roupas, como se uma brisa soprasse contra ele constantemente. Ela nem sequer tinha ouvido o nome dele desde a celebração dos vinte anos da escola secundária na última primavera, a que Tommy não assistira, mas onde Alice ouvira muitas pessoas a perguntar-se sobre a sua presença. Essa era uma grande jogada de poder — repararem na nossa ausência.

Alice fechou a pasta, deixando-a no topo do monte. Perguntou-se sobre qual seria o nome de eleição do rapaz — se o chamavam pelo nome completo, ou se seria apenas Rafe, ou Raffy, ou Raf. Enviou este *e-mail* em primeiro lugar, dirigido a ambos os progenitores. Dizia sempre o mesmo, quando encontrava um antigo aluno no seu conjunto de pastas: *Olá! O meu nome é Alice Stern, turma de '98!* No fim, depois do *copy-paste* da mensagem sobre a marcação de uma entrevista e uma *tour*, com um *link* para a folha de inscrição, Alice escreveu, e depois apagou, um *post scriptum*. *Olá*, anotara. *Olá! Não. Olá — fico ansiosa por vê-los e por conhecer o Raphael.* Era sempre melhor colocar o foco nas crianças. Quando começou a trabalhar no gabinete de admissões, Melinda explicou-lhe isso mesmo — por vezes, os pais eram estrelas de cinema, ou músicos

que tocavam no Madison Square Garden. Não interessava. Eles não queriam ser bajulados nem ouvir gaguejos. Queriam que olhássemos para os seus filhos nos olhos e que ficássemos deslumbrados, como todos os pais faziam. Queriam reconhecimento pela sua flor especial. Pessoas famosas não a atordoavam, não mais do que fariam se ela os visse a andar na rua, mas havia pessoas que ela conhecia da sua vida de adolescente que ainda a faziam sentir-se nervosa. Alice não sabia o que dizer a Tommy se o visse na rua, ou na sala das traseiras de um bar cheio de pessoas — talvez nem fosse dizer-lhe nada —, mas sabia o que dizer no seu gabinete. Abriria a porta e iria sorrir, nada a não ser luz do sol e confiança. E ele sorriria, também.

⁶ San Remo é um prédio cooperativo e famoso de apartamentos, situado na 145 e 146 Central Park West, entre as ruas 74 e 75, próximo do Central Park, no bairro Upper West Side, Manhattan, Nova Iorque. Foi construído entre 1929 e 1930.

O quarto de hospital de Leonard estava sempre frio, como todos os quartos de hospital, por causa das infeções. Os germes adoravam o calor, porque podiam passear de hospedeiro fraco em hospedeiro fraco, sendo que só os médicos e os enfermeiros tinham um sistema imunitário forte o suficiente para os combater e enviar de volta para cantos poeirentos. Alice sentou-se na cadeira de visitas de couro sintético — fácil de limpar, com um assento esponjoso concebido para quem passa longas horas no mesmo sítio — e colocou as mãos dentro das mangas da camisola. Ultimamente, Alice tentava lembrar-se de conversas que tivera com o pai. Uma das suas amigas, uma mulher cuja mãe tinha morrido havia uns anos, dissera-lhe para gravar as conversas que tivesse com ele, já que iria querer ouvi-las mais tarde, independentemente do assunto que tratassem. Alice sentiu-se envergonhada, mas tinha gravado uma conversa no hospital no mês anterior, com o telemóvel virado para baixo na mesa pequena que separava a cadeira dela da cama de Leonard.

LEONARD: ... e aqui está a nossa senhora, a rainha deste sítio.

(Enfermeira, incompreensível)

LEONARD: Denise, Denise.

DENISE: Leonard, tenho aqui dois comprimidos, os seus comprimidos da tarde. São um presente para si.

(Som trémulo)

ALICE: Obrigada, Denise.

DENISE: Ele é o meu favorito; mas não diga aos outros pacientes. O seu pai é o melhor de todos.

LEONARD: Eu adoro a Denise.

ALICE: E a Denise adora-te.

LEONARD: Estivemos a falar das Filipinas. Sobre Imelda Marcos. Muitas das enfermeiras são das Filipinas.

ALICE: Isso não é racista?

LEONARD: Tu achas que tudo é racista. Muitas das enfermeiras são das Filipinas, é só isso.

(Uma máquina faz beep)

ALICE: Estás a trabalhar em alguma coisa?

LEONARD: Por favor...

Porque é que perguntou aquilo? Ninguém podia saber quantas mais conversas teria com o pai, e foi isso que ela perguntou, a mesma coisa que qualquer jornalista *freelancer* teria tentado arrancar de Leonard em qualquer altura dos seus últimos vinte anos? Mas era mais fácil do que perguntar-lhe alguma coisa pessoal ou contar-lhe algo sobre si. E, na verdade, Alice queria saber a resposta.

Quando Alice fechava os olhos e imaginava o pai, o seu pai tal como iria viver na eternidade na sua mente, era uma imagem de Leonard sentado na mesa redonda da cozinha deles, em Pomander Walk⁷. Havia algumas ruas parecidas com essa na cidade: Patchin Place e Milligan Place, em West Village; e umas quantas em Brooklyn, perto de onde Alice vivia, mas Pomander Walk era diferente. A maioria das casas eram antigos estábulos, ou tinham sido construídas para armazenamento de algum grande edifício que estivesse a ser construído nas proximidades; agora eram caras, mas continuavam a ter o tamanho de casas de bonecas; e eram para pessoas ricas, que queriam exclusividade e algo pitoresco, mais do que ambicionavam ter espaço de arrumação. Pomander era uma rua estreita e direita que atravessava o bairro, cortando a Rua 94 com a 95, e entre Broadway e West End. Tinha sido construída por uma empresa hoteleira em 1921, e aquilo de que Leonard mais gostava sobre esse facto era: Pomander era uma rua real, inspirada num romance sobre uma pequena cidade em Inglaterra. Era uma cópia de uma cópia, uma versão real de um local fictício, com duas linhas de casas pequenas que pareciam saídas de *Hansel e Gretel*, atrás de um portão.

As casas eram pequenas, cada uma com altura para dois pisos, e a maioria era separada em dois andares como se fosse um apartamento. Jardins minúsculos e bem arranjados apresentavam-se na zona da frente, e, no final da Rua 95, havia um posto de guarda, não maior do que uma cabine

telefónica, com equipamento partilhado — pás para a neve e teias de aranha e umas baratas ocasionais que por ali passavam. Quando Alice era criança, Reggie, o supervisor, disse-lhe que Humphrey Bogart vivera em Pomander, e que o seu segurança privado usara o mesmo posto de guarda, mas Alice não sabia se isso era realmente verdade. O que Alice sabia era que Pomander Walk era um sítio especial e, mesmo que as janelas da frente estivessem a três metros do passeio do vizinho, e as janelas de trás tivessem vista para apartamentos enormes, parecia que estavam num universo privado.

A cena era sempre a mesma: Leonard na mesa da cozinha; o candeeiro de pé atrás dele; um livro ou três na mesa em frente; um copo de água e um copo de outra coisa qualquer, que suava com o gelo que tinha dentro; um caderno; uma caneta. Durante o dia, Leonard via novelas, dava um passeio por Central Park, caminhava por Riverside Park, ia até aos correios e até Fairway, até ao *City Diner* na Broadway, com a Rua 90, e falava com amigos ao telefone. Durante a noite, porém, Leonard sentava-se na mesa da cozinha e trabalhava. Alice tentou colocar-se dentro daquela cena para que conseguisse ver-se a entrar pela porta, deixar cair a mala no chão e sentar-se na cadeira oposta à do pai. O que é que ela lhe dizia depois da escola? Será que falavam dos trabalhos de casa? Falavam de filmes, de programas de televisão? Sobre as respostas que sabiam do *Jeopardy!*⁸? Alice sabia que sim, mas as suas memórias eram apenas imagens sem som.

Uma enfermeira apareceu — Denise, cuja voz Alice gravara. Afastou a sua cadeira para trás, sentando-se mais direita. Denise acenou-lhe com a mão.

— Fica confortável — pediu-lhe.

Alice anuiu e olhou para Denise, que inspecionava várias máquinas e trocava os sacos de fluidos opacos, que estavam pendurados em postes, ao lado da cama de Leonard.

— És uma boa rapariga — disse Denise antes de sair, tocando no joelho de Alice. — Já disse isto ao teu pai, mas adoro o *Time Brothers*. Quando andava na escola de enfermagem, eu e a minha colega de quarto vestimo-nos de Scott e Jeff para o Halloween. Conteí isto ao teu pai. Eu fui o Jeff, com o bigode. Um disfarce ótimo, toda a gente soube quem eu era. *Até ao futuro!*

Esse era o lema das duas personagens, três palavras que Leonard achava mortificantes, mas que por vezes lhe eram gritadas no meio da rua, enquanto passava, ou escritas com caneta nas suas contas em restaurantes.

— Aposto que devia estar fantástica — afirmou Alice.

As personagens de *Time Brothers* podiam ser ótimas máscaras — não eram apertadas como a licra dos uniformes de *Star Trek*, nem colegiais como os uniformes de *Gryffindor*; e eram simples o suficiente para se fazerem passar por roupas normais. Jeff vestia *jeans* justos, um impermeável amarelo e, nas últimas temporadas, usava um bigode louro. Scott, o irmão mais novo, com o cabelo comprido, *t-shirt* de xadrez e botas de trabalho, tornara-se num ícone de moda lésbico. O pai de Alice não imaginava o que iria acontecer quando publicara o livro. Não tinha como adivinhar o que se iria suceder. O livro ainda se vendia e iria vender-se para sempre. Já não estava na lista dos *best-sellers*, mas não havia livraria que não o tivesse, ou adolescente que não guardasse uma cópia em capa mole no quarto; ou um adulto *nerd* que não andasse à procura de um impermeável e de um bigode falso, como Denise. Leonard não tinha tido qualquer ligação com a série de televisão, mas foi pago por cada vez que a passaram, e o seu nome foi resposta nas palavras cruzadas do *The New York Times* mais vezes do que aquelas que ele conseguiria contar. Nunca mais publicou nenhum livro, mas estava sempre a escrever.

Por vezes, em criança, Alice pensava que os irmãos de *Time Brothers* eram seus irmãos de verdade — era um dos jogos solitários que jogava no seu pequeno quarto. Os atores que faziam de Scott e Jeff eram jovens e bonitos, e mal tinham saído da sua juventude quando a série foi para o ar. Na altura, não tinha lido o livro do pai, mas percebia-lhe a essência — os dois irmãos viajavam no tempo e no espaço e resolviam mistérios. O que mais havia para saber? Agora, o ator que antes era Jeff fazia anúncios de televisão de vitaminas para seniores, piscando o olho para a câmara por cima de um bigode prateado, e o ator que fazia de Scott estava a viver numa quinta equestre nos arredores de Nashville, Tennessee, que Alice conhecia, já que ele ainda escrevia um cartão de Natal a Leonard todos os anos. Será que devia contar-lhe sobre o que se passava com o pai? E devia tentar perceber como é que seria possível, também, contar ao ator que fizera de Jeff? Ele tinha sido sempre um verdadeiro idiota, mesmo quando Alice era criança, e não o via havia décadas. Se soubesse, iria enviar alguma coisa extravagante e sem utilidade, como um buquê de flores gigante, que nem sequer seria

escolhido por si, com uma nota também escrita por alguém que não ele. Alice queria contar ao pai em quem estava a pensar, naqueles dois idiotas, um doce e o outro, um palhaço.

Todas as vezes que deixava o hospital, Alice preocupava-se se aquela seria a última vez que veria o pai. Ela já tinha ouvido falar em como algumas pessoas esperavam até que os seus parentes queridos se fossem embora. Ficou até ao final do horário de visitas e disse ao pai que o amava, enquanto saía pela porta fora.

⁷ Pomander Walk é uma famosa zona de apartamentos e moradias, localizada em Manhattan. É frequentemente visitada por turistas, pelo seu ar pitoresco, muito diferente dos prédios que a rodeiam.

⁸ Programa de televisão, de cultura geral — perguntas/respostas — que começou nos anos 1960 e se mantém até aos dias de hoje na televisão americana.

Matt escolhera o restaurante com antecedência, o que foi uma agradável surpresa. Tinha feito uma reserva, dissera-lhe por mensagem, mandando a Alice todas as informações. Nunca lá tinham ido, pelo menos ela e, por isso, colocou batom nos lábios.

O Matt fez uma reservou para o jantar, enviou mensagem a Sam. *Um sítio todo chique no centro da cidade, com um chef do Top Chef*. Sam respondeu-lhe de imediato — *diabético sexy ou brasa japonesa? Eu gosto dos dois*. Alice sorriu, como se Sam a pudesse ver, e depois ligou-lhe pelo FaceTime para que o pudesse de facto fazer.

— Olá — disse Alice.

— Olá, querida — retorquiu Sam. Parecia estar a conduzir.

— Samantha Rothman-Wood, estás a conduzir? Porque é que atendeste o FaceTime? Por favor, não morras!

— Estou no parque de estacionamento da aula de *ballet* da Evie, sossega. — Sam fechou os olhos. — Sabes que às vezes faço aqui uma sesta.

Evie tinha sete anos e era a mais velha de três. Ouviu-se um barulho desconhecido de uma boca não visível.

— Foda-se, o bebé acordou.

Alice reparou que Sam se dirigia ao banco de trás, tirando Leroy da sua cadeira e puxando o sutiã para baixo, para que pudesse dar-lhe de mamar.

— Enfim... — acrescentou Sam. — Conta coisas.

— Vou agora jantar com o Matt e é no tal sítio chique. Não sei... eu acho que pode ser uma surpresa de aniversário antecipada, ou... — Alice roeu a unha. — Não sei.

O bebé Leroy mexeu as pernas e deu uma palmada com a sua mão minúscula no peito de Sam.

— Sim — respondeu ela. — Acho que é isso mesmo. Ele vai pedir-te em casamento e vai ser discretamente público. Tipo, não vai ter banda mariachi⁹, ou *flash mob*, mas... vai ter um anel escondido na sobremesa. E o empregado de mesa vai saber antes de ti.

— Pois. Sim. Talvez — sussurrou Alice, num assobio.

— Estás a respirar? — perguntou Sam, olhando para ela.

Alice abanou a cabeça.

— Eu ligo-te depois, está bem? Adoro-te.

Sam mandou um beijo e acenou com a mão minúscula de Leroy. Ambos pareciam tão pequenos no SUV de Sam, uma coisa gigante com um bebé sentado na parte de trás e outra cadeira virada para a frente, um monte de *Cheerios* esmagados nos tapetes do chão. Alice apertou o botão e a imagem desvaneceu-se.

Tinham passado uns bons anos — nos seus vinte e início dos trinta — desde que Alice sentira inveja dos seus amigos. Não só de Sam, mas principalmente de Sam. Quando ela e Josh se casaram, ao ver Sam no seu vestido de seda branco a dançar Whitney Houston com todas as mulheres negras da sua família, e as mulheres judias da família de Josh, Alice pensou: isto é que é ser feliz e eu nunca vou ter nada disto. Chorou quando Sam ficou grávida pela primeira vez e, também, na segunda. Não se orgulhava do que sentiu e falou, inclusivamente, acerca disso nas suas sessões de terapia. Mas, então, anos depois, Alice olhou à sua volta e percebeu que enquanto os seus amigos da faculdade tinham filhos e não podiam ficar acordados até tarde, ou não podiam deitar-se tarde, e que só podiam combinar encontros entre as 10h30 e as 11h30 da manhã, dependendo da sesta de um outro ser, ela ainda podia fazer o que quisesse, quando quisesse. Tinha ultrapassado essa inveja, porque era livre para viajar, livre para ir para casa com estranhos, livre para fazer o que lhe apetecesse.

Não ajudava que o pai tratasse sempre o casamento como uma horrível doença que tivesse vencido. Ser divorciado e pai solteiro ficava-lhe bem — ele amava Alice e os amigos, adorava ir ao parque, adorava comer em frente à televisão, tudo na mesma proporção em que odiava as coisas que o casamento o obrigara a fazer. Leonard não gostava de comprar presentes de Natal aos familiares com quem mal falava e não conseguia permanecer em jantares, ou festas, e fazer conversa com pais que achava aborrecidos. Era excêntrico de uma maneira que os pais de uma escola privada normalmente não eram, o que significava que não era exatamente como todos os outros. Houve mulheres, em certas alturas, que Alice imaginava serem namoradas do pai, mas nunca ficavam durante a noite e, no máximo, beijavam-no na bochecha à frente dela. A coisa mais difícil de imaginar para Alice era o pai e a mãe juntos, na mesma divisão, a tocarem-se. E não só de um modo íntimo — tocarem-se apenas. Uma mão no ombro. Braços, lado a lado.

Estiveram casados quase dez anos, quatro anos antes do nascimento de Alice e seis depois. Quando Alice andava no primeiro ano, Serena fora embora para a Califórnia e os pais ficaram separados por um país inteiro.

Alice tinha conhecido casais felizes, obviamente — amigos dos pais, cujas vidas ela experimentava durante festas do pijama ou fins de semana —, mas era sempre como ver um documentário sobre a natureza. *Aqui está o casal americano heterossexual no ano de 1989 — vejam como eles preparam o molho de tomate para o jantar, enquanto, ocasionalmente, se tocam mutuamente em forma de brincadeira.* Não era a vida real. Pela primeira vez, Alice desejara que o pai tivesse sido outro tipo de pai, um aborrecido com um conjunto de tacos de golfe na mala do carro. Com um carro, ponto final. E alguém carinhoso sentado no lugar do passageiro. Se ele tivesse sido um dentista, em vez de um artista, se tivesse sido contabilista, veterinário, ou canalizador, como o pai dele fora, talvez a vida de Alice tivesse sido completamente diferente. Mas se os seus pais tivessem permanecido casados, seriam miseráveis. Talvez tivessem discutido isso na altura — que miséria era a mais importante, que tristeza era a mais pesada? Era a falta de uma qualquer felicidade desconhecida que ainda pudesse estar à frente de ambos? Ou os sentimentos de Alice? Ela duvidava que tivessem chegado a esse ponto.

A noite começara a arrefecer e Alice estremeceu, desejando ter outro pedaço de tecido para vestir. O restaurante era na receção de um hotel em Central Park South. Ela entrou pelo parque, passando pelos cavalos que estavam presos às suas carruagens, com os seus motoristas preguiçosos a tentar acenar aos turistas mais endinheirados. Alice mal conseguiu evitar um cocó de cão e outro de cavalo. As folhas das árvores do Central Park abanavam com a última réstia de luz solar. As pessoas que não gostavam de Nova Iorque podiam ir foder-se. Vejam este lugar! Os bancos, as pedras da calçada, os táxis e cavalos lado a lado! Fosse o que fosse acontecer, Alice tinha aquilo.

Suspirou, passou a esquina e esperou que o trânsito acalmasse antes de atravessar a estrada.

⁹ Género musical muito popular no México.

O restaurante era tão escuro que Alice teve de se apoiar ao longo da parede, enquanto descia as escadas em direção ao balcão da rececionista, onde três mulheres com vestidos pretos idênticos estavam de pé com uma expressão fria no rosto. Por um momento, achou que estava tão escuro que era impossível que a vissem, mas a mulher do meio perguntou-lhe:

— Posso ajudá-la?

Alice aclarou a garganta e deu-lhes o nome de Matt. Uma das outras mulheres virou-se silenciosamente, mexendo a mão como se segurasse um *cocktail* invisível, e dirigiu-se para o canto da sala. Alice seguiu-a.

O chão era preto, brilhante como um berlinde, e Alice pisou-o com cuidado, com medo de escorregar. Todas as cadeiras estavam cobertas por toalhas, tal como nos filmes de época onde a mobília é tapada até que a família rica chegue e os empregados retirem os lençóis. Matt estava sentado numa mesa distante, de fato e bonito.

— Olá — disse Alice, beijando-o na bochecha antes de se sentar. O que se assemelhou a sentar-se num lençol mal dobrado.

Matt bebeu um gole do seu copo.

— Olá — respondeu — este lugar não é de doidos?

Alice olhou à sua volta. Os empregados estavam todos a usar pijamas de seda, o que parecia ser uma ideia terrível, por causa das nódoas e da conta da lavandaria a seco. O restaurante era novo. Alice nunca trabalhara em restauração, mas era uma nativa de Nova Iorque, o que significava que sabia, pelas estatísticas, o número de restaurantes que faliam. Não tinha grandes esperanças, mas, pelo menos nos dias que corriam, os *Chefs*, aqueles que eram celebridades e bonitos, podiam sempre recorrer à televisão.

Um dos empregados de pijama de seda aproximou-se e colocou as ementas na mesa — cada uma com uma capa de couro de sessenta centímetros. Até onde Alice leu, todos os pratos eram descritos unicamente pelos seus ingredientes e não pela sua forma final: *planta de ervilhas*, *kabocha esmagada*, *ricotta caseira*. *Salva*, *ovo*, *manteiga acastanhada*. *Cogumelos com ostras*, *salsichas*.

— Posso pedir um copo grande de vinho, por favor? Branco? Nada muito doce? — pediu Alice a uma das empregadas que passava.

Matt tremia o joelho por baixo da mesa, abanando-a, como um pequeno terramoto. Estava bonito e suado, o que fez Alice perceber o que estava prestes a acontecer. Ela conseguia imaginar toda a cena a decorrer num movimento rápido — a refeição, Matt a ficar cada vez mais ansioso, os pratos com coisas pequenas e deliciosas, que pareciam quadros, uma pausa antes da sobremesa, e, depois, Matt a colocar uma caixa de veludo à frente dela, mesmo por cima de uma gota de molho de soja.

— Tenho andado a pensar... — começou Matt. — E se tu te mudasses lá para casa?

O empregado de mesa trouxe o vinho de Alice e ela deu um grande gole, sentindo o líquido fresco a deslizar-lhe pela língua.

— Porquê? — perguntou. — Não gostas de ter o teu espaço? O teu tempo sozinho?

Alice nunca apresentara Matt ao pai. Sam achava que isso era estranho, mas Alice também achava estranho que Sam gostasse de estar grávida. Era óbvio que Leonard e Matt não iriam gostar particularmente um do outro, e, por isso, não parecia valer a pena. Um dos benefícios de ter apenas um pai era não haver pressão para casar, da qual sofreram muitas pessoas que ela conhecia, só porque estavam a crescer e tornar-se adultas. Era embaraçoso, se parássemos para pensar nisso, perceber quantas grandes decisões de vida haviam sido tomadas porque se encaixavam nos modelos que, ao longo do tempo, tinham vindo a ser passados.

— Eu... não sei — acrescentou ele. — Estou só a pensar nisso, sabes... se te mudasses, podíamos ter um cão, o que é que achas? Aquele meu amigo da faculdade adotou um husky siberiano que é brutal. Parece um lobo.

— Portanto... tu queres ir viver comigo para termos um cão? — Alice estava a gozar com ele, apesar de perceber que ele estava, realmente, a tentar. Percebia isso, embora não tivesse a certeza se queria afastar-se do trânsito que se aproximava, ou deixar que este a atropelasse. Quem é que sabia o que Alice iria realmente sentir quando Matt lhe dissesse as *tais* palavras? Talvez nada mudasse, ou não fosse muito diferente, mas, pelo menos, ficaria feliz por saber que um dia alguém lhe fizera aquela pergunta.

Matt usou a ponta do guardanapo para limpar a testa. Parecia doente.

O empregado de mesa voltou e perguntou-lhes se já haviam escolhido. Depois, lançou-se numa explicação da carta durante dez minutos. Alice e

Matt ouviram tudo e anuíram. Quando acabou, Alice perguntou-lhe onde era a casa de banho e seguiu por outro corredor escuro até uma porta sem sinalização, que dava para um grande lavatório de acesso comum rodeado por várias divisões. Aquilo parecia um *bunker*, como se Alice estivesse a passear num andar subterrâneo. Refrescou a cara e, nesse momento, uma mulher apareceu, do nada, estendendo-lhe uma toalha.

— Isto dava um local fantástico para matar alguém — disse Alice.

A mulher recuou.

— Desculpe, é muito agradável, só que muito escuro. Peço imensa desculpa, não queria incomodar. O meu namorado vai pedir-me em casamento... acho eu.

A mulher sorriu de forma nervosa, provavelmente avaliando se Alice seria capaz de cometer um homicídio.

— De qualquer maneira, obrigada — agradeceu Alice.

Tirou dois dólares da carteira e colocou no frasco de gratificações da mulher.

Quando regressou, fizeram o pedido e depois comeram. Cada prato parecia ter demorado imenso tempo a ser feito. Mas Alice ainda estava com fome. Quando levantaram a mesa, Matt olhou para ela, enquanto se encostava na cadeira.

— Estava ótimo. — afirmou Alice. — Estava tudo ótimo.

— *Okay*.

E, assim, começou a acontecer. Ele puxou a cadeira para trás e dobrou-se, as mãos a tocarem no chão, colocou um joelho e depois o outro. Alice observou tudo horrorizada, enquanto ele se endireitava sobre o joelho. Matt tentou alcançar a mão dela e Alice estendeu-a.

— Alice Stern — começou. — Queres encomendar comida comigo e discutir sobre o que ver na Netflix para o resto das nossas vidas?

Será que aquilo lhe soava bem? Matt continuou:

— Tu és tão inteligente e tão divertida e... mesmo, mesmo divertida, e eu quero casar contigo. Queres casar comigo?

Será que Matt teria mencionado o termo *amor*? Chegara a mencionar *amor*? Ela era *divertida*? E se ela quisesse fazer outra coisa que não fosse mandar vir comida ou ver televisão? Alice concluiu que afinal seria muito mais fácil dizer-lhe que *não*. E ali estava... um anel na mão dele — um anel lindo que ela não tinha qualquer interesse em colocar no dedo.

— Matt... — disse Alice.

Aproximou-se e as suas caras quase que se tocaram. O restaurante era barulhento e escuro o suficiente para que só as pessoas que estavam nas mesas próximas pudessem observar o que se estava a passar, o que fez com que Alice quisesse voltar para a casa de banho e pedir outra vez desculpa à mulher, dizendo *Ah, obrigada, Deus, por este local escuro e homicida*.

— Eu não posso casar contigo. Desculpa, mas não posso.

Ele piscou os olhos algumas vezes e depois voltou para a cadeira de uma forma desajeitada.

— Merda. A sério? — perguntou ele, mesmo que a sua cara parecesse mais relaxada.

Alice não pensava que Matt quisesse casar-se mais do que ela queria. A mãe dele estava sempre a pressioná-lo — a sua irmã mais velha também. E Alice conseguia imaginar o tipo de pressão que ele sentia por ser um homem jovem e bem-sucedido. Era o argumento da maior parte dos romances, não era? Casar? Era o argumento da maioria dos romances e da maioria das pessoas do mesmo estatuto socioeconómico que ela: faculdade, trabalho, casamento. Matt estava atrasado, mas mesmo assim ainda teria tempo. Os homens tinham muito mais tempo. Claro.

— A sério — assegurou Alice.

Havia um prato na mesa com uma sobremesa misteriosa — ela nem tinha reparado. Era verde e arredondada, mais molhada do que um bolo. Pudim flan, talvez, ou outro tipo de pudim. Alice provou. Sabia a relva cremosa. Comeu mais um pouco.

— Eu acho que tu vais encontrar a pessoa certa. Acho fantástico que queiras casar-te, a sério. Mas não vai ser comigo...

— Havia uma rapariga — uma mulher, na verdade — do tempo do secundário... ela está sempre a mandar-me mensagens no Facebook. Nós fomos ao baile de finalistas juntos. Ela acabou de se divorciar — acrescentou Matt, ao mesmo tempo que pegava na colher e começava a comer a sobremesa. — Isto é estranho — concluiu.

— Parece-me perfeito — disse Alice, comendo uma última parte do meio do pudim, onde a relva era mais densa.

Toda a sua vida, Alice tinha vivido na dúvida sobre se estaria a fazer as coisas de forma errada, se teria algum defeito, ou se estaria estragada, mas, na verdade, talvez fosse apenas igual ao pai, e, por isso, estaria melhor sozinha. Talvez, pensou, ganhando noção, o seu erro tivesse sido assumir que, algures na sua vida, tudo se iria encaixar e então teria uma cópia da

vida de todas as outras pessoas. No centro do pudim, escondida, estava uma bola de creme.

— Uau, olha — disse ela. — Ganhei!

Como era habitual, Alice fez marcações para o dia inteiro — não podia ser de outra maneira. Havia demasiadas as famílias da sua lista para as separar por dias e isso iria demorar meses. Agendou Raphael Joffey como a última criança do dia, porque, assim, se a entrevista se alongasse, ninguém iria reclamar ou sentir-se menosprezado. Alice percebera, ao longo dos anos, que nas marcações a meio do dia existia uma alta percentagem de ausência paterna, ao contrário das marcações no início e final do dia, onde havia uma maior probabilidade de ambos os pais participarem.

Tommy não tinha respondido ao *e-mail* — mas a mulher sim. A mãe, Hannah Joffey. Eram sempre as mães. Hannah não percebeu que existia uma conexão pessoal, que Alice tinha conhecido o marido dela dentro daquelas mesmas paredes. Por aqueles dias, muitas coisas eram automáticas e talvez a esposa de Tommy tivesse pensado que estava a trocar mensagens com um computador, uma espécie de assistente virtual. Mas Hannah usou a palavra *nós*, e por esse motivo, Alice esperava que os três aparecessem, a família inteira.

O escritório estava quase sempre arrumado — depois da saída de cada criança e dos seus pais, Alice tirava uns minutos para terminar as suas anotações e para arrumar os *puzzles*, os jogos, o papel e os lápis de cera.

Emily bateu à porta partilhada por ambas e espreitou para o corredor. Alice contara-lhe o básico (Tommy era um amigo do secundário, grande *crush*, algumas curtes desajeitadas, um coração partido, devastado, de forma precoce), o que provavelmente fora um erro, porque Emily estava demasiado excitada.

— Eles chegaram. Queres que os traga até aqui? Ou queres ser tu a fazer isso? Ele é tão *sexy*, só para saberes. Quero dizer... velho, mais velho do que eu. Bom, tem a tua idade. Mas é *sexy*. Se o fazia? Com toda a certeza. *Okay* — disse Emily com os olhos esbugalhados. — Queres que os traga até aqui?

Alice respirou fundo.

— Eu vou buscá-los. Tu vais sentar-te num canto e ficar quieta.

Emily anuiu.

Alice estava a usar um vestido, o que por norma não fazia. Era cor de vinho, *vintage*, e feito para uma *Disco Queen*. Nenhuma mãe de Belvedere usaria algo do género — todas vestiam as mesmas coisas, as mesmas marcas de *jeans*, as mesmas marcas de sapatos, as mesmas roupas de exercício, os mesmos casacos inchados de inverno. Alice não tinha qualquer interesse nisso. E queria que Tommy olhasse para ela e pensasse, *Ah, foda-se! O que é que eu perdi?* Queria tanto isso como queria vê-lo, mas não queria ter esse pensamento. Alice desejava que Tommy estivesse vestido com um fato aborrecido, que tivesse bochechas bolachudas e entradas capilares. Ele não estava em lado nenhum online — Thomas Joffey mal existia, exceto na pasta que ela tinha na mão. Por isso, Alice alisou a saia do vestido e foi até à sala de espera, já a sorrir.

A criança estava a olhar para ela, numa mesa baixa no canto. Conduzia um carro à volta do perímetro do *puzzle* e imitava o som de explosões. Ambos os pais estavam de joelhos, em frente à mesa, de costas para Alice. Parecia que rezavam no altar de um Deus minúsculo. O rapaz olhou para Alice, a partir da sua franja longa e escura, e congelou.

— Olá, Raphael — cumprimentou. — Eu sou a Alice. Posso ver o teu carro?

O rapaz não se mexeu, mas os pais sim. Alice observou tudo em câmara lenta, enquanto os Joffeys viravam as suas cabeças em direção ao som da sua voz.

Hannah era linda, claro. Alice encontrara o Instagram dela e já tinha feito demasiado *scroll* para conseguir vê-la de diferentes ângulos que a favoreciam. Ela não era aquilo que Alice esperava, o que tornou tudo pior. Hannah tinha uma cara interessante — um nariz longo, um pouco descentrado, como se o tivesse partido uma vez, e os olhos demasiado abertos, dando a ideia de que poderia ter sido gozada por isso quando era criança. O cabelo — castanho-escuro, com uma ondulação delicada — caía até à cintura. Não sorriu.

— Deve ser a Hannah — declarou Alice, caminhando na direção dela com a mão estendida.

Percebeu que não conseguia olhar diretamente para Tommy, que estava em pé, mesmo ao lado. Alice conseguia vê-lo pelo canto do olho, formas e

sombras, e sentia o coração com batimentos acelerados. Apertou a palma da mão magra de Hannah, sentindo os seus pequenos ossos, e virou-se.

Raphael tinha fugido e estava a esconder-se atrás das pernas do pai. Tommy tinha uma mão na cabeça do rapaz e a outra sobre o estômago. Alice levantou a mão para um aperto, mas Tommy levantou o braço e virou a cabeça para o lado, convidando-a para um abraço. Alice fechou os olhos e recebeu o abraço, a cara pousada no ombro dele. A boca estava suficientemente perto da bochecha de Tommy para que pudesse beijá-lo, mas não o fez.

— Que bom ver-te — disse Tommy.

Finalmente, conseguiu olhar para ele.

Não havia nada de bolachudo nele. O cabelo ainda era encaracolado e escuro, mas tinha agora uns fios prateados, que se podiam ver nas têmporas. Alice não sabia se ainda o amava, nalgum lugar profundo dentro do seu corpo, ou se seria apenas a memória dele, o que na verdade lhe parecia o mesmo, um puxão no seu âmagô. Tommy sorriu.

— Então, Raphael, estás pronto para brincar comigo? Ou falo primeiro com os teus pais e brincamos depois?

Alice estava a usar o seu melhor colar — uma prenda de Melinda. Era muito pequeno, com carros e aviões, todos pendurados como numa pulseira da sorte. Dobrou-se para o mostrar ao menino. Ele alcançou o colar com uma das mãos e, gentilmente, colocou a outra no braço de Alice. Ela olhou para Tommy e piscou-lhe o olho. Se o rapaz entrasse, a balança mudaria e ela passaria a ser uma ex-colega de escola, alguém que tinha permanecido naquele sítio, presa para sempre ao ensino secundário. Por agora, no entanto, era ela quem tinha o controlo e isso sabia-lhe bem.

Emily adorou a história do restaurante. Adorou que Alice tivesse dito que não. Emily ainda queria fazer toda a gente feliz, mas o fim das suas relações era sempre desgastante, uma espécie de bolo miserável e cheio de lágrimas com um toque de discussão escandalosa, no passeio.

— Acho que isso é a coisa mais *badass* que já ouvi. — Estavam a fumar na rua. — E não consigo acreditar no quão *sexy* é aquele gajo com quem tu andaste na escola. Qual é a história dele, já agora?

A informação tinha vindo ligeiramente fragmentada, quase em tom de brincadeira, como normalmente acontecia quando se conversava com e sobre uma criança de cinco anos. Eles tinham acabado de se mudar para Nova Iorque, vindos de Los Angeles, onde Hannah morava antes. Rafe — era assim que chamavam ao rapaz — tinha alergias graves, o que os levava a consultar um médico em Nova Iorque, o melhor da área. Não se haviam mudado com o propósito de ficarem perto dos pais de Tommy, mas os Joffeys tinham um apartamento pequeno no mesmo edifício e, por isso, era aí que agora estavam. Hannah fazia joias e curtas-metragens. Tommy afirmou-se um filantropo e, quando o disse, Hannah tocou-lhe na perna, a mão a apertar-lhe gentilmente a coxa.

— O que raio é isso? — perguntou Emily, atirando o cigarro.

— Não faço ideia — respondeu Alice. — Da última vez que soube dele, estava na faculdade de Direito.

Quando voltaram ao gabinete, Melinda estava à espera delas.

— Estamos de castigo? — perguntou Emily, enquanto colocava uma pastilha de mentol na boca.

Eram quase cinco da tarde e já todos tinham ido embora, menos o segurança e a equipa de voleibol do segundo ciclo.

Melinda abanou a cabeça.

— Sentem-se.

Elas sentaram-se. Emily e Alice olharam-na com expectativa, como músicos à espera da ordem do maestro.

— Vou reformar-me. No final do semestre.

Melinda já falava naquilo havia anos — uma ameaça vazia feita antes das férias, ou na primavera, ou quando os progenitores, chateados, reclamavam por as suas crias perfeitas e especiais não terem sido aceites.

— Está na altura.

— Melinda! — gritou Alice. Olhou à sua volta para ter a certeza de que não havia mais ninguém. — Eles despediram-te? Cabrões! Isto é discriminação baseada na idade. Sexismo? Provavelmente ambos!

Melinda fez um estalo com a língua.

— Não, não, minha querida. Foi uma escolha minha. Eu ia fazê-lo no ano passado, e no ano anterior, e no ano anterior, mas a altura nunca era certa.

Tudo em Melinda era calmante. As crianças vinham ao seu gabinete apenas para lhe dizer olá e abraçá-la. Nos aniversários de Emily e Alice, Melinda mandava fazer doces extraordinários na padaria da esquina, com cartões escritos à mão que as faziam chorar.

— Eu não quero que vás embora — choramingou Alice.

— Eu tenho setenta anos — disse Melinda. — Vai correr tudo bem.

— Bem... — afirmou Emily — em primeiro lugar, sinto-me triste, e depois... isso significa que agora a Alice é a chefe? — levantou ambos os polegares.

Alice corou surpreendida e acrescentou:

— Oh! Eu nem sequer tinha pensado nisso.

Um emprego melhor ia servir para equilibrar a sua vida depois do fim da relação com Matt. Sentiu um arrepio quando percebeu que teria mais horas de trabalho pela frente, sem saber se seria possível ir ao hospital. Era isso que as pessoas faziam no luto, não era? Mergulhavam no trabalho? E ela ia conseguir fazer isso com mais facilidade do que aprender tricô, ou conseguir fazer o *download* de uma *app* de meditação e manter-se fiel a isso.

Melinda aclarou a garganta.

— Isso seria fantástico, mas não. A escola vai contratar a chefe de admissões da Spencer Prep. — Fez uma pausa, pensando no que mais poderia dizer. — Eu acredito que estão a considerar seguir outra direção, têm outros objetivos.

Emily virou os polegares para baixo. Melinda deu-lhe uma palmada no joelho.

— Oh! — disse Alice. — Claro.

— Isso é só estúpido — revoltou-se Emily. — Desculpa-me a linguagem, Melinda.

— Então, meninas, parem com isso. — pediu Melinda. — Não vamos ser dramáticas. Eu já conheci a pessoa que eles vão contratar. Ela é muito inteligente, muito profissional.

Nada disso era reconfortante e Melinda sabia isso.

Se alguém lhe perguntasse, Alice não achava que um dia ficaria com o trabalho de Melinda. Ela era insubstituível, de uma força inabalável, e, de resto, que qualificações é que Alice tinha? Belvedere mandara-a para alguns cursos de administração, mas ela não tirara nenhum mestrado, porque nunca considerara fazer, noutra escola, o que fazia ali. O que é que a sua nova chefe saberia sobre aquelas pessoas, sobre aquelas crianças? A ideia de que um profissional viria da Spencer Prep era errada de todas as formas, como se o trabalho — selecionar as crianças, constituir turmas, formar uma comunidade — fosse uma decisão empresarial. Alice estava habituada a Melinda, à sua maneira de trabalhar, e não conseguia imaginar-se sentada no gabinete com outra pessoa a comandar. Emily ficaria bem, porque ainda era jovem. Provavelmente, ir-se-ia embora em breve para tirar um mestrado em alguma coisa. A maioria das pessoas acabava por fazer isso.

Quando Alice concluiu a escola de artes, trabalhar na Belvedere pareceu-lhe divertido e peculiar, um começo. Belvedere contratava regularmente recém-licenciados para trabalhos inferiores, uma pequena onda de um certo nepotismo que nunca causara grande alarido porque, afinal, as pessoas não ficavam lá durante muito tempo. Mas Alice ficou. Ficou em Nova Iorque, ficou no mesmo apartamento, ficou em Belvedere.

Aquela sempre fora uma das suas maiores qualidades — ser estável. De confiança. A última vez que tinha sido promovida, calhara na mesma altura em que Emily tinha sido contratada, havia quatro anos. Antes disso, Alice fora a única assistente de Melinda e, ainda antes disso, tinha andado pela escola, como uma funcionária temporária, disponível para desempenhar qualquer função em que fosse necessária. O tempo passou rapidamente, cinco anos, depois dez, e por aí fora. Agora, já trabalhava na escola por mais tempo do que aquele em que tinha sido aluna, e os seus professores favoritos tornaram-se colegas de trabalho. Na primeira década, Alice foi

parte do *staff*, uma espécie de penso rápido: alguém estava de licença de maternidade; alguém tinha partido a perna, ou não conseguia apanhar o metro — e Alice estava ali, de confiança e habituada a isso. Foi sempre feliz em Belvedere, tão feliz quanto possível. Também acontecia sentir-se como uma boneca deixada para trás, com demasiado valor sentimental para ser deitada ao lixo, mas, na maioria do tempo, era feliz.

— Vais gostar dela, Alice — declarou Melinda. — Acho que ela vai ser uma ótima mentora, na verdade. Melhor do que eu!

Melinda desviou a cabeça para o lado e Alice viu que os olhos dela tinham lágrimas.

— Estive sempre apenas a inventar, adaptava-me ao que aparecia.

Alice e Emily choraram e Melinda estendeu-lhes a caixa dos lenços, sempre preparada.

Festejar um aniversário a um sábado na idade adulta estava ao mesmo nível de fazer anos durante o verão quando se era criança. Claro que aos vinte anos isso era ótimo, não havia ressaca no dia seguinte no trabalho, mas, depois disso, o encanto desaparecia. Aniversários em dias úteis significavam uma festa improvisada no escritório, talvez uma garrafa de champanhe poeirenta, aberta durante o almoço, se esse fosse o estado de espírito. Ao fim de semana, porém, os adultos não davam os parabéns aos colegas com tanta facilidade. No máximo, enviavam uma pequena mensagem ou faziam um comentário numa rede social. Alice teve pena de que o seu aniversário calhasse a um sábado, mas lamentar isso fê-la sentir-se patética e, por esse motivo, empurrou a mesa de centro contra a parede e meteu um vídeo de yoga de dez minutos no YouTube, apesar de o ter abandonado logo a meio, quando a instrutora começou a respirar rápido pelas narinas, enquanto contraía e descontraía o estômago como um gato prestes a vomitar.

A campainha tocou. Uma entrega — uma encomenda da mãe com um apartado a substituir a morada do remetente. Serena já não vivia em Brooklyn havia uma década e tinha visitado o apartamento de Alice um ou duas vezes, desde que ela se mudara para Cheever Place. Nem sempre enviava presentes, mas aquele ano era especial, e, por isso, quando Alice abriu a caixa, não ficou surpreendida por encontrar vários cristais grandes e uma taça de um metal melodioso. Serena sempre se identificara com terapias de cura que procurassem o equilíbrio entre a mente e o corpo e, Alice sabia, aqueles presentes eram um pedido de desculpas silencioso, do único tipo que iria receber.

Quando Alice imaginava o seu quadragésimo aniversário, até onde era possível idealizar-se algo do género, não pensava que fosse assim. Frequentara uma mão-cheia de festas de aniversário de quarenta anos, tinha ido a eventos em casas em Brooklyn Heights e sabia que isso não lhe

aconteceria, algo com empregados de mesa contratados para servirem pequenas quiches pelos convidados. Mas, talvez um *Peter Luger*, ou outro restaurante nova-iorquino antigo, onde os empregados de mesa não fossem atores e modelos, mas sim velhos rabugentos de coletes, um lugar congelado nas suas origens *old-fashion* — talvez isso fosse possível. Quando Sam fez quarenta anos, alguns meses antes, o marido reservou-lhe um quarto de hotel, onde ela passou a noite sozinha, em silêncio. Os pais de Alice já estavam separados quando a mãe fez quarenta anos e Serena já tinha saído a caminho de uma nova vida. Muitos dos médicos do pai de Alice eram mais novos do que ela — pessoas que entravam no quarto e falavam com ela com confiança, com os seus diplomas avançados e conhecimentos profissionais. Alguns deles seriam, provavelmente, uma década mais novos. Enquanto dissecavam cadáveres e memorizavam nomes de ossos, o que é que Alice andava a fazer com a sua vida? O seu pai, aos quarenta, lia três livros por semana, por vezes mais, e respondia a todas as cartas de fãs que recebia. Certa vez, Alice tinha tentado começar a correr. Durante uns anos, até aderiu a um programa de mentoria, mas a *irmã* mais nova que lhe fora atribuída tinha, entretanto, entrado na faculdade e ambas perderam o contacto.

Era sempre difícil combinar um jantar com Sam, porque ela tinha filhos e vivia em New Jersey, pormenores difíceis de ultrapassar. Era suposto encontrarem-se num restaurante em West Village, o que não era exatamente conveniente para nenhuma das duas, mas teriam ambas de se deslocar, o que para Alice já era considerado justo. Uma hora antes do jantar, no entanto, e pouco antes de Alice se dirigir à paragem do comboio F, Sam ligou-lhe e disse que Leroy tinha febre. Assim sendo, ainda poderia ir, mas não ficar por muito tempo. *Podiam encontrar-se mais perto do túnel Lincoln?* O túnel vazio que dava para a Rua 39, logo acima do Javits Center, talvez o canto menos apelativo de Manhattan. *Claro*, respondeu Alice, porque queria celebrar e não importava, não importava mesmo, onde é que isso aconteceria.

Concordaram encontrar-se no piso térreo de um centro comercial com má fama a sul do túnel. Se ia ser assim, pelo menos que fosse a sério. Não só iam a um sítio com cachorros-quentes na ementa, como os ditos cachorros-quentes teriam de custar vinte dólares. No caminho, Alice descarregou, outra vez, uma aplicação de encontros e fez um pequeno *scroll*. A bênção e a maldição das aplicações de encontros é que poderíamos dizer do que andávamos à procura e era exatamente isso que iríamos ver. Homens? Mulheres? Menos de trinta, mais de quarenta? Todos os homens e mulheres, cujas fotos apareceram, lhe pareciam *okay*. Nada de entusiasmante. Ou andavam no ginásio, ou tinham gatos. Eram snobes sobre cozinha, ou snobes sobre música. Alice fechou a aplicação e colocou o telemóvel no bolso. No ecrã, todos pareciam igualmente desagradáveis, mesmo os mais bonitos.

Quando saiu do comboio, tinha uma mensagem de Sam — estava atrasada. Alice não ficou surpreendida. Quando estavam no secundário, Sam chegava muitas vezes uma hora depois do combinado, e ainda andava a vaguear pelo alojamento de estudantes de Columbia, que pertencia aos seus pais e ficava em Morningside Heights, enquanto Alice esperava junto à cabine telefónica na saída da Barnes & Noble, na Broadway com a Rua 82, ou lhes guardava mesa, ao mesmo tempo que se recusava a pedir mais do que uma chávena de café durante a espera.

Hudson Yards, o centro comercial gigante que abrigava o restaurante, ainda estava aberto, por isso Alice fez tempo vagueando dentro e fora de lojas vazias. Acenou aos vendedores, que olharam para ela com um certo desejo de interação, mas apontou para o telemóvel, fingindo que estava a ouvir alguém a falar. Emily enviou-lhe uma mensagem; Melinda enviou-lhe um *e-mail*. Alice tirou uma fotografia das suas mãos fazendo um sinal de paz e postou-a com a legenda *4-0*. Quatro-zero. Seriam quatro vitórias e zero derrotas, ou zero vitórias e quatro derrotas? Alice não tinha a certeza. Uma loja cheia de camisolas lindas estava em saldos, e Alice experimentou uma no corredor. Custava duzentos dólares — *em saldos* — mas comprou-a na mesma, porque era o seu aniversário. Sam mandou, finalmente, uma mensagem a dizer que tinha encontrado um lugar de estacionamento. Dez minutos e estariam juntas.

Alice já tinha conseguido uma mesa quando Sam entrou a correr, segurando um enorme saco de compras. Estava sempre bonita, mesmo quando estava exausta e a usar calças de fato treino. O cabelo, que era liso no secundário, estava agora no seu estado natural, e a sua enorme cabeça de caracóis rodeava-lhe o rosto como uma auréola. Por vezes, quando Alice se queixava das rugas à volta dos olhos ou do cabelo fino e liso, Sam ria-se e dizia-lhe que envelhecer bem era o legado de uma mulher negra, e que lamentava os problemas de Alice.

— Olá, olá, olá — disse Sam, atirando os braços à volta do pescoço de Alice. — Desculpa, eu sei que isto é um pesadelo, e que não é de *todo*, nem num milhão de anos, o sítio onde irias querer passar o teu aniversário. Desculpa! Que saudades tuas! Conta-me tudo.

Sam afundou-se no lado oposto da mesa e começou a tirar camadas de roupa.

— Olá — respondeu Alice. — Oh, tu sabes, nada de especial. Acabei com o Matt, não consegui uma promoção no trabalho, que eu nem sabia que era uma possibilidade, e o meu pai ainda está a morrer. Tudo ótimo!

— Sim, está bem, *mas...* — acrescentou Sam — olha o que eu te trouxe de prenda de anos!

Foi ao saco e tirou de lá uma caixa bonita, com uma fita de seda larga enrolada à volta. Sam tinha sempre jeito para aquelas coisas. Na mesa, o telefone dela vibrou.

— Merda — disse ela, e pegou no telemóvel. — Eu juro, o Leroy é o nosso *terceiro* bebé e às vezes sinto que o Josh é pior do que uma *babysitter* adolescente. Mandou-me uma mensagem a perguntar onde é que guardamos o Paracetamol... como se estivesse num sítio estranho, tipo a garagem, ou a minha gaveta das cuecas.

Alice deslizou a caixa, chegando-a para si.

— Posso abri-la?

— Sim, abre, abre! — permitiu Sam. — E preciso de uma bebida bem grande, mas só uma, ou duas no máximo, vá, para poder beber e despejar quando chegar a casa.

Procurou um empregado de mesa e fez sinal ao primeiro que viu.

Alice tirou a fita da caixa e puxou a tampa. Dentro dela, estava um pedaço de papel de seda, e aninhada dentro do papel estava uma tiara. Os diamantes não eram verdadeiros, mas era pesada, e não era uma coisa plástica absurda para despedidas de solteira.

— Continua — ordenou Sam.

E Alice colocou a tiara na cabeça e tirou outra folha amassada de papel de seda. No fundo da caixa havia uma fotografia emoldurada. Levantou-a cuidadosamente. Na fotografia, Alice e Sam estavam ambas a usar tiaras, vestidos e batom escuro. Sam tinha uma garrafa de cerveja na mão e Alice estava a dar uma passa num cigarro. Ambas focavam a máquina fotográfica com olhares expressivos.

— Éramos tão *grunge* — disse Alice.

— Nós não éramos *grunge* — declarou Sam. — Por favor... Tínhamos dezasseis anos e éramos *gloriosas*. Isto foi no teu aniversário, lembra-te?

A festa tinha sido em Pomander Walk. Era um risco ter pessoas em casa, já que Alice conhecia cada um dos vizinhos, mas, tal como em todas as situações em que tinha corrido riscos naquela altura, não tinha sido capaz de prever as consequências. Assegurou-se de que todas as cortinas estavam fechadas e convidou apenas quinze pessoas; e, quando atingiu quase o dobro do número de convidados, acreditou que não havia problema, desde que a casa se mantivesse sossegada. Leonard estava a passar a noite no centro da cidade num hotel, numa convenção de ficção científica e fantasia em que participava todos os anos, e só regressaria na noite seguinte. Alice conseguia lembrar-se de partes da festa, como se fossem *flashes* — a roupa interior *Calvin Klein* que usava, o cheiro das garrafas de cerveja vazias que se acumulavam em todas as superfícies disponíveis, todas as caricas cheias de cinza de cigarro. Ela e Sam tinham vomitado naquela noite, mas não antes de a fotografia ter sido tirada. Tinha sido uma festa muito boa, mas Alice terminou a noite com o coração partido e a soluçar. Tinha sido há muito tempo.

— Adorei — disse Alice.

E tinha mesmo gostado. Apesar de também ter ficado profundamente triste.

O empregado trouxe um grande copo de vinho a Sam, e um segundo para Alice, e pediram mais aperitivos do que aqueles de que realmente precisavam — grão-de-bico frito e couve-flor assada, pão e queijo, fritos de presunto e pequenos copos de gaspacho.

— Quem paga sou eu — decidiu Sam. — E quero comer coisas que fariam os meus filhos esconderem-se debaixo da mesa.

Comeram polvo e azeitonas e anchovas com torradas. Sam perguntou por Leonard, e Alice contou-lhe. Não era como se temesse a morte dele — ele

estava a morrer, sabia isso. Era o facto de não saber quando é que isso iria de facto acontecer, ou como seria quando acontecesse, e tinha medo de se sentir aliviada, e medo de se sentir demasiado triste para ir trabalhar, e medo de nunca mais ter outro namorado, porque iria ficar demasiado triste para conhecer alguém, e já tinha quarenta anos, *agora* tinha quarenta, o que era realmente diferente de trinta e nove, mas depois o telemóvel de Sam tremeu e voltou a tremer e Leroy tinha rebolado do sofá e batido com a cabeça e talvez precisasse de pontos, Josh não tinha a certeza. Sam pagou e deu um beijo a Alice em cada uma das bochechas, depois na testa, e saiu pela porta antes mesmo de ter os braços dentro das mangas do casaco.

A mesa ainda estava cheia de comida e, por isso, Alice comeu o máximo que conseguiu. Depois, pediu uma caixa e levou os restos para casa.

Antes de dar entrada no hospital, Leonard costumava ligar a Alice algumas vezes por semana. Falavam sobre o que quer que estivessem a ver na Netflix, ou sobre os livros que estavam a ler, ou sobre o que tinham comido ao almoço. Leonard era um péssimo cozinheiro, apenas capaz de ferver água para massas ou cachorros-quentes ou legumes congelados. Como tantos outros nova-iorquinos, Alice tinha aprendido a cozinhar através do número de telefone — do *Ollie's* para chinês, do *Jackson Hole* se quisesse hambúrgueres, do *Rancho* se lhe apetecesse mexicano, do *Carmine's* se preferisse massa com almôndegas, e da charcutaria se desejasse bacon, ovos e sanduíches de queijo. Por vezes, falavam ainda da mãe de Alice, sobre se ela acreditava ou não em alienígenas (ela acreditava), ou sobre se ela própria seria ou não um alienígena (potencialmente). Leonard gostava de ouvir falar sobre as crianças da escola Belvedere. As conversas que Alice e Leonard tinham eram honestas — e eram melhores do que algumas conversas que outras pessoas tinham com os seus pais —, mas esvaíam-se alegremente para o básico, como uma rocha plana e perfeita.

Leonard sofrera durante meses e, quando finalmente concordou em ir ao hospital, as enfermeiras de serviço ajudaram-no a diminuir a angústia das dores, medicando-o na veia, um saco de um líquido diluído e forte, e nos minutos antes de ficar demasiado pedrado e adormecer é que Alice e o pai começaram realmente a *falar*.

— Lembras-te do Simon Rush? — Leonard perguntou-lhe. Isso acontecera quando Leonard estava num quarto com vista para o poderoso rio Hudson e para a ponte George Washington. Alice viu barcos a subir e a descer na água, e até *Jet Skis*. Onde é que as pessoas compravam *Jet Skis* na cidade de Nova Iorque?

— Literalmente o teu amigo mais famoso? Claro que me lembro dele. — Alice podia imaginá-lo de pé na entrada de Pomander, e lembrou-se das vezes em que encontrara ambos a fumar cigarros na esquina da Rua 96 com a West End Avenue, quando Alice e os amigos regressavam de Riverside Park.

— Ele andava sempre nisto. Era demasiado para mim, normalmente, mas às vezes alinhava. Ficávamos tão pedrados... sentávamo-nos no apartamento dele na Rua 79 e ouvíamos *Forever Changes* dos Love, em vinil. Ele tinha tudo em vinil, e as melhores colunas que o dinheiro podia comprar. — Leonard apontou para Alice. — Tens essa música no teu telemóvel? Consegues pôr isso a tocar?

Leonard nunca tivera um *smartphone* — não percebia o objetivo. Mas gostava que Alice pudesse conjurar de imediato qualquer coisa que ele quisesse ouvir, como se fosse magia. Ela carregou nuns botões e depois a música começou a sair das pequenas colunas. As guitarras como bailarinos. Leonard levantou uma mão magra e estalou suavemente os dedos.

— É incrível, Alice, a forma como sempre foste perfeita. Eu estava a fazer o meu trabalho, como sempre, e tu eras tão *sólida*, sempre. Como um buldogue. Terra-a-terra, sabes?

— Obrigada — Alice riu-se.

— O quê? Não é suposto dizer isto? Eu era ótimo quando eras pequena, era mesmo... e podíamos brincar, usar a nossa imaginação e inventar histórias, mas, quando chegaste à puberdade, eu devia ter pedido ajuda a alguém que soubesse o que estava a fazer. Mandar-te para um colégio interno ou assim. Ou pedir aos pais da Sam que fosses viver com eles. Eras uma criança tão boa... nem reparavas em nada.

— Tu deixavas-me fumar no meu quarto.

O quarto de Alice partilhava uma parede e uma escada de incêndio com o do pai.

— Mas tu não fumavas mesmo, pois não? Cigarros?

— Pai, eu fumava um maço por dia quando tinha catorze anos. — Alice revirou os olhos.

Tinham fumado juntos, à mesa da cozinha, partilhando um cinzeiro. Ele riu-se.

— A sério? Mas nunca te meteste em sarilhos. Tu, a Sam, o Tommy e todos os teus amigos eram tão engraçados. Eram bons miúdos.

— Quando eu estava no secundário, tu tratavas-me como se fosse uma adulta, por isso eu pensava que era adulta. Mas não, tipo, uma adulta certinha. Eu achava que era como a Kate Moss, ou o Leonardo DiCaprio, por aí, uma dessas estrelas de cinema que estavam sempre a sair aos tropeções das discotecas. Acho que era esse o meu objetivo.

Leonard acenou com a cabeça, os seus olhos começaram a fechar-se.

— Da próxima vez, vamos ter mais regras. Para nós os dois.

Aquilo era verdade — Alice tinha sido sempre muito boa. Tão boa que nunca ninguém verificou o que lhe estava a acontecer por baixo. Havia crianças com problemas — Heather, que tinha sido enviada para a reabilitação por se drogar como se estivesse no *The Basketball Diaries*, e Jasmine, que comia apenas cem calorias por dia e que acabou por chumbar, porque passou quatro meses num tratamento hospitalar, sendo alimentada através de uma sonda. Mas Alice não era assim. Alice era divertida, normal. Ela e o pai funcionavam como uma equipa de comédia, e ela era quem se ria sempre mais alto. Se tivesse tido regras, ou um recolher obrigatório, ou um pai que a tivesse castigado quando encontrou drogas nas coisas dela — em vez de, simplesmente, as levar para longe —, talvez Alice pudesse ter ido para Yale, ou ter tido notas altas o suficiente para dizer isso em voz alta sem o ar irónico do conselheiro universitário. Talvez vestisse branco no outono, usasse o cabelo comprido e tivesse deixado a cidade para ir viver em França. Talvez tivesse feito qualquer coisa, qualquer coisa, e estivesse a falar com as enfermeiras do hospital a partir da sua casa em Montclair, enquanto olhava pela janela e via o seu marido e filhos a salpicarem-se na piscina, nos últimos dias da estação.

Uma vez, quando Sam era adolescente e ficou demasiado bêbeda, acabou na casa deles e Leonard deixara-a dormir na cama de Alice. Talvez fosse suposto os pais serem como polícias. Alice assumira sempre que Leonard sabia de tudo e que confiava nela o suficiente para saber que não se meteria em problemas, mas talvez ele nunca tivesse realmente prestado atenção, como o resto das pessoas. Agora, era ainda mais difícil para ele prestar atenção, já que tinha de fazer a mesma pergunta várias vezes. Leonard lembrava-se de Sam e Tommy, mas não conseguia dizer o nome de ninguém com quem Alice trabalhava. E Alice compreendeu — era assim que, agora, as coisas funcionavam.

Quando era jovem, pensava que Leonard era velho, e, agora que ele era velho, Alice percebeu como ele tinha sido jovem. A perspetiva era injusta. Quando Leonard adormeceu profundamente, ela foi-se embora.

Alice carregava um grande saco de compras em cada mão — a camisola chique numa e os restos de comida na outra. Nunca, na sua vida como nova-iorquina, tinha estado sozinha à noite na zona a oeste de Thirties. Caminhou para leste até à Oitava Avenida, até ter dado por si no meio de uma multidão de pessoas, com malas de rodas a caminho da Penn Station. Alice não se sentia embriagada, não exatamente, mas o mundo tinha-se transformado e tinha agora uma tonalidade ligeiramente ridícula; riu-se enquanto caminhava contra a corrente de corpos na passadeira. O metro estava mesmo ali, mas ainda não o queria apanhar — a beleza de Nova Iorque estava a *andar*, era o feliz acaso dos estranhos, e ainda era o seu aniversário, por isso continuou a andar. Alice virou-se e subiu a Oitava, passando pelas lojas de turistas que vendiam ímanes e porta-chaves e *t-shirts* I ♥ NY e dedos de espuma com a forma da Estátua da Liberdade. Tinha caminhado quase dez quarteirões quando percebeu que tinha um destino.

Ela, Sam e os amigos tinham desfrutado de muitas, muitas horas em bares quando eram adolescentes: tinham passado noites na *Dublin House*, na Rua 79; no *Dive Bar*, na Amsterdam com a Rua 96, com o letreiro de *néon* em forma de bolhas, embora aquele estivesse um pouco perto de mais de casa para ser seguro; e alguns dos bares da fraternidade mais abaixo em Amsterdam, aqueles com os baldes de cerveja a vinte dólares e mesas de bilhar riscadas. Por vezes, até iam a alguns bares da NYU no centro da cidade, na Rua MacDougal, onde podiam atravessar a estrada a correr para comer *falafel* e depois voltar para o bar, como se fosse um escritório e estivessem a correr para ir almoçar. O bar favorito dela, porém, era o *Matryoshka*, um bar temático russo na estação de metro 1/9, na Rua 50. Agora, havia apenas o comboio 1, mas, naquela altura, também tinham o 9. As coisas estavam sempre a mudar, mesmo quando não se apercebiam disso. Alice perguntava-se se mais alguém se sentiria tão velho quanto ela, porque acontecia tudo lentamente, e, num dia mais parado e decrépito, reparava que o mundo mudara tão gradualmente que os carros tinham

evoluído, os táxis eram agora amarelos e os *MetroCards* tinham sido substituídos por fichas. Toda a gente era uma lagosta numa panela.

Não havia nada como o *Matryoshka* — as estações de metro tinham frequentemente pequenas lojas, do tamanho de armários, com água engarrafada e chocolates e revistas, e algumas no centro da cidade tinham lojas de reparação de sapatos, que também vendiam chapéus-de-chuva e outras coisas de que os homens de negócios podiam precisar; havia também algumas barbearias, mas nada era igual ao *Matryoshka*. Todos os bares eram escuros — isso fazia parte, claro — mas o *Matryoshka* era, literalmente, subterrâneo, do lado esquerdo dos torniquetes, ao fundo das escadas que conduziam até à rua. A sua entrada era uma porta preta com um *M* vermelho pintado ao nível dos olhos e nenhuma outra marca que o identificasse. Alice não ia àquele lugar havia quinze anos, mas sabia que ele ainda ali estava — era famoso, um marco subterrâneo, o tipo de lugar para onde a revista *New Yorker* gostava de enviar repórteres e estrelas de cinema para sentirem um ambiente real. Tirou o telemóvel para enviar uma mensagem a Sam, mas reconsiderou a ideia, ao perceber como esta soaria — *É o meu aniversário e vou acabar a noite num bar, numa estação de metro. Sozinha!* Parecia um *tweet* cómico ou um grito por ajuda. Mas Alice não queria ajuda, queria tomar uma última bebida, num lugar que adorava, e, depois, ir para casa e acordar com quarenta anos e um dia, só para poder começar tudo de novo.

Um grupo de pessoas estava a subir as escadas da estação e, por um momento, Alice preocupou-se que o *Matryoshka* se tivesse tornado demasiado popular, que houvesse algum tipo de fila para entrar, onde obviamente não iria esperar, mas, na realidade, aquelas eram apenas pessoas que saíam do metro. A porta estava aberta e a escuridão familiar do bar era exatamente a mesma de que Alice se lembrava. Até o banco que apoiava a porta, para que ficasse aberta — preto, com um assento de couro rachado —, parecia o mesmo banco de couro onde tinha passado horas, com os seus cotovelos adolescentes magricelas apoiados no balcão do bar.

O espaço tinha duas salas: uma zona estreita onde os clientes entravam, que continha o próprio bar, e uma pequena área de estar com sofás de couro preto, antes amados, mas depois abandonados no passeio e arrastados pelas escadas do metro até ao seu local de descanso final. Havia algumas máquinas de *pinball* envelhecidas e, no fundo da sala, uma *jukebox*, a mesma que Alice e Sam adoravam. Alice ficou surpreendida ao vê-la —

havia *jukeboxes* por todo o lado quando andava no secundário, em bares e restaurantes, do tamanho de uma mesa individual, mas haviam passado anos desde que vira uma assim: da altura dos seus ombros e enorme, um armário da cidade de Nova Iorque. O *barman* acenou-lhe com a cabeça e Alice assustou-se. Era o mesmo tipo de antigamente — o que talvez fosse normal, se fosse dono do sítio — mas parecia-lhe exatamente igual. Talvez tivesse uns cabelos brancos espalhados, mas não parecia tão velho quanto ela, tinha a certeza disso. A escuridão era benéfica para todos.

Alice acenou com a cabeça para trás e deu uma volta ao bar, entrando na segunda sala maior. Era ali que ela e os amigos passavam a maior parte do tempo, porque tinha mais sofás e espaço para se espalharem e namorarem e dançarem. Uma máquina de fotografias ocupava espaço num canto, onde as pessoas posavam, mas, a maior parte das vezes, ficavam só paradas e olhavam para cima, porque a máquina estava normalmente avariada, mas tinha uma cortina e um pequeno banco, e todos gostavam da sensação de ser apanhado numa fotografia ao calhas.

Um grupo de pessoas estava sentado a beber e a rir, os seus joelhos apontados para o colo uns dos outros, as bocas abertas e bonitas. Alice não sabia se estava à procura de alguém que conhecia, ou a fingir que estava à procura de alguém que conhecia, ou a procurar a casa de banho. Deu uma volta ao bar, novamente, e sentou-se, com os seus enormes sacos de compras no chão ao seu lado.

— É o meu aniversário — disse ela ao *barman*.

— Feliz aniversário — respondeu ele ao mesmo tempo que colocava dois copos de *shot* no bar e os enchia com tequila. — Quantos anos já tens?

Alice riu-se.

— Quarenta. Eu. Tenho. Quarenta. Realmente... não tenho bem a certeza de como é que isto soa.

Aceitou o copo que ele empurrou através da barra do bar e encostou-o ao dele, que o *barman* despejou sem esforço pela garganta. O *shot* queimou-a. Alice nunca tinha bebido álcool verdadeiro — não em quantidade, como as donas de casa bêbedas no cinema; e não em qualidade, como as pessoas com quem ela tinha ido para a faculdade e que agora tinham carrinhos de bar *vintage* bem abastecidos, imaginando que eram fantásticos criadores de bebidas.

— Uau! — disse. — Obrigada.

Houve gargalhadas estrondosas vindas da esquina, junto à *jukebox*. Um trio de mulheres jovens — mais jovens do que Alice, mais jovens do que Emily — estavam a tirar fotografias a si próprias e depois a mostrar os seus telemóveis umas às outras.

— Eu costumava vir aqui quando andava no secundário — contou Alice ao empregado do bar. — Tinha um BI falso que comprei na Rua Oito e que dizia que eu tinha vinte e três anos, porque pensava que seria demasiado óbvio se dissesse que tinha vinte e um. Mas... quando tinha vinte e um, o meu BI falso dizia que eu tinha quase trinta. Agora não consigo ver a diferença entre as pessoas que têm vinte e um e vinte e nove, por isso, na verdade, talvez não importasse muito.

O *barman* deu-lhe outro *shot*.

— Por conta da casa. Eu lembro-me de fazer quarenta anos.

Alice queria perguntar-lhe se tinha sido no ano passado, ou há uma década, ou ontem, mas não o fez.

— *Okay* — disse ela —, mas este é o último.

O líquido soube-lhe melhor dessa vez — menos como fogo, e mais como um beijo defumado.

Pomander Walk era muito mais perto do que a sua casa e Alice tinha, algures, uma chave. Eram três da manhã quando o carro que a transportava encostou na esquina da Rua 94 com a Broadway. Tinha abandonado os restos de comida no bar, ou talvez os tivesse partilhado? De qualquer forma, segurava apenas um saco de compras e, em vez da camisola nova, lá dentro estava a velha, porque tinha entornado uma cerveja inteira em cima de si e mudado de roupa na casa de banho. As raparigas no fundo do bar tinham sido hilariantes e eram *fumadoras*, graças a Deus, ou as primeiras horas da manhã faziam de qualquer pessoa fumadora? Foi uma viagem de dez minutos pela cidade — podia ter apanhado o comboio, claro, mas ainda era o seu aniversário e, por essa razão, carregou no botão do seu telemóvel para chamar o carro mais luxuoso que havia. Quando entrou, o condutor olhou para ela, ligeiramente estendida no banco de trás do Escalade, e Alice sabia que ele estava à espera de que ela vomitasse, mas não o fez.

No momento em que o carro se afastou, vomitou na valeta. Os passeios estavam vazios. Alice tremeu e procurou as suas chaves na mala. Levava sempre uma chave da casa do pai, só por precaução, mas não a procurava havia várias semanas. Muitas vezes, passava para apanhar o correio, ou para alimentar a *Ursula*, mas uma das raparigas que vivia em Pomander estava a ser paga para isso e para fazer festas à gata, pelo que Alice não se sentia muito mal, se ficasse longe dali. Raspou o fundo da mala com os dedos. A chave tinha de estar ali.

A entrada principal para Pomander era do lado da Rua 94, uma pequena porta fechada ao lado da longa lista de nomes e campanhas. Os turistas ficavam por vezes no portão e esperavam para serem autorizados a entrar. Durante o dia, geralmente, isso era inofensivo. Pomander Walk devia estar em alguns *sites* de viagens alemães, ou em alguns guias, porque eram quase sempre alemães que ali iam, e os britânicos ocasionais. Ninguém, porém, tocava às campanhas às três da manhã. O porteiro não vivia ali e trabalhava em *part-time*, era alguém a quem se podia pedir ajuda para mover as coisas para dentro e para fora da cave de armazenamento, um armário minúsculo com uma lista de espera enorme. Se Alice não encontrasse a sua chave,

podia sempre telefonar a Jim Roman, que vivia no número 12, o mais próximo do portão — se ele estivesse a pé, pelo menos não teria de andar muito, e ele também tinha a chave da porta da frente da casa do pai dela. Mas a ideia de acordar Jim Roman era profundamente desagradável, uma vez que Jim era um viúvo bailarino que devia ter mais de oitenta anos, e que ela conhecia desde criança. Expô-lo a uma Alice bêbeda, e possivelmente ainda pegajosa, era demasiado deprimente para o estômago, e, assim, Alice encostou-se ao portão para se dedicar ainda mais a escavar o conteúdo da sua mala. Quando empurrou o seu peso contra o pesado portão preto de ferro forjado, que uma vez lhe tinha esmagado o tornozelo com tanta força que ela precisara de um raio X, este abriu-se.

— Oh, meu Deus, obrigada! — disse Alice.

Quem mais tinha uma chave do seu apartamento em Brooklyn? Ela tinha um conjunto extra de chaves na escola, mas de que lhe servia isso? A sua senhoria tinha uma chave. Matt tinha uma chave, apesar do facto de nunca a ter usado para entrar no apartamento dela — precisava de lha pedir de volta.

Alice subiu os degraus para a porta de entrada e depois colocou-se no topo. Pomander Walk era o lugar mais bonito onde já tinha vivido. As casas eram do tamanho de bonecas, quase, com detalhes de gengibre, como algo saído de um filme de Natal da Hallmark, sempre com a banda sonora da cidade de Nova Iorque de buzinas e martelos pneumáticos. Porque era outono, as pessoas já tinham abóboras nos seus degraus da frente, bonitas, que vinham de alguma quinta no norte do estado, demasiado caras para serem esculpidas. Essas, apareceriam mais tarde, pouco antes do Halloween. Havia sempre miúdos suficientes em Pomander para uma boa festa de Halloween — pequenos humanos com disfarces, que se deslocavam de uma porta para a outra, todos os adultos a beber vinho ou sidra de maçã com máscaras e chapéus engraçados. O pai dela tinha muitos chapéus engraçados, e alguns bigodes falsos, e sempre se tinham divertido, tanto quando ela era pequena o suficiente para se fazer doces ou travessuras, como quando ela era demasiado grande e o ajudava a dá-los.

Alice ainda não conseguira encontrar a chave. Uma das janelas estava um pouco trémula, Alice sabia, e talvez fosse suficientemente fácil de abrir do exterior. Ou podia esperar algumas horas, até que fosse de manhã, e então Jim Roman podia deixá-la entrar, ou o porteiro. Aquela era, provavelmente, uma ideia melhor. Alice estava a começar a sentar-se no degrau da frente do pai quando a pequena casa da guarda lhe chamou a atenção. Era um dos

domínios mais preciosos do pai — a forma como Alice imaginava que os homens nos subúrbios se sentiam sobre as suas garagens, o seu próprio reino doméstico, mais ordenado do que a própria casa. Pertencia, igualmente, a todos os habitantes de Pomander, a quem quer que precisasse de terra ou de uma pá ou de uma das ferramentas partilhadas no seu interior, mas Leonard era o que mais gostava e cuidava dela.

Mais perto, percebeu que a casa da guarda estava quase vazia — havia uma vassoura de pé num canto e alguns sacos selados de terra de jardinagem, encostados à parede oposta, mas, de resto, a pequena casinha estava imaculada. Alice fechou a porta atrás dela e sentou-se no chão. Passados alguns minutos, enrolou o saco de compras com a sua camisola velha e usou-o como almofada atrás da cabeça, a sujidade como apoio de costas. Adormeceu rapidamente, imaginando-se como o coelhinho do livro de Richard Scarry, aconchegada na sua árvore durante todo o inverno.

A sala estava escura e Alice sentia-se estranha. Abriu os olhos e pestanejou. Demorou vários segundos a perceber onde estava. De alguma maneira, durante a noite, tinha entrado na casa, e estava na sua cama estreita de infância. Leonard não era um daqueles tipos de pai que transformava o quarto do filho num armazém para equipamento de ginásio, mas também não estimava as coisas de Alice. A maioria delas ainda lá estava, mas, uma vez, numa limpeza anual e sem que ele lhe perguntasse primeiro, Leonard tinha atirado todos os números da revista *Sassy* para a reciclagem, uma transgressão pela qual Alice ainda estava zangada. Esticou os braços sobre a cabeça até que os seus dedos tocassem ao de leve na parede atrás de si.

O corpo não se sentia horrível, mas a boca de Alice estava seca e uma dor de cabeça a caminhar alegremente na sua direção. Manteve os olhos quase sempre fechados enquanto alcançava o chão e apalpava a mala e o telemóvel. Em vez disso, os seus dedos tocaram no tapete grosso e desgrehado, que achava que nunca tinha sido aspirado, e na superfície cheia de coisas da mesa de cabeceira.

— Merda — disse Alice, sentando-se.

A mala tinha de estar por perto. Sem o seu telemóvel, não tinha como saber que horas eram. Seria certamente de manhã, embora o quarto ainda estivesse escuro. As traseiras das casas em Pomander estavam sempre escuras, especialmente de manhã, e a janela do quarto tinha vista para as traseiras de todos os grandes edifícios, que revestiam o resto do quarteirão, toda uma paisagem urbana invertida — escadas de incêndio e sobretudo janelas invisíveis, até onde os olhos conseguiam ver. Alice começou a fazer uma lista mental de todos os cartões de crédito que teria de cancelar se não conseguisse encontrar a carteira, e tudo o resto que teria de substituir. Como é que poderia fazer uma marcação na Apple Store para substituir o telemóvel sem ter um telemóvel? O portátil estava em casa. Alice respirou fundo.

Balançou as pernas para o chão e levantou-se. Ia alimentar *Ursula* e descobrir como entrar no comboio sem um *MetroCard*. Tinha de haver alguns dólares perdidos por ali algures, o suficiente para que chegasse à sua

casa, e a sua senhoria tinha uma chave do apartamento. O quarto estava uma confusão — o chão absolutamente amontoado de roupa, como se Leonard tivesse estado a livrar-se das coisas antes de entrar no hospital. Era estranho, mas Leonard também o era. Alice limitou-se a afastar tudo com os dedos dos pés descalços, abrindo caminho até à porta.

Cambaleou até à casa de banho e não se deu ao trabalho de fechar a porta. Sentou-se na sanita e fechou os olhos. Houve um barulho na sala de estar e depois o som de *Ursula* a andar no corredor. A sua pequena cara preta apareceu junto à porta e, de um modo quase imediato, o corpo da gata aninhou-se contra as canelas de Alice.

— Gatinha boa.

Só aí é que olhou para baixo para o seu próprio corpo. Usava calções e uma *t-shirt* amarela enorme da *Crazy Eddie*¹⁰ que se amontoava no seu colo. As coxas, mesmo achatadas contra o assento da sanita, pareciam estreitas, como se tivesse de alguma forma perdido peso durante a noite. Alice não se lembrava de mudar de roupa, e mesmo que o tivesse feito, não via aquela *t-shirt* havia décadas, uma relíquia da sua infância. Levantou-se e puxou a *t-shirt* para a admirar, uma verdadeira peça da história da cidade de Nova Iorque. O anúncio televisivo começou a passar no seu cérebro. Era óbvio que Alice iria usá-la apenas em casa. *Ursula* arranhou-a nos pés e fugiu e, como era evidente, plantou-se à espera junto da tigela de comida. Alice ouviu um barulho vindo da outra sala — provavelmente a *catsitter*. Fechou a porta de imediato, não querendo assustar a miúda.

A casa de banho de Leonard era como uma cápsula do tempo. Talvez porque ele ainda ia à mesma farmácia antiquada, ou talvez porque uma marca mais moderna ainda não tinha chegado a Upper West Side, mas tudo na casa de banho — a pasta de dentes de Leonard, o seu creme de barbear, as toalhas que outrora tinham sido cremes e agora pareciam sempre sujas — estava como sempre esteve. Alice apertou um centímetro da pasta Colgate para o dedo e escovou os dentes. Depois de cuspir, salpicou um pouco de água na cara e secou-se na toalha.

— Vou já sair — disse. — É a Alice!

As crianças provavelmente não tinham ataques cardíacos com muita frequência, mas quando pensou na sua própria infância em Pomander Walk, lembrou-se do quanto se falara sobre o perigo de pessoas desconhecidas, e, por isso, sempre se manteve pronta para dar pontapés e morder, como qualquer boa rapariga da cidade. Pensou ouvir uma resposta calma e, assim,

endireitou a *t-shirt* e saiu para o corredor. Era uma adulta que trabalhava com crianças e podia falar com qualquer pessoa, mesmo que estivesse a usar o tipo de pijama que vestia quando era adolescente.

Ursula estava empoleirada no seu lugar favorito, numa parte do parapeito da janela diretamente acima do respiradouro do aquecedor, o pelo preto a assar ao sol. Era o gato mais antigo do mundo — ninguém sabia exatamente a sua idade, mas se Alice tivesse de adivinhar, teria dito cerca de vinte e cinco anos, ou que era imortal. Ainda assim parecia, como sempre, tão vitalícia.

— Olá, bom dia — disse Alice, virando a esquina do corredor para a cozinha. — Espero não te ter assustado.

— Não és assim tão assustadora — respondeu o pai dela.

Leonard Stern estava sentado no seu lugar à mesa da cozinha. Havia uma chávena de café ao seu lado, e uma lata aberta de *Coca-Cola*. Ao lado das suas bebidas, Leonard tinha um prato com algumas torradas e ovos cozidos. Alice achou que também lá estava uma *Oreo*. O relógio na parede atrás da mesa indicava que eram sete da manhã. Leonard parecia bem — parecia saudável. Mais saudável, na verdade, do que Alice alguma vez se lembraria. Parecia poder correr à volta do quarteirão se quisesse, só por diversão, como o tipo de pai que jogava à apanhada e ensinava a filha a patinar no gelo, apesar de ele não ser assim, de todo. Leonard parecia uma estrela de cinema, mas uma versão de estrela de cinema de si mesmo — bonito, jovem e rápido. Até o cabelo parecia saltitante, as ondas cheias de um castanho profundo e completo, como tinham sido na sua infância. Quando é que o cabelo dele começara a ficar cinzento? Alice não sabia. Leonard olhou para cima e manteve contato visual com ela. Virou-se para olhar para o relógio, voltou-se para Alice e abanou a cabeça.

— Levantaste-te cedo. Uma nova página! Gosto disso.

O que é que estava a acontecer? Alice fechou os olhos — talvez estivesse a alucinar! Era possível! Talvez tivesse ficado demasiado bêbeda, tão bêbeda que ainda estava, muitas horas depois, ainda mais bêbeda do que alguma vez estivera em toda a sua vida, e agora via coisas. Talvez o pai tivesse morrido e aquele fosse o seu fantasma. Começou a chorar, e descansou a cara contra a parede fria.

O pai empurrou a cadeira para trás e caminhou lentamente na direção dela. Alice não tirou os olhos de cima dele — tinha medo de que, se olhasse para o lado, ele desaparecesse.

— O que é que se passa, aniversariante? — Leonard sorriu.

Os seus dentes pareciam tão brancos e tão direitos. Ela conseguia sentir o cheiro do café no seu hálito.

— É o meu aniversário — disse Alice.

— Eu sei que é o teu aniversário — disse Leonard. — Fizeste-me ver o filme *Sixteen Candles* vezes suficientes para garantir que eu não me esquecia da data. Mas, apesar disso, não te vou oferecer um rapaz num carro desportivo.

— O quê? — perguntou ela.

Onde estava a carteira? Onde estava o telemóvel? Alice apalpou mais uma vez o corpo, procurando qualquer coisa que lhe pertencesse, que fizesse sentido. Empurrou a *t-shirt* enorme contra si e sentiu o estômago liso, os seus ossos da anca, o corpo todo.

— É o teu décimo sexto aniversário, *Al-pal*.

Leonard tocou-lhe na perna com o dedo do pé. Teria ele sido sempre capaz de se esticar daquela maneira? Havia anos que não se mexia tão facilmente. Alice sentia-se exatamente como quando vira os filhos dos amigos pela primeira vez poucos anos antes e, de repente, eles eram seres que conseguiam andar de *skate* e subir-lhe para os ombros. Mas ao contrário. Ela tinha visto o pai todos os dias, depois todas as semanas mais ou menos, durante toda a sua vida. Nunca tinha existido uma lacuna, um período de tempo em que pudesse vê-lo sob outra perspetiva. Tinha estado sempre presente, no despontar de cada cabelo grisalho, por isso talvez não se tivesse apercebido da alteração no equilíbrio da coisa, quando passou a estar mais branco do que escuro.

— Queres uma *Oreo* para o pequeno-almoço?

¹⁰ Cadeia de lojas de eletrônica fundada em 1971, em Brooklyn, Nova Iorque.

PARTE DOIS

Alice permaneceu na entrada do quarto. O coração a fazer coisas que os corações não deveriam fazer, como bater no compasso certo de uma canção de Gloria Estefan. Queria ir lá fora e sentar-se com o pai, mas também precisava de compreender se estava viva, se *ele* estava vivo, se estava a dormir, ou se tinha, de facto, dezasseis anos, em vez de quarenta, e estava no seu quarto em casa do pai. Alice não tinha a certeza de qual das opções parecia ser a menos apelativa. Se estivesse morta, pelo menos não tinha sofrido. Se estivesse a dormir, acabaria por acordar. Se o pai estivesse morto, e esta fosse a resposta do seu corpo ao trauma, era justo. A opção mais provável, para além deste ser o sonho mais lúcido da sua vida, era que Alice tivesse tido um esgotamento nervoso, e que tudo aquilo estivesse a acontecer dentro do seu próprio cérebro. Se tivesse viajado no tempo e a sua consciência de quarenta anos estivesse, mais uma vez, dentro do seu corpo adolescente, e no exterior fosse 1996 e estivesse no décimo-primeiro ano e na escola secundária, isso representava a existência de problemas bem mais graves. Era improvável que o seu quarto contivesse as respostas a qualquer uma daquelas perguntas, mas os quartos de adolescentes estavam cheios de segredos, por isso tudo era possível. Afinal de contas, Alice tinha crescido com dois irmãos imaginários que viajavam no tempo.

Acendeu a luz. As pilhas de roupa que tinha posto de lado não eram coisas da responsabilidade do pai; eram montanhas da sua própria autoria. O quarto estava precisamente como ela se lembrava, mas pior ainda. Cheirava a fumo de cigarro e a *Calyx*, o perfume doce e brilhante que Alice usara durante todo o secundário e até ir para a faculdade. Fechou a porta atrás de si e pisou com cuidado as pilhas de roupa, até atravessar todo o quarto e chegar à cama, a mesma onde tinha acordado.

Os lençóis *Laura Ashley*, às flores, estavam num emaranhado, como se um tornado tivesse passado por cima do colchão. Alice sentou-se e pegou na almofada mais fofa, aquela com a fronha dos Ursinhos Carinhosos, colocando-a no colo. O quarto era pequeno e a cama ocupava quase metade do espaço. As paredes estavam cobertas por fotografias recortadas de revistas, uma colagem em que Alice tinha trabalhado continuamente desde

que tinha cerca de dez anos e até ao dia em que entrara na faculdade. Parecia papel de parede psicótico — ali estava Courtney Love a beijar a cara de Kurt Cobain na capa da *Sassy*; e James Dean sentado num trator; ali estavam Morrissey e Keanu Reeves ambos sem camisa; Drew Barrymore também sem camisa, com as mãos a tapar o peito e margaridas no cabelo. Havia beijos dados com batom por todo o lado, já que Alice marcara os lábios na parede em vez de num pedaço de tecido — *NY Toast*, *Rum Raisin*, *Cherries in the Snow*¹¹. Um cartaz gigante do filme *Reality Bites*, comprado numa loja de filmes por dez dólares, e que, agora, era a peça central, com outras coisas coladas nele e sobre ele, deixando Winona totalmente intocada. Havia palavras escritas por detrás das estrelas de cinema — *filme*, *confiança*, *trabalho* — e Alice tinha acrescentado as suas: *liceu*, *arte*, *beijos*. Alguém tinha feito um *graffiti* por cima da cara de Ben Stiller — o amigo de Alice, Andrew; o seu cérebro forneceu-lhe o nome um segundo depois. Quase todos os seus amigos rapazes do liceu tinham uma lata de tinta e fingiam saber fazer *graffitis*, mesmo que a maioria deles só o tivesse feito nas páginas dos seus cadernos, não nas paredes do metro.

Alice virou-se para a mesa-de-cabeceira e abriu a pequena gaveta raquítica: o seu diário, um isqueiro, um pacote de *Newport Lights*, uma lata de *Altoids*¹², algumas canetas, alguns elásticos para o cabelo, alguns trocos soltos e um embrulho com fotografias. Era como se tivesse acabado de acordar num museu onde a única exposição era a vida dela. Tudo naquele quarto estava igual a quando tinha dezasseis anos.

Alice abriu a aba e levantou o embrulho de fotos. Não eram de nenhum evento em particular, tanto quanto conseguia perceber — era Sam sentada na sua cama; Sam a falar na cabine telefónica da escola; fotografias de si mesma, que tinha tirado ao espelho, um buraco negro onde o *flash* tinha disparado; Tommy na sala de estar dos estudantes em Belvedere, a tapar a cara. Alice pensava que era Tommy. Tantos rapazes em Belvedere que se vestiam de forma idêntica: calças de ganga enormes e polos que pareciam de crianças, se fossem três tamanhos mais pequenos. Alice conseguiu ouvir o pai a ligar o rádio na cozinha e a começar a lavar os pratos.

— Vou só tomar um duche, pai! — disse-lhe.

Alice virou-se nos calcanhares e escapou-se, o que deve ter sido suficientemente parecido com o que o seu eu adolescente faria, porque Leonard encolheu os ombros e sentou-se de novo para terminar o pequeno-almoço. Como é que soara a sua voz? Seria a mesma voz? Alice viu o seu

reflexo no espelho barato, de tamanho normal, que estava pendurado na parte de trás da porta do armário.

Em cada segundo da sua adolescência, Alice achara-se mediana. Aparência média, cérebro médio, corpo médio. Mas conseguia desenhar melhor do que a maioria das pessoas. Não era boa a matemática, por mais que se esforçasse. E quando tinham de correr durante a aula de educação física, fazia intervalos para caminhar, com dor de burro. Mas o que viu ao espelho fez com que rebentasse em lágrimas. Alice tinha-se queixado de estar a ficar mais velha, claro — fizera comentários autodepreciativos a Emily nos aniversários e ocasiões do género, e tinha-o sentido nas costas e nos joelhos e visto nas rugas dos olhos —, mas, no geral, tinha-se sentido exatamente igual a quando era adolescente. Mas estava errada.

Alice meteu-se em frente ao espelho e colocou um dedo para cima, ao estilo E.T., para se cumprimentar. O cabelo tinha risco ao meio e caía, pendurado, sobre os ombros. Havia uma pequena borbulha a crescer-lhe no queixo, ameaçando rebentar na superfície, mas, por outro lado, o rosto de Alice parecia uma pintura renascentista. A pele cremosa e lisa, os olhos brilhantes e grandes. As maçãs do rosto comicamente cor-de-rosa.

— Pareço o raio de um querubim bebé! — sussurrou Alice para si mesma.

Olhou para baixo, para o estômago liso.

— Que merda é esta?

Começou a hiperventilar. O leitor de cassetes cor-de-rosa estava aos pés da cama, com a antena estendida. Alice levou-o ao peito. O pequeno marcador estava parado mesmo depois dos 100-Z100, 100.3, a estação de rádio horrível que ouvira provavelmente todos os dias da sua adolescência. Tinha gravado tantas cassetes para rapazes por quem tivera um *crush*, rapazes em quem não pensava havia décadas — e para Tommy Joffey, e para Sam, mas também para imensas pessoas, cada música uma mensagem secreta; pelo menos metade delas eram de Mariah Carey, o que nem sequer era subtil. O rádio tinha continuado a viver na casa de banho durante algum tempo, onde Leonard por vezes ouvia música enquanto tomava banho, mas Alice já não o via há mais de uma década. Apertou-o com força, como se, só por fazer isso, conseguisse ouvir todas as músicas que tinha amado.

Os irmãos de *Time Brothers* andavam para a frente e para trás no tempo, através do espaço contínuo de um carro. Marty McFly¹³ usava o condensador de fluxo. Bill e Ted tinham a sua cabine telefónica e George Carlin¹⁴. A mulher sexy em *Outlander*¹⁵ caminhava para dentro de rochas

antigas. Jenna Rink¹⁶ utilizava pó de fada no armário na cave dos pais. Em *Kindred*¹⁷ e *The Time Traveler's Wife*¹⁸ simplesmente acontecia, do nada. Alice percorreu todos os cenários de que se lembrava. Qual era o cenário em *The Lake House*¹⁹? Uma caixa de correio mágica? Alice ficara bêbada na véspera e desmaiara. Teria sido assim? Respirou fundo enquanto se focava nas bochechas que se enchiam e esvaziavam.

Aos pés dela, viu outro objeto familiar — o telefone de plástico transparente, com o cordão enrolado de dois metros de comprimento, suficientemente grande para chegar a qualquer lugar no quarto. Alice tinha-o comprado no seu décimo quinto aniversário — a sua própria linha telefónica. Afundou-se no chão e puxou o telefone para o colo. O som da marcação era-lhe tão familiar e reconfortante como o ronronar de um gato. Os dedos marcaram um número — Sam. O telefone cor-de-rosa de Sam, no seu quarto também cor-de-rosa, no apartamento dos pais. Ainda era tão cedo, e enquanto a Sam adulta estaria a levantar-se, a dar o pequeno-almoço aos seus filhos e a suborná-los com desenhos animados, a Sam adolescente ainda estaria a dormir de cara para baixo, morta para o mundo. Alice ligou, ainda assim.

Sam atendeu depois de alguns toques e gemeu.

— O quê?

— É a Alice.

— Olá, Alice. Porque é que me estás a ligar a esta hora da madrugada? Estás bem? Oh, merda, são os teus anos! — Sam aclarou a garganta. — Parabéns a você...

— *Okay, okay*, sim, obrigada. Mas não tens de cantar. — Alice observou o seu reflexo enquanto falava. — Estava só a verificar... a ter a certeza de uma coisa. Podes vir até cá? Quando estiveres acordada? Ou posso ir até aí? Ligas-me quando estiveres acordada?

O seu queixo era tão afiado como uma faca. Porque é que Alice nunca tinha escrito poemas sobre o seu queixo, ou tirado fotos do queixo, pintado retratos daquele queixo?

— Sim, cabra que estás de parabéns, o que quiseres. Amo-te — Sam desligou, e depois Alice também o fez.

O armário partilhava uma parede com a casa de banho e Alice ouviu o pai entrar, ligar a luz e o som do ventilador a rodopiar. Abriu a torneira — estava a lavar os dentes. Não tinha ouvido a porta fechar-se, o que, para uma fechadura de má qualidade, era a única maneira de os dois

comunicarem um com o outro quando precisavam de privacidade. Alice ouviu o pai a escovar, a enxaguar, a cuspir e a bater com a escova de dentes contra a extremidade do lavatório, antes de a colocar de novo no seu copo de vidro, batendo contra a escova dela. Havia tanto tempo que não pensava nesses sons — o moedor de café, o bater dos chinelos ao fundo do corredor.

Alice rastejou pelo chão dirigindo-se ao armário, até ter encontrado roupas que cheirassem a limpo.

-
- ¹¹ Diferentes modelos de batom da marca Revlon.
- ¹² Marca de *mints* inicialmente concebida para problemas intestinais, mas que se tornou famosa como pastilha refrescante pós refeição.
- ¹³ Personagem do famoso filme *Regresso ao Futuro*, de 1985.
- ¹⁴ Personagens do filme *Bill e Ted no Outro Mundo*, de 1989.
- ¹⁵ Saga literária *Outlander*, de Diana Gabaldon, publicada em Portugal por Casa das Letras.
- ¹⁶ Personagem do filme *De Repente, Já nos 30!*, de 2004.
- ¹⁷ *Kindred*, de Octavia E. Butler, não publicado em Portugal.
- ¹⁸ *A Mulher do Viajante no Tempo*, de Audrey Niffenegger, publicado em Portugal por Editorial Presença.
- ¹⁹ Filme *A Casa da Lagoa*, de 2006.

Leonard estava novamente sentado no seu lugar, a ler um livro. Alice entrou com cuidado, como se a qualquer momento pudesse cair num buraco. O pai virou uma página e levantou o queixo, deixando que *Ursula* esfregasse a sua cara contra a dele. Alice olhou para Leonard de lado, enquanto abria o frigorífico e tirava o leite. Os cereais estavam no armário ao lado dos pratos e dos copos, uma coleção de caixas ao lado de frascos de manteiga de amendoim e de latas de sopa e molho de tomate. Tirou a caixa de *Grape-Nuts*, os favoritos do pai.

— Estás bem, pai? Estás a sentir-te bem? — Observou o rosto de Leonard à procura de um sinal que lhe mostrasse que ele sabia o que estava a acontecer, que ele reconhecia que algo estava errado. Mas era o rosto dele que estava errado — pequenas rugas à volta dos olhos, mas uma barba cheia, um sorriso completo. Leonard estava jovem, *era* jovem, *era* jovem. Alice fez contas de cabeça — se tivesse dezasseis anos, isso significava que Leonard teria quarenta e nove. Tinham menos de dez anos de diferença, porque ela tinha quarenta. Alice estava habituada a pensar na vida como uma série de melhorias — da escola até à faculdade, da faculdade até à idade adulta, dos vinte aos trinta anos. Todas essas séries eram como voltas numa corrida que lhe estava a correr bem —, mas Alice podia ver no pai toda a ruína que estava por vir. As viagens ao hospital, as visitas intermináveis ao médico, assim que ele concordara em começar a lá ir. Os aparelhos auditivos, depois de anos a gritar *o quê, o quê, o quê?* nas mesas dos restaurantes.

— Claro, porquê? — Leonard olhou para ela desconfiado.

— Por nada. — Alice olhou para a caixa de cereais. — Não conheço mais ninguém que compre isto — disse ela. — Nunca conheci mais ninguém, em toda a minha vida.

Leonard encolheu os ombros.

— Acho que precisas de conhecer mais pessoas.

Alice riu-se ao mesmo tempo que se dobrou sobre a tigela, para que Leonard não pudesse ver as lágrimas que tinham aparecido nos seus olhos.

Piscou-os para as afastar, acabou de comer os cereais e, finalmente, sentou-se ao lado do pai.

Leonard tinha o *The New York Times*, a *The New Yorker*, a *New York Magazine*, e uma edição da *People* com uma fotografia do casamento de JFK Jr. e Carolyn Bessette na capa.

— Ai, meu Deus! — disse Alice. — Isto é tão triste!

Leonard pegou na revista e inspecionou-a.

— Estou a ver, sim. Também pensei que podias ter uma hipótese com ele, uma noiva miúda, à moda antiga. Era fantástico.

Voltou a colocar a revista na mesa e deu-lhe um aperto no braço. Alice sentiu a sua respiração presa na garganta. Parecia real. A cozinha parecia real, o seu corpo também. O pai parecia-lhe real. E John-John era recém-casado, e estava vivo.

— Não, quero dizer... oh — Alice fez uma pausa. — Certo.

Levou uma colher de cereais à boca.

— Estes cereais são tão estranhos — disse ela. — É como comer as partes que sobraram dos cereais bons, as migalhas, e decidiram não desperdiçar e embalar isto.

Quando se sentava ao lado do pai no hospital, a querer tanto que ele abrisse os olhos e falasse com ela, não os teria imaginado a começar por criticar os *Grape-Nuts*.

Leonard estalou-lhe os dedos.

— Versáteis e deliciosos. Então, qual é o grande plano para hoje? Tens a tua aula de preparação para os exames às dez, passas o tempo, fazes o que quiseres, e mais logo jantamos com a Sam, certo? Depois vou para o hotel onde é o evento e volto amanhã à noite, depois da minha apresentação. Tens a certeza de que não te importas?

Alice pôs os cotovelos na mesa. Ser criança era selvagem — comprar o leite e os cereais, ter a certeza de que havia pasta de dentes, detergente para limpar a sanita e comida de gato era um trabalho que pertencia a outra pessoa, mas tudo o resto — um curso de preparação para os exames aos sábados, ir à escola — pertencia a um futuro ambíguo e pouco focado. *Ursula* caminhou pelo jornal aberto e cheirou Alice. Como muitos gatos pretos, os olhos dela pareciam, por vezes, verdes e, noutras, amarelos. Tocou com o nariz em Alice, que baixou o rosto em resposta à gata.

— Quantos anos tem a *Ursula*? — perguntou Alice.

A gata cheirou os cereais de Alice e depois saltou de novo para o chão.

— Não se pode simplesmente atribuir um número a uma criatura como esta — disse Leonard. — Não estava presente no nascimento dela, por isso só posso tentar adivinhar dentro daquilo que é humanamente possível. Ora, se já estava completamente crescida quando a encontramos... estava em frente ao número oito, lembra-te? Depois de a termos trazido para casa, pensei que alguém a fosse procurar — uma gata tão boa não desaparece assim.

Alice acenou com a cabeça.

— Eu lembro-me.

Talvez *Ursula* também tivesse viajado a partir de um ponto no futuro onde os gatos vivem para sempre. Ou talvez houvesse uma nova *Ursula* todos os anos.

— Então, onde é a aula de preparação para os exames? — perguntou Alice.

— Na escola. No mesmo lugar da semana passada.

— Em Belvedere?

Leonard fechou o jornal, dobrando-o ao meio. Por que razão eram os jornais tão grandes, ao ponto de ser preciso segurá-los daquela maneira?

— Sim — ele inclinou a cabeça para o lado. — Estás bem? Isso é febre de aniversário?

A última página tinha o guia de TV e Leonard tinha feito um círculo nas coisas que queria ver, para não se esquecer. Havia uma maratona de Hitchcock e o novo episódio da *Early Edition*.

— Acho que sim — disse Alice.

A ideia de entrar na escola — no seu edifício, o edifício original — soava-lhe bem, como se pudesse entrar pela porta e esbarrar em Emily ou Melinda e pedir-lhes que a levassem diretamente ao hospital para uma avaliação psiquiátrica.

— Sabes que isso não importa, certo? As tuas notas nos exames?

Leonard tinha andado na Universidade do Michigan, que era na sua terra natal, e quase não tinha dado despesa aos pais — também tinha sido por essa razão que nem sequer tinha sido autorizado a candidatar-se a outro lugar. Alice conhecia a história, mas, em Belvedere, sempre existira pressão. E Alice sentia agora essa pressão — os pais que levavam os filhos ao gabinete dela sentiam a necessidade de lhe contar em que faculdade haviam andado, como se isso tivesse alguma influência na vida dos filhos, quer eles frequentassem Harvard ou uma universidade comunitária, quer

não frequentassem nenhuma. Ser pai e mãe parecia um trabalho verdadeiramente merdoso — quando têm idade e sabedoria suficientes para compreender os erros que cometeram, já não existe literalmente nenhuma hipótese de os filhos os ouvirem. Todos tinham de cometer os seus próprios erros. Alice tinha sido uma das alunas mais novas da turma dela — alguns dos miúdos eram um ano mais velhos. No primeiro ano, alguns dos seus amigos já sabiam para onde queriam ir — Sam queria ir para Harvard, e Tommy já se tinha candidatado a Princeton, para onde toda a família dele ia há pelo menos três gerações; no entanto, ele jurava que preferia morrer a ir para lá. Alice não tinha a certeza — não tinha a certeza na altura e, mesmo décadas mais tarde, sabia que poderia ter escolhido uma centena de coisas diferentes e ter uma centena de vidas diferentes. Por vezes, sentia que todas as pessoas que conhecia já se tinham tornado naquilo que iriam ser no futuro, e ela ainda continuava simplesmente à espera.

— Eu acho que sim — disse Alice. O seu estômago roncava, ainda estava esfomeada. A aula de preparação para os exames tinha sido uma enorme perda de tempo — agora lembrava-se disso. Ou parte dela lembrava-se. Alice sentia-se consciente dos seus pensamentos simultâneos, como quando se está a atravessar o país e as estações de rádio locais continuam a mover-se para trás e para a frente à medida que se entra e sai do alcance. A visão dela era clara, mas vinha de duas transmissões diferentes. Alice era ela mesma, apenas ela, mas era ao mesmo tempo ela mesma de antes e ela mesma de agora. Tinha quarenta e dezasseis anos. E era possível que, de repente, viesse a ver Tommy inclinado para trás na sua cadeira, a mastigar um lápis, e o seu estômago começou a borbulhar perante essa ideia. Não era o mesmo *cocktail* de emoções que tinha sentido quando Tommy trouxera o filho para Belvedere, uma mistura de ansiedade e vergonha. Aquela era uma emoção antiga — uma luxúria absolutamente ilusória.

— A tua intervenção no painel vai ser sobre o quê, na convenção de amanhã?

— Oh — disse Leonard. — É uma celebração de *Time Brothers*. Alguém vai estar a fazer-me perguntas. O Tony e o Barry também vêm. Toda a gente está muito entusiasmada por vê-los. — A boca dele era uma linha plana. Leonard nunca gostara dos atores, especialmente de Barry.

— Tenho a certeza de que o Tony terá algumas anedotas fascinantes do tempo em que gravava com o Tom Hanks.

Tony tinha tido um pequeno papel em *Forrest Gump*, na parte passada nos anos 1970, perdido no cenário como se nenhum responsável do *casting* soubesse onde o colocar. Alice pensou que essa seria, provavelmente, a razão pela qual ele tinha abandonado por completo a representação e passado o resto dos seus dias com cavalos, que só o conheciam agora e não os seus filmes, enquanto segurava uma maçã na palma da mão.

— Tens mesmo de ir? — perguntou Alice.

Ursula saltou de volta para a mesa e começou a beber o leite que ficara na tigela de Alice.

— Estão todos muito excitados para os ver. E isso vende bilhetes, vende livros, compra-nos os *Grape-Nuts*... por isso não há problema.

Leonard acenou com uma mão no ar, afastando a preocupação de Alice.

— Onde queres ir jantar?

— Ainda estamos a tomar o pequeno-almoço — disse Alice, fazendo festas a *Ursula*. — Deixa-me pensar sobre isso mais tarde.

O pai bebeu um gole de café. Os seus braços pareciam fortes. Se Alice estivesse a alucinar, então estava a fazer um trabalho realmente fantástico. Ouviu um barulho alto e pensou *oh, deve ser o meu despertador a tocar e vou acordar num segundo*, mas, não, era o telefone dela a tocar no quarto.

— Não vais atender? — perguntou Leonard. — Normalmente, quando o teu telefone toca, saís disparada como um meteorito. Um borrão humano.

— Tenho a certeza de que é a Sam. Eu ligo-lhe de volta daqui a um minuto.

Lá fora, em Pomander, os Headricks estavam em limpezas. Alice sempre gostara deles — eram daqueles vizinhos que lembravam os outros sobre limpezas na rua e os alertavam para tirarem os carros, ou do tipo que deixava a companhia do gás entrar, ou que ajudava a tirar folhas das caleiras. Os Headricks tinham todo o género de ferramentas, mesmo que a casa deles fosse tão pequena como a de todos os outros e igualmente carente de espaço de armazenamento. Kenneth Headrick estava a usar um chapéu e calças dos Mets e colocou uma mão no ar para dizer olá, quando viu Alice através da janela.

— Uau. Podemos chamar a isso maturidade, Al? — Leonard abanou a cabeça. — Parece-me que ter dezasseis anos é realmente diferente.

Sam ligou outra vez e disse que queria encontra-se com Alice em Pomander, para irem juntas para a escola. Dez minutos depois, Alice ligou a Sam e perguntou-lhe o que ela tinha vestido. Meia hora depois, Sam ligou e disse-lhe que ia chegar atrasada, e que Alice deveria ir sem ela. Aquilo era como mandar mensagens, mas com a voz. Há mais de dez anos que não era assim tão fácil apanhar Sam no telefone. Certa vez, de manhã, Sam não atendera, mas o atendedor automático, sim, com uma animação de som abafada que dizia “apanhem-me no *pager*”. Alice lembrava-se da mensagem: 911 para *urgências*, 143 para *Eu amo-te*. *187 para *Eu vou matar-te se não me ligares de imediato*. Alice queria continuar a fazer chamadas, só para ouvir Sam a atender de todas as vezes que lhe ligava.

Alice pediu a Leonard que a levasse a Belvedere à aula de preparação para os exames. Não precisava que o pai fizesse isso, obviamente — podia ir até lá de olhos fechados, o que até talvez estivesse a fazer, embora tudo lhe parecesse cada vez mais real. Alice tinha feito cocó, o que nunca fizera num sonho, tomado banho, e tinha comido três refeições numa rápida sucessão, duas delas diretamente em frente ao frigorífico aberto. A aula teria a duração de uma hora e ver uma Sam adolescente em pessoa seria irresistível; assim, por mais que temesse perder Leonard de vista, decidiu ir. Desde que Leonard a acompanhasse até lá.

Belvedere era perto — doze quarteirões e meio. Descia a Broadway até à Rua 85, depois à esquerda, e subia a colina, ou podia fazer-se ziguezague de acordo com os buracos no trânsito. Alice sempre se orgulhara do seu passo e da velocidade com que caminhava. Não havia nada como a sensação de satisfação ao entrar numa rua enquanto um carro passava a acelerar, o *ballet* diário de uma caminhada rápida. Atravessar fora da passadeira, o único desporto profissional de Alice! Leonard era lento, para um nova-iorquino, mas Alice não podia acreditar na rapidez com que se movia agora, praticamente a descer Pomander como Cary Grant com um guarda-chuva. A última vez que Alice vira o pai a andar na rua, tinha sido em junho. Tinham-se encontrado para jantar no *Jackson Hole*, o grandioso restaurante no final do quarteirão Belvedere, na Rua 85 com a Columbus, o que facilitou o encontro para Alice, porque se deu depois das aulas e antes de ela entrar no comboio e voltar para Brooklyn. Leonard adorava *Jackson Hole*, porque os hambúrgueres eram enormes, como discos de hóquei para gigantes, tal como os aros de cebola. Alice tinha chegado primeiro e sentara-se numa mesa perto da janela; vira o pai a lutar para atravessar a rua apressadamente, evitando por pouco o autocarro M11 do centro da cidade. Desde aí, só o vira andar em corredores de hospital e, a seguir, deixara de andar, de todo.

Leonard vestia um casaco de ganga, como tinha feito na maioria dos seus dias, desde o nascimento da filha.

— Não consigo acreditar que tens dezasseis anos, Al!

Tinha trazido uma lata de *Coca-Cola* para o caminho, que abriu com aquela gratificante libertação de bolhas de ar açucaradas. À saída, Alice tinha olhado para a casa da guarda, que parecia cheia de coisas, como sempre. O fim da noite anterior estava desfocado, exceto pelo vômito que tinha sido muito cor-de-rosa e nojento. De que mais é que ela tinha a certeza? Alice tentou juntar as peças, como se estivesse a resolver um problema complicado de matemática, mas ao contrário.

— Eu também não — disse Alice.

Depois de falar com Sam, encontrou a sugestão dela no chão do armário: um par de calças de marinheiro de lã pretas, com mil botões e um laço nas costas, e um top de seda que em tempos tinha servido como roupa interior, quando as pessoas usavam camadas extra sem razão e os *WonderBra*²⁰ não existiam.

— Quando dás passeios, para onde é que vais? — perguntou Alice.

Já era tão alta como o pai — Serena era centímetros mais alta do que ele, e Alice também ficaria um centímetro mais alta do que Leonard, mas isso ainda não tinha acontecido. A mãe não lhe telefonara para desejar um feliz aniversário, mas ainda era cedo na Costa Oeste, e quem é que poderia adivinhar o que a lua estava a fazer? Ou o resto dos planetas? Os planetas controlavam muitas das interações de Serena com o mundo.

O ar estava frio. As alterações climáticas tinham habituado Alice a *t-shirts* em outubro, mas agora ainda estava frio. O nevão já teria acontecido? Não conseguia lembrar-se, mas Alice podia recordar os nevões na sua mente, o grosso cobertor branco que tinha parado a cidade durante alguns dias.

— Caminho por todo o lado — disse Leonard. — Ando pela alta da cidade, ando pelo centro. Uma vez cheguei a andar por todo o lado mesmo, dei uma volta à ilha de Manhattan. Sabias disso? Porquê a pergunta?

Alice encolheu os ombros.

— Só por curiosidade, acho eu.

Estava a pensar em Simon Rush e no resto dos amigos de Leonard — todos idiotas eruditos, mesmo os que eram ricos e famosos. Ela tinha tão poucas recordações do pai durante o dia, fora de Pomander Walk. Os Sterns nunca tinham feito caminhadas, nunca tinham acampado, não gostavam de praia ou de parques nacionais ou do que quer que fosse que as famílias normais gostassem. Tudo o que eles tinham feito era aquilo — conversar. Estar na vizinhança, no seu pequeno reino. Isso era o que Alice queria guardar, para absorver o máximo que pudesse. Qual seria a sensação de

estarem os dois em sintonia no andar, de ambos se apressarem perante um táxi que se aproximava? Qual seria a sensação de ter o pai ao seu lado, de o ouvir a resmungar e a cantarolar, ouvi-lo a fazer ruídos para além de falar? Qual seria a sensação de olhar para ele sem sentir que era a última vez?

Leonard colocou-lhe uma mão no ombro.

— Isso é muito bonito da tua parte.

Alice ainda não lhe tinha tocado — quis abraçá-lo quando entrou na cozinha pela primeira vez, mas aquela não era uma família de abraços, e Alice tinha a certeza de que cheirava, na melhor das hipóteses, a terra, e, no pior dos cenários, a terra e a álcool; por isso, tinha fugido o mais rapidamente possível de volta para o quarto, com demasiado medo de que um deles se desvanecesse no ar ou se transformasse num monte de pó. Alice colocou a mão dela em cima da do pai. Não se lembrava de ele alguma vez ter sido mais novo do que aquilo.

— Com que idade achas que atingi o meu melhor? — Alice pegou na mão dele e olhou fixamente para o chão. — Tipo... se tivesses de me manter numa certa idade para sempre, qual é que escolherias?

Leonard riu-se.

— Muito bem, vamos pensar. Tu eras um bebé terrível. Gritavas a toda a hora. A tua mãe e eu costumávamos ficar preocupados, a achar que os vizinhos iam chamar a polícia. Para compensar, depois disso, eras muito gira — por isso, talvez entre três e cinco. Esses foram bons anos. Mas não... eu escolho agora. Posso dizer as asneiras que quiser e tu já não precisas de *babysitter*. E, mais, és uma boa companhia.

A cada quarteirão que passava havia algo que Alice tinha amado e esquecido: os vestidos de festa elásticos na *Fowad* e na *Mandee*, o pão de *challah* brilhante e iluminado na *Hot & Crusty*, a loja boémia de moda feminina *Liberty House*, onde Alice gastara a sua mesada em *tops* indianos estampados e brincos. *Tasti D Lite*²¹, o verdadeiro amor de Alice. Ainda existiam *Tasti D Lite*? Certa vez, nos seus vinte e poucos anos, Alice tinha visto Lou Reed e Laurie Anderson na *Tasti D Lite*, ambos com copos pequenos, sem *toppings*. Começou a falar disso ao pai, mas parou. A única música de Lou Reed que ela realmente conhecia era uma da banda sonora do filme *Trainspotting*, e ainda não tinha a certeza se a música em causa já teria saído. Sem *Internet*, como é que poderia sequer verificar? A voz do *Mr. Moviefone* soou-lhe nos ouvidos, uma memória robótica na qual não pensava havia uma década, e Alice riu-se. Estava noutro século. Na altura

em que mudara, não tinha sentido isso, mas estava. A cidade de Nova Iorque fazia aquilo vezes sem conta, claro, uma cobra a desfazer-se da sua pele em pedaços, tão lentamente que, quando a pele era nova, ninguém reparava.

— Obrigada — disse Alice.

Talvez tenha sido por isso. Talvez ele tivesse razão, e aquilo fosse a melhor versão dela, e mesmo que esta versão do pai mal a tivesse visto a formar-se na escola de artes, e a namorar com idiota atrás de idiota, e a nunca fazer arte realmente, e ainda a trabalhar na Belvedere, ele sabia que aquele seria o seu auge.

Leonard agarrou o cotovelo de Alice e puxou-a de volta para o passeio. Um carro cinzento passou demasiado perto, virando a esquina de forma rápida e apertada.

— Não enquanto eu estiver aqui — disse ele.

Caminharam até ao *French Roast*, o café que permanecia aberto vinte e quatro horas por dia, e depois viraram à esquerda, em direção ao parque.

²⁰ Modelo de sutiã *push-up* que se tornou um fenómeno mundial nos anos 1990.

²¹ Cadeia de *fast-food* americana de sobremesas geladas de baunilha.

Estavam pessoas de pé, à porta da Belvedere. Alice estava habituada ao percurso, e ao quarteirão que mal tinha mudado, com exceção para o cabeleireiro que se tinha tornado num salão de tosquia para cães e para a loja de molduras que se tinha tornado num estúdio de pilates; só se sentiu verdadeiramente ansiosa quando ela e o pai estavam suficientemente próximos para reconhecerem os rostos das pessoas reunidas no passeio. Alice congelou. Tinha considerado ver Sam, que ainda seria apenas Sam Wood, sem o hífen com o nome de casada, mas Alice não pensara em todos os outros. A sua vida estava tão cheia de Belvedere que não tinha refletido sobre todas as pessoas que tinham desaparecido dela. Leonard atirou o seu cigarro para o passeio e pisou o filtro.

— O que é que se passa? — perguntou, embora Leonard nunca tivesse precisado de uma razão para evitar pessoas.

Ali estava Garth Ellis, que jogava futebol e tinha o rabo mais bonito e arredondado de todos. Alice tinha-o beijado uma vez, no seu décimo-ano, e depois fingido que isso nunca acontecera. Ali estava Jessica Yanker, que enrolava a franja num tubo perfeito todas as manhãs — Alice e Sam costumavam fazer-lhe partidas pelo telefone, fingindo serem representantes de uma empresa de laca, mas depois o *69²² apareceu e já não podiam correr esse risco. Ali estava Jordan Epstein-Roth, cuja língua estava sempre um pouco pendurada para fora da boca. Ali estava Rachel Hymowitz, cujo nome soava demasiado a “hímen” para que ela escapasse ilesa. Todos lindos e agrupados e ligeiramente mal cozinhados, como se tivessem sido retirados do forno um pouco cedo de mais — até os miúdos para quem ela nunca tinha olhado de muito perto, como Kenji Morris que estava a fazer as aulas de preparação para os exames um ano antes, como se fosse o Doogie Howser²³ ou algo do género. Os braços e as pernas de alguns deles pareciam demasiado compridos, e alguns narizes demasiado adultos. Eram pessoas em quem Alice não pensava havia vinte anos, e em quem não havia pensado muito, mesmo nessa altura.

Encolheu-se um pouco, ao imaginar o que aqueles colegas esquecidos iriam pensar dela agora, ainda em Belvedere aos quarenta anos, ainda sozinha, ainda estranha. Alice olhou para o edifício e para a janela do seu escritório. Leonard encostou-se a um carro estacionado e acendeu outro cigarro.

— Bom, isto é só o liceu... — disse Alice.

Não era o *Time Brothers*, o que quer que lhe estivesse a acontecer, e não era o *Back to the Future*²⁴. Era *Peggy Sue Got Married*²⁵. Alice tentou lembrar-se do enredo. Ela teria desmaiado? Não, essa parte tinha sido um sonho, não tinha? Kathleen Turner tinha acordado no hospital ainda casada com Nicolas Cage.

A porta da frente abriu-se e Alice observou a sua chefe, Melinda, a prender o pequeno gancho de metal ao lado do edifício para que a porta ficasse aberta. Alice prendeu a respiração, tal como aconteceu quando viu o pai na mesa da cozinha. Ela conhecia Melinda havia tanto tempo que não tinha pensado em como ela mudara — parecia a mesma, usava a mesma roupa — mas não: Melinda, tal como o seu pai, era *jovem*. E Alice era demasiado nova para ter percebido isso.

Os outros miúdos começaram a entrar. Alice foi ter com o pai e inclinou-se ao seu lado.

— Se tu pudesses voltar atrás no tempo, o que farias? — perguntou Alice.
— De volta ao liceu, quero eu dizer. Ou à faculdade.

— Oh, não, obrigada! Não mudava grande coisa, ou não te teria. E, na verdade, se não o vais conseguir mudar, é melhor que não o vejas, confia em mim.

Leonard deu uma cotovelada suave a Alice.

— Hum-hum — respondeu ela.

Alice tinha de voltar ao *Matryoshka*. Provavelmente não abriam antes das cinco, pelo menos. Não conseguia pensar em nada que pudesse arruinar, em nada que pudesse perder, mas também não queria voltar a viver toda a sua vida a partir dos dezasseis anos. Tinha de descobrir como acabara ali, e como é que poderia sair.

— Feliz aniversário, Al — disse alguém atrás dela. Alice virou-se.

Tommy tinha as mãos nos bolsos. Usava uma *t-shirt* e tinha um colar castanho liso amarrado ao pescoço, uma gargantilha feita em casa. A maioria dos rapazes de Belvedere já tinha abandonado aquele estilo Jordan Catalano²⁶, mas não Tommy. Tinha o cabelo comprido e prendia-o atrás das

orelhas. Andava no décimo-segundo, e estava a tentar ter melhores resultados nos exames, apesar de eles já serem quase perfeitos. Os pais em Belvedere ainda eram assim: estavam mais dispostos a investir tempo e dinheiro no *quase* do que no *perfeito*. Tommy tinha melhor ar do que ela se lembrava, e o que Alice lembrava já era um paraíso. Sentiu o estômago às voltas de uma forma que não sentira quando o tinha visto em adulto. Era como se houvesse duas dela, a adolescente Alice e a adulta Alice, a partilhar o mesmo pequeno espaço de ser humano.

— Obrigada — disse Alice.

Tommy não lhe tocava em frente a Leonard.

— Olá, Tommy — afirmou Leonard.

Ele acenou com a cabeça.

— Olá, Leonard — disse Tommy. — Li aquele livro de que me falou, aquele com os monstros. Cthulhu²⁷.

— E? O que achaste?

Leonard deixou cair o cigarro e esmagou-o sob o calcanhar. Desencostou-se do carro e avançou alguns passos em direção a Tommy, de maneira que todos ficassem de pé num pequeno círculo.

— Oh, foi brutal! — exclamou Tommy. — Tão brutal.

Alice riu-se. Estar à mercê da gíria adolescente era humilhante, mas ver Tommy naquele estado tornava tudo mais fácil.

Tommy virou-se e começou a subir as escadas.

— Até logo, Alice — disse ele. — Vemo-nos à noite?

Era a noite da festa dela. Alice tinha-se esquecido. A foto de Sam, das duas claramente bêbedas na sua própria imortalidade. Isso era esta noite.

²² É o código numérico utilizado nos EUA para *call return* — este código permite a ligação, imediata, para o número que anteriormente tenha ligado ou que não tenha sido atendido.

²³ Série de televisão americana de comédia que passou entre 1989 e 1993 e que se centrava em Doogie de 14 anos, que sobrevivera duas vezes a uma leucemia, tornando-se depois no médico mais novo a exercer.

²⁴ Filme *Regresso ao Futuro*, de 1985.

²⁵ Filme *Peggie Sue Casou-se*, de 1986, onde Peggie Sue, uma dona de casa à beira do divórcio viaja no tempo para o seu último ano do liceu.

²⁶ Personagem da série juvenil *Que Vida Esta!*, que passou na televisão entre 1994 e 1995, tendo sido cancelada por audiências baixas, ganhando posteriormente o estatuto de série de culto.

²⁷ *O Despertar de Cthulhu*, de H. P. Lovecraft, publicado em Portugal por Saída de Emergência.

Eram dez para as dez quando um táxi parou em frente à escola e Sam saiu do banco de trás, seguida da mãe. A mãe de Sam, Lorraine, era professora no departamento de Estudos Africanos em Barnard e usava sempre brincos de pérolas e lenços de pescoço bem atados, por baixo do seu cabelo bem cortado.

— Parabéns, parabéns — Sam estava a cantar, e antes que Alice pudesse responder, enrolou os braços à volta do pescoço de Alice, apertando-o. Saltava, como se fossem crianças. O que Alice sabia que, de facto, elas eram, mas certamente não se apercebera disso naquela altura. Sam estava a usar um polo gigante e calças de ganga largas, o seu pequeno corpo a nadar dentro das roupas, e um colar de búzios apertado contra a pele. Alice beijou-lhe uma bochecha e depois a outra, como faziam sempre, sem saberem porquê. Eram tantos os costumes, tantos códigos, tantos hábitos. Os esqueletos das adolescentes faziam-se metade de ossos e metade de segredos, que só as outras adolescentes conheciam. Sam fumava erva de uma tigela de vidro que escondia num livro falso na sua estante, um livro que fazia parte de um *kit* de magia que os pais lhe tinham comprado pelo décimo aniversário.

— Olá, Leonard, Alice... — Lorraine fez um gesto em direção à porta. — Pode certificar-se de que ela entra? Estou atrasada para uma reunião no centro da cidade.

— Claro.

Leonard acenou com a cabeça e atirou o cigarro. Lorraine era vegetariana e fazia yoga, uma mulher séria, mas mesmo ela não era imune aos *Time Brothers*, e gostava muito de Leonard. O suficiente para deixar Sam dormir lá em casa as vezes que quisesse, apesar de saber que ele nunca tinha dado um vegetal à filha.

Lorraine entrou de volta para o táxi e acenou enquanto o carro se afastava. Sam saltou para cima e para baixo, dançando.

— Vou deixá-las, jovens estudiosas — disse Leonard. — Voltem para casa depois, está bem, Al?

— Claro, pai — disse Alice. — Eu volto logo para casa.

— Lenny! Vá lá! É o aniversário da nossa menina! Finalmente! Sinto-me como se tivesse dezasseis anos, tipo, desde sempre.

Sam tinha feito dezasseis anos havia cinco meses, o que coincidira com o fim do ano letivo anterior, antes de um verão inteiro, pelo que sentia que isso tinha acontecido há uma eternidade. Leonard acenou com a cabeça e começou a andar. Alice ficou no passeio, sem querer que o pai se fosse embora, tal como na pré-escola, quando chorou e se agarrou às pernas dele até que o professor a afastasse, agarrando-a com força.

— Vamos — disse Sam.

Entrelaçaram os braços e entraram na escola.

Se Alice tivesse de adivinhar o quanto Belvedere tinha sido renovada desde que andara no secundário, teria dito que pouco — talvez de vez em quando um andar tivesse sido refeito, ou algumas cadeiras das salas de aula substituídas, mas, de um modo geral, o local estava exatamente como sempre tinha estado. No entanto, ao entrar pelas portas da frente, Alice pôde ver, imediatamente, que estava errada. O átrio da escola estava pintado com uma cor de pêssago muito pálida, e havia um tapete estampado a condizer, sem dúvida uma reserva dos anos 1980. O escritório da rececionista era diferente, com tijolos quadrados de vidro. E Alice tentou fazer uma pausa para reter tudo, mas Sam pegou-lhe na mão e puxou-a.

— Vamos embora — disse ela. — Tenho de ir fazer chichi antes da aula começar.

Sam levou-as pelo corredor até à casa de banho, mesmo antes das portas oscilantes que davam para o ginásio, onde Alice já podia ver a aula de preparação para os exames já montada. Havia várias filas de cadeiras e um grande quadro a giz, que tinha sido transportado para o meio-campo.

— Achas que isto é para reforçar a ideia de que os testes padronizados são um jogo para nós vencermos, ou será que eles simplesmente não queriam que subíssemos e ficássemos, tipo, doidos e desatássemos a correr na escola a um sábado? — perguntou Sam.

Abriu a porta da casa de banho e Alice seguiu-a até lá.

Era a maior casa de banho da escola, com três divisões e um chuveiro — as equipas visitantes usavam-na como balneário. Sarah T. e Sara N., duas raparigas do décimo-primeiro que eram melhores amigas, estavam em

frente ao espelho, a aplicar novamente o batom; alguém ocupava um dos cubículos.

— Olá, Sarah — cumprimentou Alice.

Sarah estava bonita, com as suas sardas por todo o lado e o cabelo encaracolado o suficiente para que saltasse por trás das orelhas. Sempre tivera tampões extra na mala e tinha morrido de leucemia ainda antes de fazer trinta anos. Ela e Alice não tinham sido amigas a não ser daquela forma que todos eram quando tinham trabalhos de casa de biologia sobre os quais falar. Ela tinha sido a segunda pessoa da turma de Alice a morrer, depois de Melody Johnson, que morrera num acidente de esqui durante as férias de primavera do último ano. Meu Deus, Melody também estaria a andar por ali. Alice perguntou-se se podia avisá-la, dizer-lhe que tinha uma premonição, contar-lhe sobre Sonny Bono, dizer-lhe para insistir que a sua família fosse à praia em vez de ir à neve. Mas não havia nada que Alice pudesse dizer a Sarah, que estava a sorrir para ela na casa de banho.

— Olá, Al. Quão doida é esta merda? Estou tão cansada de falar sobre a faculdade e ainda nem sequer nos inscrevemos. Ontem, a minha mãe fez um discurso de dez minutos sobre como as faculdades só para mulheres não são só para lésbicas, mas adivinhem? São só lésbicas!

Sarah também era lésbica, como, sem dúvida, a sua mãe adivinhara, assim como meia dúzia de outras raparigas da turma, mas ninguém se iria assumir até à faculdade ou anos depois.

— Então, a que horas é a tua festa hoje à noite? — perguntou Sara.

— Hoje à noite?

Alice olhou para Sam.

— Devemos acabar o jantar por volta das oito e meia — explicou Sam. — O que é que dizemos às pessoas, para lá irem ter por volta das nove? Parece-me bem.

Sarah e Sara enfiaram os batons de volta nas malas.

— *Cool*. Até logo.

OuvIU-se uma descarga na divisão ocupada. Alice empurrou Sam para o chuveiro e fechou a cortina.

— Vais fazer chichi aqui? — sussurrou Sam.

Alice abanou a cabeça. Não sabia como explicar, ou por onde começar.

De repente, uma mão abriu a cortina para o lado.

— Vi logo que eram vocês.

Phoebe Oldham-O'Neill estava a usar calças tão largas que parecia que nem tinha pés. Alice era a mais alta das amigas, mas o mesmo acontecia com ela; as suas calças eram tão compridas que se arrastavam pelo chão, criando um rasto de sujidade ao longo da bainha. Phoebe beijou as duas nas bochechas, o casaco de *nylon* de um tamanho exagerado, que fazia barulho de cada vez que ela mexia os braços. O hálito da Phoebe cheirava a *Newports* e cada centímetro do seu corpo cheirava como no primeiro andar da Macy's, como se uma garrafa inteira de CK One estivesse a ser borrifada para fora dos seus poros. Alice pensou em quantos dos seus amigos fumavam, no quanto todos se sentiam e pareciam adultos. Percebeu que os cigarros tinham sido sinais gigantescos de *néon* a piscar, para eles mesmos e uns para os outros. Não podiam confiar em alguém que fumasse *Marlboro Lights*, a *Coca-Cola Diet* no que tocava a tabaco — tinham sido feitos para raparigas com batom pálido e sobrancelhas mal alinhadas, raparigas que talvez também jogassem voleibol e que faziam sexo com os namorados nas suas camas, ainda cheias de animais de peluche. As raparigas que fumavam *Parliaments* eram neutras — já que isso era o mais próximo que se podia estar do ato de não fumar, mas, mesmo assim, encostavam o polegar ao filtro e tentavam, uma espécie de O negativo do tabaco. As raparigas que preferiam *Marlboro Reds* eram selvagens — era um tipo de tabaco feito para raparigas que não tinham medo e, na escola inteira, havia apenas uma a fumá-lo, uma rapariga pequena com o cabelo castanho e ondulado, até à cintura, cujos pais tinham estado num culto, do qual escaparam. As raparigas do tabaco *Newport* eram igualmente rudes, mas ouviam hip-hop, e, tal como Phoebe, usavam batom e verniz para as unhas tipo sangue de vampiro, grandes e roxas. As raparigas de *Newport Lights* eram iguais, só que virgens. E as que fumavam *American Spirits* eram superiores a todas as outras — adultas, com chaves de casa dos namorados. Alice riu-se dos quartos secretos do seu cérebro, onde aquela informação vivia e onde estivera adormecida. Ela fumava *Newport Lights* e, sim, ainda era virgem.

Sam olhou para Phoebe.

— Conseguieste?

Ela pestanejou.

— Consegui. O meu irmão estava a ser super-ridículo, mas finalmente cedeu.

O irmão mais velho de Phoebe, Will, era caloiro na NYU e a principal fonte de drogas, sem ser apenas erva.

— O que é que tu conseguiste? — perguntou Alice, embora soubesse a resposta. Sentiu que devia tapar os ouvidos, como se fosse uma professora que acabara de apanhar aquelas raparigas, e se quisesse, expulsá-las-ia a todas da escola. Elas não deviam falar sobre aquilo à frente de Alice — por vezes, na vida real, caminhava até à esquina e via alguns dos alunos do secundário a fumar um charro; Alice mudava de direção.

— Surpresa de aniversário — disse Sam, atirando um beijo ao ar. — Obrigada, Pheeb. Encontramo-nos lá fora, está bem?

Phoebe acenou com a cabeça, tão séria como um fuzileiro. Alice sabia que ela viria a ser expulsa na primavera, e que iria desaparecer por uma década, antes de reaparecer nas Catskills como uma ceramista que carregava os seus cristais ao luar.

Quando a porta se fechou, Alice respirou fundo.

— O que é que se passa? Falaste com o Tommy? Ele vem hoje à noite, certo? — perguntou Sam.

Saíram ambas da divisão do duche e seguiram até aos lavatórios. Alice abanou a cabeça lentamente.

— Não acredito que temos de fazer esta aula estúpida, é tão irritante. E no teu aniversário!

— Posso dizer-te uma coisa que é muito estranha e que vai soar como se eu estivesse a inventar? — perguntou Alice.

Sam encolheu os ombros.

— Óbvio.

Alice observou as duas ao espelho. Mesmo com a luz fluorescente implacável da casa de banho, ela e Sam pareciam gloriosas.

— Eu vim do futuro — Alice olhou para Sam enquanto o dizia.

— Claro, está bem.

Sam acenou com a cabeça, à espera do resto. Certa vez, enquanto partilhavam um *pack* de Zima²⁸, Alice dissera a Sam que sentia que a sua cabeça não estava realmente ligada ao corpo, como se fossem organismos totalmente diferentes, que por acaso eram companheiros de quarto. Outra vez, numa visita de estudo a Rye Playland, Sam tinha dito a Alice que, por vezes, tinha sonhos sobre uma irmã gémea que a comia quando eram crianças pequenas. Era importante ter amigos que pudessem ouvir-nos dizer o que precisávamos sem que desatassem a rir.

— Não venho de um futuro muito, muito distante. Não são, tipo... duzentos anos. Mas ontem, quando fui dormir, fazia quarenta anos, e depois

acordei em Pomander Walk, com este aspeto.

Alice levou o polegar à boca e continuou:

— Tu sabes, como a Peggy Sue?

Sam encostou-se à parede, o que fez a máquina automática de secar as mãos começar a trabalhar.

— Merda! — disse ela, e reposicionou-se de costas para a pia.

— Eu sei que parece uma loucura, e é uma loucura, mas foi isso que aconteceu! Por isso, eu... eu sou eu, mas sou outro eu, *este* eu. — Alice tapou a cara com as mãos. — Eu sei, não faz sentido nenhum.

Sam cruzou os braços.

— Tu drogaste-te, Alice Stern, e não me disseste?

Alice sacudiu a cabeça.

— Não, Sam! Eu sei o que parece, mas foi mesmo isso que aconteceu. Quer dizer, eu acho que foi isso! Quero dizer, eu não sei... Eu pensei que estava a dormir, mas já passou algum tempo e já acho que não estou. Porque, enfim... estou aqui. Não é verdade? Tipo, tu és real, certo? E por isso tenho de descobrir o que raio é que se está a passar. E tenho de descobrir como voltar à minha vida normal, se é que isso existe. Já vi episódios suficientes da série *Time Brothers* para saber que essa merda não é suposto durar.

— Ou como no filme *Back to the Future*. Podias apagar-te a ti mesma.

Sam estava a acenar com a cabeça. Colocou um dedo sobre os lábios e bateu ao de leve, a pensar.

— Bem, eu acho que isso aconteceu porque o Michael J. Fox estava a destruir a relação dos pais, o que fez com que ele e os irmãos potencialmente não existissem, o que não é a mesma coisa, mas, sim, eu entendo o teu ponto de vista.

Sam cruzou os braços.

— Alice, estás a gozar comigo? Estamos no *Candid Camera*? Porque, honestamente, isto está a assustar-me.

Alice pensou sobre isso.

— Eu percebo.

Quando os *Time Brothers* circulavam por aí, nunca contavam às pessoas. Apareciam no carro com que viajavam no tempo e ajudavam donas de casa dos anos 1950, ou princesas medievais, ou mulheres do espaço que viviam numa colónia lunar. Nunca voltaram duas décadas e meia para trás para

olhar para os seus próprios amigos e família e dizer: *Olá, adivinhem o que podemos fazer?* Soava absurdo.

Sam abanou a cabeça.

— Mas ouve, se é isso que estamos a fazer hoje, então está bem. Não posso dizer que acredite totalmente no que estás a dizer, mas quero ser solidária, especialmente porque parece que tu também não acreditas realmente, não é? É uma avaliação justa da situação?

Alice queria rebentar em lágrimas.

— Sim.

— Meu Deus, e tu ainda vieste à aula de preparação para os exames? — Sam revirou os olhos. — Se eu achasse que tinha viajado no tempo, faltava a estas aulas! Até faltava aos exames verdadeiros! Tens filhos? És casada? Eu sou casada? Oh, meu Deus, deixa não quero saber. Ou quero saber?

Sam pousou as mãos sobre o estômago.

— Como é que eu sou? Sou feliz? Somos amigas, não somos? Ainda?

Aproximou-se rapidamente de Alice e abraçou-a com força.

— Eu não acredito em ti, mas pergunto só por precaução.

— Sim, Sam — disse Alice. — Foi por isso que te contei. E, sim, és casada e tens filhos. E és feliz e nós somos amigas. Mas nada de pormenores, está bem? Não quero fazer contigo, ou com a tua linda família, o mesmo que o Michael J. Fox fez. Podes ajudar-me?

Alice sentiu-se destroçada.

— Eu... sabes, já não tenho dezasseis anos há algum tempo e não me lembro muito bem de como é que isto se faz, preciso da tua ajuda.

Sam cheirava a ela mesma, a Love's Baby Soft e a manteiga de cacau e a champô Herbal Essences. Segurou nas duas mãos de Alice.

— Prometo tentar ajudar. Mesmo que isso signifique ajudar-te a falar com alguém. Tu sabes, um médico.

²⁸ Bebida alcoólica, levemente gaseificada, criada em 1993. Surgiu como uma alternativa à cerveja, por conter doses mais reduzidas de álcool. A sua produção terminou em 2008.

Já estavam todos sentados nos seus lugares quando Sam e Alice entraram no ginásio, e, por esse motivo, todos se viraram para olhar para elas quando a porta se abriu. Havia algumas cadeiras vazias na última fila, e Alice e Sam foram rapidamente sentar-se nelas. Jane, que tinha sido conselheira universitária em Belvedere quando Alice era estudante, ficou à frente a segurar aquilo que parecia ser um monte com quinhentos pedaços de papel soltos, que estava prestes a distribuir entre os alunos aborrecidos, ansiosos ou ambos. Não gostavam muito dela em Belvedere por diversas razões, mas, principalmente, porque dizia com frequência aos estudantes que as faculdades de sonho estavam fora do alcance deles, e porque passava a maior parte das sessões de aconselhamento a fazer perguntas sobre a vida financeira dos pais. Em retrospectiva, Alice percebia. Jane era pragmática e compreendia como a máquina funcionava.

— Não tenho memória disto — sussurrou Alice a Sam. — Mal me lembro de ter feito os exames, mas, com toda a certeza, disto não tenho memória.

Jane entregou a pilha gigante de papéis à rapariga sentada no canto da frente — Jessica Yanker, com a franja em forma aos caracóis — que pegou em algumas páginas e entregou o resto à pessoa sentada ao seu lado. Tommy estava na fila à frente de Alice, tão inclinado para trás na sua cadeira que parecia que as suas roupas iriam derreter-se no chão. De repente, Alice sentiu que não conseguia respirar.

— Vou buscar água, guarda-me um papel daqueles que estão a passar, está bem?

Sam anuiu, e Alice levantou-se e correu para fora da porta do ginásio.

Havia uma fonte de água no segundo piso, ao fundo do corredor onde Alice pensava ser o seu escritório, embora naquele momento obviamente não fosse de todo o seu escritório. Estar no edifício da escola ao sábado sempre a fizera sentir-se como uma transgressora, mesmo em adulta. Ao contrário do primeiro piso, o segundo parecia exatamente igual a quando o vira pela última vez. O chão de madeira era precisamente o mesmo, assim como os caixilhos das portas ornamentadas, a única parte do edifício que ainda se assemelhava às pedras castanhas que outrora tinham marcado o

local. Alguém conversava e ria-se num dos gabinetes. E Alice conseguiria reconhecer aquele riso em qualquer lugar; era Melinda — parecia um carvalho feliz, cheio, largo e sarapintado pelo sol. Alice percorreu o corredor e, do nada, tropeçou num banco, que estava fora do lugar.

— Merda — praguejou, agarrada à canela. — Merda, merda, merda!

No fim do corredor, a cabeça de Melinda espreitou de fora da porta.

— Está tudo bem?

Alice arranjou-se e colocou o cabelo atrás das orelhas.

— Olá, sim — respondeu. — Tudo bem. Tropecei numa coisa.

— Precisas de um penso rápido? Um saco de gelo?

Melinda tinha um bom marido, filhos adultos que não se assemelhavam a assassinos com machados, e netos adoráveis que lhe faziam esculturas de cerâmica. Em 1996 ainda não tinha netos, mas os seus filhos já seriam mais velhos do que Alice, talvez até já tivessem terminado a faculdade, não tinha a certeza. Tanto tempo para se ser adulto, depois de se ter atravessado a infância e a adolescência à pressa. Deveria haver uma série de distinções: a idiotice dos vinte e poucos anos, quando, do nada, se esperava que alguém soubesse fazer coisas adultas; o pânico dos meados e finais dos vinte, quando os casamentos aconteciam tão rapidamente como um jogo da apanhada; o período em que se era uma espécie de mãe numa comédia, quando finalmente se tinha comida suficiente no congelador para sobreviver durante um mês, se necessário; o período de diretora de escola, quando já não se era visto como uma mulher, mas apenas como uma vaga figura de autoridade. Se tivéssemos sorte, havia ainda o período da Sra. Robinson, ou o período Meryl Streep, onde nos tornávamos uma mulher sensual e poderosa, seguido, claro, por aproximadamente duas décadas de velhice, como aquela mulher no final de *Titanic*. Alice nunca tinha pensado em como Melinda poderia querer estar perto dela, e de todos os estudantes, em parte porque era bom estar rodeada de jovens. Ela também o sentira em Belvedere. Não era justo chamar-lhe uma fonte de juventude — não havia nada que nos conseguisse fazer sentir tão velhos como uma resposta cruel de um adolescente — mas, mesmo assim, estar perto de jovens mantinha o coração saudável e a mente aberta.

— Não, eu estou bem — disse Alice.

Alice aproximou-se, incapaz de se manter afastada do escritório que pensava ser seu, mas que, naquele momento, pertencia somente a Melinda.

— Estás à procura de alguma coisa? — perguntou Melinda. Sentou-se novamente na sua gigante cadeira de escritório almofadada, em frente a um computador de secretária do tamanho de um Fiat.

— Isso tem *e-mail*? — perguntou Alice.

O computador parecia-lhe pré-histórico. Não sabia como explicar a Melinda como se sentia, a não ser que tinha sido atraída até àquela porta por uma memória muscular aperfeiçoada ao longo de anos, que, na verdade, ainda não tinham passado.

— Referes-te à AOL?

Melinda olhou à volta da sua secretária e levantou um CD.

— Ainda não o instalei. Tenho-o em casa. Precisas de usar?

Alice fechou os olhos e tentou imaginar a sua vida sem um número esmagador de *e-mails* não lidos na caixa de entrada.

— Não, obrigada — disse ela.

Alice não se lembrava de vir àquele escritório como estudante, e não havia realmente nenhuma razão para fabricar um motivo que justificasse ali estar, mas também sabia que Melinda não se iria importar se não conseguisse dar-lhe um. Era muitas vezes impossível conseguir que crianças de qualquer idade falassem diretamente sobre determinada coisa e, assim, todos os administradores escolares estavam habituados a uma espécie de dança por detrás da conversa.

— Estava a pensar... a Melinda está aqui para se certificar de que as crianças, que *nós*, não destruímos tudo?

— Algo parecido com isso, sim. Mas eu gosto de cá vir aos sábados. As escolas são animais barulhentos e, por vezes, é bom ter a verdadeira noção do que é este lugar.

Melinda usava um colar que Alice reconheceu, um fio grosso com uma fruta de madeira pendurada. Havia uma pilha de papéis na longa secretária, e era bom ver a caligrafia familiar de Melinda — forte, inclinada generosamente para a direita — nos *post-its* colados no monitor do computador. Melinda apontou para o sofá do escritório, usado por muitos estudantes como um posto de enfermaria mais conversador, um lugar para descansar. Alice encolheu-se, passando pelo espaço onde normalmente se sentava, e onde Emily se sentava, diretamente para o sofá, onde se sentou com cuidado.

Melinda cruzou os tornozelos e deixou que os joelhos se abrissem para os lados, criando uma tenda de bombazina cinzenta. Alice esfregou as mãos e

pensou em como poderia colocar por palavras todo o medo que sentia de estar à beira de um esgotamento, o medo por ter viajado no tempo e o medo de que pudesse ter de viver toda a sua vida novamente, a partir daquele instante.

— Acho que... lá em baixo — começou. — Acho que não sei qual é o meu plano, sabe? O meu caminho de vida?

A luz na sala era-lhe tão familiar, as riscas do sol que cortavam o ar e aterravam nos ecrãs dos computadores, tornando-os impossíveis de ler. O que Alice queria perguntar era: *Será uma loucura se eu tentar refazer toda a minha vida de forma diferente, e a do meu pai também? É possível melhorar as coisas, a partir de agora?*

Melinda acenou com a cabeça.

— Tu és uma artista, não és?

Alice não quis revirar os olhos, mas não conseguiu evitar.

— Não sei... talvez?

— Em que tipo de arte é que estás interessada?

Melinda entrelaçou os dedos. Tinha o mesmo olhar que usava quando falava com crianças de cinco anos — aberta, paciente e bondosa. Alice já tinha visto aquilo acontecer antes, Melinda a falar com uma adolescente angustiada. Eventualmente, iria mandar a criança de volta para a aula, mas, primeiro, ia ouvi-la.

— Já nem sei. Eu costumava gostar de pintar. Acho que ainda gosto.

Alice franziu o sobrolho. Não podia perguntar o que realmente queria, que era o que raio estava a acontecer-lhe e porquê. Qualquer pessoa que já tivesse lido um livro ou visto um filme sobre viagens no tempo sabia que isso nunca era útil. Por vezes, acontecia para se apaixonar por alguém nascido num século diferente e, noutras, para fazer os trabalhos de casa de História. Alice não fazia ideia do motivo por que tinha acordado em Pomander, ou o que era suposto fazer agora.

— Acho que a minha verdadeira pergunta é: como é que se sabe quais as escolhas que importam e quais as que são apenas parvas?

— Infelizmente, isso pode ser difícil. Mas uma decisão do género *para que faculdade devo ir?*, e *o que estudar?*... isso são decisões que importam até certo ponto, mas não são tatuagens na cara! Podes sempre mudar de ideias. Pedir transferência para outra faculdade. Começar de novo. Eu também estudei arte — contou-lhe, algo que Alice desconhecia.

O cabelo de Melinda era grosso e escuro, e estava preso numa trança francesa. Ela e Leonard tinham, mais ou menos, a mesma idade mas Melinda sempre lhe parecera ser muito mais velha, no entanto, muito mais suave do que o pai.

— Eu estudei pintura e desenho. E depois de me licenciar, mudei-me para Nova Iorque e trabalhei em algumas galerias, mas depois precisei de um emprego que me desse um seguro de saúde e foi aí que comecei a trabalhar aqui. E isso fez-me mais feliz do que qualquer outra coisa, e ainda posso fazer arte, arte com crianças. E não tive de pagar as minhas duas cesarianas.

— Portanto, a faculdade é importante.

— Tudo é importante — disse Melinda. — Mas podes mudar de ideias. Quase sempre.

Alice acenou com a cabeça. Olhou à volta do escritório, à procura de uma razão para se demorar.

— Eu devia voltar para a aula. Mas obrigada.

— Claro que sim — disse Melinda. — Sempre que precisares.

Ao sair, Alice passou a mão por cima da secretária, na esperança de que aparecesse um botão secreto onde pudesse carregar. Quando não encontrou nenhum, ficou parada na entrada com a porta aberta.

— Posso voltar noutra altura?

— Já te disse que sim, claro. No inverno, primavera, verão, ou outono — disse Melinda, outra das suas frases favoritas. — Mas, vou dizer-te uma coisa... No que diz respeito a um plano de vida, não precisas de ter um. Este é o meu conselho. Vive a vida real. *Esta é a tua vida!* Os planos não funcionam. Segue em frente, apenas.

Alice queria ficar, dar um abraço a Melinda, contar-lhe o que se estava a passar, porém, quanto mais pessoas soubessem, mais louca iria soar. Melinda iria ligar (com razão) a Leonard e iria contar-lhe o sucedido. Na vida real, em tempo real, Melinda era amiga dela, mas, naquele momento, era uma adulta e Alice tinha dezasseis anos. Lá fora, alguém fez o chão de madeira ranger e Alice virou-se para olhar. Sam tinha vindo buscá-la e estava ao fundo do corredor, a acenar-lhe.

— *Okay* — disse Alice. Eu voltarei.

A aula de preparação para os exames parecia não ter fim — Sam estava debruçada sobre o papel, a rabiscá-lo como se isso fosse fazer diferença. Alice voltou a sentar-se na cadeira e olhou à sua volta. Tommy percebeu e levantou o queixo, um movimento que nunca deixou de fazer com que o ritmo cardíaco de Alice duplicasse. O papel que tinham distribuído era uma página de perguntas de escolha múltipla com problemas matemáticos de trigonometria. Alice mal tinha passado a trigonometria na escola secundária e, agora, os conceitos de seno e cosseno estavam tão distantes da sua consciência quanto Plutão. Que já nem sequer era um planeta. Mas talvez ainda fosse, naquele momento? Alice meteu a mão no bolso onde costumava ter o seu telemóvel, e que obviamente não estava lá, e depois verificou o relógio no pulso. A aula ia a meio. Tentou ouvir, mas a voz de Jane era tão monótona, e o ginásio estava tão quente, que Alice sentia apenas sono. Descansou a bochecha na palma da mão e sentiu as suas pálpebras a fechar. Sacudiu-se, acordada, preocupada com a hipótese de que, se adormecesse, poderia desaparecer de Belvedere num sopro e voltar a acordar outra vez com quarenta anos. Era, na verdade, o que queria, pensou, mas não assim — precisava de voltar a ver o pai. Queria ir jantar com ele ao Gray's Papaya e forçá-lo a deixar de fumar. Queria obrigá-lo a aprender a cozinhar vegetais — agora ela sabia como! E podia mostrar-lhe! Alice começou a fazer, no verso da folha de problemas, uma lista das coisas que sabia cozinhar e, antes que se apercebesse, as cadeiras começaram a guinchar contra o chão e todos enfiavam os papéis nas malas; e Tommy estava de pé à sua frente.

— Queres ir fumar? — perguntou Tommy.

Ele passou uma mão pelo cabelo e tudo voltou, de imediato, a ocupar o seu o lugar. Tudo, no cérebro de Alice, lhe pedia que respondesse que não, devia agarrar Sam e voltar para casa como tinha dito ao pai que faria, mas a palavra que lhe saiu da boca foi *Sim*. Sam parecia aborrecida, mas Alice não se conseguiu conter.

— Eu mando-te um *bip* — gritou Alice, enquanto ela e Tommy empurravam a porta para fora e pisavam a luz do sol.

Correram pela Central Park West, contra a luz, e Tommy pegou na mão de Alice para a puxar para fora de um possível perigo. Caminharam por um troço que conduzia até um pequeno parque infantil, com alguns baloiços. Porque era um sábado, havia pais com filhos pequenos por ali e uma fila de carrinhos estacionados mesmo à saída do pesado portão de ferro do parque infantil.

— Aqui — disse Tommy, apontando com a cabeça para o final do caminho.

Belvedere usava o parque regularmente, para os jogos de basebol no Great Lawn e para as saídas anuais de inverno para a Lasker, a pista de patinagem no gelo, e para as aulas de ginástica quando o tempo estava bom e a primavera trazia consigo excitação e entusiasmo. Se fossem saltar à corda, era preferível que o fizessem lá fora. Vários membros do corpo docente e do pessoal também usavam o parque como ginásio, levando roupas de *jogging* nas suas malas e fazendo corridas antes ou depois das aulas. Não era o caso de Alice.

O Central Park não tinha sido feito para se fazer exercício. Tinha sido concebido para aquilo, para se esconderem num bosque de árvores sombrias e se sentarem num banco. Tinha sido feito para vozes baixas e assuntos secretos. O tamanho do parque — 3 399 480 metro², Alice memorizara-os para um projeto do segundo ciclo — parecia antitético para intimidades, mas era o que era, íntimo. Havia sítios escondidos a cada curva, tantos cantos de privacidade e sossego como exibicionistas de patins e pessoas a dançar para os turistas. Alice adorava o parque — adorava porque tinha algo de glorioso, algo aparentemente interminável, que lhe pertencia tanto quanto a qualquer outra pessoa.

Tommy afundou-se na relva e encostou-se a uma árvore. Tirou um pacote de *Parliaments* do bolso do casaco e começou a bater com o maço contra a palma da mão.

— Porque é que as pessoas estão sempre a bater em alguma coisa? — perguntou Alice. — Cigarros, garrafas de Snapple. É tão estranho.

Sentou-se no chão ao lado de Tommy e levou os joelhos ao peito. O corpo de Alice parecia ser feito de borracha, como se pudesse dar um pontapé na perna por cima da cabeça se quisesse, ou fazer um pino com as mãos. Alice não tinha tido o seu primeiro orgasmo até estar na faculdade, onde tivera o primeiro namorado verdadeiro, mas isso não lhe importava, não quando o seu corpo se sentia tão bem durante o dia inteiro, todos os dias. Só por olhar

para Tommy, sentar-se tão perto dele, foi como se o seu corpo tivesse sido percorrido por corrente elétrica. E ela ainda conseguia sentir a mão dele na dela de quando tinham atravessado a rua a correr, mesmo que ele a tivesse largado ao chegarem ao outro lado. Alice tinha-se esquecido do quanto tinha estado em contacto com os corpos dos amigos, do quanto ela e Sam estavam sempre sentadas à volta uma da outra e a tocar no rosto uma da outra.

— Sim, é um bocado louco — disse Tommy, parando. — Não sei...eu gosto, acho eu.

Desembrulhou o celofane e atirou-o para o chão.

— Ei, ei — disse Alice. — Não vamos poluir.

Recolheu o plástico e colocou-o no bolso.

— Estás bem? — perguntou Tommy. — É que já te vi atirar isto umas mil vezes.

— Oh, claro que sim. Estou bem — disse Alice.

Mas sentiu-se como uma impostora, como se estivesse a usar um fato feito com a sua própria cara. O vento levantou uma pilha de folhas perto deles e envolveu-os num pequeno ciclone, e Alice ficou a olhar. Talvez ela se tivesse *largado* em algum lugar, escorregado por uma fenda. Num episódio de *Time Brothers*, Jeff caíra num portal no meio da Ponte Golden Gate, e Scott tivera de ir atrás dele para o trazer de volta, viagem no tempo dentro de viagem no tempo. Foi o que aconteceu quando os escritores da série se cansaram de resolver os mesmos problemas repetidamente. Alice podia estar perdida, ou podia estar presa, ou podia estar perdida e presa. A única coisa de que estava realmente certa, finalmente, era de que o quer que aquilo fosse, estava realmente a acontecer. Era a oscilação dos nervos no seu estômago, como a queda numa montanha-russa; era a hiperconsciência de tudo à sua volta. Alice sentia-se como o Homem-Aranha, exceto que todos os seus poderes eram, somente, ser uma adolescente.

Ela e Tommy eram amigos. Nunca tinham sido namorados, nem nada perto disso. Havia alguns casais sólidos em Belvedere: Andrew e Morgan, Rachel Gurewich e Matt Boerealis, Rachel Humphrey e Matt Paggioni, Brigid e Danny, Ashanti e Stephen. Alice sempre pensara neles como estando vários níveis acima do dela, em termos de desenvolvimento humano. Beijavam-se na boca nos corredores, sabendo que todos os podiam ver. Davam as mãos em público, nos jogos de futebol. Enlouqueciam nos bailes da escola, os joelhos apertados e juntos como se fossem figurantes do

Dirty Dancing, sem que ninguém comesse a sussurrar. Alice tinha tido alguns namorados, mas nenhum deles durara mais de um mês e todos eram variantes do esquema do *namorado canadiano*²⁹, exceto que em vez de fingir serem seres humanos do Canadá, eram verdadeiros seres humanos que ela mal conhecia da aula de matemática. Tudo se resumia a várias semanas de negociações com alguns potenciais candidatos e, depois, um último telefonema embaraçoso. O que era basicamente igual ao que acontecia no sexto ano, exceto que nessa altura raramente ficava sozinha com um rapaz e lhe levava, desajeitadamente, as mãos às calças.

Alice e Tommy eram diferentes. Ele costumava ter namoradas. Colegas de classe alta, raparigas que não eram virgens. Era o rapaz mais bonito do ano e, como tal, quando as mais velhas se aborreciam com as suas opções, todas o escolhiam a ele. Até tinha saído com raparigas de outras escolas, raparigas que atravessavam o parque com os seus uniformes para o irem buscar, raparigas que viviam na Park Avenue e cujos pais eram donos de ilhas inteiras. Alice era amiga dele, e estava apaixonada por ele. Por vezes, Tommy dormia em casa dela e passavam a noite inteira abraçados em conchinha, e Alice não dormia de todo, só ouvia a respiração dele e, por vezes, *por vezes*, a meio da noite, começavam a beijar-se e Alice pensava, *Oh, isto está mesmo a acontecer, agora ele vai ser meu*, mas, de manhã, Tommy agia sempre como se nada tivesse acontecido, e por isso nada mudava. Não era muito diferente de todos os homens que ela tinha conhecido em bares nos seus vinte e poucos anos, ou em aplicações de encontros nos seus trinta.

Tommy estendeu o maço, e Alice tirou um cigarro.

— Obrigada — disse ela.

— Então, o que é que se passa? — perguntou Tommy. — Quem vai à festa?

— Não faço ideia — respondeu Alice, sincera. — A Sam é que está a tomar conta disso.

Havia coisas de que Alice se lembrava sobre aquela festa de aniversário: lembrava-se de ajudar Sam a vomitar, e de tentar limpar a casa sem convicção enquanto a festa ainda acontecia. Lembrava-se de Tommy sentado a um canto do sofá, a cabeça dele para trás, os olhos fechados. Lembrava-se de ter tomado o que quer que fosse que o irmão da Phoebe lhes tinha arranjado, pequenos comprimidos que pareciam aspirinas, e lembrava-se de se sentar no colo de Tommy e das mãos dele por debaixo da

sua camisa. Lembrava-se de Danny a inclinar-se tanto na janela que acabou por cair a um metro do chão, fraturando o pulso. Lembrava-se de fechar as persianas para que Jim e Cindy Roman não chamassem a polícia, e depois desejou que o tivessem feito.

— Disse-te que vou escrever um guião? — perguntou Tommy. — O Brian e eu estivemos a falar disso ontem. Vamos escrever um guião, tipo *Kids*³⁰, mas sem ser exclusivamente sobre *skaters*, sabes, e menos deprimente, e depois vamos entrar no filme e dirigi-lo, também.

— E a faculdade?

Tommy acabaria por ir para Princeton, tal como os pais dele.

— Nem pensar — disse Tommy, fazendo uma passa. — Não vou fazer o que os meus pais querem que eu faça. Nem pensar.

Algo zumbiu e Tommy tirou o *pager* do cinto.

— É a Sam, do telefone público da escola.

— Volto num minuto. O que é que se passa?

— A Lizzie vai à tua festa?

Lizzie andava no décimo-segundo e Alice nem a considerava sua amiga, à exceção daquela vez em que ela fora com Alice e Sam comprar erva a uma loja, um sítio que não era sequer uma loja. Tommy e Lizzie fariam sexo na festa de aniversário de Alice, mesmo na cama dela, e, depois disso, Tommy e Alice nunca mais se iriam falar, não até que ele entrasse no escritório dela com a mulher e o filho, anos depois.

— Não faço ideia — disse Alice. Levantou-se e sacudiu o pó das calças.
— Vamos voltar para a escola.

²⁹ Brincadeira comum na cultura popular americana, em que alguém inventa um/a namorado/a do Canadá quando, na verdade, está sozinho mas não quer parecer patético.

³⁰ Filme de 1995 que acompanhava um dia na vida de um grupo de rapazes adolescentes em Nova Iorque.

Sam estava dentro da cabine telefónica de Belvedere e roía as unhas. A cabine telefónica ficava no primeiro piso, ao lado da sala de professores na parte de trás do edifício, a madeira bem esculpida com décadas de iniciais de alunos e várias mensagens profanas. A pequena porta estava fechada, mas quando Sam viu Alice através do vidro riscado, abriu-a, e Alice entrou.

— O que é que o menino bonito queria? Que o admirasses ainda mais?

— Queria saber se a Lizzie ia à festa.

Sam revirou os olhos.

— Ele perguntou-te isso no dia do teu aniversário? É tão irritante! Desculpa-me.

— Sinceramente, tenho outras coisas com que me preocupar neste momento. — Alice tirou o telefone do gancho e olhou fixamente para ele.

— Como é que eu ligo para as informações?

Sam mostrou-lhe, e entregou o telefone a Alice.

— Olá — disse Alice. — Pode dar-me o número do bar *Matryoshka*, por favor? Na estação de metro?

Depois de fazer a chamada e colocar o telefone de volta no sítio, Alice virou-se para olhar para Sam, cujo rosto estava pálido.

— Estás a falar a sério, não estás?

— Receio bem que sim.

Alice sentiu os olhos a encherem-se de lágrimas.

— Foda-se — disse Sam. — Então tu és, tipo, velha?

— Eu não sou *velha* — disse Alice. — Tenho quarenta anos.

Sam riu-se

— Respeito o facto de pensares que há uma diferença.

— É tudo relativo. Por exemplo, o meu pai...

Alice não sabia como explicar que Leonard era jovem, naquele momento, em 1996. Mas teve de admitir que Sam tinha razão — quarenta anos de idade, de repente, parecia arcaico. Vinte e cinco soava a velho e quarenta era demasiado para se compreender. Vinte e cinco podia ser um tipo a atirar-se a nós num bar e ficaríamos lisonjeadas, mesmo que um pouco

assustadas. Quarenta era estritamente parental. Figura de autoridade. O presidente.

— Será que ele te atirou para aqui tipo *Time Brothers*? — Sam fez um movimento de mão como um carro a fazer *zoom* pelo espaço.

Nos créditos, que eram ridículos, Barry e Tony conduziam sobre um plano de fundo cheio de asteroides, o carro cor de ferrugem saltava sobre as estrelas.

— Não — disse Alice. Imaginou Leonard na cama de hospital. — Definitivamente, não. Mas vamos, tenho uma ideia.

— Espera — pediu Sam. — Diz-me só uma coisa, está bem? Diz-me só isto para eu ter a certeza de que não estás a inventar... sabes que eu odeio partidas.

Alice pensou sobre aquilo. Sam não se importava com estatísticas desportivas, ou que determinado famoso fosse, afinal, *gay*. Preocupava-se demasiado com o seu próprio casamento, e isso parecia perigoso, em termos de coisas no universo *Back to the Future*.

— A cena com o teu pai... — disse Alice, finalmente. Não tinham falado sobre aquilo até entrarem na faculdade, a quilómetros uma da outra, confiando no telefone para se manterem em contacto. Walt andava sempre a viajar por causa do trabalho, para DC, e, muitas vezes, ficava lá algumas noites. Lorraine tinha-se finalmente divorciado dele quando Sam ingressou na faculdade, já que foi quando lhe disseram que ele tinha outra mulher. Uma vida completamente diferente. Sam tinha suspeitado durante anos, mas nunca dissera uma palavra a Alice sobre isso. — É verdade. Desculpa. Mas é o que tu pensas.

Sam inspirou, a boca cheia de ar.

— Credo! Pensei que ias contar que o Arnold Schwarzenegger é presidente ou coisa parecida.

Alice puxou Sam para lhe dar um abraço.

— Desculpa. Mesmo.

Sam chorou para dentro da camisa da amiga, mas quando deu um passo atrás, sorriu.

— Eu sabia, foda-se — disse ela. — *Okay*, vamos a isso.

O *Matryoshka* só abria depois das cinco da tarde, mas o rapaz ao telefone disse-lhe que se estivesse à procura de algo que tivesse perdido, podia aparecer sempre que quisesse. Alice tinha a certeza de que tinha acontecido qualquer coisa naquele bar escuro, subterrâneo e sempre pegajoso por baixo dos pés. Se houvesse algum caminho secreto para o passado e para o futuro, fazia sentido que fosse subterrâneo, ao longo dos túneis do metro 2/3, lugares onde nunca ninguém ia a não ser que quisesse, e onde, de uma forma ou de outra, se desaparecia.

Alice tinha lido sobre pessoas sem abrigo que viviam nos túneis, e havia estações de metro abandonadas; por exemplo, sabia que havia uma à direita na Rua 91 e podia vê-la se estivesse no metro 1/9, se prestasse atenção. Tinha de ser isso — alguém tinha cavado demasiado, atravessado algum limite, estragado alguma merda. Alice desejava ter prestado atenção quando Leonard e os amigos falaram de romances de ficção científica, em vez de gozar com eles por serem homens adultos que passavam o tempo todo a falar de universos paralelos.

— Então, como é ser adulta? — perguntou Sam.

— É bom, acho eu. Posso fazer o que quiser. Posso ir onde me apetecer.

— E nada se compara a ti³¹... — Sam começou a cantar.

Alice riu-se

— Sim, neste momento sinto que se tivesse feito escolhas diferentes, talvez tudo fosse diferente. E está tudo bem, sabes... não estou morta, não estou na prisão. Mas não posso deixar de me perguntar se as coisas poderiam ser melhores.

Pensou em Leonard e em todos os tubos e máquinas e nos médicos carrancudos.

Segundo Sam, elas só tinham ido ao bar uma ou duas vezes — todas as outras vezes em que Alice se lembrava de lá ter estado deviam ter acontecido mais tarde. No verão, depois de se formarem, talvez, ou mesmo durante a faculdade, quando ambas voltavam a casa no Dia de Ação de Graças e viam os amigos. Alice achou que ambas pareciam demasiado jovens para sequer entrarem, sobretudo de dia — iam ter de inventar alguma coisa.

— O que é que procuramos? — sussurrou Sam.

— Alguma coisa — disse Alice. — Estamos à procura de *alguma coisa*. Uma porta de entrada, um túnel. Um interruptor de luz? Não sei! Acho que

só saberemos quando virmos, se virmos. Pensa num livro sobre viagens no tempo ou num filme que já tenhas visto, está bem?

— Percebido — afirmou Sam. — Enfim, vou tentar.

A dinâmica entre elas já estava diferente, Alice conseguia senti-lo. Não que Sam não confiasse nela — confiava, claramente. Mas Sam percebia que a Alice com quem estava a falar não era apenas a *sua* Alice; era uma espécie de acompanhante Alice, uma *babysitter* Alice. E ela ainda nem sequer lhe tinha contado que trabalhava na Belvedere. Depois disso, seria a Administradora Profissional Alice, e o que é que isso tinha de divertido?

A porta do *Matryoshka* estava aberta e elas entraram lentamente, à espera de que os olhos se ajustassem à escuridão. Estava vazio, com filas de garrafas alinhadas no bar e uma pessoa dobrada do outro lado, a contá-las. Sam agarrou no cotovelo de Alice, claramente assustada. Alice compreendeu — os verdadeiros poderes da amiga eram em situações em que conseguia controlar e organizar tudo à sua volta, tal como definir como estudar para os exames, ou decidir casar-se com um rapaz que a venerava.

— Olá? — atirou Alice.

Agarrou o braço de Sam, segurando-a firmemente.

O *barman* endireitou-se — aquele que a tinha servido de forma tão amistosa na noite anterior.

— Oh, olá! — disse Alice, relaxando. — Prazer em vê-lo novamente!

— Meninas — disse o *barman*, num misto de saudação e identificação cautelosas. Não mostrou tê-la reconhecido.

— Eu perdi aqui uma coisa, penso eu — disse Alice, aclarando a garganta. — Liguei antes de vir. Podemos dar uma vista de olhos só por um minuto? Não vamos beber nada.

Ele começou a arrumar as garrafas outra vez nas prateleiras. Todo aquele lugar cheirava mal, ao arrependimento acumulado de mil estranhos, a sopa de vômito e a desinfetante Lysol.

— *Okay* — disse ele, enquanto trabalhava.

Alice puxou Sam para o canto, para junto da *jukebox*.

— *Okay*, vamos ver... então eu estava aqui, e ele estava aqui, e eu disse-lhe que era o meu aniversário, e ele deu-me muitos *shots* grátis, e depois embebedei-me e entornei qualquer coisa na minha camisola e acho que ofereci uns aperitivos a uma série de raparigas de uma república de estudantes.

— Quando foi isso? — perguntou Sam.

Os narizes delas estavam quase a tocar-se, a pele laranja por culpa da luz que vinha das pequenas lâmpadas.

— Ontem à noite. O *meu* ontem à noite.

— Percebi, percebi. Então nós só estamos à procura de algo estranho? Como... uma porta? Um corredor assustador?

Sam olhou à volta da sala — uma antiga máquina de *pinball*, um sofá flácido que provavelmente continha ADN para resolver meia dúzia de crimes, a *jukebox*.

— A cabine de fotografias! — disse Alice. Puxou Sam pela mão ao longo do bar e caminharam para a sala ao lado.

A cortina da cabine fotográfica estava aberta e o banco vazio. Alice entrou e Sam deslizou também para dentro dela, sentando-se ao lado da amiga.

— Parece-me normal — disse Sam.

— A mim também — afirmou Alice. — Só gostava de poder pesquisar isto no Google.

— Estás a falar com linguagem futurística para mim? — Sam contraiu os lábios. — Se vais fazer isso, então vou precisar de saber mais sobre com quem casei, se foi com o Brad Pitt ou com o Denzel Washington.

— São ambos demasiado velhos para ti. Até para o teu eu *adulto*. Mas, tudo bem! Muito bem. *Okay*, eu sei que disse que não ia fazer isto, mas... no futuro, há uma coisa chamada Google, e tu digitas qualquer coisa e ela mostra-te de volta milhares de respostas. E há um *site* chamado Wikipedia que faz a mesma coisa, basicamente. E, neste momento, eu só queria poder escrever '*ajudas sobre viagens no tempo, por favor*' e ver respostas!

— Então tu escreves uma coisa qualquer? E o tal *site* diz-te tudo o que precisas de saber? Alguém faz os teus trabalhos de casa? — perguntou Sam.

— Acho que não — disse Alice.

Passou o dedo à volta das instruções de como operar a cabine e da ranhura das notas. Levantou-se, tirou a carteira do bolso de trás e tirou de dentro dela uma nota de um dólar amassada. Deslizou-a para dentro da ranhura e a luz começou a piscar. Alice e Sam posaram uma, duas, três, quatro vezes, e, depois, o rodopio dos mecanismos internos começou e elas saíram da cabine.

Enquanto esperavam que as imagens se revelassem, Alice caminhou pelo perímetro de ambas as salas, tocando nas paredes pegajosas, olhando para trás de quadros que não eram movidos havia décadas. Não havia nada de estranho, ou, no mínimo, nada mais estranho do que ver um lugar da noite

durante o dia, a versão bizarra de estar numa escola depois do fim das aulas. A máquina finalmente cuspiu as fotos e Sam e Alice apressaram-se de volta, segurando a faixa ainda húmida pelas extremidades.

— Clássico — disse Sam, aprovando.

Caras beijoqueiras, línguas para fora, olhos abertos, olhos fechados.

— Adoro isto — declarou Alice. Podia ver-se nelas — o rosto de dezasseis anos, claro, mas o resto também. Algo nas suas íris, na tensão da boca. Não era exatamente a mesma fotografia que Sam lhe tinha dado no seu quadragésimo aniversário, mas estava perto, uma pequena diferença entre gémeos verdadeiros.

— Fica com ela — disse Sam. — Um presente de aniversário, de mim para ti.

Alice sentiu-se ligeiramente derrotada.

— Vamos voltar para Pomander. Quero passar o máximo de tempo possível com o meu pai.

— *Okay* — assentiu Sam.

Lançaram um adeus ao *barman* confuso e voltaram a passar pelos torniquetes, usando os passes escolares. Deslizaram até ao fim de uma fila de lugares vazios.

— Conta-me mais qualquer coisa — pediu Sam. — Algo bom.

— Tu mudaste-te para New Jersey — disse Alice, e sorriu.

Sam deu um murro no ar.

— Tu só podes estar a brincar comigo!

Alice anuiu. Por vezes, a verdade era difícil de ouvir.

³¹ Referência à música *Nothing Compares 2 U* de Sinéad O'Connor, lançada em 1990.

Leonard não estava em casa quando Alice e Sam chegaram a Pomander, mas *Ursula* enrolou-se nas pernas delas enquanto caminhavam em direção ao quarto de Alice. Havia um *post-it* colado na porta que dizia *Volto em breve, Pai*.

— Então, qual é o plano? — perguntou Sam, deitando-se na cama de Alice. Inclinou-se e pegou num exemplar da revista *Seventeen*. — Não posso acreditar que subscreves este lixo.

— Para hoje à noite? Ou para a minha vida?

Alice sentou-se ao lado dela.

— Isso não é a mesma coisa?

— Acho que sim, se pensar bem, esta noite quero divertir-me mais na festa do que da primeira vez em que a fiz. Quero descobrir como voltar à minha vida. À vida de antes. E quero passar tempo com o meu pai.

Tinha sido uma vergonha admiti-lo tão claramente. As crianças em Belvedere eram agora feridas abertas de vulnerabilidade autoconsciente. Mudavam as orientações sexuais e os géneros, experimentavam pronomes. Eram tão evoluídas que sabiam que ainda estavam a evoluir. Quando Alice era uma adolescente, porém, o seu objetivo de vida tinha sido fingir que absolutamente nada surtia efeito sobre ela. Tecnicamente, ainda não conseguia dizer a verdade a Sam — que, se conseguisse, queria ter a certeza de que Leonard não acabaria onde o tinha deixado. Queria salvar-lhe a vida, tão simples quanto isso.

Nesse momento, Alice ouviu a porta da frente abrir e fechar e *Ursula* saltou de um lugar alto — a estante, talvez, ou o topo do frigorífico — para correr para a porta.

— Al? Estás em casa? — gritou Leonard.

— Sim! Estou aqui com a Sam! — Alice gritou de volta.

Viu Sam folhear as páginas da revista — todos os anúncios de cor pastel para a máscara de pestanas Maybelline Great Lash e relógios Swatch e batons Bonne Bell Smackers e caixas de maquilhagem Caboodles. Alice tinha de facto acreditado que as revistas a preparariam para o futuro, que *Beverly Hills, 90210* era um espelho da vida, só que com vestidos mais

curtos e mais gente com chapéu na escola. Tudo o que consumia dizia-lhe que ela era uma adulta. E, por isso, só lhe apetecia abanar Sam pelos ombros e dizer-lhe que ambas ainda eram crianças e que ninguém à volta delas o sabia, como se estivessem em pé, encavalitadas nos ombros uma da outra com uma gabardine e todos acreditassem nisso. Mas Sam tinha noção de que era criança, porque teve problemas quando ficou fora de casa até muito tarde. Sam ficou de castigo quando a mãe encontrou o resto de um charro no quarto dela. E Sam ficou sem o seu *beeper* durante duas semanas depois de Lorraine ter recebido uma chamada de Belvedere onde lhe disseram que a filha tinha sido apanhada a beijar um rapaz — Noé Carmello — nas escadas das traseiras durante a aula. Uma das piores partes de se ser adolescente era perceber que a vida não era igual para todos — Alice sabia disso na altura. O que tinha levado décadas a perceber era que tantas coisas que tinha pensado serem vantagens para a sua própria vida eram, na verdade, o oposto.

— Vais a casa antes da festa? — perguntou Alice.

— Não, porquê? Vou vestir alguma coisa que tenhas aqui — disse Sam.

Alice tinha-se esquecido da natureza transitória da roupa das adolescentes, de não ser capaz de identificar o que pertencia a quem. Ela e Sam vestiam o mesmo tamanho, mais ou menos, parecido o suficiente para partilharem quase tudo.

Nas fotos que Sam lhe dera no seu aniversário, usavam tiaras e vestidos como rainhas de beleza, forçadas a ir a um concurso a meio da noite.

— Vamos usar roupas normais — disse Alice. — Nada de extravagante.

Sam encolheu os ombros.

— É o teu aniversário.

O telefone começou a tocar. Alice demorou um minuto a encontrá-lo, debaixo de uma pilha de roupa.

— Olá? — disse ela.

— Feliz aniversário, Allie — disse a mãe, usando uma alcunha de que Alice nunca gostara. Era como se Serena estivesse a falar com outra pessoa, o que de certa forma estava. Serena conversava sempre com uma versão de Alice que ela idealizava, que ficaria satisfeita com telefonemas e cuidados irregulares. — Enviei-te algumas coisas, chegaram a tempo?

— Olá, mãe — disse Alice, e Sam voltou para a revista.

— As meninas querem almoçar? — perguntou Leonard, e ambas responderam de volta. — Sim!

O Gray's Papaya era o melhor restaurante de Nova Iorque, porque servia apenas uma coisa: cachorros-quentes. Cachorros-quentes com ketchup, cachorros-quentes com mostarda, cachorros-quentes com chucrute, cachorros-quentes com temperos. Atrás do balcão, tinham grandes recipientes de sumos de cores vivas, mas, se pedíssemos um que não fosse de papaia, passávamos por idiotas. Não havia lugares para sentar, só mesas altas ao longo das janelas viradas tanto para a Broadway, como para a Rua 72, perfeitas para observar as pessoas. Alice e Sam ocuparam um lugar com vista para a Broadway, enquanto Leonard fazia o pedido.

— Já lhe disseste? — sussurrou Sam.

Alice abanou a cabeça.

— Mas ele sabe coisas — disse Sam. — Sobre este assunto.

— O que é que queres dizer com isso? Estás a falar de *Time Brothers*? Sam, isso é um livro! Um livro de ficção. E, tipo, ficção pateta. É literalmente sobre irmãos que viajam no tempo e resolvem crimes de baixo nível.

— Mas talvez isso *tenha* feito isto acontecer? Tens um carro enferrujado algures? — Os olhos de Sam estavam esbugalhados. — Talvez o carro esteja disfarçado como a tua casa de banho.

— Do que é que estás para aí a falar?

— Oh, claro, agora sou *eu* que estou a dizer coisas de loucos. — Sam revirou os olhos.

Leonard espremeu-se pelas pessoas alinhadas atrás delas e pousou quatro cachorros-quentes, dois com ketchup e mostarda e dois com chucrute e cebola.

— Os meus legumes favoritos — disse ele.

— Pai, eu nunca te vi comer uma coisa verde que não fosse, por exemplo... azul número 5 e amarelo número 8 misturados — disse Alice.

Leonard voltou para o balcão para ir buscar as bebidas.

— Pergunta-lhe, faz isso — pediu Sam através dos dentes.

— Ainda não — disse Alice, e depois sorriu para o pai enquanto ele colocava os cotovelos no balcão ao lado dela.

Alice mordeu o cachorro-quente e sabia exatamente ao mesmo sabor que sempre tivera, sabia a paraíso. Leonard fechou os olhos enquanto comia, claramente a apreciar o seu almoço tanto quanto Alice apreciava o dela. Talvez esse fosse o truque da vida: reparar em todos os pequenos momentos do dia, quando tudo nos parece mau. Durante uma fração de segundo, ou talvez alguns segundos, Alice deixou de lado as preocupações e sentiu apenas prazer, a apreciação pura do que estava mesmo à sua frente. Meditação transcendental, quiçá, mas, com cachorros-quentes e a noção de que tudo mudaria — o bom e o mau — então mais valia apreciar apenas o lado bom.

Quando terminaram, subiram a Amsterdam em direção à Emack & Bolio's para comer gelado, esquivando-se de outros aglomerados de famílias e turistas, que subiam o quarteirão vindos do Museu de História Natural. Aquela era uma celebração de aniversário que Alice poderia ter tido aos cinco ou dez anos, ou até em adulta. Os táxis desviaram-se para recolher passageiros das esquinas e todos os outros carros buzinaaram num grande coro de descontentamento, como se não entendessem como as coisas funcionavam. Todos, no passeio, olhavam para a frente, ou para os amigos, ou para as nuvens de pombos que desciam para se alimentarem de algum lixo particularmente delicioso do passeio, o almoço caído de alguém.

Dentro da gelataria vazia, Alice e Sam espreitaram pelas caixas de vidro e escolheram misturas elaboradas — bolas de menta e chocolate duplo, com chocolate quente por cima, e *topping* arco-íris para Alice; bolas de pistácio e morango com *chantilly* para Sam, e uma grande taça de *cookie dough* para Leonard. Sentaram-se numa pequena mesa redonda, com os joelhos amontoados por baixo.

— O que é que costumas escrever à noite? — Alice perguntou ao pai.

Ela cavou a colher no enorme monte de açúcar à sua frente. O som do pai a trabalhar — guitarras a sair pelos altifalantes, os pés escorregadios a andarem pelo corredor, os dedos a baterem no teclado — era tão reconfortante para ela como um dispositivo que emitisse sons calmantes. Isso significava que Leonard estava lá, que estava a escrever, e que estava feliz à sua maneira.

— Quem, eu? — perguntou Leonard.

— Sim, tu — disse Alice.

O chocolate quente ficou duro como uma lava lenta e agarrou-se à fraca colher de plástico.

— Histórias. Ideias. Coisas diferentes.

Alice anuiu com a cabeça. Era aqui que costumava abandonar a conversa, antes de Leonard começar mesmo a falar, antes de sentir que começava a intrometer-se.

— Então por que razão não publicas? Qualquer editora em Nova Iorque compraria o que escreves. Mesmo que fosse lixo.

Leonard pôs uma mão no coração.

— Magoaste-me.

— Eu não estou a dizer que é lixo, pai. Só estou a dizer que me parece uma coisa óbvia! Alguém compra, publica e isso dava-te toneladas de dinheiro. Então? — Alice corou.

— Acho que o que a Alice está a perguntar, Leonard — disse Sam, — é se há por aí um projeto de um *Time Sisters*. A mesma ideia no geral, mas com raparigas em vez de rapazes, porque as raparigas são mais espertas em todos os sentidos.

Leonard acenou com a cabeça.

— Estou a perceber, juro que estou. E obrigada, Sam, por aquilo que é verdadeiramente uma ideia milionária que eu deveria ter tido há vários anos. Mas qual é a graça de fazer uma coisa desse género novamente? Se eu voltar a escrever o mesmo livro, só que com personagens diferentes, não achas que isso vai ser aborrecido?

Alice e Sam encolheram os ombros.

— É um pouco como o *Homem-Aranha*, se me permitem ser tão ousado. Quando se tem um livro de sucesso, temos a possibilidade de poder publicar outro, mas a razão pela qual o livro teve sucesso cria um sentido de responsabilidade para com os leitores — eles gostaram e é por isso que tenho de fazer melhor e por aí adiante. Há alguns escritores que escrevem o mesmo livro vezes sem conta, uma vez por ano, durante décadas, porque os seus leitores gostam e podem fazê-lo, e fazem-no bem, ponto final. Mas depois há escritores como eu... — Leonard sorriu — que acham essa ideia tão paralisante que preferem ver o *Jeopardy!* com a filha adolescente e escrever o que querem sem se preocuparem se mais alguém o vê.

— O *Jeopardy!* é um programa muito bom — disse Sam. — Eu percebo.

Alice não achava que Sam tivesse percebido. Sam tinha mais ambição acadêmica e intelectual nas unhas dos pés do que a maioria das pessoas tinha no corpo todo, tal como a mãe dela. Tinha ido diretamente do primeiro ano da faculdade para o curso de Direito, *bing bang boom!*, sem sequer ter saído para apanhar ar. Mas Alice percebia. Via isso constantemente em Belvedere — os pais que carregavam as raquetes de tênis tinham filhos que carregavam raquetes de tênis. Os pais com problemas de bebida e bares caseiros bem abastecidos eram muitas vezes aqueles que eram chamados ao gabinete do conselheiro escolar por causa do litro de *Olde English* encontrado no cacifo do filho. Os cientistas tinham pequenos cientistas; os misóginos tinham pequenos misóginos. Alice pensava na sua vida profissional como sendo um contraste perfeito em relação à do pai — Leonard tivera imenso sucesso e ela nenhum, sendo que se tinha agarrado a algo estável como um cavalo-marinho com a cauda enrolada à volta de uma alga — mas, agora, julgava estar errada. Leonard também tinha medo, e vivia mais confortável perto do que tinha funcionado, em vez de arriscar tudo num projeto novo.

— Desculpa, pai — disse Alice. — Sei como te sentes.

Leonard pôs-lhe a mão na bochecha e deu-lhe uma palmada suave.

— Sempre soubeste, acreditas? É muito estranho. Mesmo quando eras uma criança pequena, eu fazia-te uma pergunta e, de alguma, forma tu sabias sempre as respostas. Era como se alguém estivesse escondido nos arbustos e fosse saltar e dizer: *Ah! Tu achaste que esta criança ia saber a diferença entre um marsupial e um mamífero, mas ela só tem três anos!* Mas nunca ninguém saltou. Tu sabias as respostas e pronto.

— Mas devias mesmo, pai. O que a Sam disse... ia ser tão bom. Sabes que sim, não sabes? As pessoas iam adorar. Só porque o *Time Brothers* foi um fenómeno mundial, isso não significa que outro livro teu seja fracasso total, ou algo do género. Não é uma razão para não tentares.

Leonard levou a colher ao fundo do copo de papel.

— Quando é que vocês as duas ficaram tão espertas?

As raparigas já tinham terminado de comer as enormes bolas de gelado e Leonard levantou-se, recolhendo os copos e colheres e atirando-os para o caixote do lixo. Depois, varreu todos os restos e *toppings* do tampo da mesa para a palma da mão e também os deitou fora.

Sam olhou para Alice e inclinou-se para o lado.

— Tenho uma ideia — disse ela. — Vou a casa ver uma coisa, mas encontramo-nos em Pomander, está bem? Chama-me se precisares de mim. Obrigada pelo gelado, Lenny.

Leonard fez uma vénia.

— A qualquer hora.

Sam saiu a correr pela porta, acenando. Soprou um beijo a Alice, que o apanhou, e de repente, sentiu-se nervosa por estar novamente sozinha com a verdade.

— Estás demasiado crescida para ir ver a baleia? — perguntou Leonard.

O museu estava sempre cheio aos sábados, mas não interessava o quão cheio estivesse, as pessoas amontoavam-se nas exposições dos dinossauros nos pisos superiores, pelas quais Alice não se interessava particularmente desde os cinco anos. Não era para lá que queriam ir. Leonard mostrou o seu cartão de membro à entrada e viraram rapidamente para a esquerda, passando por um Teddy Roosevelt de bronze e alguns dioramas que, sem dúvida, subestimavam muito a tensão entre o povo indígena e os peregrinos colonizadores. Leonard e Alice atravessaram uma porta para uma sala que parecia uma selva, com um tigre em tamanho real e uma concha, que era suficientemente grande para engolir o tigre. Foi sempre assim que Alice soube que eles estavam perto.

Tinha um nome real, claro, o Milstein Hall, mas ninguém lhe chamava assim. Como é que isso seria possível com uma baleia do tamanho de um autocarro urbano a nadar por cima deles e os sons escuros do oceano à volta? Estar naquela sala era como estar sentado no fundo do mar, intocável pelo que quer que estivesse a acontecer à superfície. A varanda superior tinha caranguejos-aranha e medusas, todos os tipos de criaturas a forrar as paredes, mas a verdadeira ação estava em descer as escadas, debaixo da baleia, rodeada por enormes dioramas pintados à mão. O peixe-boi, a flutuar sonolento como se fosse visto para sempre a meio de um sonho. Os golfinhos, exibicionistas aos saltos. A foca, recentemente agarrada até à morte por uma morsa gigantesca. No canto, quase escondido por corais e peixes, um mergulhador de pérolas. Leonard e Alice desceram cuidadosamente as escadas sem falar. A sala pedia silêncio, da mesma forma que um cinema, ou um banco de igreja.

O problema da idade adulta era sentir que tudo vinha com um temporizador — um jantar com Sam durava no máximo duas horas, com outros amigos provavelmente nem sequer seria tão demorado. Talvez se tivesse perdido tempo à espera de uma mesa, e passado uma noite inteira num bar, havia festas que demoravam, mas, mesmo isso, eram fragmentos daquilo que era realmente o tempo. A maioria das amizades de Alice era do tipo virtual, como os amigos por correspondência da sua juventude. Era tão

fácil passarem-se anos sem que visse ou estivesse realmente com alguém e, para se manter atualizada, bastava que visse as fotografias que eram partilhadas do cão ou do bebé ou do almoço. Não existia nada daquilo no presente — um dia passado a fazer várias coisas, a flutuar de uma coisa para a outra. Era assim que Alice imaginava o casamento e a família — ter sempre alguém com quem passear durante o dia, alguém com quem não seria preciso trocar três *e-mails* e seis mensagens de texto, ou fazer uma mudança de última hora numa reserva, para que se conseguissem ver. Todos o tiveram quando eram crianças, mas só os verdadeiramente dotados se agarraram a isso na idade adulta. As pessoas com irmãos geralmente tinham vantagem, mas nem sempre. Havia dois rapazes de Belvedere, melhores amigos desde o jardim de infância, que tinham crescido e casado com um par de irmãs, e agora todos os seus quatro filhos andavam em Belvedere, conduzidos por uma mãe, ou pela outra, numa pequena partilha de carro de primos. Isso era uma amizade a um nível superior — prender alguém através do casamento. Parecia medieval, como acontece quando percebemos que, nas famílias reais, são quase todos primos. Aliás, o mero conceito de *primos* parecia algo digno de louvor — *olha para todas estas pessoas que me pertencem*. Alice nunca tinha sentido que pertencesse a ninguém — ou que alguém lhe pertencesse — exceto Leonard.

O pai tinha caminhado até ao centro da sala e baixou-se até encontrar o chão. Alice observou enquanto o pai esticava as costas, os seus ténis gastos, um para cada lado. Não era o único — uma família com um bebé pequeno estava também deitada, a olhar para a vasta barriga da baleia. Alice ajoelhou-se ao lado do pai.

— Lembras-te de quando passávamos a vida aqui? — perguntou ela.

Visitavam o museu semanalmente quando Alice era criança, se é que não o faziam com maior frequência — Alice até se lembrava de estar no museu com a mãe, que tinha preferido o salão de pedras e minerais. Moveu as mãos para cima e para baixo ao longo das coxas. As calças de marinheiro eram escuras e ásperas. Tinha-as comprado na *Alice Underground*, a sua loja favorita, e não apenas porque partilhavam o nome. Ainda era tão estranho ver o seu corpo — o seu corpo jovem, um corpo do que ela mal se lembrava, porque tinha estado tão ocupada a vê-lo como algo que não era.

— O único lugar em Nova Iorque onde tu paravas de chorar — disse Leonard, com um largo sorriso no rosto. Bateu com a mão no chão ao seu lado. — Anda até cá abaixo.

Alice deitou-se de costas. Alguns dos ganzados de Belvedere iam ao festival de luzes no planetário, que ficava ao virar da esquina — o Pink Floyd, com porcos voadores — quando estavam pedrados, mas Alice não sabia por que motivo alguém iria querer estar noutro lugar que não fosse aquela sala.

— Não sei por que razão já nunca aqui venho — disse ela. — Sinto que a minha pressão sanguínea acabou de baixar.

— Desde quando é que tu te preocupas com a pressão sanguínea? Meu Deus, os dezasseis anos já não são nada do que eram.

Leonard colocou as mãos sobre o estômago e Alice viu-as subir e descer ao ritmo da respiração dele.

Alice considerou dizer alguma coisa. Havia famílias a empurrar crianças, que dormiam em carrinhos de bebé, e turistas a carregar sacos de compras, mas a sala estava calma e o que quer que Alice dissesse ficaria entre ela e o pai, ninguém mais conseguiria ouvir.

Leonard tinha, claro, pensado mais sobre viagens no tempo do que a maioria das pessoas, embora gozasse regularmente com romances de ficção científica que, na sua opinião, eram terríveis, e com filmes e programas de televisão, mesmo que feitos por amigos seus. Achava que o impossível era possível. Os limites da realidade podiam ser empurrados para além do que a ciência conseguia explicar de forma completa. Claro, aquilo era uma metáfora, um género de ficção, mas também era muito *divertido*. Ninguém — pelo menos ninguém de quem Leonard gostasse — tinha escrito ficção científica por ser uma ferramenta. Isso era para idiotas. De todos os escritores do mundo, aqueles de quem Leonard menos gostava eram os mais extravagantes, os que frequentavam cerimónias de entrega de prémios e que usavam gravata preta; os que tinham descido brevemente à terra e roubado inspiração — os mortos-vivos, talvez, ou um apocalipse — antes de regressarem ao céu com essa ideia nas garras. Leonard gostava de *nerds*, dos que tinham a ficção científica no sangue. Mas Alice sabia que não podia começar, do nada, uma conversa sobre ficção científica, ou viagens no tempo, sem se denunciar, e ainda não estava preparada para isso. Alice sabia que não seria como contar a Sam, que ainda tinha uma sobrancelha levantada, como um agnóstico que acreditava em algo, mas não necessariamente em Deus.

Leonard sempre confiara em Alice — sobre quem a empurrara do escorrega no jardim de infância, sobre que rapaz havia gozado com ela,

sobre o professor que lhe tinha dado uma má nota injustamente. Alice não estava preocupada que o pai duvidasse dela. Alice tinha medo do que iria acontecer a seguir, porque Leonard iria acreditar de imediato, sem hesitar.

A baleia tinha o comprimento de toda a sala, o nariz apontado para baixo, pronto para mergulhar nas profundezas do oceano. A cauda larga parecia estar prestes a empurrar tudo para cima, talvez saindo através do teto, ajudando a impulsionar o animal gigante. Alice fechou os olhos e concentrou-se no chão sólido debaixo das suas costas.

— Alguma vez te falei do dia em que eu e o Simon fomos ver os *Grateful Dead*, no Beacon Theatre?

Sim, tinha falado disso.

— Conta — disse Alice, sorrindo.

Conhecia todas as palavras que saíam da boca dele.

— 1976 — começou Leonard. — O Jerry tinha uma guitarra branca. Conheço muitas pessoas que viram os *Dead* mil vezes, mas eu só os vi dessa. O Beacon pode parecer tão pequeno, dependendo de onde estamos sentados, e o agente do Simon, que era uma figuraça, é que tinha arranjado os bilhetes e, nem sei como, estávamos na terceira fila — *na terceira fila!* — e todas as mulheres eram lindas de morrer. Foi como estar noutra planeta durante quatro horas.

Era daquilo que sentira falta. Não das respostas às perguntas que nunca tivera coragem de fazer, ou da história de família que mais ninguém conhecia, e não das visões da sua própria infância através dos olhos do pai, mas daquilo: das histórias embaraçosas que tinha ouvido mil vezes e que nunca mais voltaria a ouvir.

Alice podia ver o concerto inteiro, a cara suada e sorridente de Leonard — antes de se casar, antes de ser pai, antes de ter publicado um livro. Podia vê-lo tão claramente como podia ver a baleia, mesmo com os olhos fechados.

Quando chegaram a Pomander, o telefone estava a tocar. Leonard seguiu o seu caminho e fez um gesto para que Alice o atendesse.

— É para ti — disse ele.

— Como é que sabes? — perguntou Alice, agarrando no auscultador.

— Jesus! Tenho estado a ligar a cada dez minutos durante horas — disse Sam.

— Desculpa, é a Alice, não Jesus — Alice enrolou o cordão à volta do dedo indicador. Porque é que as pessoas julgavam que ter telemóveis significava estar menos viciado do que aquilo? Ela estivera a flutuar no espaço todo o dia e, agora, era obrigada a conetar-se.

— Oh, cala-te, avó! Onde é que querem ir jantar? Vou lá ter convosco.

— Onde é que vamos jantar, pai? — Alice perguntou a Leonard.

Ele estava inclinado sobre a mesa da cozinha, a olhar para uma pilha de cartas e revistas.

— Vamos à *V&T*. A Sam pode ir lá ter connosco a pé. Parece-te bem?

— Sim, Sam, ouviste? Piza gordurosa. *V&T*. Seis horas. — Alice afastou-se do pai. — Mais alguma coisa?

— Sim — disse Sam, ligeiramente ofegante, como se tivesse estado a correr durante horas e não apenas a marcar o número de telefone. — Acho que já percebi tudo. Talvez. Potencialmente. Digo-te quando te vir. — Alice sentiu uma chama na barriga, uma chama de esperança, ou ansiedade, que se enterrou na sua caixa torácica.

— *Okay* — disse Alice, e desligou.

Leonard atirou a pilha de correio de volta para cima da mesa.

— Sempre lixo. Porquê? — perguntou ele.

A televisão estava num lugar estranho — apertada na ponta do balcão da cozinha, onde podia ser virada para a mesa ou para o sofá. A mesa estava em frente, mas não sobrava muito espaço, e, de qualquer maneira, Leonard e Alice estavam habituados a isso. O gravador de cassetes estava escondido por baixo, com todos os fios pendurados. Se tivessem tido um tipo diferente de gato, um gato normal e não *Ursula*, os fios teriam sido um problema irresistível, mas *Ursula* estava acima de tais coisas.

Ainda faltavam horas para o jantar. Alice abriu e fechou todas as portas do armário até encontrar as pipocas de micro-ondas. Abanou-as em frente ao pai.

— Queres ver um filme?

Leonard abriu o armário, o que guardava as cassetes VHS, e começou a dizer títulos.

— *Wizard of Oz? Rebecca? Chitty Chitty Bang Bang? Bedknobs and Broomsticks? Mary Poppins? Stand By Me? Dirty Dancing? Back to the Future? Eraserhead? Prick Up Your Ears? Peggy Sue Got Married?*

— *Peggy Sue* — disse Alice.

Deu um passo para o lado, afastando-se da porta do armário, para que o pudesse ver. Leonard tirou a cassette da caixa e entregou-lha.

— *Voilà* — disse ele. — Agora, diz-me lá, somos ou não somos as duas pessoas mais inteligentes de sempre? Há pessoas que estão a correr, só por diversão, e nós estamos a ver um filme durante o dia.

O filme foi tão bom como sempre, exceto que a forma como Peggy Sue reparava tão pouco nos pais deixou Alice maluca. Que interesse tinham os seus amigos ridículos, ou o estúpido do seu namorado? Ela devia ter fodido todos o mais rapidamente possível e depois ter ficado em casa. E os avós? Peggy Sue tinha uma vida perfeita. Casou e teve filhos e ainda tinha os próprios pais vivos e tudo na sua vida estava perfeitamente bem, exceto, talvez, querer o divórcio. Na verdade, aquele filme não era, mesmo, sobre uma viagem no tempo. Peggy Sue desmaiava e tinha um sonho. E parecia ser um filme com vários finais, do género em que se davam hipóteses ao público caso não gostasse de um deles. Alice queria ver o final onde Kathleen Turner rastejava pelo chão de um bar à procura de uma toca de coelho, mas, não conseguindo encontrá-la, ficaria presa para sempre, voltando a cometer os mesmos erros. Alice queria ver a versão do filme de terror. Mas, na realidade, poderia estar prestes a vivê-la, e por essa razão não precisaria de a ver.

Leonard deu-lhe um empurrão. Alice tinha adormecido, a cabeça encostada ao braço do sofá como num baloiço. No seu corpo de quarenta anos, o pescoço ficaria dorido durante dias, mas, naquele, era como se Alice tivesse acabado de se sentar.

— Hora da piza — disse Leonard.

O V&T ficava na esquina da Rua 110 com a Amsterdam Avenue, em frente à Catedral de São João, o Divino, onde Leonard levava Alice todos os anos no Dia de São Francisco, quando abriam as enormes portas da frente e deixavam entrar um elefante. Quando eram uma família, os Sterns não celebravam nenhum feriado religioso, mas celebravam muitos feriados de Nova Iorque: para além do Dia de São Francisco com os elefantes, havia o desfile do Dia de Ação de Graças da *Macy's*, onde iam ver os balões, insuflados na noite anterior; havia as janelas de Natal nas lojas chiques da Quinta Avenida; havia a Festa de San Gennaro e o Ano Novo Chinês, para comer *cannolis* e *dumplings*; e havia o Desfile do Dia de Porto Rico, quando todo o centro da cidade era invadido por *reggaeton*; e o desfile no St. Patrick's Day, quando tudo era igualmente animado, mas por gaitas de foles.

A piza não era a melhor da cidade — mas era a mais bizarra. Era como se o forno de piza tivesse um ligeiro buraco no meio, o que fazia com que cada uma tivesse um centro líquido e derretido, um remoinho. O queijo deslizava e a primeira pessoa a apanhar uma fatia era obrigada a tirar toda a sujidade viscosa das outras e a ter de reorganizar a piza com os dedos, ou com uma faca. Alice adorava aquele restaurante. Quando ela e Leonard chegaram à esquina, Sam estava já à frente deles.

— Olá — disse Sam, e agarrou o braço de Alice. — Anda comigo à casa de banho.

Leonard acenou-lhes.

A casa de banho era pequena e estava vazia. Sam puxou o autoclismo e abriu a torneira no lavatório.

— Não gozes comigo, está bem? — pediu Sam. Cruzou os braços sobre o peito.

— Obviamente não estou em posição de gozar, nem nunca o faria! — disse Alice. — Por favor, diz-me. — A casa de banho cheirava a Lysol e a molho de tomate.

— Está bem! Então... a minha mãe adora o *Time Brothers*, tu sabes, e comecei a pensar nisso, e depois comecei a olhar para outros livros que ela lá tem. Afinal, para uma professora, a mulher até tem muita merda sobre viagens no tempo na prateleira. — Sam estava claramente cheia de palavras e queria dizê-las ao mesmo tempo. — Penso que há duas opções para o que se está a passar. Opções, não! Isso significa que terias escolha. São duas teorias.

— *Okay* — disse Alice.

Sam mantivera-se assim, graças a Deus — pensativa e inteligente e disposta a ajudar. Alice queria dizer-lhe que foram essas mesmas qualidades que fizeram dela uma mãe tão boa, mas não o disse.

— Basicamente, acho que ou estás aqui presa, ou não estás. Por exemplo, o Scott e o Jeff, eles tinham aquele carro, certo? E o carro andava ao mesmo tempo que eles, tal como o Marty McFly, sabes? Mas esse não é o teu caso. E o facto de estares dentro do teu próprio corpo, sem ofensa, parece ser um mau sinal. Tipo, se houvesse duas Alices e estivessem ambas a verem-se fazer coisas, como no *Back to the Future — Part II*, então seria óbvio que eram capazes de voltar, porque não podia haver duas de ti para sempre, percebes o que estou a dizer?

— Sim? — interrogou-se Alice.

— Eu acho que é provável que seja um *wormhole*³². O Scott e o Jeff passaram por um *wormhole* uma vez, lembras-te? Não está no livro, mas estava na série — sabes o episódio a que me estou a referir? Quando eles estavam na quinta da família do Scott no Wisconsin e foi, do género, *Doop doop doop*, acho que desta vez não estamos a viajar no tempo, como se estivessem de férias ou o que quer que fosse, e depois o Scott estava a ajudar a avó a limpar um velho celeiro e, de repente, era 1970 e ele era um bebé? E passou o dia inteiro como um bebé? Mas estava com a avó e tivemos de ver como a mãe dele tinha morrido? Sabes? E, no dia a seguir, ele era ele próprio novamente, mas diferente? Acho que pode ter sido assim — como se também tivesses entrado num celeiro.

— E agora sou o bebé.

— Sim, mas tu *sabes* que és o bebé.

Alguém bateu à porta da casa de banho. Era a única casa de banho do restaurante. Alice fechou a torneira e gritou: — Saímos já!

Ela e Sam fizeram contacto visual no espelho.

— No entanto, não sei realmente o que fazer.

Sam encolheu os ombros.

— Vamos começar por comer a piza.

Quando voltaram para a mesa, Leonard já tinha pedido *Coca-Cola* para as duas e uma salada pálida de alface *iceberg* e tomates amarelados, que estava

no meio da toalha de xadrez vermelha. As patéticas saladas de pizaria eram as únicas saladas de que Leonard realmente gostava. As raparigas instalaram-se nas cadeiras em frente a Leonard e beberam um gole longo de refrigerante. Sam não podia beber refrigerante em casa e, por isso, bebia-os como uma louca quando estava com Alice e Leonard.

— Tens a certeza de que precisas de ir à convenção hoje à noite? — perguntou Alice.

Leonard levantou uma sobrancelha.

— *Pepperoni*? Cogumelos? Salsichas e pimentos? Já não têm planos para hoje?

Sam engasgou-se.

— Leonard! Não é suposto tu saberes!

— Está tudo bem, façam a vossa pequena festa. — Sorriu. O empregado de mesa trouxe um copo de vinho tinto e Leonard agradeceu-lhe. — Eu confio em vocês.

Tinha trazido a sua mala — uma mochila gasta da loja do exército/marinha. Estava pendurada na parte de trás da cadeira. Leonard iria diretamente dali para o hotel no centro da cidade onde se daria o evento. Alice tinha estado tão concentrada em si mesma, que nem sequer tinha reparado.

— Vais mesmo? — perguntou Alice.

— Oh, vá lá, vocês as duas não vão querer-me por perto. Divirtam-se! Eu ligo amanhã de manhã, mas tu tens o número do hotel, Alice, se precisares de mim, ligas. Está no frigorífico. — Leonard bebeu um gole de vinho e franziu o rosto. — Isto é... vinagre! Mas eu adoro vinagre. Feliz aniversário, minha bebé.

Leonard levantou o copo.

Alice gemeu, enojada.

— Pai...

— Feliz aniversário, Alice — tentou ele, outra vez.

Ela acenou com a cabeça.

— Obrigada.

Uma hora mais tarde, Leonard colocou a mala sobre o ombro e foi-se embora com um aceno rápido, enquanto a campainha sobre a porta tilintava. Ainda não eram oito horas. E, pela primeira vez, Alice não se lembrava do que tinha acontecido a seguir.

³² Uma conexão hipotética semelhante a um túnel através do espaço-tempo, baseada nas equações de campo de Einstein.

A casa em Pomander parecia mais pequena à noite, a falta de luz solar fazia com que o espaço parecesse ainda mais apertado. Alice e Sam tinham enchido o frigorífico com cerveja e colocado taças de batatas fritas na mesa da cozinha. Alice estava a fumar, nervosa. Sam mexia no armário, tirando para fora diferentes opções que poderia vestir.

— Diz-me algo escandaloso — disse Sam.

Alice deu uma passa e pensou no que a teria impressionado no seu décimo sexto aniversário.

— Tive sexo com muitas pessoas.

Sam parou e segurou um monte de vestidos contra o peito.

— Quanto é que são *muitas*?

Alice não sabia o número exato — a faculdade fora uma altura confusa, tal como tinha sido grande parte dos seus vinte anos. Os broches contavam? E as vezes em que tinha começado a fazer sexo, mas tinha sido interrompida, acabando por desistir?

— Trinta? Ou algo por aí?

Houve muitos anos em que só tinha dormido com uma pessoa, e anos em que tinha passado seis meses sem sequer dar um beijo. Mas houve também muitos anos com muitas pessoas pelo meio.

O olhar no rosto de Sam estava algures entre o espanto e o horror, pior do que quando Alice lhe dissera que se tinha mudado para New Jersey, mas recompôs-se rapidamente.

— Está bem... — disse ela — conta-me. O que é que eu preciso de saber que ainda não sei?

Sam e Alice eram ambas virgens e permaneceriam assim até estarem na faculdade. Sam teria dois namorados antes de Josh. Três pessoas no total, tanto quanto Alice sabia — era essa a lista de Sam. Alice lembrou-se do que tinha sentido, a sua crença partilhada de que nunca, jamais, fariam sexo com outro ser humano, que permaneceriam virgens até serem velhas de cabelo cinzento. Alice tinha esquecido essa preocupação, achar que não saberia o que fazer com o seu corpo, ou como dar prazer a si mesma e a

outra pessoa, mas podia senti-la agora, o pânico e o medo e o desejo, todos a rodopiar juntos nas suas entranhas.

— Oh, meu Deus! — disse Alice. — Provavelmente, muito? A começar pelo próprio clítoris?

Era mais fácil imaginar um rapaz adolescente em Belvedere a resolver a fome mundial do que imaginar um rapaz adolescente em Belvedere capaz de localizar ou estimular o clítoris em 1996.

O rosto de Sam ficou roxo.

— Oh, não! — disse ela. — Está bem. Talvez seja melhor esquecermos que perguntei. Sinto que estou a ter uma aula de saúde individual, e isso é a única coisa mais embaraçosa do que uma aula de saúde normal.

A campainha tocou e a Alice começou a entrar em pânico.

— Eu devia ter cancelado esta festa.

Sem grandes pressas para largar o armário, Sam inclinou-se para a cama, onde deixou cair os braços cheios de roupa.

— Eu vou abrir a porta. Veste qualquer coisa. E se a festa não prestar, expulsamos toda a gente e vemos o *Pretty in Pink*³³. O que quiseres.

Já estava tudo diferente — tinha de estar. Seria possível que uma pessoa fizesse tudo da mesma maneira duas vezes, mesmo que estivesse a tentar não o fazer? Alice não conseguia lembrar-se do que tinha almoçado no dia anterior; como é que poderia lembrar-se de tudo o que aconteceu no seu décimo sexto aniversário? Havia duas cervejas abertas na mesa de cabeceira e Alice bebeu a primeira o mais rápido que conseguiu, e depois a segunda. O objetivo era voltar, não era? Ou descobrir o que raio se estava a passar? Seria o objetivo não vomitar, não deixar o Tommy partir-lhe o coração, não existir como sempre tinha existido? Seria o objetivo assegurar-se de que Leonard começava a correr, em vez de beber latas de *Coca-Cola* e fazer disso o seu exercício favorito? Os aniversários eram intrinsecamente dececionantes — sempre tinham sido. Não havia um aniversário de que ela se lembrasse verdadeiramente de gostar. Essa foi uma forma pela qual as redes sociais impulsionaram as taxas de depressão em todo o mundo — agora era fácil ver o quanto todos os outros se divertiam nos seus aniversários, os presentes elaborados que recebiam dos seus companheiros, as festas que lhes faziam, de surpresa! Alice não queria uma festa surpresa, mas, ainda assim, pensava nisso. Mais do que não querer uma festa gigantesca, não queria sentir-se indigna de uma. Esta era a última grande

festa de aniversário que tinha tido, a última com pessoas que não tinha realmente convidado e que se passeavam dentro e fora.

Se havia uma coisa que Alice sentia que tinha feito mal, era ser demasiado passiva. Não tinha deixado de trabalhar em Belvedere como toda a gente tinha feito, não tinha acabado relações mesmo quando sabia que não eram para si, nunca se tinha mudado para lado nenhum ou feito algo de surpreendente. Apenas flutuava. Como um cavalo-marinho.

Os cavalos-marinhos eram o animal favorito de Leonard. Havia um livro de Eric Carle sobre os pais dos cavalos-marinhos, que carregavam as suas crias, e Alice pensou que provavelmente era por isso. Criar filhos exigia muitas conversas sobre animais e, assim, todos os pais sabiam as respostas, melhor ainda se fossem respostas dadas numa exposição de museu, perto de casa. Não havia assim tantos animais na natureza cujas mães os tratassem como a de Alice tratou. Havia muitas mães que abandonavam as suas crias do nada — cobras, lagartos, cucos — mas Serena não fizera isso. Ela tinha ficado tempo suficiente para que doesse e, depois disso, Leonard teve de ficar com Alice. Havia boas e más razões para se fazer uma coisa. O pai tinha flutuado de propósito, agarrado firmemente, sem nunca ir longe demais, e por isso Alice tinha feito a mesma coisa como que por acidente. Era o pior facto da paternidade: que o que fizéssemos era muito mais importante do que tudo o que poderíamos dizer.

Alice forçou-se a levantar. Não estava bêbeda, mas estava certamente a caminhar para isso. Dirigiu-se à porta do quarto para ver o que se estava a passar no resto da casa. Já havia meia dúzia de pessoas de pé na sala de estar, cada uma delas a segurar uma enorme garrafa de cerveja. Sarah e Sara, Phoebe, Hannah e Jenn, Jessica e Helen. À exceção de Sarah, todas elas ainda estavam por perto na vida adulta de Alice, mais ou menos — Alice sabia pelo menos as informações básicas sobre onde estavam a viver e o que faziam. Sara e Hannah eram médicas e passavam o tempo no Facebook, colocando fotografias dos filhos na patinagem no gelo. Phoebe partilhava fotografias de coisas que fazia em barro, e de pores-do-sol. Jessica mudara-se para a Califórnia e tinha aprendido a surfar — todas as

fotografias dela eram antigas, mas tinha pelo menos dois filhos, talvez mais, e um marido jeitoso com abdominais bem visíveis. Helen vivia na rua acima da de Alice, em Park Slope, e tinha tido uma série de trabalhos glamorosos e mal pagos, o que não era mau já que o bisavô de Helen tinha inventado parte de uma máquina que era usada para fazer ténis e, por isso, ela podia ter feito luvas de cozinha para o resto da vida, e vendê-las por cinquenta cêntimos, que continuaria a ser abastada e a poder comprar sapatos caros. Uma ou duas vezes por ano, Alice e Helen encontravam-se na rua e abraçavam-se e beijavam-se e juravam ir jantar um dia, mas nenhuma das duas cumpria.

— Alice Stern, só há raparigas nesta festa — disse Helen, aproximando-se de Alice e beijando-a na bochecha.

O hálito dela cheirava a vodca. Talvez tivesse sido por isso que todos tinham acabado a vomitar — os amigos de Alice já estavam bêbedos quando chegaram. A campainha da porta tocou, e Alice desculpou-se indo abri-la.

Os rapazes chegaram em força. Uma floresta de rapazes, uma escola de rapazes. Os corpos ocuparam quase todo o espaço entre os dois lados de Pomander Walk. O rapaz da frente, Matt B., pôs uma mão ao lado da boca e gritou:

— Nós estamos *BEM* loucos.

O que provavelmente deveria fazê-lo parecer durão, dava-lhe um ar de conselheiro de acampamento eficaz, que tinha transportado o seu rebanho de um lado da rua para o outro. Alice afastou-se e os rapazes entraram em fila. Não reconhecia alguns deles — os rapazes pareciam ter sempre primos, ou amigos de outras escolas, o que era bom, mas os rapazes de outras escolas existiam algures fora da vida real, eram extras num filme. Todos os rapazes beijaram Alice na bochecha, no seu caminho através da porta, mesmo aqueles que ela não conhecia, como se fosse o preço da entrada na festa. Tommy estava no meio do grupo, o que significava que ela teria de aceitar o beijo dele e depois ficar ali, enquanto estranhos a beijavam e entravam na sua casa. Fechou a porta atrás do último — Kenji Morris, um aluno alto do décimo-primeiro ano, que era bonito e calmo o suficiente para andar com os rapazes mais velhos, com um olho triste a espreitar por detrás de uma cortina de cabelo escuro — e trancou-a. Alice conhecia a maioria deles desde o quinto ano, mas, ainda assim, naquele instante só lhe vinham à cabeça factos aleatórios: Matt B. tinha um pénis torto, supostamente;

James tinha vomitado no autocarro da escola a caminho de uma visita de estudo no sétimo ano; o pai de Kenji tinha morrido; David tinha feito a Alice uma gravação de cassette com tantas músicas de filmes musicais que Alice percebera logo que ele era *gay*.

Alguém tinha colocado música — a sua pasta de CD estava aberta no balcão da cozinha, ao lado da aparelhagem. Não importava que, sozinha, Alice ouvisse todos os tipos de música: *Green Day*, *Liz Phair*, *Oasis*, *Mary J. Blige*, até mesmo *Sheryl Crow*, se ela aparecesse na rádio e ninguém estivesse por perto para fazer piadas. Nas festas, era tudo *Biggie and Method Man* e os *Fugees* e *A Tribe Called Quest*. Não que todos os rapazes brancos da escola privada estivessem a fingir ser negros, mas pensavam que ser da cidade de Nova Iorque significava que tinham direito à cultura negra que outros rapazes brancos não tinham, mesmo que vivessem num apartamento de luxo com vista para o Central Park. Tinham posto a tocar a versão de *You're All I Need to Get By* de *Method Man/Mary J. Blige* e todas as raparigas estavam a cantar, enquanto os rapazes só abanavam a cabeça e fingiam não reparar em ninguém nem em nada. Phoebe passou através da multidão e agarrou Sam e Alice pelos pulsos, puxando-as para a casa de banho.

— *Voilà!* — disse ela, tirando três comprimidos do bolso.

— O que é isso? — perguntou Alice, embora soubesse a resposta.

Sam parecia nervosa.

— A Phoebe disse que o irmão dela lhe explicou que é como *ecstasy*, mas não é feito de produtos químicos, por isso é natural?

Não era natural. Era pura substância química. Era uma droga verdadeira, comprada a um verdadeiro traficante, e, naquele momento, estava na sua casa de banho, na palma da mão da amiga.

— Nós não temos de fazer isto — disse Sam. — Acho que não o devemos fazer.

Também dissera aquilo na primeira vez. Sam era mais esperta do que Alice — tinha sido sempre.

Alice pensou sobre o que realmente recordava daquela noite, quais eram as partes que se tinham calcificado ao longo do tempo: o quão mal se tinha sentido quando Tommy se afastou dela e foi ter com Lizzie; como ela os tinha visto a desaparecer para o seu quarto; a esperança de Alice num verdadeiro amor a arder, e no seu aniversário, ainda por cima. Depois, Alice tinha sido engolida pela raiva, como a mulher de um mafioso num filme dos

anos 1980. Se tivesse tido roupas para despejar pela janela e incendiar, teria feito isso. Se Tommy não a quisesse, alguém mais ia querer. Alice quis beijar *alguém, qualquer um*, e então foi de rapaz em rapaz, beijando-os, cada boca menos apelativa do que a anterior, só molhada e nojenta. Não importava; Alice continuou. Ia morrer virgem e Tommy nunca lhe tinha pertencido. Fora da casa de banho, Kenji, a única pessoa sóbria da festa, disse:

— Não tens de fazer isto, sabes?

E foi nesse instante que Sam começou a vomitar e a precisar de ajuda. Eventualmente, todos os outros tinham ido embora e ficado só Helen e Jessica, as quatro a dormir no quarto de Alice até ao meio-dia do dia seguinte, altura em que todos os que não estavam na festa tinham ouvido falar da orgia de Alice e do romance de Tommy e Lizzie — e, a partir daí, aquela passou a ser a coisa de Alice, ter andado aos beijos e aos beijos e aos beijos e nunca ninguém a chamar de puta porque, na verdade, nem fizera sexo com ninguém, mas, definitivamente, também não era namorada de ninguém.

Não tinha compreendido na altura — a diferença entre Alice e Sam, a diferença entre Alice e Lizzie, a diferença entre querer que *uma pessoa* se apaixonasse por ela ou querer que *qualquer pessoa* se apaixonasse por ela. Sam nunca tinha tido tempo para os rapazes de Belvedere — não a mereciam, obviamente, e isso bastava. Ela podia esperar. Lizzie, e todas as raparigas como ela, percebiam que toda a gente estava aterrorizada a toda a hora, e que o poder no secundário estava no facto de se ter confiança.

— Eu não preciso disso — disse Alice. — Gostava muito, um dia, mas esta noite não!

Curtir com muitas pessoas soava, de facto, maravilhoso, mas curtir com um grupo de rapazes adolescentes soava repugnante, como ser atacado por sapos grandes. No entanto, os adolescentes, os que a rodeavam, não lhe pareciam jovens, tal como os estudantes de Belvedere lhe pareciam quando era adulta. Eles pareciam bonitos e sofisticados e completamente crescidos, da maneira que sempre haviam sido. Alice percebeu que não os via com os seus olhos de quarenta anos de idade — via-os como os tinha visto naquela altura, ou melhor, como ela era. Com dezasseis. Parte do seu cérebro tinha quarenta anos, mas outra parte tinha de facto dezasseis. Alice estava completamente dentro de si e de si mesma. A retrospeção estava lá (*previsão?*), mas a Alice não se sentia nojenta ou idiota.

— *Okay* — disse Phoebe. — A Sarah e a Sara disseram que queriam se tu não quisesses.

Phoebe encaminhou-se para fora da casa de banho e, assim que o fez, Alice encostou-se à porta, as toalhas penduradas nas suas costas.

— Vou fazer uma coisa selvagem. Provavelmente não devia, mas vou fazer, está bem?

Fechou os olhos com força e franziu o rosto, como se isso impedisse o bom senso de Sam de intervir no plano.

— Como por exemplo? — Sam cruzou os braços.

— Meu Deus, tu já és uma quarentona melhor do que eu. Lembras-te daquela parte no *Peggy Sue Got Married* em que a Peggy Sue vai dar uma volta de mota com o poeta e eles fazem sexo num cobertor de piquenique, e depois ele dedica-lhe o livro? É a única coisa que acontece no filme todo que implica que o resto realmente aconteça e que não seja apenas um sonho?

Alice estava a falar depressa, mas sabia que Sam a ia entender.

— Sim, sei — disse Sam.

— Vou fazer sexo com o Tommy, se ele quiser, e acho que isso vai mudar a minha vida. Não é o sexo que a vai mudar, tenho quase a certeza de que vai ser horrível, mas acho que, se eu tomar posse dos meus sentimentos e agir de acordo com o que sinto, em vez de estar sempre com medo, isso vai mudar a minha vida.

Alice abriu um olho.

— Muito bem, aqui estão os meus pensamentos. Número um: ele tem dezoito anos e, por isso, apesar de ser um pouco estranho, não é um crime — disse Sam. — Mas, número dois: tecnicamente, *tu* tens dezasseis. E eu não sei quais são as regras para as pessoas que estão presas dentro dos próprios corpos num momento anterior da sua vida, mas acho que não faz mal. Se ele quiser. E tu também. E se usarem proteção!

Alice não pensava nos ovários havia anos. Tinha um DIU que lhe governava o corpo com um punho de cobre, deixando sair resquícios de menstruação minúsculos que deveriam lembrá-la de que o seu corpo poderia produzir uma criança, se fosse necessário. Antes disso, tinha tomado a pílula durante quinze anos. Alice queria fazer mudanças na sua vida, mas ter um bebé na adolescência não era uma delas.

— Isso são tudo pontos positivos. — Fez uma pausa. — E eu sei onde encontrar preservativos.

O quarto do pai era tão arrumado como o quarto de Alice era desarrumado — a cama de casal estava sempre feita e a pilha de livros, na mesa de cabeceira, era a única coisa que não se encontrava guardada. Não havia mais do que uma meia no chão. Alice tinha visto o pacote de preservativos na gaveta da mesinha anos antes — quando estava no sétimo ano, tinha roubado um e colocado na carteira, porque pensava que isso a faria parecer mais velha, apesar de nunca o ter mostrado a ninguém, nem mesmo a Sam. Alice abriu a gaveta. Tal como a dela, tinha um maço de cigarros, alguns fósforos, um caderno, uma caneta, trocos — mas, ao contrário da dela, na parte de trás, enfiado no canto, estava um grupo de *Trojans*³⁴.

— Isto enoja-me — disse Sam olhando da porta, enquanto Alice tirava um e o punha no bolso.

Tommy estava no sofá, tal como Alice se lembrava. Durante o tempo que haviam permanecido na casa de banho, mais pessoas tinham chegado e, agora, o balcão estava coberto por garrafas de cerveja e cinzeiros improvisados e CD, que já tinham sido ouvidos e que jaziam empilhados uns sobre os outros, como a torre inclinada de Pisa. Lizzie estava no canto a falar com algumas raparigas, mas estava de olho nele. Usava um *top* claro e a ponta do seu rabo-de-cavalo alto varria-lhe os ombros descobertos. Alice entrou, sentando-se ao lado de Tommy no sofá.

— Olá — disse ela.

— Olá — cumprimentou Tommy.

Ele sorriu e virou-se na direção dela.

— Posso falar contigo um segundo?

Alice pôs a mão no peito dele. Tommy dormira na cama dela tantas vezes. Tinha-lhe beijado a parte de trás do pescoço. Alice pensara que Tommy se fazia de difícil, ou que brincava com os sentimentos dela e ponto final, mas, agora, entendia. Ele era um adolescente, tal como ela, à espera de que alguém lhe dissesse o que fazer.

Alice tinha estado apaixonada algumas vezes, o suficiente para saber que as almas gémeas eram um mito e que as exigências e gostos de uma pessoa mudavam tal como elas próprias mudavam. O seu primeiro amor, na faculdade, tinha sido um rapaz doce, de cabelo ruivo, que estudava cinema. O segundo era advogado, um amigo de Sam da faculdade de Direito, que

adorava levá-la a restaurantes chiques, lugares onde só tinha ido a casamentos e *bar mitzvahs*. O terceiro era um artista que gostava de fazer sexo com outras pessoas — Alice tinha tentado e tentado fazer com que funcionasse, mas não. Teria casado com ele se ele lhe tivesse pedido, apesar de tudo.

E era isso — apesar de tudo, apesar da sua vida depois daquela noite, depois do resto da sua vida, Alice sempre tivera a certeza de que fora naquela festa que tinha errado. Poderia haver um número infinito de parceiros no mundo, de amantes, de maridos e esposas e outros do género, mas havia um pequeno número de pessoas que nos colocavam no caminho certo. Alice pensou na voz de Richard Dreyfuss no final de *Stand By Me* — ninguém tinha amigos como quando tinha doze anos? Uma vez, quando Alice estava na faculdade, um dos professores de pintura afirmara a sua opinião longa e meticulosa sobre como Barbara Stanwyck³⁵ tinha sido o início do seu perfil sexual, e, apesar de todos na sala se terem encolhido entre risos, Alice acenara com a cabeça em agradecimento. Havia sempre uma faísca, uma raiz. Tommy Joffey era a sua raiz. Não sabia o que teria mudado na sua vida se o tivesse tido da forma que tanto desejara, o que isso lhe teria feito, mas Alice queria descobrir. Mesmo que não conseguisse perceber como voltar à sua vida real, mesmo que estivesse presa naquele momento.

Alice levantou-se e ergueu Tommy pelas mãos. Alguns dos rapazes taparam a boca e disseram: *Oh, merda*, enquanto passavam. Alice podia sentir os olhos de Lizzie nas suas costas, mas só por alguns instantes — na verdade, Lizzie não sabia o que estava a perder, apenas o que queria ter, mas Alice sabia tudo. E aquela sensação acabaria por passar.

Quando chegaram ao quarto, Alice fechou a porta. Havia um fecho de gancho fino, que ela tinha feito o pai instalar, e deslizou-o gentilmente para dentro do buraco, trancando-os.

— Não limpaste o quarto? Antes de toda a gente ter aparecido? Credo, Alice!

Tommy fez um gesto apontando para as montanhas de roupa no chão. Abriu caminho com a bota. Havia uma cadeira no quarto, em frente à pequena secretária de Alice, mas tinha uma pilha de camisolas e vários

livros, e Tommy foi direito para a cama. O estômago dela estava num rebuliço, estar tão perto dele naquele momento, tocar-lhe na pele. Alice não se tinha sentido assim quando Tommy entrara no seu escritório — tinha sentido uma coisa muito mais familiar, algo com que vivera durante décadas: vergonha, incompetência, um mal-estar geriátrico milenar básico. Agora, todo o seu corpo sentia-se inflamado, à beira da explosão. Ela queria-o.

— Porquê incomodar-me? Eu quero que as pessoas conheçam o meu verdadeiro eu. Não tenho nada a esconder.

Tommy deixou-se cair sobre a cama.

— Por mim, tudo bem. É acolhedor. Sinto-me como se fosse um urso a hibernar.

Puxou o edredão para a cabeça, como um véu.

— Aqui — disse Alice. — Usa isto em vez disso.

Despiu a camisa por cima da cabeça e atirou-lha. Tommy apanhou-a e sorriu-lhe, incapaz de mascarar o sentimento de confusão e sorte.

— Ah, sim? — perguntou Tommy. — E há mais de onde isso veio? — Levantou uma sobrancelha, mas nem um centímetro dele esperava que ela o fizesse.

Muitas pessoas tinham visto Alice nua — não só parceiros sexuais, mas também amigos e pessoas em Fort Tilden Beach e no vestiário do YMCA, na Atlantic Avenue, e uma série de ginecologistas e provavelmente mais gente. Quando era adolescente, Alice tinha apertado e desapertado o sutiã debaixo da camisa, mesmo quando estava sozinha. Mas não hesitou — despiu as calças e deslizou-as para baixo, balançando de um lado para o outro até que elas fossem uma poça no chão.

— Wow! — disse Tommy.

Tirou o edredão da cabeça e deslizou-o para o colo, onde, Alice não tinha dúvidas, o corpo dele tinha reparado no dela. Parte de Alice sabia que não devia fazer aquilo, mas uma parte maior e momentaneamente mais forte sabia que aquela era a sua oportunidade, e que devia aproveitá-la. Alice não passara os últimos vinte e poucos anos a desejar ter estado com Tommy, a desejar ter casado com Tommy, mas tinha passado os últimos vinte e poucos anos a aprender que esperar era uma forma ineficiente de conseguir o que queria. Se Alice pretendia fazer coisas melhores com aquela oportunidade, mostrar os seus desejos era uma delas. Ela tinha-o desejado, e não soubera como o dizer. Agora, ela já sabia. Sentiu o cérebro adulto a

recuar para o fundo da sua consciência — já não estava no comando. Alice estava a desviar o olhar e a dar a si própria — ao seu *eu* adolescente — privacidade.

— Não fazes ideia — disse Alice, e caminhou na direção dele o mais lentamente possível, atirando-o para trás na cama com um único dedo. Subiu para cima de Tommy e parou meio centímetro acima da cara dele, à espera de que ele viesse ao seu encontro.

— Tens a certeza? — perguntou Tommy.

Ela tinha.

³³ Filme *A Garota do Vestido Cor de Rosa*, de 1986, uma comédia romântica adolescente.

³⁴ Marca de preservativos.

³⁵ Barbara Stanwyck foi uma atriz, modelo e bailarina americana famosa com uma carreira de mais de 60 anos no cinema e na televisão. Faleceu em 1990.

Caiu alguma coisa ao chão na sala de estar. Alice conseguia ouvir Sam a gritar a alguém para que limpasse mas, depois disso, a música ficou mais alta e tudo o que Alice conseguia era ouvir os *Fugees*. Tommy estava de costas, com o rosto rosado de esforço e deleite.

— Vou ver o que é que aconteceu — disse Alice. — Na verdade, vou expulsar toda a gente. Estou farta.

Alice estava a perder tempo. Os adolescentes eram animais inconstantes e loucos, e Alice sentia-se a tomar conta dos convidados da sua própria festa — a tomar conta do seu próprio *corpo* — e precisava de sair. Talvez aquilo se parecesse com a forma como os gémeos siameses faziam sexo — uma parte dela aqui, outra parte dela acolá. Partilhavam oxigénio, mas não eram cem por cento iguais. A criança de dezasseis anos não tinha sido raptada para que a de quarenta anos se mudasse para aquele sítio — eram mais do género companheiras de quarto.

Tommy levantou o tronco, apoiando-se nos cotovelos.

— Sim, tira-os daqui. Não podia concordar mais. É melhor irem todos embora e, depois, tu voltas para aqui para fazermos isto mais cem vezes.

Alice riu-se.

— Calma, tigre. — Mesmo assim, esbofeteou-o levemente na caixa torácica. — *Okay*. Está na hora de te vestires e ires para casa.

Tommy abriu muito os olhos.

— O quê? Depois disto? Eu pensei... tu sabes.

— Oh, sim, eu sei — disse Alice. Sorriu para ele. — E vamos. Mas, sabes que mais? Tenho de fazer uma coisa primeiro.

— Posso ir contigo? — perguntou Tommy, com uma voz galanteadora. Alice nunca ouvira aquilo antes.

— Talvez — disse. — Dependendo da rapidez com que consigas limpar a casa.

Tommy saltou da cama, puxou a roupa interior e as calças num movimento fluído, e passou a camisa por cima da cabeça. Desapareceu no corredor antes mesmo de Alice ter o sutiã apertado. Havia gemidos e risos, mas, de repente, ouviu-se o barulho satisfatório da porta da frente. Alice podia

imaginar os olhares naqueles rostos — julgadores, aborrecidos, divertidos, irritados —, porque eram os mesmos que teriam aos quarenta anos, quando estivessem do lado de fora do seu escritório a ver Melinda interagir com os filhos deles. As pessoas mudavam e não mudavam. As pessoas evoluíam e não evoluíam. Alice imaginou um gráfico que mostrasse o quanto as personalidades se alteravam depois da escola secundária num eixo e, no outro, a quantos quilómetros de distância de casa se tinham mudado. Era fácil permanecer-se igual quando se olhava para as mesmas paredes, sempre. Por camadas, no topo estaria o quão fácil a vida seria ao longo do caminho, quantos níveis de privilégio nos cercavam, como um objeto minúsculo de vidro num mar de amendoins embalados. Elizabeth Taylor, provavelmente, marcava o tempo de evolução da sua vida de acordo com o marido que tinha na altura. Os académicos que se mudavam de Ohio para Virgínia para Missouri, à procura de emprego estável, provavelmente marcavam o tempo em função do seguro de saúde, ou das mascotes da escola. O que é que Alice tinha para marcar o seu tempo na terra? Estava congelada em âmbar, a fingir que nadava. Mas estava pronta para tentar. Tommy reapareceu alguns minutos mais tarde e bateu com as mãos, triunfante.

Sam estava à porta do quarto de Alice, pronta para sair. Acenou com a cabeça.

— Estou pronta para resolver esta merda — disse. — Estive a pensar sobre o assunto, enquanto tu estavas... bem, enquanto estavas a fazer o que quer que estiveste a fazer, e no episódio do bebé, e é apenas um dia. Um dia! E depois ele está de volta. O que te deixaria...

— Com pouco tempo — disse Alice. — Quero dizer, se é isso que está a acontecer, tenho pouco tempo.

— Que merda? O que é que está a acontecer? — perguntou Tommy.

— Não te preocupes com isso — disse Alice.

Agarrou no pedaço de papel que estava no frigorífico com as informações do hotel e fez-se ao caminho.

A letra de Leonard tinha sido sempre má, com indecifráveis altos e pintas, mas Alice surpreendera-se ao ver aquele papel e perceber que já tinha sido melhor. Conseguia ler com clareza suficiente: *Marriott Marquis, Bway + 45th St., Quarto 1422*, com o número de telefone rabiscado por baixo. Tanto Sam como Tommy insistiram em ir com ela, embora Alice pensasse que seria melhor fazê-lo sozinha; no entanto, tinham ficado na cozinha a olhar para ela, sem vontade de ir embora, e, assim sendo, tinham ido todos. A casa estava um desastre, mas continuaria um desastre quando ela chegasse, pelo que poderia limpá-la nessa altura.

O comboio chegou rapidamente, rodopiando pela estação com o seu canto metálico. Tommy agarrou na mão de Alice quando se sentaram, e aninhou-a entre as coxas. As coisas já eram diferentes.

Manhattan era a melhor em dois momentos: de dia e de noite. E as razões eram as mesmas: ruas sempre vivas, sempre em movimento, sempre ocupadas. Mesmo quando se sentiam sozinhos, era quase impossível estar-se realmente sozinho em Nova Iorque. Durante as tempestades, havia sempre outra pessoa a correr pelas poças com um guarda-chuva partido para atirar para o caixote do lixo, um estranho cuja dor e luta eram as mesmas que as nossas, pelo menos durante alguns minutos. O sistema do metro era lento e sujo e Alice adorava-o. Os 2/3 — a que Leonard ainda chamava IRT³⁶ — eram estreitos, com longos vagões magros, o que tornava tudo terrível durante a hora de ponta, quando os corretores da bolsa de Wall Street entravam em Upper West Side e não havia esperança de se sentarem até pouco antes de o metro atravessar o rio para Brooklyn, e aproximava-se sempre alguém, demasiado, de propósito. Mas era incrível, durante a noite, atravessar Harlem até ao centro da cidade e depois para a Rua 14. Os espectadores de teatro, os clubes de crianças, todos andavam no comboio. Sam estava sentada de um lado de Alice e Tommy do outro. Eles poderiam estar a dirigir-se a qualquer lado — cinema, uma festa, Madison Square Garden. Alice encostou a cabeça contra a de Sam e depois contra a de Tommy. Fechou os olhos e pensou em adormecer, só por alguns minutos,

mas depois temeu acordar sem que tivesse falado com o pai e sentou-se mais direita.

— Tinhas razão, Sam. Como sempre — afirmou Alice. — Devia ter cancelado a festa. Não o devia ter deixado ir. Tipo, o que é que realmente importa?

— Pois, eu tenho sempre razão — disse Sam.

O hotel era enorme — quase um quarteirão inteiro, a norte da Times Square, com uma entrada cortada ao meio para táxis e três portas giratórias para todos os que entrassem e saíssem. No metro, Alice tinha tentado avisar Sam e Tommy sobre o que estavam prestes a ver, mas as suas bocas abriram-se de qualquer maneira.

As convenções de ficção científica e fantasia tinham oradores convidados como Leonard e Barry, e outros escritores e atores famosos e realizadores e animadores de cinema, mas não era para isso que as convenções serviam — eram dedicadas aos fãs. Os eventos daquele género eram para os mais devotos, os mais fiéis — as pessoas que passavam os seus dias e noites em fóruns, discutindo entre si se Han Solo atirara primeiro, ou que Doctor Who era o melhor; adultos que tinham armários cheios de fatos elaborados e que tinham feito amigos em outros eventos iguais, em anos anteriores. Fãs para quem a vida normal era insuficiente. Tommy ficou arrebatado.

Darth Vader fumava ali fora, através de um pequeno buraco na sua máscara. Uma mulher com extensões loiras e um glorioso fato de coelha da *Playboy*, com uma arma falsa gigante amarrada à coxa, juntara-se a ele.

— É suposto aquela ser, tipo, a Barbie Exército? — perguntou Sam.

— Não, é a Barb Wire — explicou Tommy. — Sabes, a Pamela Anderson?

— *Elah*, descobriste rápido — disse Alice.

— Desculpa — disse ele, a corar. — Gostava muito de *Baywatch*.

— Vamos lá — pediu Alice, conduzindo ambos pelas mãos através de uma das principais portas não giratórias. Havia grupos de pessoas fantasiadas no átrio, hordas de pessoas que se movimentavam pelo espaço. Jovens, velhos, pessoas de todas as cores. O *Fandom* não conhecia limites. Havia enormes placas de vinil penduradas em todas as superfícies disponíveis, apontando numa direção ou noutra, para um salão de baile ou outro. O lugar tinha mais *nerds* do que Alice vira em toda a sua vida, tudo num só lugar, e todos tão,

tão felizes por estarem a discutir uns com os outros sobre detalhes minuciosos que mais ninguém nas suas vidas levava a sério.

Leonard sempre dissera que odiava convenções, e Alice acreditava que ele odiava a sua parte naquilo — que era sentar-se numa mesa dobrável, com uma toalha barata, e assinar autógrafo atrás de autógrafo, atrás de autógrafo. Cada terceira pessoa que se aproximava fazia uma pergunta complicada sobre a série televisiva de *Time Brothers*, à qual Leonard responderia: *Eu não escrevi a série, mas acho que essa é uma pergunta muito boa*. Leonard escrevera alguns episódios, contudo, e os fãs sabiam, pelo que relutantemente poderia responder à pergunta original, mesmo que isso o magoasse. Cada décima pessoa que se aproximava fazia uma pergunta sobre o romance, e Leonard responderia com mais alegria a essas questões. Muitas vezes, os fãs também tiravam fotografias. Leonard era pago para ir àqueles eventos e, bem no fundo, até gostava deles, teria ido de qualquer das formas nem que fosse somente para ver os amigos que tinham vindo de fora da cidade.

O bar do hotel era o epicentro de tudo, especialmente depois da programação oficial ter terminado.

— Sinto-me como se estivesse *realmente* na Mos Eisley Cantina³⁷ — disse Tommy. — Só que nunca pensei que tivesse ar condicionado.

— Quão *nerd* és tu, afinal? — perguntou Sam, com uma nota de apreço na voz.

— Aqui — indicou Alice.

Dois homens bonitos — brutalmente bonitos para apaixonados por ficção científica, o que significava que no mundo normal estariam acima da média —, disputavam a corte, ambos com casacos de couro. Um deles, com cabelo branco e barba branca aparada, viu Alice e bateu com uma mão dramaticamente no peito robusto. As pessoas reunidas diante dele viraram-se para olhar.

— Alice, querida — disse o homem.

Era Gordon Hampshire, autor australiano de muitos, muitos livros sobre elfos e fadas que faziam muito sexo. Tinha sessenta e poucos anos, mas, mesmo assim, se olhássemos para ele através de um filtro de convenções de ficção científica, tinha certas semelhanças com um Tom Cruise mais velho. Alice sabia pelo pai que Gordon dormia com todas as mulheres que conhecia, dezenas de mulheres — amigas, fãs, esposas de amigos, outras

escritoras, inúmeras empregadas de hotel e empregadas de mesa. Ele era incapaz de falar com mulheres sem namoriscar.

— Olá, Gordon — disse Alice, deixando-o puxá-la para um abraço.

— Esta é a Alice Stern, filha do Leonard Stern, o autor dos incomparáveis, e que nos mudaram a vida, *Time Brothers!* — anunciou Gordon.

A multidão reunida vibrou, num *oh*.

O homem mais novo com o casaco de couro, que tinha sido o parceiro de conversa performativa de Gordon, acenou com a cabeça.

— Eu adoro o teu pai! Sou o Guillermo Montaldan, escrevi...

— *The Foxhole!* — disse Tommy, atrás dela. — Adoro esse livro, meu! A parte em que a raposa — bom, ele não é mesmo uma raposa, é mais um ladrão espacial — entra dentro do cofre da alma e todas as almas escapam e ele está cercado... adoro isso! Tão brutal, meu!

Guillermo colocou uma mão no coração e fez uma ligeira vénia.

— *Muchas gracias*.

— Gordon, sabes onde está o meu pai? Está no quarto?

Alice deu uma vista de olhos ao bar. Viu outros escritores que reconheceu, e a Princesa Leia, e um homem com um bigode colado, a falar com Barry Ford, que fez uma careta para o impostor por baixo do seu verdadeiro eu.

— Sim, acho que está — respondeu Gordon. — Queres que te leve lá? São muitas escadas rolantes e elevadores, isto é um labirinto.

A multidão à volta deles parecia apoplética.

— Não — disse Alice.

Tommy conversava profundamente com Guillermo. Sam fez-lhe sinal.

— Vai, Al. Estamos aqui em baixo se precisares de nós.

³⁶ IRT, ou Interborough Rapid Transit Company, foi a operadora original da linha de metro de Nova Iorque, que operou desde 1904 até 1940, quando foi comprada pela cidade para formar aquilo que é hoje a linha de metro de Nova Iorque. As rotas originais da IRT, a que pertencem as linhas 2/3 que Alice refere, continuam a ser chamadas de Divisão IRT.

³⁷ No universo *Star Wars*, a Mos Eisley Cantina é uma taberna onde a maioria dos pilotos a visitar Tatooine passa os seus tempos livres.

Gordon estava certo: aquele hotel era uma confusão, desenhado por um sádico. Para chegar aos andares superiores, tínhamos de mudar de elevador e seguir os sinais, e Alice perdeu-se algumas vezes, só para que o Capitão Kirk e uma Sailor Moon lhe mostrassem para onde deveria ir. Andou por um longo corredor alcatifado até encontrar a porta certa, batendo-lhe.

Foi Simon Rush quem a abriu. Estava suado e a camisa branca que vestia tinha manchas — mostarda? *Mountain Dew*³⁸? — e os botões de cima abertos, deixando sair um pequeno tufo de pelos cinzentos.

— Alice! — disse Simon. Virou-se para trás para olhar para a sala. — Pessoal, a Alice está aqui!

Houve um pequeno aplauso, e Alice espetou a cabeça para ver. Ali estava Howard Epstein, o amigo académico favorito (e único) de Leonard, que dava cursos de ficção científica; Chip Easton, um argumentista; e John Wolfe, um ator negro que fazia quase sempre de extraterrestre. Howard ficou ao lado da cama, com as mãos enfiadas atrás das costas; John sentou-se, encostado à cabeceira como alguém que ia ler antes de apagarem as luzes, e Chip sentou-se na cadeira única do quarto.

— O meu pai está aqui? — perguntou Alice. — Este é o quarto dele?

— Oh, ele vai voltar, só está a... — a falar com alguém, acho eu. Entra, entra — pediu Simon, tropeçando um pouco nos próprios pés. Estava claramente bêbedo.

— *Okay* — disse Alice, e entrou.

O quarto tinha vista para a Rua 45 e, no passeio, Alice podia ver pessoas a sair dos teatros — Minskoff, Schoenfeld, Booth³⁹. Era sábado à noite no mundo e as pessoas saíam de casa. Alice nunca tinha assistido a peças de teatro. Nunca tinha ido a Times Square. Quase nunca tinha visto, realmente, música ao vivo, e não tinha ido a Madison Square Garden desde os doze anos. Alice andava de metro. Ia para Belvedere e aos seus quatro bares e restaurantes favoritos e, por vezes, apanhava o comboio para Jersey para visitar Sam. Para onde iriam todas aquelas pessoas, com os seus corações jovens? Quando era adolescente, os anos 80 pareciam-lhe ter sido há uma

vida, mas, naquele momento, estando décadas à frente, 1996 parecia-lhe ainda tão recente. Os primeiros vinte anos da sua vida tinham passado em câmara lenta — verões intermináveis, o espaço entre aniversários praticamente imensurável — mas os vinte anos que se seguiram tinham passado num instante. Os dias ainda podiam ser lentos, claro, mas as semanas e os meses e, por vezes, até mesmo os anos passavam a correr, como uma corda a escorregar pelas suas mãos.

— Alice, a que devemos o prazer? — perguntou Howard.

— Bem — disse Alice, considerando como poderia responder honestamente à pergunta. — Acho que estava a pensar em... sabe, em *Time Brothers*, em viagens no tempo. Esse tipo de coisas. Acho que se pode dizer que estava a tentar compreender o negócio da família.

— Alice, adoro que estejas finalmente interessada! — disse Howard.

Ele e Leonard já se conheciam havia décadas, quando o primeiro entrevistara o segundo para a revista *Science Fiction*. Howard vivia em Boston e tinha quatro gatos, cada um dos quais com o nome de um monstro japonês.

— Nepotismo — Simon tossiu para a mão, piscando o olho.

Os dois filhos adultos de Simon trabalhavam na editora que publicava os seus livros, e depois da sua morte, um deles iria provavelmente continuar a escrever livros e a publicá-los com o nome do pai.

— Só quero compreender as várias teorias, acho eu. Sobre como tudo funciona. Como é que funciona uma viagem no tempo — explicou Alice. Enfiou o queixo entre os joelhos.

— Bem... ora então, tens *loop* de tempos, *stubs*⁴⁰, circuitos temporais, multiversos, a teoria das cordas... — disse Howard.

— Tens *wormholes*, viagens no tempo lentas, viagens no tempo rápidas, máquinas do tempo... — continuou Simon.

— Alguma vez leste *Uma Viagem no Tempo*, Al? Tesseractos⁴¹? — perguntou Howard. — Basicamente, é um lugar amassado no universo onde o espaço e o tempo estão meio dobrados, e por onde podes passar.

— Ou como no *Back to the Future* — disse Chip. — Ele tinha uma máquina do tempo e só precisava de uma certa dose de combustível, e de percorrer cento e quarenta quilómetros por hora, e estava pronto.

— Eu entrei no *Back to the Future* — disse John. — Tive uma fala.

— Oh, sim — disse Howard. — Wow, meu! Ou algo assim, não era? Sempre fui parcial no que toca ao modelo do Jack Finney⁴²; é onde este tipo

é recrutado para estes projetos especiais de viagens no tempo, mas tudo o que realmente precisa é de estar num apartamento num preciso momento em Dakota, e depois sente que isso muda, e a seguir está a viver cem anos antes no tempo.

— O que são os circuitos temporais? — perguntou Alice.

— Já ouviste falar do paradoxo do avô? — perguntou Chip. — Por vezes, as pessoas chamam-lhe o problema do Bebé Hitler. Tu voltas atrás no tempo, matas o Bebé Hitler. Será que isso impede o Holocausto? Ou, se empurrares o teu avô de uma ponte, os teus pais não vão nascer e, então, tu não nascas; o que é que acontece, sabes?

— Merda — disse Alice. — *Okay*.

— Basicamente, nas viagens no tempo há um ciclo em que as coisas podem mudar, e o que tu fazes afeta os outros: ou seja, se tu matas o Bebé Hitler e depois Hitler não existe, isso pode afetar um milhão de outras coisas e mudar completamente a história. Ou então há um ciclo em que nada muda, exceto o facto de já teres vivido aquele dia antes, como no *Groundhog Day*⁴³.

Alice não tinha considerado a possibilidade de acordar na manhã seguinte e ter de fazer tudo novamente. O que é que seria pior do que fazer dezasseis anos uma vez? Fazer dezasseis cem vezes seguidas. Fazer dezasseis anos para sempre. Questionou-se sobre o que iria acontecer à parte do seu cérebro que tinha quarenta anos, se eventualmente se desvaneceria até ficar escura, uma sala sem eletricidade.

— E depois estás a entrar na ideia do multiverso: se voltares atrás no tempo e mudares alguma coisa, estás a mudar o futuro, ponto final? Ou estás a mudar um futuro possível, e o outro futuro, o que deixaste, ainda existe? — disse Howard.

— Isto está a dar-me uma dor de cabeça — disse Alice.

— Tu sabes de que filme sobre viagens no tempo é que sempre gostei? — perguntou John. — Aquele em que o Super-Homem teve de voltar atrás para salvar a Lois Lane; teve de voar ainda mais rápido. Simples, eficaz.

— Gosto daqueles em que a pessoa não tem voto na matéria e é apenas levada para a frente e para trás como em *Kindred* — disse Simon. Tirou um cigarro e acendeu-o e depois, um a um, todos os homens na sala fizeram o mesmo. — Os meus leitores não iam gostar muito, mas tem imenso público.

— O *Time Brothers* tinha uma máquina. Simon, o que é que tu tinhas? — perguntou Chip. — Naquele com o paleontólogo que regressa ao mundo

Triássico, o que é que ele tinha? Um osso mágico?

Simon asfixiou-se numa gargalhada.

— Sim, era um osso mágico! Vai-te foder — disse Simon. — Aquele osso mágico comprou-me uma casa em East Hampton.

— Que bom para ti e para o teu osso — disse Chip.

— Como é que se chama quando alguém usa informação do futuro para influenciar o passado? Como o Biff fez com o almanaque? — perguntou Alice.

— Bem, isso é uma boa questão... — disse Simon, a sorrir.

— Certo, então se eu fosse um ser do futuro e tivesse voltado para vos dizer que, algures nos próximos dez anos, os Red Sox vão ganhar o World Series, e que todos vocês ganhariam uma montanha de dólares se apostassem neles, isso seria uma boa notícia, porque não faria mal a ninguém? — perguntou Alice.

Todos gemeram, exceto Howard, o habitante de Boston solitário. Ele aplaudiu e atirou os braços para o ar.

— Bem, define esse *mal* — pediu Simon. — Eu, pessoalmente, sangro azul Yankee, por isso uma informação dessas ia fazer-me mal. Mas, claro, percebo o que queres dizer.

— É isto que vocês fazem nestas convenções? Sentam-se e falam sobre livros e filmes e gozam uns com os outros? — perguntou Alice.

— Às vezes, as pessoas trazem máquinas para fazer margaritas — disse Chip. — Ou drogas. Howard deu-lhe uma cotovelada.

— Ei, então? Ela tem dezasseis anos! Alice, passaste por uma multidão de pessoas crescidas, vestidas com máscaras e pensaste: *Uau, estas pessoas estão todas sóbrias?*

— Não — disse Alice. — Não, pensei, claro. Mas, esperem lá, vocês não explicaram uma coisa... como é que funciona um *stub*? O que é um *stub*?

— É tipo uma linha temporal paralela, que não afeta o futuro que já aconteceu. Por vezes, as pessoas chamam-lhe um *continuum*, uma linha de tempo contínua, o que eu acho que só significa que podes continuar e seguir em frente, mas sem poder voltar atrás. Percebes? — Howard cruzou os braços — Acho que já li mais livros do que vocês.

— Oh, por favor — disse Chip. — Tu estás é habituado a dar aulas a grupos grandes de estudantes, e por isso és quem fala mais alto.

— Mas... e sobre viajar de volta? Como é que as pessoas regressam? Se não há máquina do tempo, ou o que quer que seja?

John deu uma maçã a Alice e ela comeu-a, perguntando-se se tudo o que estava a comer em 1996 estaria podre dentro do seu corpo quando chegasse a casa. *Se* chegasse a casa. Como se *casa* fosse um ponto particular no tempo, ou um lugar.

— *Wormhole* — disse Simon.

— Portal? — perguntou John.

— Ruínas antigas? Magia? — indagou Simon. — Para além do osso de dinossauro, uma vez usei um fóssil de coruja que tinha sido desmontado no futuro, e um professor do terceiro ano foi sugado de volta no tempo e teve de encontrar essa mesma coruja para poder voltar.

— Não consigo acreditar no monte de dinheiro que tu ganhas — disse Howard, abanando a cabeça.

— Vocês sabem onde está o meu pai? Na verdade, preciso mesmo de falar com ele — disse Alice. Sentiu a sua voz começar a estremecer. Era tudo demasiado e sentia-se a perder tempo.

Howard suspirou e olhou para John, que baixou o queixo em direção ao peito num aceno de cabeça lento.

— Vamos lá, Al. Eu sei onde ele está.

³⁸ Refrigerante não alcoólico, de cor verde, famoso nos EUA.

³⁹ Alguns dos teatros da Broadway.

⁴⁰ Linhas de tempo alternativas — mais à frente, na história, esta explicação é mais bem abordada.

⁴¹ Figura geométrica quadridimensional análoga ao cubo no espaço tridimensional, ou a um quadrado no espaço bidimensional; é um hipercubo de quatro dimensões.

⁴² Escritor americano conhecido pelos seus *thrillers* de ficção científica.

⁴³ Filme *O Feitiço do Tempo*, de 1993, em que Murray fica preso numa armadilha temporal que o faz reviver o mesmo dia vezes sem fim.

Howard conduziu Alice pelo corredor, passando os elevadores e virando à esquerda. Estavam ambos parados em frente de outro quarto de hotel.

— É aqui que me matas? — brincou Alice. — É que há muitas testemunhas.

Howard revirou os olhos e levantou os nós dos dedos para bater à porta. Dentro do quarto, ouviu uma mulher a rir-se e, depois, o pai abriu-lhes a porta. Leonard não estava nu — nem sequer estava sem camisa — , mas não havia dúvidas sobre o que era aquela situação. Por cima do seu ombro, Alice podia ver uma mulher a colocar os brincos. O primeiro pensamento de Alice foi que era exatamente como quando Donna Martin tinha seguido a banda *Color Me Badd* e, ao contrário do esperado, encontrara a mãe a ter um caso extraconjugal, em *Beverly Hills, 90210*, mas isso não era exatamente como aquilo. O pai dela não era casado. Nem com a mãe dela, nem com ninguém.

— Olha quem eu encontrei — disse Howard. — Foi um prazer ver-te, Al.

Ofereceu um pequeno aceno e saiu do quarto, apressando-se de volta para o fundo do corredor.

— Olá — disse Alice.

Leonard ficou surpreso, e moveu as mãos para trás e para a frente sobre a barba, como fazia quando estava nervoso.

— *Al-pal*, o que se passa? — disse Leonard. — Estás bem?

Alice recuou alguns passos e encostou-se à parede.

— Quem é a tua amiga?

Leonard suspirou.

— Bem, não antecipei esta situação... — disse ele.

— Isso não é uma resposta — Alice deslizou pela parede de modo a ficar sentada de pernas cruzadas no tapete.

— O nome dela é Laura, é editora de uma revista. Tem trinta e quatro anos. Vive em São Francisco. — Leonard encostou a mão à testa. — Conhecemo-nos há vários anos, e quando estamos na mesma cidade, nós...

— Leonard parou. — Não sei por que motivo não te disse.

— Eu consigo ouvir-te, Leonard — disse Laura, abrindo mais a porta. — Olá, Alice. É um prazer conhecer-te, finalmente!

Ela era bonita, com o cabelo castanho encaracolado e óculos, e um colar com um grande polvo de plástico que cobria o terço superior da sua camisa.

— Hum, igualmente? — disse Alice.

Nunca lhe tinha realmente ocorrido que o pai pudesse ter namoradas de verdade, relações de longo prazo e que não lhe tivesse contado. E... trinta e quatro anos! Mais nova do que ela! Parecia nojento, embora Alice soubesse que não era.

— Não é que tu não fosses importante, Laura — disse Leonard. A parte de cima das suas bochechas estava rosada. — Só que isso não te afetava diretamente, Al, e eu não queria incomodar-te. Será que tornei a situação esquisita?

— Um pouco — disse Alice. — Mas, está tudo bem. Estou contente por teres alguém. — Questionou-se sobre há quanto tempo Leonard namoraria com aquela mulher, se seria um caso breve ou algo sério. Para onde é que ela teria ido no futuro? Porque é que ela não estava no hospital, a segurar-lhe na mão?

— Podemos falar, pai?

Laura recolheu a bolsa e uma chave do quarto. Era mais ou menos da altura de Leonard, até ter calçado sapatos — depois disso, era um pouco mais alta. O rosto era redondo e pontiagudo no queixo, como um ponto de exclamação. Tinha uma cara feliz e gentil. Laura tocou no cotovelo de Leonard e disse:

— Vou fazer o *check-in* um pouco mais tarde. Alice, muito prazer em verte, pessoalmente. Gostaria de o fazer novamente. — Atravessou a porta e percorreu o longo corredor, desaparecendo ao virar da esquina, em direção ao elevador.

— Desculpa — disse Leonard. Parecia capaz de chorar. — Eu queria dizer-te.

Agarrou o estômago, como se estivesse com um ataque de náuseas repentinas.

— Eu sou do futuro — disse Alice. — Honestamente, são grandes notícias e a menor das minhas preocupações.

— Isso não é o que eu esperava que dissesse. — Leonard ergueu um dedo. — Deixa-me só ir buscar os sapatos e depois voltamos para o meu quarto.

Leonard desapareceu e reapareceu um momento depois com um sapato em cada mão. Voltaram em silêncio para o quarto de Leonard e, quando lá chegaram, a porta estava aberta e Sam e Tommy estavam inclinados para fora dela, a cantar fora de tom. Alice reconheceu a canção — *Boyz II Men*’, *End of the Road* — mas, por pouco. Sam batia palmas e Tommy roubara o guarda-chuva de alguém e usava-o como bengala.

— Oh, meu Deus! — exclamou Alice.

— Alice! — gritou Tommy. — Perdemos-te! Mas, agora, encontrámo-te!

— Os amigos do teu pai pagaram-nos umas bebidas — disse Sam. — Fortes.

— A tua mãe não ia achar piada a isto, Samantha — disse Leonard. — Muito bem, meninos, vou levar-vos a casa.

— Espera — disse Alice. Empurrou Sam e Tommy para dentro do quarto. — Bem, conheçam-se todos... eu só preciso de falar com o meu pai um segundo. Sam, não vomites, está bem? Se for preciso, vomita. Howard, podes falar com eles só um bocadinho?

Howard fez uma pequena vénia em jeito de aceitação da sua tarefa, e Alice empurrou os amigos mais para dentro da sala. Depois, entrou na casa de banho, acendeu as luzes fluorescentes e fez sinal a Leonard para que se juntasse a ela. Alice apontou para ele, pedindo-lhe que fechasse a porta, e ele fechou.

— Pai, é verdade, estou a falar a sério. Eu sei que parece uma piada, sim, mas é *literalmente* verdade. Eu vim do futuro — disse Alice. — Não sei como dizê-lo melhor do que isto.

— Eu ouvi-te da primeira vez.

Leonard cruzou os braços e pareceu estar a divertir-se.

— *Okay*, estou a ver que achas isto engraçado, o que eu até compreendo, mas talvez seja melhor sentares-te.

Alice virou-se e colocou as mãos na extremidade do lavatório. A bolsa com artigos de viagem do pai, com a escova, pasta de dentes e fio dental e sabe Deus mais o quê, estava ali. Era tudo tão familiar — todos os pequenos objetos estúpidos que ela tinha visto todos os dias da sua infância estavam ali. Alice sabia que sentir familiaridade naquele momento não era o mais correto, mas não podia evitar — tudo o que via parecia-lhe enorme e carregado e pesado. Estas eram as coisas do pai, as mesmas coisas que estavam no hospital. O que iria acontecer com elas quando Leonard se fosse embora?

Leonard empurrou a cortina do chuveiro para o lado e sentou-se na beira da banheira. Estalou os dedos.

— Pronto... conta.

— Ontem foi o meu quadragésimo aniversário. Quando acordei esta manhã, tinha dezasseis anos.

Leonard soltou uma gargalhada estridente.

— Meu Deus, estás no lugar certo!

— *Ah, ah, ah* — disse Alice, a boca numa linha plana. — Pai, eu não estou a brincar! Não sou uma idiota esquisita como tu e os teus amigos, sem ofensa. Estou a falar a sério. Isto está realmente a acontecer.

Leonard olhou para ela e disse *ei, ei, ei* uma série de vezes.

O rosto dele não fazia sentido — Leonard sorria como se Alice tivesse acabado de lhe contar uma das melhores notícias do mundo. Era o tipo de olhar que Alice assumia que os pais lhe dariam quando lhes contasse que se ia casar, ou ter um bebé — surpresa encantadora misturada com uma antecipação da sua própria mortalidade. Alice não sabia se o pai realmente acreditava nela, ou se pensava que o enganava por alguma razão, mas, de qualquer maneira, Leonard parecia apenas *feliz*.

Leonard cruzou e descruzou as pernas.

— Eu não vou perguntar como estou. Vou assumir que vives comigo em Pomander Walk para sempre e que ambos estamos a envelhecer lindamente.

Alice engoliu a seco.

— Adivinhaste.

— Está bem — disse Leonard. — Está bem. Vamos levar os teus amigos para casa e depois podemos conversar.

Levantou-se, juntamente com o seu reflexo no espelho da casa de banho. Alice olhou fixamente para ele, tentando compreender. Talvez ele já precisasse de aparelhos auditivos — que ela sabia que viriam mais tarde. Talvez ele não tivesse ouvido uma palavra do que ela tinha dito. Alguém bateu à porta e Sam empurrou-a antes que respondessem.

— Acho que vou vomitar — disse ela, e Leonard afastou-se rapidamente do caminho.

Alice viu-o deslizar de volta para o quarto e, de seguida, levantou a tampa da sanita e segurou no cabelo de Sam.

Ao contrário dos amigos de Alice, que davam beijos ao chegar e sair, e até no meio dos encontros só por graça, os de Leonard acenaram e saíram, continuando com a sua vida, como se todos tivessem estado sentados num autocarro.

— Obrigada, malta — disse Alice.

John iria conseguir um bom papel, um em que realmente mostraria a cara, e ganharia grandes prémios; ouvir-se-ia em todo o lado que John havia sido uma joia escondida durante muito tempo. Leonard acabaria por acompanhá-lo aos Globos de Ouro e choraria ao ouvir o nome do amigo. O pai de Alice tivera bons amigos. Mas eles também eram homens, e os homens não eram treinados para se encarregarem das suas próprias amizades. Howard tinha ligado para o hospital, e Chip também, mas Alice não ouvia falar dos outros havia anos. As relações entre as pessoas mudavam, claro, mas, mesmo assim, existiam alturas em que era suposto aparecerem.

— A malta aqui é realmente estranha, Leonard — disse Sam.

Ainda estava um pouco instável, pelo que se encostou à parede do hotel enquanto Leonard chamava um táxi.

— As pessoas aqui são incríveis! — disse Tommy. Caminhou até Alice e beijou-a na bochecha. — Adorei.

— *Okay*, a festa acabou — disse Leonard, empurrando os três para o banco de trás de um táxi, abrindo depois a porta do passageiro para si próprio.

O rádio estava ligado, passava WCBS-FM, 101.1, a estação das músicas antigas. O táxi seguiu pela Sexta Avenida e passou pela Radio City Music Hall. Alice fechou os olhos e limitou-se a ouvir. Sam ressonava ligeiramente ao seu lado, Tommy batia com os dedos na coxa de Alice ao ritmo de *Bernadette*. Era ele quem vivia mais perto — San Remo ficava em Central Park West, com a Rua 74 — e Leonard indicara ao taxista que devia parar lá primeiro. Todos os semáforos amarelos durante dois quarteirões, depois três, depois seis seguidos, apanharam-nos todos.

O táxi começou a abrandar a meio quarteirão do edifício de Tommy, e Alice inclinou-se.

— Isto vai parecer uma loucura — disse ela —, mas casa-te comigo. Não agora. Nem sequer tão cedo. Mas, eventualmente. Depois da faculdade, talvez. Promete-me. Está bem?

A sua voz estava suficientemente baixa e a música suficientemente alta para que mais ninguém no carro a pudesse ouvir. Nem sequer sabia se Tommy a conseguia ouvir. Nem sequer sabia o que estava a tentar concretizar — mais daquilo, mais de estarem sentados juntos no banco de trás de um táxi, com o seu pai saudável a falar com um taxista que uma vez tinha dado boleia a Diana Ross. Alice só queria empurrar as mãos contra as paredes da sua vida e ver se elas se moviam. Queria carregar repetidamente no botão de *reset* até que todos estivessem felizes, para sempre. Tommy olhou para ela, os olhos castanhos com sono, e disse: *Okay*, como se estivesse a concordar com beber um sumo de maçã, em vez de sumo de laranja, num restaurante, e, a seguir, saiu do carro e acenou. Alice viu como o porteiro fardado, botões dourados a brilhar, empurrou a porta pesada, ficando na lateral para que Tommy pudesse entrar.

Sam empurrou Alice para a ponta do banco e deitou-se no colo dela.

— Quando voltares, eu ainda posso ficar contigo, certo? Ainda vais estar aqui? Vais lembrar-te disto?

— Não sei — disse Alice. Colocou o braço sobre o corpo de Sam, como um cinto de segurança.

Elas ficaram quietas durante o resto da viagem até à Rua 121, onde Alice ajudou Sam a entrar no prédio e no apartamento, enquanto Leonard fez companhia ao motorista lá em baixo. O apartamento de Sam estava sossegado e escuro — Lorraine dormia havia séculos. O relógio no quarto dela indicava que era uma e meia da manhã. Alice puxou as cobertas de Sam e aconchegou-a.

— Adoro ser tua amiga — declarou Alice. — Não faz mal que te mudes para New Jersey.

— Oh, meu Deus, para com isso, sai daqui! — disse Sam. — Amo-te.

Alice saiu pela porta como um ladrão e correu pelos largos degraus de pedra até ao táxi que estava à espera. O pai ainda estava no banco da frente, absorvido pela conversa. Alice demorou a detetar qual era o assunto, mas conseguiu perceber — o condutor estava a falar de *Time Brothers*. Leonard sorriu para ela através do espelho retrovisor e baixou a janela, deixando entrar ar fresco, enquanto voltavam a descer a caminho de Pomander Walk.

Leonard destrancou o portão e empurrou-o para que Alice entrasse. As luzes dos Romans ainda estavam acesas, mas o resto da rua estava, na sua maioria, escura, só uma janela iluminada no segundo andar aqui e ali — nos quartos da frente. Alice imaginou todos os vizinhos nas suas camas, livros abertos ou televisões ligadas. Sentia-se como sempre se sentira em certas noites de verão, como se estivesse a perder o momento que ainda estava a viver.

— Bom... — disse Leonard — agora podemos realmente falar. — Leonard correu rapidamente em direção à porta, com a chave a saltar-lhe nas mãos. — Não temos muito tempo.

— Tempo para quê? — perguntou Alice. Lembrou-se da confusão que o pai estava prestes a ver. — Oh, merda! Esqueci-me de te dizer.... Hum, dei uma festa. Não era assim tão grande, não tão grande como da última vez, mas...

Leonard abriu a porta antes mesmo que ela pudesse terminar a frase. A cozinha estava um desastre — alguém tinha entornado cerveja e os sapatos de Alice e Leonard fizeram um barulho pegajoso quando atravessaram o chão —, mas Leonard nem sequer pareceu reparar. Foi diretamente para o seu lugar habitual, empurrou todas as garrafas vazias à sua frente para ganhar espaço, acendeu dois cigarros na boca e deu um a Alice.

— Senta-te — pediu.

Alice sentou-se. Deu uma passa no cigarro e moveu-o nervosamente entre os dedos.

— Eu acredito em ti.

— A sério? No hotel, antes de te encontrar, estava a falar com os teus amigos sobre cenas de viagem no tempo e isso fez com que isto parecesse ridículo. Tipo, um osso mágico? O que é que isso significa, sequer? Não há ciência que sustente isso.

Alice olhou para as manchas amarelas no seu dedo, pequenas manchas de nicotina. E se tivesse feito exercício, nem que fosse uma vez? E se não bebesse um litro de cerveja todo de uma só vez? E se tivesse prestado atenção na aula de matemática? E se tivesse realmente apreciado o pai tanto quanto podia, todos os dias? E se Leonard tivesse feito exercício, ou aprendido a cozinhar, ou deixado de fumar? E se pudesse consertar tudo o que alguma vez tinha corrido mal, e Leonard vivesse até aos noventa e seis

anos, morrendo enquanto dormia? Tudo o que queria era que tudo mudasse, todas as coisas más.

Leonard levantou as sobancelhas e deu uma passa longa. Soprou três anéis de fumo perfeitos numa fila e colocou o dedo através deles.

— O osso mágico do Simon é ridículo, claro. Até ele sabe isso. Mas, o que me estás a dizer não é ridículo, eu sei que não é. Porque também já o fiz.

— O quê?

Ursula saltou para a mesa, evitando agilmente todos os restos de comida. A seguir, saltou para os ombros de Leonard.

— As pessoas dizem coisas... — prosseguiu. — Havia mexericos nos fóruns sobre viagens no tempo, que são tão desequilibrados como seria de esperar, mas passei muito tempo a falar com pessoas e a ler teorias malucas antes de escrever o livro. Havia alguns tópicos sobre Pomander totalmente infundados, pessoas que afirmavam ter um amigo que tinha um amigo que tinha um primo que tinha visto o *Bigfoot* mas, ainda assim... eu tinha ouvido falar disso e claro que, apesar de tudo, o tema atraiu-me. As pessoas falavam sobre viagens no tempo, sobre as possibilidades reais. A realidade mesmo, aqui em Pomander. E havia uma casa à venda, que apareceu na altura certa, e mudámo-nos para cá. Ainda assim, demorei algum tempo a descobri-lo. — Fez uma pausa e riu-se. — Descobri-lo entre aspas, porque não há maneira de o descobrir. Vejo-o como... praticar *surf*, só tens de ir e pronto. Não como o Scott e o Jeff, com a sua carrinha de carga e todos os botões e puxadores e lugares chiques. Se eu tivesse realmente feito a *viagem* antes de escrever o livro, *Time Brothers* teria sido muito diferente. Mas não podes conduzir o tempo. Não podes escolher para onde vais. Todos têm um destino... uma rota, é isso! E, quando regressas, é sempre de volta ao momento onde tudo começou, como uma diversão na Disney World. Mas a saída parece diferente, dependendo do que tu fizeste. É como se, de cada vez que fazes a viagem, decidisses se vais depressa ou devagar, se há grandes quedas ou se o percurso é apenas um rio preguiçoso que flutua. Assim, podes ir com calma e sair, e tudo parece igual a como era antes de entrares.

— Uma diversão — disse Alice.

— Sim — disse Leonard. — É uma metáfora.

— Obrigada — disse Alice. Deu uma passa. Queria ter um pedaço de papel à frente, um diagrama, um mapa, alguma coisa. — Está bem. Então,

só estar aqui, nesta casa, fez com que isto acontecesse? Na nossa casa? Ou tipo, em toda a rua? Como é que isso pode ser?

Leonard abanou a cabeça.

— Diz-me o que fizeste.

— Jantei com a Sam. Depois, fui ao bar *Matryoshka* e fiquei demasiado bêbeda. A seguir, apanhei um Uber para aqui, vomitei na rua e depois adormeci lá fora como uma verdadeira degenerada, penso eu, e quando acordei tu estavas aqui, assim.

— Adormeceste lá fora? — perguntou Leonard.

— Na casa da guarda. No teu barracão, ou o que quer que seja. Estava quase vazio, por isso empurrei algumas coisas para o lado e desmaiei.

Leonard acenou com a cabeça.

— Sabes que horas eram?

— A que horas adormeci? Não, não sei... talvez, três da manhã? Quatro?

Se Alice tivesse o telemóvel, poderia verificar a que horas o Uber a tinha deixado, mas a sua memória estava enevoada, ensopada com tantos *shots*.

— Foi entre as três e as quatro da manhã, porque é a única altura em que funciona — disse Leonard. Inclinou-se para trás e passou uma mão sobre o rosto. — Demorei tanto tempo a perceber. *Anos*. Procurei e procurei. Não tinha a certeza de que houvesse alguma coisa, mas sentia-a. E, um dia, há dez anos, por volta da altura em que começaste a trabalhar na Belvedere, eu estava a falar com o Chip sobre o Doctor Who e isso lembrou-me do nosso pequeno barracão. E então eu pensei, *Só pode ser isso!* Estive lá fora a noite toda, dentro e fora e à volta do barracão, com a certeza de que os Headricks ou alguém estaria a olhar pela janela, mas não estavam, ou, pelo menos, penso que não, e entrei e esvaziei tudo, todas as vassouras e a sujidade e as pás e a porcaria, até mesmo as teias de aranha. Fiquei ali sentado durante muito tempo e, quando dei por mim, estava noutro sítio. Já não estava na casa da guarda. Estava na cama — na nossa cama — contigo e com a tua mãe, no nosso antigo apartamento. E já não era 1986, percebi logo.

Leonard continuou.

— No início, pensei que era apenas o facto de ter o cérebro no *Time Brothers*, ou algum tipo de alucinação, como se estivesse de ressaca ou a ter alguns sintomas estranhos, mas saí, fui ao quiosque, peguei no jornal e estava em 1980. Tinha uma moeda no bolso, comprei o jornal e, então, olhei novamente para ele e percebi — era o teu aniversário.

— O meu aniversário — disse Alice. — Hoje. Dia 12 de outubro. Em 1980.

— Sim — disse Leonard. Riu-se, e *Ursula* saltou-lhe dos ombros para o colo.

— Foi o dia em que nasceste. Estava planeado não nasceres até três semanas depois. Ainda estávamos a viver na Rua 86, naquele longo e estreito apartamento, e a tua mãe estava tão miserável que se limitava a andar de um lado para o outro, a subir e a descer, a subir e a descer; quando me levantei e vi o corpo dela, como uma cobra que tinha engolido uma melancia, não consegui acreditar. A Serena estava tão bonita, apesar de desconfortável e enorme e irritada, e eu sabia o que ela não sabia, que tu ias nascer naquela tarde. Às três e dezassete da tarde.

Leonard pestanejou e tentou evitar, mas as lágrimas vieram de qualquer maneira.

— Sabes quantas vezes já estive naquela sala? Quantas vezes o vi a acontecer? Vi-te a chegar a este mundo, a tua carinha perfeita? Não sei porquê, mas esse é o meu tempo. É isso que consigo reviver.

Alice podia imaginar o longo corredor e a mãe, grande e zangada.

— Isso parece sangrento e stressante.

— E é. O trabalho de parto da Serena foi duro, muito duro. Mas eu sei como acaba e isso torna-o muito mais fácil.

— Alguma vez lhe disseste? — perguntou Alice.

— Quem, à tua mãe? Não! — Leonard abanou a cabeça. — Tentei algumas vezes, para que funcionasse, sabes? De cada vez que voltei, tentei ser um marido melhor, seja lá o que isso significa, ou ser mais como ela queria que eu fosse. Prestei atenção a cada palavra que ela disse, esfreguei-lhe as costas, alimentei-a com pedaços de gelo. Fiz a maioria dessas coisas da primeira vez, penso eu. Espero eu. Tentei... tentei mesmo, naquele único dia louco, mostrar à Serena que podíamos ser melhores. Uma vez, quando voltei, ainda estávamos casados, mas ela estava ainda mais miserável do que antes. Mais irritada. Porque eu tinha tentado ser alguém que não era, o que é uma coisa de merda para se fazer num casamento.

— Uau! — disse Alice.

— Vais ver — disse Leonard. E sorriu. — A boa notícia é que a vida é bastante pegajosa. É difícil mudar as coisas. O que os meus amigos disseram é verdade, mas é tudo teórico. — Baixou a voz, como se alguém pudesse ouvir. — Eles são amadores profissionais.

— O que está a acontecer agora? Lá? Na minha vida? — Alice perguntara-se se o seu corpo de quarenta anos tinha caído, imóvel, dentro do barracão, assustando todos os residentes de Pomander que por ali estariam a passar durante o dia. — Os teus amigos assustaram-me com toda a conversa do Bebé Hitler.

— Nada — constatou Leonard. — Uma pausa. Voltas logo a seguir. Trinta segundos, talvez? Um minuto? Não pode ser mais do que um minuto. Os planetas estão em movimento, *nós* estamos em movimento, por isso tenho a certeza de que não é exato, mas é mais ou menos isso. Vais encontrar-te onde estás. Não é exatamente a mesma pessoa de quarenta anos que vai voltar, mas és tu, aos quarenta anos. A fazer o que quer que *este dia* te tenha levado a fazer. Estás a perceber o que quero dizer sobre o facto de ser pegajoso? É um dia! Acordas de manhã e, entre as três e as quatro da manhã seguintes, voltas para o local de onde saíste. É todo o tempo que tens. A maioria das decisões que tomamos enquanto pessoas são bastante estáveis, e o tempo *gosta* de estabilidade. Eu penso nisso como um carro numa pista. O carro quer ficar ligado e é assim que fica a maior parte do tempo. Posso imaginar o que o Howard e o Simon diriam, o *Bebé Hitler*. O que é que é diferente? O que é que fizeste ou o que é que colocaste em movimento? Claro, é tudo importante, mas terias de mudar uma coisa demasiado grande para que isso te afastasse da pista. Não te preocupes muito.

Leonard moveu as mãos sobre a mesa, em direções contrárias.

Alice olhou para o relógio. Eram três da manhã. Todas as luzes em Pomander estavam apagadas, exceto as deles.

— Dá-me só um minuto — disse ela. Esmagou o cigarro dentro de uma tampa de garrafa e correu para o seu quarto. Alice olhou à volta, à procura de algo sólido a que se pudesse agarrar. Sentiu que estava na fila para entrar numa montanha-russa de cabeça para baixo, uma montanha-russa da qual ela ia cair, e não havia nada que pudesse fazer para o impedir. Nenhuma mudança de roupa ajudaria.

Leonard encostou-se à estrutura da porta.

— Querida... — disse ele.

Alice olhou para Leonard e soube que não o tinha feito — do que quer que ele estivesse a falar, a história de empurrar o carro para fora da pista, ela não o tinha feito.

— Pai — começou, mas ele levantou uma palma da mão para a parar.

— Vai parecer um pouco estranho no início — disse ele.

Leonard acompanhou-a através do processo — da confusão que se seguiria. Alice iria lembrar-se da sua vida, da vida anterior, mas não vivamente. As memórias eram memórias, afinal, desvanecidas pelo passar do tempo, especialmente sem estímulos como fotografias. Ao longo dos anos, as coisas ficariam mais suaves. Pelo menos, assim esperava. Claro, Leonard explicou, não o poderia dizer com toda a certeza. Ele estava calmo, mas Alice começou a entrar em pânico.

— Mas eu acabei de chegar aqui — disse Alice. — Não é justo!

Queria dizer-lhe que não era justo, porque não tinha descoberto como é que se podia certificar de que, quando ela voltasse, ou avançasse, ou adiantasse, qualquer que fosse a palavra certa, ele estaria à espera dela, de olhos abertos.

Leonard acenou-lhe com a cabeça.

— Nunca é tempo suficiente. Eu sei. Mas lembra-te: tu sabes como chegar aqui. Sabes quantas vezes já te vi nascer? Podes sempre voltar.

— E tu vais estar aqui? E podemos simplesmente fazer isto? Então, diz-me... o que é que faço? — Alice sacudiu as mãos e os pés, uma rapariga elétrica. — O que é suposto fazer?

— É tarde — disse Leonard. — Vamos para a cama. Ou podemos sentar-nos no sofá.

Alice passou pelo pai e pelo corredor escuro. *Ursula* esfregou o corpo contra o dela, e Alice baixou-se para lhe pegar. Deitou-se no sofá e *Ursula* também, enrolando-se perfeitamente na sua axila.

Leonard cobriu-a com um cobertor e acendeu a televisão, embora Alice soubesse que ele não iria ver nada. Fechou os olhos e tentou respirar normalmente, mas só conseguia imaginar os pulmões de uma fumadora encolhidos, pretos como nos anúncios que supostamente deveriam assustá-la, mas que nunca o fizeram.

— Fazes uma coisa por mim? — perguntou Alice.

— Claro, o quê? — disse Leonard.

— Deixa de fumar? Tipo, desta vez a sério?

Leonard tinha tentado antes — tinha tentado uma vez por década desde que era adolescente.

Leonard respirou fundo.

— Muito bem. Vou tentar, sim? Estás a apanhar-me num momento de fraqueza e por isso eu prometo tentar. — Fez uma pausa. — Al... —

acrescentou Leonard, metade para si mesmo. — Porque é que a casa da guarda estava vazia? Eu sou tão cuidadoso. Onde é que eu estava?

Alice não lhe queria mentir, mas também não lhe podia dizer a verdade. Não tinha pensado muito sobre o hospital, não tanto como costumava fazer. Parecia tão distante quanto estava — décadas e anos longe dela.

Se fossem uma família de abraços, tê-lo-ia abraçado, só para ter a certeza de que tinha conseguido. Porque é que não eram uma família de abraços? Seria culpa dela? Ou dele? Alice não se conseguia lembrar. Leonard estava perto e a falar. Isso era tudo o que importava.

— Eu tirei tudo. Estava amontoado, como é normal. Levei imenso tempo — murmurou Alice para o braço do sofá. Depois, desapareceu.

PARTE TRÊS

Alice não achava que tivesse adormecido, mas conseguia sentir aquela sensação ligeiramente subaquática de acordar de um sonho. Esticou os braços por cima da cabeça, batendo em algo duro. Apalpou com as mãos — a superfície era dura, brilhante, com altos, definitivamente não era o antigo sofá da casa do pai — antes de abrir os olhos.

Assim que a sua visão se ajustou ao quarto escuro, Alice pôde ver que estava deitada numa cama — uma cama enorme, com um tamanho acima de uma cama de casal normal. Alice abanou os dedos dos pés para se certificar de que o conseguia fazer e, com toda a certeza, ali estavam eles, encostados ao edredão pesado. Parecia um quarto caro de hotel que não poderia pagar. Uma lâmpada de prata com uma sombra geométrica estava ao lado do seu rosto, e Alice acendeu a luz. A outra metade da cama estava vazia, com o edredão atirado para trás descuidadamente, como se alguém tivesse acabado de sair. As paredes eram de uma cor creme, os lençóis também, e o chão era de madeira, com detalhes colocados cem anos antes. Alice podia certificar-se de duas coisas, com toda a certeza: nunca tinha estado naquele quarto e, também e sem sombra de dúvida, que aquele era o seu quarto. Era tal como Leonard lhe havia dito: *Vais acordar na tua cama, onde quer que a tua cama esteja. Vais estar dentro da tua vida, tal como estás dentro da tua vida neste momento. E vão existir muitas coisas das quais não te irás lembrar. Mas vais acabar por senti-las, eventualmente.*

Alice levantou-se devagar, ficando apoiada contra a cabeceira da cama, e inclinou-se para inspecionar a sua gaveta. Estava lá o seu telemóvel, ligado ao carregador, alguns tampões para os ouvidos, uma caneta e uma máscara para os olhos. Tinha também uma pequena pilha de livros no chão debaixo da mesa, o que acalmou Alice — ela ainda era ela, por muito agradável que o apartamento parecesse. Lembrou-se do que Leonard dissera sobre as pistas e isso também a acalmou — a ideia de que, mesmo que as coisas parecessem diferentes, ela não era uma delas. Alice tirou o carregador do

telemóvel e segurou-o à frente da cara. 5h45 da manhã — tinha mesmo adormecido. A senha era a mesma, porque todas as senhas dela eram as mesmas: o seu aniversário e o aniversário de Keanu Reeves; criara-a quando tinha catorze anos e nunca encontrara uma razão para a mudar. Não era de admirar que roubar identidades fosse uma coisa tão fácil. Mas, naquele momento, em vez da resplandecente fotografia de *Ursula* que Alice estava habituada a ver no ecrã, havia uma imagem de duas crianças sorridentes e de cabelo escuro.

Parecia-lhe tratar-se de um menino e uma menina, mas Alice não podia afirmá-lo com certeza. Ambas as crianças tinham as sobrancelhas castanhas e escuras, nas testas pálidas. A mais pequena estava sentada ao colo da maior, como uma boneca russa, e parecia mais gordinha. A maior tinha a boca aberta. Alice soube que aqueles eram os seus filhos. E a julgar pela cor da pele, boca e olhos, e o quanto ambos se pareciam com o pequeno Raphael Joffey que tinha entrado no escritório dela naquela semana (ou nunca, dependendo da perspetiva), Alice sabia quem era a pessoa que dormia do outro lado daquela cama.

Alice atirou o edredão para trás e pousou os pés no chão. O tapete debaixo da cama era enorme e, provavelmente, teria custado mais do que três meses de renda em Cheever Place. Vestia umas calças de pijama às riscas com uma *t-shirt* que dizia *Belvedere Fun Run*, que ela reconheceu como tendo alguns anos. Alice pressionou-a contra o corpo, uma manta de segurança de algodão macio. *Okay*, pensou. *Okay*. Alice agarrou o telemóvel e inclinou-se em direção à porta. Tinha a mão na maçaneta quando ouviu uma descarga e uma porta na parede adjacente abriu-se. Alice deu um passo atrás, como se fosse esconder-se através desse movimento, mas permaneceu humana e visível.

— O que é que estás a fazer?

Tommy tinha vestido um conjunto de exercício justo, com manchas de suor e o cabelo húmido a condizer. Estava muito parecido com aquilo que ela vira no seu escritório, mas com um corte de cabelo mais curto e uma cara ainda mais bonita. Tinha funcionado, percebeu; alguma coisa tinha funcionado. Alice recordou a cabeça de Tommy no seu ombro, no táxi, e naquilo que lhe tinha sussurrado ao ouvido. Talvez tenha sido isso. Talvez fosse esse o segredo — dizer às pessoas exatamente o que se queria, a verdade, e depois sair do caminho.

— Nada — disse Alice. Endireitou-se. — Vivemos aqui. Tu e eu.

— Sim, isso mesmo. E também: o céu é azul, a relva é verde. Alguma outra revelação chocante?

— Vivemos sempre aqui? — perguntou Alice.

— Bem, nem *sempre* — disse Tommy, revirando os olhos. — Consegues imaginar? Que vergonha!

Era uma piada, mas a piada fez com que Alice se sentisse fisicamente doente.

— Será esta uma forma estranha de me dizeres que queres comprar outra casa? Ir ao Zillow⁴⁴ não te faz bem, Alice. Não mexas no telemóvel a meio da noite. Uma casa de campo é suficiente.

Enquanto Tommy falava, Alice imaginou uma casa branca atrás de uma cerca, uma entrada de gravilha. Alguém a cortar a relva.

— E ainda temos a dos meus pais. Este ano, a piscina vai ser restaurada; as crianças vão adorar.

Alice já tinha ouvido uma frase como aquela mil vezes. A forma como tinha sobrevivido à vida em Belvedere fora canalizando a sua inveja para a superioridade. Dois terços do corpo estudantil ter-se-iam descrito como sendo de classe média, uma categoria que Alice não pensava que pudesse incluir o acesso ao arrendamento de aviões e casas privadas nas Caraíbas, casas de campo em Long Island, ou empregada a tempo inteiro em casa. Leonard tinha-lhe dito que ganhava mais dinheiro do que a maioria dos seus amigos, mas que, em simultâneo, eles tinham menos dinheiro do que essa maioria, porque o dinheiro dele era a única fonte de rendimento deles, mas a maioria das crianças em Belvedere estava sentada em cima de dinheiro de várias gerações. Os nova-iorquinos eram especialistas em transformar as suas lutas quotidianas — carregar sacos pesados de mercearias, apanhar o metro em vez de conduzir um carro — em valorização pessoal, e Alice tinha anos de experiência a fazer-se sentir melhor pelo facto de não ter herdado um prédio familiar em Greenwich, ou um cavalo, ou um Range Rover. Agora que parecia ter todas essas coisas, além de um Tommy Joffey suado no quarto partilhado por ambos, Alice não sabia bem o que fazer. Era assim que todos os filmes sobre viagens no tempo terminavam. No *13 Going On 30!*, Jenna Rink saiu de casa com um vestido de noiva. Bill e Ted passaram à história. Marty McFly ganhou um jipe. Depois, a câmara deslizava para trás, revelando toda a cena, *perfeita*, e desvanecia-se até que o ecrã ficasse preto. Em *Time Brothers*, entre resgates, Scott e Jeff

acabavam na pizaria favorita. Nunca ninguém estava de pijama, a tentar lembrar-se da sua vida.

A porta do quarto abriu-se, batendo no lado direito de Alice.

— Mmmmmmmã!!!

Um pequeno corpo estava agarrado às suas canelas. Parecia que estava a ser atacada por um polvo amigável — aquilo não podiam ser apenas dois braços! Alice achava que ia cair, mas isso não aconteceu porque se apoiou contra a parede. A criança agarrava-a com força. Alice colocou uma mão ao de leve no topo da cabeça dela. Seria este o rapaz, ou a rapariga, da fotografia? Alice ajoelhou-se para ver melhor.

— Olá — disse Alice.

Era um rapaz — não o rapaz que tinha entrevistado em Belvedere, mas *quase*. Os olhos eram os mesmos de Tommy, numa carinha mais pequena, e o cabelo grosso e bonito. Alice procurou vestígios seus no rosto da criança, mas não os encontrou em lado nenhum. Era como elogiar alguém pelas suas semelhanças com o seu filho, apenas para que essa pessoa dissesse: bem, sabes, ele é adotado.

— Diz-me lá como é que te chamas? Camião, não é? Xilofone? Lembra-me lá, sim?

O rapaz riu-se.

— Mamã, sou eu, o meu nome é Leo.

Enterrou-se na pequena curva do colo de Alice, atirando-a suavemente para o chão. Apesar de ter, aparentemente, dado à luz dois seres humanos, o corpo de Alice sentia-se apertado e forte, mais forte do que alguma vez tinha sido. Questionou-se sobre quanto dinheiro é que teria gastado em *personal trainers*, mas decidiu que era melhor não saber.

— Ah, sim, é verdade, já me lembro — disse Alice. — *Leo*. E a tua irmã? Guarda-Chuva? Zimbabué?

Conseguia sentir o nome a pairar-lhe sobre a cabeça — Alice parecia conseguir ver as letras a formarem-se, como uma sopa de letras. Estas crianças eram dela, sem dúvida. Dela e de Tommy. Alice era *mãe*. A mamã. Mamã? A sua própria mãe tinha decidido que preferia ser chamada pelo primeiro nome, porque só existia uma verdadeira mãe: Gaia, a Mãe-Terra. Alice sentiu a pele à volta do pescoço ficar manchada com o pânico.

Leo riu-se novamente, com as suas mãos suaves e húmidas agora pressionadas contra as bochechas de Alice.

— Cara de cocó — respondeu.

O rapaz era tão fofo, como um pequeno querubim, e Alice gostou da sensação das mãos dele na sua pele. Pôs as suas sobre as dele. Alice não sabia se podia falar com Tommy, mas poderia falar com Leo. Ela era boa naquilo — a agachar-se, a sentir o hálito quente de uma pessoa pequena. Leo teria possivelmente quatro anos. Não! Teria definitivamente quatro anos. Alice sabia.

— Não, não! Não é Cara de cocó — disse Alice.

Leo largou-a e foi a correr pelo corredor, a gritar *Cara de cocó* sem parar.

Tommy despiu a camisola, amassou-a e atirou-a para um cesto. Os calções e os *boxers* seriam os próximos. Era bom vê-lo de novo num corpo adulto, mas Alice olhou para o lado. Era demasiado íntimo, demasiado nu. Estava despido ao lado do candeeiro, inclinando-se de forma deselegante para tirar as cuecas — não havia nada mais nu do que aquilo. O sexo exigia proximidade e, portanto, uma visão limitada. Ali, do outro lado do quarto, Alice podia ver tudo. Fechou os olhos e fingiu ter algo nas pestanas.

— Ainda vais dar uma corrida? — perguntou Tommy. Alice ouviu-o voltar para a casa de banho, seguido do som da água do chuveiro.

— Sim! — respondeu Alice. Estava desesperada por sair do quarto, do apartamento, queria voltar a Pomander. Queria ligar ao pai. — Temos planos para hoje? Estou a sentir-me sei lá... meio esquecida.

— Sabes, pensei que podia evitar este problema casando com uma mulher mais nova. Não pensei que a demência fosse começar tão cedo.

A voz ecoou nas paredes de azulejos.

— Vá lá — pediu Alice.

O aniversário de Tommy era apenas uma semana depois do dela. Lembrava-se sempre, tão perto do seu, a pairar ali no calendário como se estivesse escrito com tinta invisível e só ela o pudesse ver. Era assim que eles falavam um com o outro? Alice sentia-se como se ainda estivesse no modo adolescente, incapaz de dizer o que realmente sentia sobre qualquer coisa, apenas capaz de utilizar sarcasmo e irritação fingida. Olhou para a data no telemóvel — 13 de outubro. Um dia depois de ter feito quarenta anos. A saída do passado empurrara-a para o mesmo tempo de quando tinha entrado, só que agora estava um pouco fora da sua antiga pista. Alice queria ligar ao pai, mas estava com medo. Queria ligar a Sam, mas estava com medo. A verdade é que queria fazer ambas as coisas em privado, porque não tinha a certeza de como iria correr, e Alice não se achava suficientemente boa atriz para conseguir mascarar as suas reações. Se o pai

estivesse bem, será que ela o perceberia? Se estivesse morto, será que saberia? Alice não tinha a certeza de nada, ainda não. Tommy saiu do chuveiro, com uma toalha à volta da cintura.

— *Okay, okay.* Os quarenta são os novos trinta. — Levantou as mãos em sua defesa. — Para já, tenho o Leo e a Dorothy. Tu vais dar um passeio com eles depois da corrida, e a seguir chega a Sondra, às dez. Vais visitar o teu pai, depois a festa é às sete. Se quiseses fazer mais alguma coisa, tu é que mandas!

Tommy beijou-a na bochecha. Estava alegre, porque era a semana dos seus anos. Alice sabia isso, mais do que qualquer outra coisa.

— Dorothy — disse Alice. Certo.

Havia uma janela no outro lado do quarto e Alice encaminhou-se para ela e olhou lá para fora. Por baixo, o Central Park estendia-se como um tapete. O lago, uma parte do parque à qual Alice nunca prestara muita atenção porque lhe parecia que tinha sido construído para turistas, estava mesmo por baixo. À esquerda, podia ver uma torre pontiaguda. Uma, de duas.

— A porra de San Remo — disse Alice. — Onde estão os teus pais?

Ela deveria saber a resposta, claro, mas Tommy revirou os olhos, continuando uma conversa diferente.

— Oh, sim... como se eles estivessem dispostos a ajudar com os miúdos de madrugada. Ou, tu sabes... noutra altura qualquer! — disse Tommy.

Estava parado, completamente nu, a conversar com ela. Tinha pelos cinzentos no peito, pequenos remoinhos apertados, como as molas que seguravam as pilhas. Quando ele se virou em direção ao armário, Alice reparou na ligeira flacidez do seu rabo, o que parecia cruel da parte dela, mas também reconfortante, pelo facto de não ser a única humana viva que estava a envelhecer. Nem Tommy Joffey — o sobrenome dela seria Joffey? Não, não, Alice nunca faria uma coisa dessas — era imune. Tommy vestiu-se e fechou a porta atrás dele, Alice mexeu nas gavetas para encontrar roupa. Leonard tinha razão — havia uma certa memória muscular ao mover-se pelo espaço. Sabia que gavetas abrir, ou uma parte dela sabia.

Vestiu-se rapidamente e avançou pelo corredor, com o telemóvel na mão como um cobertor de segurança.

Alice não tinha, simplesmente, decidido não querer ter filhos. Mas o momento nunca tinha sido oportuno. Fizera um aborto, do primeiro namorado com quem tinha vivido, e com quem queria muito ter-se casado. Ele não queria um bebé, ou pelo menos dissera-o, até se terem separado e

ter tido um bebê com outra pessoa. Alice até tinha tido uma lista de nomes, e a verdade era que Dorothy estivera sempre nela. Durante os seus vinte e trinta anos, Alice acreditou que, um dia, teria filhos, até ter deixado de acreditar. Era como equilibrar uma bola de *bowling* no meio de um baloiço. Havia pessoas que estavam tão seguras, numa direção ou noutra, e depois havia pessoas como ela, que nunca tinham realmente decidido, até terem percebido que o momento havia passado e que tinham sido atiradas para o lado. Um dos atores de *The Odd Couple* tinha tido um bebê aos setenta e nove anos. Os homens nunca tinham de decidir nada.

O apartamento era enorme. O corredor por onde tinha entrado era longo e escuro, forrado, de um lado, por estantes e, do outro, com fotografias de família emolduradas. A voz alta de Leo ecoava da outra sala e ouvia-se também o barulho de um porco britânico que Alice reconheceu — era importante, ao conhecer crianças pequenas, estar a par dos seus gostos no que dizia respeito a desenhos animados. Alice andava devagar, os pés silenciados pelo chão de madeira. A maioria das fotografias era das crianças — Leo vestido de *Caça-Fantasmas* e a irmã, Dorothy, como o *Stay Puft Marshmallow Man*⁴⁵; as duas crianças na banheira, rodeadas por uma montanha de bolhas — mas, no centro da parede, havia uma fotografia de casamento. Do casamento de Alice com Tommy Joffey. Aproximou-se, de modo que o seu nariz quase tocasse no vidro da moldura. Na fotografia, Alice usava um vestido de renda até ao chão, branco, com mangas altas e um laço gigante debaixo do corpete, como um presente humano. O cabelo estava penteado de uma maneira que nunca tinha visto, em cascata sobre o ombro, como o de uma modelo de fatos de banho. Alice não conseguia perceber como se sentia, olhando para a sua cara — parecia mais demente do que alegre, cheia de endorfinas ou terror, não tinha a certeza. Havia fotografias de Alice grávida, agarrada ao fundo da enorme barriga, como se ela fosse cair ao chão se não a segurasse. Alice levou as mãos a meio do corpo, onde a pele era macia e esponjosa, como uma massa prestes a crescer.

— Mamã! — uma voz alta gritou a partir da sala ao lado. Alice atravessou o corredor e enfiou a cabeça numa porta aberta. O quarto — cor-de-rosa, com uma cama de dossel — era três vezes maior do que o quarto de infância de Alice, em Pomander Walk. Uma menina pequena estava sentada no tapete, a partilhar chá com um urso de peluche do seu tamanho, talvez maior. Alice sentiu o corpo inundado por um sentimento que não conseguia

identificar. Queria abraçar a menina, agarrar nela e apertar os seus corpos um contra o outro. Queria fazer com Dorothy o que Leo lhe tinha feito instantes antes, abraçá-la com tanta força que ambas cairiam.

— Olá, Dorothy — disse Alice. — Posso participar?

Dorothy acenou com a cabeça, solene perante a importância daquela tarefa, e serviu uma chávena de chá a fingir. Alice sentou-se entre a criança e o urso. Ouviu-se um barulho tempestuoso e Leo saltou para dentro do quarto, chocando com Alice e abraçando-a por trás. Tommy entrou a seguir.

Quando os seus amigos começaram a casar e a ter filhos, Alice pensara nos subprodutos dessas decisões: um apartamento cheio de brinquedos, partilhar a cama com a mesma pessoa para sempre, ter alguém por perto que, potencialmente, soubesse como pagar corretamente os impostos, amamentar, o que era exatamente uma placenta e porque é que algumas pessoas a comiam, o que é que acontecia ao amor ao longo dos anos, se as pessoas achariam os próprios filhos aborrecidos, se odiariam os cônjuges, se ela seria boa em alguma dessas coisas. No início, tudo aquilo lhe parecia teórico, a forma como as adolescentes por vezes planeavam os futuros casamentos, sabendo que tudo nas suas vidas seria diferente quando se casassem mesmo, mas fazendo-o de qualquer das formas. Mas quanto mais velha Alice ficava, e quantos mais dos seus amigos passavam realmente por isso, mais aquele sonho passava de uma fantasia divertida a triste. O casamento era claramente uma questão de compromisso e a paternidade era uma espécie de sacrifício, mas, tal como tudo o que era difícil e desagradável, essas condições seriam mais fáceis de suportar se fossem introduzidas mais cedo.

— Este chá é delicioso, posso beber mais um bocadinho? — perguntou Alice. Dorothy acenou com a cabeça e pegou outra vez na chávena com os seus dedos pequenos e rechonchudos. — E quantos anos tem esta pessoa pequenina e linda?

— A Cara de cocó tem TRÊS! — gritou Leo, correndo pelo quarto até bater de cabeça contra o gigantesco urso de peluche. A pequena Cara de cocó explodiu em lágrimas. Levantou-se e gritou, com os punhos cerrados.

— Ui! — disse Tommy. — Anda cá, bebé.

Pegou em Dorothy e levou-a para uma cadeira de baloiço no canto; agarrou na fita de algodão presa à chucha e estendeu-a à criança. Dorothy pegou no objeto com as duas mãos e tapou a própria boca, sentindo um conforto imediato, parecia perto do êxtase. Gemeu.

— Vai dar a tua corrida — disse Tommy. — Eu trato disto.

Sentou-se na cadeira e tirou um livro de uma prateleira próxima. Leo arrastou-se pelo chão e colocou a cabeça em cima de um dos pés de Tommy. Alice não sabia quando é que se tinha transformado numa pessoa que corria por diversão, mas calçou um par de ténis à porta de casa e saiu para o mundo.

⁴⁴ Uma espécie de *marketplace* americano do ramo imobiliário — como o Imovirtual em Portugal.

⁴⁵ Personagem do filme *Os Caça-Fantasmas*.

O porteiro abriu a porta do prédio, colocando-se ao lado da planta de dois metros de altura que estava na entrada do edifício.

— Bom dia, Alice — disse o homem, saudando-a.

Era pequeno, tinha uma cara redonda e um peito cheio, dentro de um casaco formal. Alice sentiu-se terrivelmente por não saber o nome dele, podia imaginar quantas pessoas viviam no edifício que nunca se dariam ao trabalho de o chamar pelo nome, até ser altura de o escreverem num postal de Natal.

— Bom dia! — disse ela, e correu para o ar da manhã de Central Park West.

Ao contrário da Broadway ou Columbus, as movimentadas ruas comerciais do bairro Central Park West permaneciam iguais. As árvores inclinavam-se sobre as paredes de pedra, como vizinhos que partilham açúcar, algumas dobrando-se para baixo, fazendo sombra aos bancos. Os edifícios de frente para o parque não eram as monstruosidades brilhantes que Alice costumava ver, ao espreitar para a linha do horizonte no centro da cidade. Eram de pedra calcária e tijolo, elegantes e robustos. E podiam ter sido construídos em qualquer ano das últimas cinco décadas. Caixas de flores estavam dispostas na frente dos prédios mais caros, e porteiros faziam vigilâncias junto das portas, prontos para chamar táxis ou ajudar a carregar sacos de compras. Alice tirou o telemóvel do bolso e carregou no nome do pai. O que é que Tommy tinha dito? Que ela ia visitar o pai? Teria ele falado em hospital? Alice tinha quase a certeza de que não.

O telemóvel tocou e tocou e depois a mensagem de correio de voz de Leonard começou a dar. Alice não a ouvia há tanto tempo — nas semanas antes do aniversário, não tinha tido motivos para ligar — se Leonard não podia atender o telefone, que era, afinal, um pedaço de metal e plástico do tamanho de um bolso, por que motivo ligaria? Leonard pedia a quem ligasse que deixasse mensagem, dizendo que retornaria a chamada assim que possível. Talvez estivesse no duche. Talvez estivesse a tomar o pequeno-almoço no *City Diner* e tivesse deixado o telemóvel em casa. Alice invejava isso no pai — que ele mantivesse uma certa atitude do

século vinte em relação aos telemóveis, que ficavam em casa, o que lhe permitia facilmente passar horas sem tocar num, enquanto Alice mal conseguia fazê-lo durante mais de dez minutos. Alice desligou em vez de deixar mensagem, depois mudou de ideias, ligou de volta, e, logo a seguir ao sinal sonoro, disse: *Olá, pai. É a Alice. Só queria ouvir a tua voz.* Estava do outro lado da rua do Museu de História Natural, e parte do seu pensamento fugiu para aquela ideia: se entrasse, e se fosse diretamente para baixo da baleia, seria certamente capaz de se ver a si própria e ao pai ali deitados. Alice começou a correr.

A alguns quarteirões a norte, aproximou-se a esquina de Belvedere. Espreitou pela rua e ficou aliviada ao vê-la vazia — sem fantasmas do passado ou do presente. Correu mais depressa, passou por casais de idosos a andar de mãos dadas, passou pelos vendedores de cachorros-quentes, que se preparavam para o dia. A firmeza da cidade mantinha-a de pé. A cidade de Nova Iorque podia lidar com qualquer crise pessoal — porque, com toda a certeza, já teria visto pior.

O semáforo mudou na esquina da Rua 86 com Central Park West e Alice inclinou-se, as mãos sobre os joelhos, a respirar com força. Uma corredora agachou-se também e parou ao lado dela, com auriculares nos ouvidos. Alice ignorou-a até a mulher lhe acenar com uma mão em frente ao nariz.

— Bom dia — disse Alice.

— Oh, vá lá! — disse a mulher. Balançou-se mais rápido, como um pugilista de peso leve, e começou a dar socos no ar.

— É o teu aniversário... *la la la la!* Bem... e também é o meu! — A mulher desatou a rir-se. — Estou a brincar, não é o meu aniversário. Parabéns pelos quarenta, amiga!

Antes de Alice perceber o que estava a acontecer, os braços suados da mulher estavam à volta do seu corpo, a apertá-la.

— Oh, wow! Obrigada — disse Alice.

Quando a mulher se afastou, Alice olhou para ela. Era uma mãe de Belvedere, uma verdadeira praga. Mary-Elizabeth, talvez? Ou Mary-Catherine? Havia dois meninos pequenos, um deles tinha estado a uma unha de chumbar na pré-escola por causa de um problema relacionado com mordidelas. Felix e Horace, eram esses os nomes deles. Alice conseguia imaginar os cortes de cabelo bem aparados e a educação do género *serial killer*.

— Como é que sabias? — perguntou Alice.

Mary-Catherine-Elizabeth acenou com o telemóvel no ar.

— A sério? Tens andado a divulgar isso no Instagram como uma maluca. Vi o bolo que fizeste com os teus filhos, tão querido! Os meus não comem glúten, porque isso os faz... — Desenhou círculos à volta dos ouvidos e entortou os olhos. — De qualquer forma, temos uma ama nova, finalmente, e, por isso, o Ethan e eu conseguimos ir hoje à noite. Vai ser ótimo beber *cocktails*, depois de um dia inteiro com os miúdos. — Fez outra cara engraçada. — Enfim, tenho de continuar a correr! Sabes como é, *self-care*. Até logo!

Saiu disparada como um tiro, atravessando a rua com passos longos, desaparecendo no parque em direção a sul.

Alice ia fazer uma festa de anos! Outra vez. Pegou no telemóvel para enviar uma mensagem a Sam, mas quando olhou para o histórico da conversa, viu que era escassa. Principalmente as mensagens de Alice em bolas azuis — *Olá! Só para saber como estás? Queres ir jantar na próxima semana? Como está a correr? Está a dar uma maratona de 90210, para tua informação* -, que tinham respostas pouco frequentes de Sam. *Sim, em relação ao jantar — esta semana tem sido uma loucura!*

Alice pôs o telemóvel outra vez no bolso. Trataria disso mais tarde.

Demorou seis minutos a correr até Pomander Walk. Atrás do portão, Pomander estava sossegado, mas não estaria por muito tempo. Alice destrancou o portão pesado e correu para a porta do pai. Não queria ver nenhum dos vizinhos, porque não sabia nenhuma resposta às perguntas básicas deles — mesmo um *como estás* seria uma mina terrestre. Alice fechou a porta atrás de si e *Ursula* apareceu de imediato entre as suas pernas. Inclinou-se para baixo, pegou nela ao colo e apertou-a contra o peito.

— Olá, gatinha — disse para dentro do pelo preto de *Ursula*, sussurrando, para o caso de o pai estar em casa e ainda a dormir. Todas as luzes estavam apagadas, mas o sol começava a nascer, e Alice podia percorrer a casa sem problema. Poderia ter feito aquele percurso com uma venda nos olhos. No fim do corredor, colocou a mão na maçaneta do quarto do pai, mas hesitou. O que é que queria ver? Será que queria encontrá-lo lá a dormir? Será que queria ver uma cama vazia? Em vez disso, Alice colocou a mão na maçaneta do próprio quarto e empurrou a porta para espreitar.

Havia um tapete no chão. Parecia velho e caro, talvez turco. Era possível que tivesse estado sempre ali, debaixo das suas pilhas de pertences, mas

Alice não se lembrava de alguma vez o ter visto. Havia uma secretária onde a sua cama deveria estar e uma grande e bonita cama de madeira.

— O que é isto? — disse Alice. *Ursula* saltou para o chão e aterrou com barulho. Alice abriu a porta do armário e encontrou roupas penduradas com cuidado, lençóis e toalhas dobradas. Nada daquilo lhe pertencia. — Mas que raio...

Recuou para fora do quarto e parou na porta do quarto do pai. Bateu uma vez, devagar, e colocou a orelha contra a madeira. Não ouviu qualquer som, pelo que bateu novamente, virando, seguidamente, a maçaneta de forma lenta.

A cama de Leonard estava vazia, e limpa como sempre, com quatro almofadas na parte superior e a sua colcha de padrão familiar puxada e esticada de ambos os lados. Alice fechou a porta novamente. *Ursula* miava, pedindo claramente para ser alimentada o mais elegantemente possível, e Alice foi buscar uma lata nova, esvaziando-a para a tigela, que estava onde sempre estivera, num pequeno tabuleiro no chão da cozinha.

A maioria das coisas na cozinha estava igual. Isso era o que acontecia quando se vivia num lugar durante décadas, e se fôssemos como Leonard — as coisas que compraste uma vez, por capricho ou por necessidade porque precisavas de um banquinho e compraste o primeiro que viste, bem, eram exatamente as coisas com que ficavas. Leonard nunca se preocupara com *design* de interiores, ou qualquer tipo de *design*. Mas havia alguma coisa de diferente na cozinha, e Alice permaneceu uns momentos quieta, tentando descobrir o que seria.

Não havia cinzeiros.

Alice olhou para a mesa, e não estava lá nenhum. Olhou para o balcão da cozinha. A casa cheirava a lavanda e a sabão. Virou-se para o frigorífico e colocou a mão na pega, mas parou — havia uma fotografia sua presa à porta, com um íman que Leonard tivera toda a sua vida, um logótipo circular da NASA comprado num museu quando Alice era miúda.

A fotografia parecia um postal de férias — profissionalmente fotografado e impresso em cartões espessos. *Feliz Ano Novo!* lia-se, em letras douradas grandes. Na fotografia, Alice segurava Leo e Dorothy no colo, com o menino agarrado a um camião de brincar. Tommy estava de pé atrás deles, com as mãos nos ombros de Alice, tal qual um mau massagista.

A porta da frente rangeu e Alice saltou.

— Pai? — perguntou, virando-se, com o coração a bater a mil.

— Hum, não? — disse uma pequena voz.

Uma rapariga magricela de calças de ganga azuis e uma enorme camisola acenou-lhe da porta.

— Eu sou a Callie, da porta ao lado? Estou a tomar conta da *Ursula* enquanto o Leonard — *o teu pai* — está no hospital.

— Certo — disse Alice. Engoliu em seco. — Olá, Callie. Obrigada. Acabei de alimentar a *Ursula*, mas tenho a certeza de que ela vai adorar receber mimos.

— Sim — respondeu Callie, ainda de pé na entrada.

Alice tocou no cartão no frigorífico, cobrindo a própria cara com o indicador.

— Certo, obrigada — rematou, saindo pela porta.

As horas de visita começavam às onze, por isso não podia ir diretamente para a cidade. Alice olhou para as chaves que tinha na mão e começou a caminhar de volta para San Remo. Não conseguia imaginar aquele sítio como o seu lar.

As crianças gritaram quando viram Alice entrar pela porta da frente do apartamento. *Que bom*, pensou Alice, uma comissão de boas-vindas. Tinha pensado muito sobre as desvantagens da paternidade — noites sem dormir, fraldas, um compromisso vitalício de amor e apoio — mas não tinha passado muito tempo a ponderar os benefícios.

— Vou tomar um duche e vou já para aí! — gritou Alice.

Alice vivera sempre sozinha e ocorreu-lhe que, por isso mesmo, estivera sempre um pouco solitária, apesar de desfrutar do sossego, do espaço e da liberdade. Na casa de banho, Alice trancou a porta, não estava pronta para uma intimidade *total* com Tommy, algo que ele tomava por garantido, e tentou ligar a Sam; em vez de deixar uma mensagem de voz quando ela não atendeu, Alice enviou uma mensagem de texto. *Gostaria muito de falar contigo. Por favor, liga-me assim que puderes.*

Algumas coisas estavam diferentes no corpo dela: os mamilos estavam maiores e mais escuros, um mais do que o outro; o estômago macio e ligeiramente curvado em direção à pélvis; a pele tinha pontos prateados e linhas curtas, como uma mensagem em código Morse que dizia: *Já tive dois bebés*. Aquilo parecia um jogo, ou um *puzzle* na última página de uma revista: *Encontra as diferenças*. O cabelo estava mais curto e Alice conseguia perceber que aquele era o corte mais caro que alguma vez fizera — a cor era o que a sua cor natural costumava ser no verão quando era criança, bronzeada e loira; mas, era outubro, e ela não era loira havia décadas. Os champôs eram caros, com embalagens artísticas, e Alice sabia que o gigantesco recipiente de gel de banho custava cinquenta dólares. Ainda não sabia em que é que Tommy trabalhava. Parte dela sabia, claro, mas não a parte que estava atualmente a acontecer. Alice tinha tantas perguntas para o pai. Se tinha deixado de fumar, só pelo facto de ela lho ter pedido? O que tinha acontecido à sua outra vida, aquela que ela tinha antes? Ainda estaria a acontecer, sem ela, ou tinha carregado no botão de reiniciar no mundo inteiro? Parecia uma responsabilidade demasiado grande. Ele estava a sorrir, não estava? Quando lhe explicara como as coisas funcionavam?

Quando Alice se limpou, secou e vestiu, voltou para a sala de estar, onde encontrou os miúdos com uma mulher estranha — Sondra? — na mesa da cozinha, a trabalhar em alguma coisa. Mas, naturalmente, somente Alice era uma estranha, não aquela mulher.

— Olha, mamã! A Sondra ajudou! — disse Leo.

Atirou algo para cima da mesa na direção de Alice. Era uma folha de papel dobrada, um coração pontiagudo na frente e *LEO* em letras grandes no interior.

— Obrigada — disse Alice. — É perfeito.

Deu um beijo ao menino na cabeça. Havia casamentos arranjados em tantas partes do mundo, situações em que se entrava numa sala como estranhos e se saía enquanto família. As pessoas aprendiam a amar-se todos os dias. Alice sentiu-se como se tivesse entrado no cenário de uma série, não *Time Brothers*, mas *Malcolm in the Middle* ou *Roseanne*⁴⁶, algo que tivesse sido filmado num cenário com um sofá ao centro e a câmara onde a televisão estaria na vida real. Nada à sua volta lhe parecia real, mas Alice estava disposta a tentar. Pegou num lápis de cera e num pedaço de papel e começou a desenhar.

⁴⁶ Ambas as séries são comédias familiares americanas.

O hospital permanecia tal qual Alice recordava — uma série de grandes edifícios brancos e de vidro, agarrados à ponta superior de Manhattan, com o Hudson por baixo. Uma bandeira gigante proclamando-o como o hospital número onze do país tinha sido pendurada na Fort Washington Avenue, o que parecia uma fanfarronice lamentável. Médicos e enfermeiros de uniforme faziam fila nas rulotes no exterior, impermeáveis às ambulâncias e à carga e descarga de pessoas doentes e moribundas. A familiaridade de tudo aquilo era reconfortante — Alice pensou novamente no que o pai lhe tinha dito, sobre a vida ser pegajosa. O pai não estava morto. O pai estava vivo e estava ali, exatamente onde o tinha deixado.

Alice esperou dentro do hospital para fazer *check-in*. Reconheceu dois dos homens na secretária, London e Chris, que estavam, como sempre, a sorrir e a conversar com os visitantes, enquanto confirmavam as suas identificações. Quando chegou a vez dela, Alice colocou-se à frente da cadeira de London e sorriu.

— Olá, aniversariante! — London tirou alguns cabelos invisíveis de cima do ombro. — Olha só para ti!

O átrio do hospital era arejado e de teto alto, com um *Starbucks* numa ponta e uma loja de presentes que vendia ursos de peluche baratos e chocolates na outra. Estava barulho o suficiente para que mais ninguém o pudesse ouvir a menos que se esforçasse para ouvir de propósito.

— Como é que sabias? — perguntou Alice.

London acenou-lhe com a carta de condução dela.

— Sou médium.

— Certo — disse Alice, envergonhada. — Mas foi ontem.

— Podes subir — indicou London. — Ainda te lembras do caminho? O número do quarto está no crachá — disse, entregando-lhe a carta de condução e o passe, através da abertura no separador.

O hospital não era diferente de San Remo, em certos aspetos. Havia vários elevadores e portas sem número, que conduziam a lugares onde civis não deviam ir. As pessoas faziam o mínimo contacto visual possível. Alice apanhou um elevador vazio até ao quinto andar e atravessou dois conjuntos de portas duplas, passando pela sala de espera que tinha uma encantadora vista para o rio e as íngremes paliçadas cinzentas do outro lado, próximas da ponte George Washington. Os corredores pareciam estéreis, com frascos de higienização para as mãos a cada quinze metros, mas não eram tão limpos quanto seria de esperar, havia pedaços de algodão ao longo dos rodapés e pessoas a tossir para o ar. Alice estava com frio, puxou o fecho do casaco. Sabia estar perto.

Não lhe parecia justo. Era suposto que as coisas fossem as mesmas quando se recuava no tempo, mas noutra direção. Alice assumira — apercebeu-se disso enquanto caminhava pela última parte do corredor — que aquela parte seria diferente, tal como o seu apartamento na cave, que tinha sido substituído por um apartamento soalheiro com crianças adoráveis e uma ama. Assumira que, se as coisas fossem reparadas no passado, *todas* seriam reparadas no presente. Sabia que todos acabariam por morrer, claro. Todos morrem no *final*, num ponto desconhecido do futuro. Mas era suposto as pessoas morrerem quando os seus entes queridos pudessem acenar com a cabeça, chorar e dizer: *foi a altura certa*. O que é que Alice tinha feito se, afinal, não tinha desfeito o tempo? O que quer que ela tivesse conseguido fazer, entre o décimo sexto aniversário e aquele momento, tinha mudado o resto da sua vida, então por que razão não mudara aquilo? O pai no hospital?

Alice chegou ao quarto com cortinas fechadas onde se encontrava o pai. Havia uma placa na parede do lado de fora com o nome dele inscrito e o dos médicos e enfermeiras de serviço, bem como de todos os seus medicamentos. A televisão estava ligada e Alice podia ver as legendas no ecrã. Era o boletim meteorológico. Mais quente do que a média — 18 graus naquele momento; 21 graus para amanhã. Quem sabe se assim permaneceria até ao Halloween. Alice pôs uma mão na cortina e abriu-a.

Leonard estava na cama. Não tinha tubos no nariz, nem fios no braço, nada preso exceto uma ligação no seu antebraço que balançava como uma cenoura flácida. A sua bata de hospital estava coberta por um roupão de flanela, pendurado sobre o seu corpo estreito como um cobertor. O quarto estava gelado, como sempre. Os olhos de Leonard estavam fechados, mas a

boca estava aberta, e Alice conseguia ouvi-lo a respirar a partir dos lábios gretados.

Muitas pessoas entravam e saíam de quartos de hospital — essa era uma das coisas que fazia com que toda a experiência fosse suportável. Um desfile interminável de médicos, enfermeiros e terapeutas de vários tipos, e membros do *staff* que traziam lençóis limpos. Um vinha sempre com uma conversa tanto educada, quanto fiada. Um novo nome a aprender, uma saudação a oferecer. Naquele instante, encontrava-se lá uma mulher, parada junto à janela. Alice achou que era bom que ela ali estivesse, a tirar um momento para olhar para o Hudson antes de continuar a entregar líquidos ou almoços ou a verificar sinais vitais ou a remover o lixo, qualquer que fosse o seu trabalho. Alice deu um passo para mais perto do pai. A mulher virou-se e sorriu.

— Alice — disse ela, agarrando-lhe as duas mãos, como se tivesse pequenas garras de lagosta pálidas.

Alice, com o devido cuidado, deu um passo atrás, mas deixou que a mulher lhe segurasse as mãos, embora ela não tivesse acabado e continuasse a puxar Alice para mais perto de si, até que os seus corpos se pressionaram um contra o outro num abraço apertado. Era pequena e densa, como um boneco de neve, com uma coroa de caracóis cinzentos.

— Olá — disse Alice. — Bom... não acho que seja médica.

A mulher era parecida com cada terapeuta do Upper West Side que tinha conhecido, ou com uma diretora de escola, uma profissão que exigia tanto calor quanto uma mão firme. Havia algo de familiar no seu rosto, mas Alice não conseguia localizá-la. Talvez fosse do balcão de queijos no *Zabar's*. Ou da fila para as pipocas nos cinemas subterrâneos do Lincoln Plaza. Ela parecia-lhe a mãe de alguém e Alice teve um ataque de pânico momentâneo ao pensar que aquela mulher pudesse ser, de facto, a *sua* mãe. Mas não, isso não era possível.

A mulher riu-se.

— Por favor, consegues imaginar? Sabes como eu me dou bem com sangue.

Ela soltou-se de Alice e sentou-se na única cadeira da sala.

— Como é que ele está hoje? — perguntou Alice.

— Está bem — disse ela. Havia um saco grande pousado aos seus pés e ela tirou de lá uma pilha de bordados em tricô. — Igual a ontem.

Alice virou-se para o pai. Ele parecia-lhe amarelo e pálido sob as luzes fluorescentes, com as bochechas pontiagudas, que pareciam mais uma barba verdadeira do que antes. Tocou-lhe na mão.

— Olá, pai — disse Alice, calmamente.

— Como foi o resto do teu dia de anos? As crianças fizeram-te alguma coisa? — perguntou a mulher.

— Foi bom, sim — disse Alice.

Sentiu uma palmada nas costas, virou-se e viu que a mulher segurava um envelope.

— O teu pai escreveu-te isto. Um cartão de aniversário, acho eu.

Era um envelope branco simples com o nome de Alice escrito com a letra saltitante e terrível de Leonard. Alice pegou nele suavemente e segurou-o com ambas as mãos.

— Quando é que ele escreveu isto? — perguntou Alice.

— Não tenho a certeza. Mas deu-mo há um mês, por aí. Para te dar hoje. — Os olhos dela comprimiram-se. — Oh, Alice...

Os braços da mulher estavam agora à volta da sua cintura.

— Ele queria muito estar aqui para o teu aniversário!

— E ele está — disse Alice. Afastou-se, embora a mulher tenha resistido.

— Vou dar-te algum tempo. Queres alguma coisa do café? Sandes de alface? — Os olhos dela eram amáveis. Alice abanou a cabeça. A mulher pegou na carteira, tirou uma nota de vinte dólares e depois colocou-a de volta na mala. — Volto já.

Assim que se foi, Alice abriu o cartão do pai — a sua caligrafia era quase hieroglífica, mas Alice conseguia perceber o que dizia — *Al, bem-vinda de volta. Vais habituar-te a isto. Feliz aniversário, mais uma vez. Com amor, pai.*

Não era o que ela queria que dissesse, preferia: *Surpresa! Estou acordado! Só estou a fingir que estou mal!; ou, talvez: Há uma chave secreta escondida debaixo da cama; encontra-a e podes voltar a ligar-me. Como um brinquedo de corda.* Alice enfiou a carta no envelope e colocou-a no bolso de trás.

— Vá lá, pai, uma ajudinha teria sido bom — pediu-lhe ela.

Alice pegou na mala da mulher, agarrou na carteira e abriu-a. O nome na carta de condução era Deborah Fink — a fotografia tinha uma década, e Deborah era mais magra na altura, com o cabelo ainda castanho e encaracolado caído nos ombros. A morada indicada era Rua 89 West,

alguns quarteirões a sul de Pomander. Alice tinha, provavelmente, passado por ela mil vezes, talvez até se tenha sentado ao seu lado na M104, ao subir ou a descer a Broadway.

Uma médica bateu à porta e espreitou lá para dentro. Alice congelou como se tivesse sido apanhada a roubar numa loja. A médica era uma mulher negra e alta, com um estetoscópio que tinha um pequeno coala de brincar agarrado a ele, o que Alice achou que a fazia parecer uma pediatra. Era mais fácil gostar de médicos se eles parecessem pediatras. Alice queria uma caixa de autocolantes e pequenos brinquedos, prémios por ter realizado algo assustador ou difícil.

— Olá — disse Alice, enfiando a carteira de volta na mala de Deborah, espetando-se numa agulha de tricô durante o processo. — Ai!

Estendeu a mão e apertou a recém higienizada mão da médica.

— Eu sou a Dra. Harris e estou a fazer as rondas hoje. É a filha do Leonard?

A Dra. Harris colocou mais álcool gel desinfetante e esfregou as palmas das mãos enquanto falava.

Alice acenou com a cabeça.

A médica entrou para dentro da sala. Era espantoso ver como certas pessoas podiam estar confortáveis com a doença, perto de corpos que não estavam a fazer o que era suposto fazerem. Mas, obviamente, era aquilo que os corpos deviam fazer — *falhar*. Alice é que nadava contra a corrente, pensando o contrário.

— Falei com a sua madrastra ontem e vou voltar a falar com ela hoje. O seu pai está estável, por agora. Mas quero pedir aos médicos dos cuidados paliativos para falar convosco e dar-vos uma ideia do que está para vir, e de como garantir que ele se mantém confortável. Penso que muito em breve falaremos sobre uma mudança para outro piso do hospital. — A médica fez uma pausa. — Sente-se bem?

Alice não estava bem.

— Claro — disse Alice. — É... complicado.

— Eu sei. — A Dra. Harris olhou para Leonard. — O seu pai tem sido um verdadeiro lutador. É um homem forte.

— Obrigada — disse Alice.

A médica fez um sorriso apertado e saiu, fazendo uma pausa lá fora para escrever uma nota no quadro branco.

— Desculpa por não te ter dito — disse Alice —, mas gostei mais da tua outra versão. Saudável e bonito e a viver em Pomander. Baixou a voz. — Eu casei-me. Tenho dois filhos. Não sei se tenho emprego. Como é que eu descubro em que é que trabalho? Não sei como isto funciona, pai. Devia ter feito mais perguntas.

Leonard fez um ruído de dor ou desconforto, ou quiçá o barulho provocado por um sonho involuntário, Alice não sabia. Debruçou-se e colocou a mão sobre a dele.

— Pai, consegues ouvir-me? Desculpa não te ter dito. Mas estou aqui, agora. Estou de volta. Sou eu.

A língua de Leonard moveu-se dentro da boca, como a de um papagaio.

— Eu estava lá, e agora estou aqui e tudo é diferente e não sei o que se passa com esta merda.

Aquela parte parecia não ter mudado — falava para o pai do outro lado de um abismo gigantesco. Ninguém ia apanhar as suas palavras e tudo o que precisava de ser dito, era bom que já tivesse sido. Aquilo não era como estar sentado no leito da morte de um ente querido, à espera de um pedido de desculpa, ou do código para um cofre cheio de amor e ternura. Alice e o pai tinham sido muito amigos, sempre. Era a sorte, ela sabia, a simples sorte, que dava a algumas famílias personalidades complementares. Tudo o que Alice queria era mais tempo.

Ouviu-se um som estrondoso como uma cortina de chuveiro a abrir — Deborah estava de volta, a carregar batatas fritas, um chocolate *Snickers* e dois cafés.

— Para ti — disse ela. — Escolhe.

Alice limpou os olhos e tirou o café da mão esquerda de Deborah.

— Madrasta.

Deborah mexeu a mão livre e deixou cair as batatas fritas no chão. As duas mulheres inclinaram-se para as apanhar, batendo uma na outra no espaço estreito ao lado da cama de Leonard.

— Por favor, querida — disse Deborah. — Sabes que sou apenas a tua Debbie.

— Eu sempre quis que ele encontrasse alguém — disse Alice. — Sempre quis, mesmo!

— Eu sei disso — disse Deborah. *Debbie*. A sua madrasta, Debbie, que lhe chamou *querida*. — Ele nunca me teria convidado para sair se não fosse por ti.

— Posso comer o *Snickers*, também?

— No que me diz respeito, meu amor, ainda é o teu aniversário. Podes ficar com tudo.

Debbie avançou até que as pontas dos sapatos delas se tocassem, depois, esticou-se para beijar a testa de Alice. Cheirava a leite quente e a mau café e a perfume de jasmim. Alice pensou em todos os artigos que tinha lido, e nos livros de autoajuda, em todos os conselhos estúpidos para que as mulheres pudessem ter tudo, tentando equilibrar esse tudo numa única vida, o que era uma impossibilidade cósmica. Ela nunca tinha sequer considerado todas as coisas que poderia ter, ou todas as coisas que não poderia.

— Eu vou tentar — disse Alice.

Tommy dissera que a festa seria uma coisa casual, mas dissera também que o pessoal do *catering* iria chegar às quatro para que estivesse tudo pronto por volta das seis, e o *barman* chegaria às cinco, mas as bebidas já tinham sido entregues. Quando as pessoas com camisas brancas e coletes pretos começaram a chegar, Alice soube que ela e Tommy tinham definições diferentes da palavra *casual*. Alice lembrava-se de algumas coisas — lembrava-se de querer aquela festa. Ela queria sempre uma festa, mas depois não gostava dela.

O seu armário era incrível: não eram os conjuntos da Cher Horowitz de *Clueless*⁴⁷, mas não estava muito longe disso. Para além de todos os vestidos *vintage*, muitos dos quais reconheceu, e da pilha de calças de ganga, o armário dela estava repleto de coisas caras e desenhadas por estilistas, que nunca poderia ter tido dinheiro para pagar com o seu salário em Belvedere. *Muito bem*, pensou Alice. *Assim sim* — aquela era a parte divertida das viagens no tempo, e aquela era uma parte que ela conhecia. Alice passou a mão pelas peças como uma concorrente no *Supermarket Sweep*⁴⁸. Manteve a porta do armário aberta, voltou para trás e sentou-se na cama. Queria saber quem é que viria à festa, por isso abriu o *e-mail* e começou a descer. A maioria era lixo, como sempre. Procurou Belvedere na caixa de entrada e apareceram cerca de mil *e-mails* — formulários de vacinação, angariação de fundos escolares, presentes de férias para professores.

— Foda-se, eu sou *uma mãe*! — disse Alice a si própria.

Não *uma mãe*, mas *uma mãe Belvedere*. Havia uma variedade de pais, claro, mas a variedade era uma poça, não um rio. Leonard sempre se destacara dos outros pais, com as suas *t-shirts* e ténis velhos, mas ganhava dinheiro o suficiente para que as pessoas simplesmente o excluíssem, em vez de o menosprezarem. Alice tinha tido muitos amigos a trabalhar em Belvedere cujos filhos também frequentavam a escola — como Melinda; assim como a maioria dos outros pais no *staff*. Era uma enorme vantagem, uma taxa de matrícula massivamente reduzida para os filhos dos

professores e funcionários, embora Alice soubesse, por alguns dos seus amigos, que a redução se havia tornado cada vez menor com o passar do tempo. Esses eram os pais da escola de que ela gostava. Dos outros — os pais que pagavam o bilhete inteiro, como ela e Emily se referiam a eles — não gostava.

Mas Alice sabia exatamente como eles eram. Arrancou alguns vestidos do armário — sofisticados, confortáveis, com desenhos elaborados e até mesmo algumas penas perdidas — e colocou-os em cima da cama. Era como vestir bonecas, mas na sua própria vida. Pelo menos, naquela versão da sua vida.

Dorothy entrou para ver a mãe e correu imediatamente, a mão cheia de geleia sobre a colcha, na direção de um dos vestidos, uma coisa bege que parecia feita para uma freira muito, muito rica.

— Olá, Dorothy — disse Alice. — Gostas desse?

Dorothy lambeu a palma da mão e depois abanou a cabeça.

— Eu gosto do cor-de-rosa.

O vestido cor-de-rosa era muito bom, Alice tinha que admitir. Tinha uma gola alta com um folho largo, que lhe recordava o vestido de baile de finalistas do filme *Pretty in Pink*, e era mais curto a meio das pernas, onde continuava com penas suficientes para uma dúzia de avestruzes.

— Não achas um bocadinho de mais? — perguntou Alice.

Dorothy abanou a cabeça vigorosamente.

— É como um *flamingo*.

Dorothy parecia ser muito direta. Alice tinha a certeza que a amaria muito, se fosse a sua mãe, se se pudesse lembrar de como era ser a mãe de Dorothy. Na verdade, começou a sentir alguma coisa — amor, talvez, ou devoção — a entrar pelo quarto como uma nuvem invisível. Não era exatamente o que ela imaginava que a maternidade seria, mas, afinal, o que é que Alice sabia sobre ser mãe? Sobre *as* mães? Alice mal se lembrava de estar no mesmo quarto que a sua própria mãe — tinha três ou quatro memórias e era tudo; tudo o resto era de longa distância, e vinha depois de Serena ter partido. As pessoas estavam sempre a dizer a Alice que era difícil para uma mãe perder a guarda de uma filha, mas não fora difícil quando a mãe concordara rapidamente com isso. A maternidade era como esquiar, ou cozinhar refeições elaboradas a partir do zero: qualquer pessoa podia aprender a fazê-lo, mas era muito mais fácil para as pessoas que tinham visto outras a fazer o mesmo primeiro, e bem, desde muito novas.

Sondra chamou por Dorothy e a menina voltou a correr para a cozinha, onde o jantar estava a ser dado às crianças. Alice verificou novamente o telemóvel — tentou ligar para Sam, mas ainda não obtivera resposta. A mãe tinha-lhe deixado uma mensagem de voz, que era praticamente a única parte da sua vida que sentia inalterada. Havia meia dúzia de mensagens de texto de pessoas cujos nomes não reconhecia, desejando-lhe os parabéns atrasados. Alice era popular.

Tommy entrou, fechando a porta atrás de si. Estava novamente suado, com roupas de desporto. Um casamento de pessoas ricas com filhos pequenos parecia envolver pais que se revezavam em exercícios e depois tomavam banho. Alice lembrou-se do sexo que ela e Tommy tinham tido, e há quanto tempo essa noite deveria estar para ele.

— Olá — disse ela. — Lembras-te de quando fodemos no meu décimo sexto aniversário?

— Eh lá! — disse Tommy. — Chamaste o canalizador outra vez? Continua a haver uma fuga no meu escritório; aposto que vem do apartamento lá de cima.

— Claro — disse Alice.

Estava em pé só com a roupa interior, que era bonita, do tipo que vinha numa caixa rodeada por papel e que era suposto ser lavada à mão. Alice estava habituada a comprar as suas cuecas em *packs* de três e depois usava-as até que o algodão estivesse demasiado manchado ou rasgado para ser ignorado, momento em que as atirava para o lixo e comprava mais. Passou uma mão por cima do sutiã rendado.

— Isto é bonito, não achas?

— Sim, eu vejo as contas no cartão de crédito. — Tommy tirou camisa por cima da cabeça. — Como estava o teu pai? A Debbie estava lá?

— Estava. É muito simpática. O meu pai não fala, mas fez alguns ruídos. Acho que ele sabia que eu lá estava. Sim, definitivamente ele sabia que eu lá estava — disse Alice, embora não estivesse realmente certa disso.

O que era *definitivo*? O que era real? Tinha estado ao lado do pai — tinha-lhe tocado na mão. Nenhum dos livros de luto que comprara, e mal tinha lido, mencionara aquele cenário. Ou talvez não tivesse lido o suficiente. Talvez existissem capítulos secretos, escritos para pessoas como ela, como o manual em *Beetlejuice*⁴⁹. Uma informação não é necessária até se precisar dela. Alice sentou-se na cama e olhou para os livros que estavam na sua mesa de cabeceira. Brené Brown, Cheryl Strayed, Elizabeth Gilbert. Se

Oprah tivesse lido e amado um livro, Alice comprava-o, aparentemente. Não havia nenhum livro que não reconhecesse.

Tommy entrou na casa de banho e ela ouviu o chuveiro a ligar-se e a começar a salpicar as paredes de azulejos. Havia uma pequena gaveta na mesa e Alice abriu-a. Colocou a carta do pai lá dentro e fechou a gaveta de novo, em silêncio. *A Rua Sésamo* estava a dar na sala de estar. A letra do dia era a *L*. Os filhos de Alice gritavam felizes.

Sondra encaminhou Leo e Dorothy pela festa, para que dissessem olá e cumprimentassem docemente os convidados. Alice queria segui-los, depois, para os quartos e enrolar-se debaixo dos cobertores com eles, os pequenos corpos quentes pressionados contra o dela, mas tinha acabado por vestir o vestido de flamingo, e aquela era a sua festa, e não estava autorizada a sair. Sam ainda não tinha ligado de volta e Alice começava a entrar em pânico. Leonard tinha dito que era como um paraquedas, uma rampa, um deslizamento para a frente, e tinha sido aqui que Alice aterrara. O que quer que tivesse feito, quaisquer que fossem as decisões que tivesse tomado, tudo a tinha conduzido até àquele momento. Alice estava a fazer listas na sua cabeça, tentando juntar tudo o que tinha acontecido no meio. O casamento, obviamente, e os filhos. Mas Alice também tinha frequentado a escola de arte — havia projetos dela pendurados nas paredes que o garantiam — e ainda gostava das mesmas coisas. O frigorífico estava cheio de avgolemo⁵⁰ do *Fairway*, de *challah*⁵¹ do *Zabar*, de *lox*⁵² do *Murray*, e os seus livros favoritos ainda estavam na prateleira, as edições que sempre tivera.

Alice sorriu para todos os convidados à medida que entravam no apartamento, sentindo-se com uma amnésia festiva. Desde que ninguém lhe fizesse perguntas diretas e significativas, ficaria bem. Tendo ido a muitas festas como aquela, em casas de pais Belvedere, Alice pensava que existia uma grande hipótese de conseguir passar por aquilo falando apenas sobre aperitivos e fazendo perguntas às pessoas, depois destas mencionarem que estavam no meio de uma renovação da casa.

O apartamento encheu-se imediatamente — os casacos pendurados em cabides apropriados, numa longa prateleira de metal no grande *hall* de entrada, e os fornecedores de *catering* cruzaram a sala de estar com

bandejas de aperitivos. A sala estava cheia de pessoas bem vestidas e música de que Alice gostava tocava a partir de altifalantes escondidos, nos quais ela nem saberia mexer. Os pais mais *snoobs* ficaram juntos num grupinho pequeno, tantos quantos caberiam num barquinho. O mesmo de sempre.

Tommy era um bom anfitrião — Alice observava-o a circular pela sala. Tocava nas mulheres suavemente suas costas, ou nos ombros, de uma forma que não era nem lasciva nem paternalista. Parecia amigável, se bem que impessoal, como alguém capaz de concorrer a um cargo político. Alice chamou-lhe a atenção do outro lado da sala e ele balançou as suas pestanas. Era aquilo que ela queria? Talvez o tivesse desejado, embora Alice mal o quisesse admitir a si própria. Tinha ido a estas festas e tinha visto os anfitriões ricos a andar à volta da sala, cheios de uma confiança construída em campos de ténis e pistas de esqui, fazendo tudo generosamente porque tinham tanto para dar. Tinha olhado fixamente para esses casamentos, tinha coscuvilhado sobre esses casamentos, tinha gozado com esses casamentos! Mas a forma como Tommy olhava para ela não era uma piada, e a forma como Alice se sentia também não. Era como se tudo aquilo fosse parte de um conto de fadas, como se tivesse não só viajado no tempo, mas também descoberto que, prestes a cair, estava afinal sob um feitiço mágico. Alice podia ver como seria fácil afundar-se.

— A festa está muito agradável — disse Alice a um dos empregados do *catering*, e tirou uma taça de champanhe do tabuleiro. — Obrigada.

Ele acenou-lhe com a cabeça e virou-se para o próximo convidado.

A *jogger* fez contacto visual com Alice, a partir da porta, e assim que despiu o casaco, começou a correr em direção ao outro lado da sala. Alice tinha escolhido um lugar perto da janela com as estantes atrás dela, o que significava que estava num local com difícil acesso. Para chegar até ela, uma pessoa tinha de contornar o sofá de uma maneira ou de outra e, se escolhesse a direção errada, teria de se espremer pelas outras pessoas entre o sofá e a mesa de centro, ou contorcer-se ao redor de uma mesa lateral evitando derrubar um candeeiro.

Mary-Catherine-Elizabeth tinha excelentes coxas e podia andar sobre qualquer obstáculo. Tinha atravessado a sala num instante e agarrado num pequeno aperitivo de lagosta pelo caminho. Alice viu Mary-Catherine-Elizabeth dobrar e enfiar tudo na boca, esticando os lábios o suficiente para que os dedos não tocassem no batom.

— Com licença — disse Alice, quando Mary-Catherine-Elizabeth ficou demasiado perto. Ainda estava a mastigar e colocou um dedo no ar, fazendo sinal a Alice para que esperasse, mas ela já se esquivara pelo lado mais estreito do sofá, serpenteando pela linha de pernas em frente, as penas da sua saia a fazer cócegas nos tornozelos das pessoas.

Havia uma fila curta para a casa de banho. Alice sorriu para todas as mulheres que estavam a sorrir para ela, que eram *todas*. Os homens estavam de pé, perto de um sofá no *hall* de entrada, uniformemente vestidos com camisas de botão, metade deles abotoados e a outra metade não. Os pais de camisa aberta eram os selvagens, que não trabalhavam em finanças e que eram advogados, ou vinham de famílias com riqueza geracional suficiente para que não precisassem de trabalhar, um grupo que se dividia ainda mais, numa espécie de subgrupos: os diretores de documentários que faziam filmes sobre tráfico humano; e os drogados gananciosos e famintos de poder, que só queriam deixar os paizinhos orgulhosos. Alice recebeu alguns acenos de cabeça. Os homens não pareciam querer falar com ela, tal como ela não queria falar com eles. Tommy estava entre algumas pessoas junto ao balcão, com a mão no ombro de outro homem. Era assim que aquilo funcionava, os casais olhavam-se do outro lado da sala e depois talvez fizessem sexo mais tarde, mesmo sabendo que, em algum momento da noite, se tinham entusiasmado ao falar com outra pessoa? Alice olhou para o telemóvel desejando que Sam lhe ligasse. Será que Sam estava a chegar? Sentiu-

-se demasiado envergonhada para perguntar isso a Tommy.

Esbarrou com uma das empregadas do *catering*, quase atirando com um tabuleiro inteiro de pequenas quiches para o chão.

— Peço imensa desculpa — disse ela. — *Emily!*

Emily endireitou-se, corada.

— Não, eu é que peço imensa desculpa, acabei de ir contra si.

— Não, eu é que fui contra ti! O que é que estás a fazer aqui?

Alice e Emily encostaram-se na parede do corredor, deixando passar os outros empregados de mesa.

— Estou surpreendida por se lembrar do meu nome! Uau! Bem... não sei. O *catering* é um trabalho extra. Ainda estou em Belvedere.

As bochechas de Emily estavam vermelhas.

— Claro — disse Alice. — Não queria que o ambiente ficasse estranho. Só estou feliz por te ver! Como é que estás a Melinda?

Emily hesitou.

— A Melinda? Está bem, acho eu? Está reformada há uns dois anos, penso eu. Foi a Patricia que a entrevistou quando a Dorothy entrou, lembro-me disso

— Claro que sim — disse Alice. — Devo ter-me esquecido. E como é que estás? Como está o Ray?

Alice achava que era óbvio que, nesta vida, nesta linha de tempo, nesta realidade, não deveria saber nada sobre a vida privada de Emily. Ela mal conhecia Emily! Mas Alice estava desesperada por uma conversa real.

Já não era possível que a cara da Emily se contorcesse ou ficasse mais vermelha, ou teria rebentado em chamas.

— Bom, eu estou bem. Se o Ray está bem? Falámos sobre o Ray por algum motivo? De qualquer maneira, preciso de levar estas quiches a todos os seus convidados.

Emily seguiu de costas ao longo da parede para contornar Alice, que teve de sair do caminho do grande tabuleiro de prata. Os *Talking Heads* estavam a dar no altifalante invisível — *Esta não é a minha linda casa, esta não é a minha linda esposa*. A porta da casa de banho abriu-se, finalmente, e Sam saiu.

Alice respirou fundo, tão aliviada. Atirou os braços à volta do pescoço de Sam e puxou-a para perto para um abraço, antes de ser parada por uma coisa do tamanho de uma bola de praia no meio delas. Alice olhou para baixo, para a barriga de Sam.

— Ai, desculpa! — disse ela.

Sam revirou os olhos.

— Não tens nada que pedir desculpa — respondeu. — Foi uma gravidez planeada.

Alice agarrou a mão de Sam e puxou-a pelo corredor até ao seu quarto, deixando penas de flamingo perdidas pelo caminho.

⁴⁷ Filme *As Meninas de Beverly Hills*, de 1995.

⁴⁸ Programa de televisão americana famoso nos anos 1960, no formato de *O Preço Certo*, em Portugal, mas onde os concorrentes corriam por um supermercado a arrecadar produtos.

⁴⁹ Filme *Beetlejuice — Os Fantasma Divertem-se*, uma comédia de fantasia de 1988. No filme, existia um manual para os recém-falecidos e que era uma espécie de guia para novos espíritos na sua vida após a morte.

⁵⁰ Sopas e molhos de gema ovo e sumo de limão, misturados com caldo e aquecidos até engrossar, muito familiar para os norte-americanos.

⁵¹ Pão especial de origem judaica, geralmente trançado e tipicamente consumido em ocasiões cerimoniais, como o Shabat e grandes feriados judaicos.

⁵² Filete de salmão salgado, fumado ou não. Costuma ser servido nos *bagels* com creme de queijo.

Sam sentou-se na cama sem pedir autorização e tirou os sapatos.

— Os meus pés estão tão inchados que isto é como tentar andar com duas almôndegas. — Levantou um dos pés para cima do joelho oposto e começou a esfregá-lo.

— Quantos filhos tens? — perguntou Alice. — O teu marido é o Josh, certo? Que conhecestes na faculdade? Em Harvard?

— Credo, Alice. — Sam deixou o pé pesado cair de volta para o chão. — Estás a ter um AVC?

— Não, estou bem... — Alice parou. — Não, não estou bem. Quero dizer, posso estar bem, eventualmente, mas, neste preciso momento, pareço estar num lugar um pouco... estranho?

Andava para trás e para a frente aos pés da cama, com as penas a abanar. Alice parou em frente à janela e olhou para o parque. Algumas das árvores já estavam amarelas e outras cor de laranja. Tinha passado quase um dia inteiro. E o tempo iria continuar a passar, agitando-se. Alice tinha de tomar uma decisão.

— Lembras-te do meu décimo sexto aniversário?

Alice observou o seu reflexo na janela, enquanto Sam girava o seu corpo em direção a ela. A barriga de Sam tinha a forma de uma bola de basquetebol perfeitamente esticada. Como um relógio tridimensional. Desta vez, Alice sabia como era ter alguém a nadar dentro do próprio corpo. Sentiu um pequeno fantasma a piscar perto do umbigo, um lembrete.

— Eu lembro-me — disse Sam. — Tu lembras-te?

Samantha Rothman-Wood, ela não ia desistir, pensou Alice, a sua gratidão sem limites. Não havia amiga como uma rapariga adolescente, mesmo que essa adolescente crescesse. Virou-se e caminhou de volta para a cama, onde ela e as suas penas se empoleiraram ao lado de Sam.

— Eu tenho dois filhos e este é o meu terceiro. Sou casada com o Josh e nós conhecemo-nos em Harvard. E tu, Alice? De onde é que vieste? Para onde é que foste?

A sua voz era gentil — Sam era uma boa mãe. Cozinhava, brincava, deixava as crianças verem televisão, amava o pai delas, ia à terapia. Se

Alice pudesse ter escolhido uma mãe, teria escolhido Sam.

— Quando não atendeste hoje... — continuou Alice, — fiquei preocupada. E se alguma coisa tivesse acontecido, sabes? Entre nós?

Sam riu-se.

— Sim, aconteceu *alguma coisa*. Entre nós, temos quatro filhos e meio. Sabes como é difícil encontrar uma altura em que ninguém te chama pelo teu nome, ou toca no teu corpo, ou precisa de ajuda para ir à casa de banho?

— Alguma vez falámos sobre isto? Desculpa-me. Sinto-me como uma amiga muito má neste momento, porque não só te revelei isto, esta coisa muito estranha e louca, como agora não faço ideia se é algo que fingimos nunca ter acontecido. Será que faço sequer sentido?

Alice tapou a cara com as mãos.

Sam pôs uma mão na barriga e Alice conseguiu perceber que ela se mexia — quem quer que estivesse lá dentro, estava a acrescentar algo à conversa.

— Então, tu és tipo a Jenna do *13 Going on 30!*, mas é mais dos 40 para os 16 e depois para os 40, outra vez? Algo do género?

— Exatamente — disse Alice. Afundou-se ao lado de Sam e colocou a cabeça no ombro dela.

— Isso é de doidos — disse Sam. — Mas, tudo bem. — Fez uma pausa. — Ou eu acredito em ti novamente ou acredito que tens psicose contínua, o que é mais ou menos a mesma coisa, se pensarmos nisso. Acreditas mesmo que isto te está a acontecer e eu acredito que tu acreditas. E obviamente o Leonard também acreditou.

— Porque é que dizes isso? — perguntou Alice.

Alguém bateu à porta, e a seguir Tommy apareceu. Tanto Alice como Sam levantaram as cabeças para olharem para ele.

— Os nativos estão inquietos⁵³ — disse ele.

Fez o que parecia ser uma expressão meio tímida, se é que alguma vez se sentira tímido por pedir o que quer que fosse, exceto um broche. Alice estava a lembrar-se de mais coisas. Era como ver alguém a pintar uma tela gigante a alta velocidade, todo o branco a ser preenchido com detalhes.

— Não voltes a dizer isso! — pediu Alice. — Já vou.

Tommy acenou com a cabeça e saiu do quarto.

— Porque é que eu pensei que casar com o Tommy fosse a resposta para tudo? — perguntou Alice. — Quero dizer, é exatamente o que eu imaginei que seria ser adulta... tudo isto. — Gesticulou à volta da sala. — E as

minhas roupas são incríveis. Sabes quantos pares de sapatos é que eu tenho? As crianças são lindas e engraçadas e...

Alice pensou no pai. O que quer que tivesse feito, ou dito, não tinha sido o suficiente. Ela não lhe tinha contado tudo o que precisava.

— Eu percebo! Acho eu... — afirmou Sam. — Mas podes fazê-lo novamente, não podes? Não é assim que o livro funciona?

— Qual é essa história? — perguntou Alice. — Não conheço.

Sam abanou a cabeça.

— *Dawn of Time*. Conheces, sim. A melhor ideia que já tive e que não me pagaram?

— Não sei do que estás a falar — disse Alice.

— Espera — pediu Sam.

Saiu da cama e saiu porta fora, tão elegantemente quanto uma pessoa muito grávida poderia fazer, ainda que descalça. Alice levantou-se e roeu as lindas unhas. Um minuto depois, Sam abriu a porta novamente, o barulho da festa a entrar pelo quarto. Numa mão, tinha uma pilha de camarão num guardanapo de papel, e na outra tinha um livro.

— Aqui — disse Sam, dando-o a Alice. — Vai, sabes onde tens de ir, eu aguento as coisas por aqui.

Alice olhou para o livro que tinha na mão. Era cor de laranja, com um título enorme, um título que ocupava mais de metade da capa — *Dawn of Time*, de Leonard Stern. Abriu-o e leu a reverso da capa.

Uma novíssima aventura sobre uma viagem no tempo, de Leonard Stern, autor da sensação mundial Time Brothers.

Era sobre aquilo que tinham falado, no momento em que comiam o gelado — *Dawn Gale, finalista de liceu, não esperava que o dia da sua festa de final do secundário fosse memorável, mas, quando acordou na manhã seguinte com trinta anos de idade, percebeu que tinha um mistério para resolver. Será que esta rapariga inteligente vai voltar à sua própria vida, ou vai ficar presa para sempre, indo e vindo entre dois pontos diferentes da sua vida?* A data dos direitos de autor era 1998, o ano em que a própria Alice tinha terminado o liceu.

— Isto é real? — perguntou Alice.

Ele tinha-o feito — ela sabia que ele podia, e ele tinha-o feito. Virou o livro e olhou fixamente para a fotografia de Leonard, que ocupava toda a parte de trás do livro. O rosto dele, preto e branco e cinzento. Era uma fotografia de Marion Ettlinger⁵⁴, Alice sabia — ela tinha fotografado todos

os escritores da década e o seu estilo, prata e aço, era inconfundível. A fotografia estava *focada*, cada cabelo na sua cabeça bem visível. As sobrancelhas de Leonard estavam levantadas, como se ele não estivesse à espera de que alguém lhe tirasse uma fotografia, como se Marion tivesse acabado de lhe aparecer de surpresa. Vestia uma *t-shirt* preta e um casaco de cabedal preto e os olhos fixavam diretamente a câmara.

— *Okay* — disse Alice. Agarrou no livro. — Amo-te.

Sam beijou Alice na bochecha.

— Até ao futuro.

Alice sorriu e abriu a porta.

⁵³ Expressão típica e com um toque de humor — *the natives are restless* — que significa que um grupo de pessoas está a ficar impaciente, ou agitado, podendo vir a causar confusão.

⁵⁴ Marion Ettlinger é uma famosa fotógrafa especializada em retratos de autor. As suas fotografias aparecem em muitas capas de livros e, durante a sua longa carreira, fotografou nomes como Truman Capote e Joyce Carol Oates.

Upper West Side era um bairro lindo durante o dia, para quem tivesse paciência para os *yuppies*⁵⁵, os betos, os banqueiros e as cadeias de lojas elegantes que tinham devorado todas as montras idiossincráticas da juventude de Alice; mas era mais bonito à noite, quando todas as lojas estavam fechadas e as ruas tranquilas resplandeciam sob o brilho das luzes dos candeeiros. Alice sempre adorara ir a pé para casa, quando saía do apartamento de Tommy — o pai dera-lhe um apito de violação quando tinha doze anos, por precaução, e ela guardava-o no bolso, ao lado das suas chaves mais afiadas, sempre pronto a ser usado. Apesar de ter de estar atenta a cada homem em cada quarteirão, e a quão perto estavam do seu corpo — o radar interno que todas as mulheres, naturalmente, possuem —, Alice adorava andar sozinha à noite. Quanto mais tarde, melhor.

Andou pelo meio da rua, o telemóvel numa mão e a cópia do livro *Dawn of Time* na outra, abanando os braços como um *mall walker*⁵⁶ em missão. Caminhou pelo Central Park West até passar pelo Museu de História Natural, que estava fechado, mas onde as torres arredondadas em ambas as extremidades ainda estavam iluminadas, pequenos faróis cheios de dinossauros. Alice virou na Rua 81 e correu em frente à fila de porteiros em uniformes, mãos a postos. Atravessou Columbus e caminhou pela colina até à Amsterdam, onde os bares fervilhavam e multidões de pessoas fumavam do lado de fora, muitas delas ignorando até os seus telemóveis durante tempo suficiente para tentarem a sorte num engate. Tantos lugares da sua infância já tinham fechado, como o Raccoon Lodge, onde a sua *babysitter* mais porreira costumava encontrar-se com o namorado motoqueiro, e o minúsculo estábulo para andar a cavalo, numa garagem convertida na Rua 89, onde Alice implorara a Leonard que a deixasse ter aulas quando era criança. Mas era assim que as coisas funcionavam em Nova Iorque, ver todos os lugares onde já se beijou alguém ou já se chorou, todos os lugares que se amou, transformados em outra coisa.

Duas mulheres jovens — mais jovens do que Alice, estudantes universitárias talvez — estavam encostadas uma à outra contra uma cabine

telefónica abandonada, à beira de se comerem ou vomitar, ou ambos.

— Adoro o teu vestido — disse uma delas, e Alice sorriu.

Poderiam ter-lhe dito qualquer coisa que ela iria sorrir — se um homem o tivesse dito, Alice teria feito uma careta e atravessado a rua. O telemóvel vibrava-lhe na mão — uma mensagem de Tommy. *Onde raio é que estás?* Não tinha visto as mensagens anteriores: *Alice? Alice, onde é que estás? Está na hora do brinde.* Alice conseguia imaginar a cara de Tommy a endurecer-se com a fúria. Quão zangado é que já o teria visto? Quando andavam no liceu, Tommy nunca tinha ficado zangado com nada de que Alice se pudesse lembrar. Ter fodido os seus exames por ter errado duas perguntas? Só ter conseguido um dois num exame do curso de preparação para a universidade? Não ter entrado na equipa de basquetebol na universidade? As vidas deles estavam dentro de uma bolha tão espessa que quaisquer problemas reais teriam de se assemelhar a ladrões de cofres profissionais para conseguirem prejudicá-los efetivamente. Os ricos também tinham problemas, claro — os pais de Tommy eram frios e ausentes; a avó era uma famosa bêbeda; fora aquilo que estava escondido e não se sabia —, mas Alice nunca tinha visto Tommy enfrentar uma raiva real, se isso o deixaria triste ou chateado, se a sua raiva seria canalizada para fora ou para dentro. Isso era algo que levaria anos a perceber, que tipo de hábitos se transformariam em traços inamovíveis. Parte de Alice estava encantada por se encontrar nessa fase de uma relação — a parte chata, o planalto no topo da montanha. E as crianças. Alice acelerou, correndo tão rapidamente quanto os seus sapatos o permitiam, através da Amsterdam na Rua 85, as penas no vestido a fazerem-lhe cócegas nas pernas, agora geladas.

A duas portas da esquina, numa pequena loja que em tempos vendera contas do Tibete, havia uma médium. Uma grande bola de cristal de *néon* enchia metade da janela. Alice podia ver que a sala tinha sido bloqueada, para que quem entrasse fosse obrigado a sentar-se numa das cadeiras macias, do outro lado do vidro, à vista dos transeuntes. Uma das cadeiras tinha sido ocupada por uma jovem mulher de sobrancelhas exageradas. Um olhar de surpresa perpétua parecia uma escolha estranha para uma médium, mas Alice parou de qualquer maneira.

A mulher levantou-se lentamente, como se o futuro esperasse. Enfiou o telemóvel no bolso de trás e abriu a porta. De mais perto, a cena parecia-lhe

ainda mais suspeita, e havia o som de um episódio de *Law & Order* vindo de uma televisão invisível do outro lado da parede frágil.

— Quer conhecer o seu futuro?

— Quanto é que custa? — perguntou Alice.

— Vinte se for para ler a palma da mão, vinte e cinco para as cartas astrológicas, cinquenta para o *tarot*. Noventa dólares se quiser os três. — A mulher olhou-a de cima a baixo. — Belo vestido — acrescentou.

— Está bem, então — disse Alice. — Obrigada. Quero o que for mais rápido.

Passou pela mulher e sentou-se na cadeira do outro lado da janela, com o livro no colo.

A mulher estendeu a mão e Alice seguiu-lhe o exemplo. A médium atirou o rabo-de-cavalo para cima do ombro e puxou a palma de Alice para mais perto.

— Quando é que é o seu aniversário? — perguntou ela.

— Foi ontem — disse Alice, evitando fazer uma piada sobre médiuns.

— Ontem... — disse ela, olhando para cima. — Parabéns!

— Obrigada. É estranho, sinto-me muito estranha.

A mulher examinou a mão de Alice, tanto a parte da frente como a de atrás, segurando-a entre as próprias mãos, como se fosse a panqueca mais delicada do mundo.

— Sol em Balança, lua em ... Escorpião?

— Não faço ideia — assegurou Alice.

Aquilo assemelhava-se à parte agradável de uma ida à manicure, quando todas as peles já tinham sido tiradas e os cortes feitos, e alguém apenas lhe segurava na mão e lhe dava atenção durante uns minutos.

— Sabe a que horas nasceu? Em que ano? E onde?

— Por volta das três da tarde? Em 1980. E aqui, em Manhattan.

A mulher sorriu, orgulhosa de si mesma.

— Lua em Escorpião. Também nasci em 1980. Março. Que hospital?

— Roosevelt.

Alice conseguia imaginar os pais na sala de parto, o pai em modo repetição, a segurar a mão da mãe, a colocar panos frios na testa dela, e depois a observar o corpo vermelho escorregadio de Alice a deslizar para os braços do médico. O que é que significava Leonard voltar àquele dia, e ela voltar ao dia daquela festa estúpida, onde se embebedou, vomitou e foi uma rapariga triste, tal como em todos os outros dias da sua existência

adolescente? Era um desperdício, para ambos! Leonard vivera dias tão excitantes, dias mais excitantes do que Alice alguma vez teria.

— Bom, mas isso não tem nada que ver com o que estamos a fazer... era só curiosidade.

À luz da bola de cristal cor-de-rosa, o rosto da mulher era vermelho. Uma melhor iluminação teria ajudado o seu negócio, pensou Alice, especialmente no Upper West Side de agora, onde todos queriam que o consultório de medicina dentária, ou o espaço de *coworking*, parecessem salas de exposição de *design* de interiores.

— Então, eis como isto funciona: faz-me uma pergunta e eu respondo-lhe. Olho para a palma da sua mão e para o seu signo, mas, como também fez anos, vou tirar-lhe uma carta. Agora, feche os olhos, respire fundo três vezes, e pense numa pergunta. Ah, não posso responder a perguntas sobre outras pessoas! Coisas do tipo *o meu homem anda a trair-me?*, desse género. Faça uma pergunta de *porquê* ou *como*. Percebeu?

Alice fez o que lhe foi dito. Estava cheia de perguntas. *Será que quero estar casada com o Tommy? Será que quero ter filhos? Como é que mantenho o meu pai vivo? Que merda é que eu vou fazer com a minha vida? Que vida, mesmo? Tenho um emprego? Nalguma outra vida, tenho uma vida melhor? Como é que sei que vida devo escolher?* Cada pergunta era mais embaraçosa do que a última — não podia fazer nenhuma delas em voz alta, nem mesmo a uma completa estranha. O seu peito expandiu-se e contraiu-se ao mesmo tempo que o da médium. Alice respirou fundo e decidiu. Abriu os olhos.

— Como é que sei se estou a viver a vida certa?

A mulher soltou a mão de Alice e pegou num baralho de cartas de *tarot*. Colocou-as sobre a mesa.

— Corte o baralho — ordenou. — Outra vez. Agora escolha a carta de cima.

Alice virou-a. Um rapaz vestido de forma colorida com um pano num pau estava à beira de um penhasco, claramente prestes a cair pelas rochas abaixo. *O Tolo*, leu, em letras grandes ao longo da parte inferior da carta. Havia um pequeno cão branco a morder os calcanhares do rapaz, uma espécie de aviso, talvez, e o rapaz segurava uma rosa na mão.

— Isso não me parece promissor — disse Alice.

A mulher inclinou-se para trás na cadeira e riu-se.

— Ouviu-a! O baralho. Percebe? Esta carta... eu sei, as pessoas olham para ela e veem a palavra *tolo* e podem ficar assustadas, mas não é isso que significa. Se sair a *Morte*, isso também não significa que se está prestes a morrer; e se sair o *Tolo*, isso não significa que se é burro. Deixe-me falar-lhe sobre o *Tolo*. Ele é o número zero no baralho, o que significa que está sempre a recomeçar do nada, é a inocência, uma tábua em branco. Somos nós, todos nós, o *Tolo* está sempre a começar de novo. Não sabe o que está para vir — nenhum de nós sabe, certo? E o cão pode avisá-lo, o *Tolo* pode parar para apanhar uma flor, pode mudar de direção, mas tudo o que ele sabe é o que ele vê. — Apontou para as diferentes partes do cartão. — O céu azul. As nuvens. Ele está no início da sua viagem. E isso pode ser um novo começo, novinho em folha, ou uma mudança. Tudo o que precisa de fazer é estar consciente do que o rodeia. A viagem é aquilo que o muda. E depende do tipo de vida a que se refere, certo? Algumas pessoas olham para esta carta e querem saber mais sobre o amor — o *Tolo* pode significar um novo amor, um amor revigorado; outras querem saber mais sobre o trabalho, a carreira, o dinheiro — o *Tolo* também pode significar novas oportunidades nessas áreas.

— E quanto ao cão? — Alice sentiu-se tonta. — É algum tipo de animal espiritual?

— Ouça, os animais espirituais são uma coisa completamente diferente. O cão é leal — A mulher assobiou uma vez, bruscamente, e uma minúscula bola de pelo castanho passou pelo chão em direção a ela. Inclinou-se e agarrou-a. — Isto é um cão, mas também não é apenas um cão. Este cão é o meu protetor, o meu equilíbrio.

O cão, chamado *Toto*, equilibrou-se nas patas traseiras e esticou o focinho para cima para lhe dar um beijo. A médium deixou-o lambe-la a bochecha e depois voltou a pousá-lo suavemente no chão.

— É isto que um cão é. Você tem o seu próprio cão. Um amigo, um membro da família. Pode até ter mais do que um. Alguém que a quer proteger, que é sempre leal. Tem de ouvir o seu cão!

— *Okay* — concordou Alice.

— O *Tolo* é uma carta importante. Não se trata de promoção no trabalho, ou se disse alguma coisa errada a alguém, esse tipo de coisas insignificantes. É uma carta em grande.

— Não podia ser maior — disse Alice.

— Basicamente, esta carta diz-lhe que você nunca irá saber o que está por vir, por isso tem de ser feliz enquanto lá está. Seja isso o que for. Tenho estado a ouvir este *podcast*, *O Universo é o Teu Chefe!*, conhece? — Alice abanou a cabeça. O cão passou por ela, as unhas a fazer tiquetaque no chão de linóleo, farejou-lhe a mão. — É bom, devia ouvir. De qualquer forma, a anfitriã termina cada episódio a dizer: *A alegria está a chegar*. Acho que é uma citação de um livro ou algo do género, não sei. Mas ela diz isso todas as semanas. *A alegria está a chegar*. Isso é o *Tolo*. Você só tem de manter os olhos abertos e procurá-la. Assegure-se de que não cai.

— Diz isso como se fosse fácil — disse Alice.

O telemóvel dela estava a tocar, e Alice tirou-o do bolso. O alarme *Find My iPhone* tocava. Tommy estava a segui-la, o que ela compreendia. Tinham casado jovens, os namorados no liceu, nunca tinham estado separados. Alice pensou naquela ideia: fazer sexo com uma só pessoa durante a vida inteira — parecia um resquício dos tempos em que a esperança de vida era de trinta e cinco anos.

— Tenho de ir — disse Alice.

Levantou-se e abraçou a mulher, que não ficou surpreendida.

— Eu aceito Venmo⁵⁷ — disse a médium a Alice, apontando para um cartão impresso com um código QR. Alice tirou uma fotografia e apressou-se a sair, com o cão, o pequeno *Toto*, a morder-lhe as penas.

⁵⁵ Derivação da sigla abreviatura de Young Urban Professional, termo cunhado nos anos 1980 e uma forma pejorativa de se referir aos jovens urbanos, conservadores, profissionais e mais interessados em bens materiais, em contraste com a geração anterior, os *hippies*, os revolucionários, que abraçavam causas sociais.

⁵⁶ É um tipo de exercício bastante comum nos EUA, especialmente popular entre os idosos, onde um grupo de pessoas se junta para caminhar e correr nos longos corredores dos centros comerciais. Muitos já abrem cedo para que estas pessoas, os *mall walkers*, ou caminhanes de *shopping*, possam fazer o seu exercício.

⁵⁷ Sistema de pagamentos e transferência de dinheiro — semelhante ao MBWay em Portugal.

Tommy iria cancelar a festa e entrar num táxi, ou iria chamar a polícia, Alice não sabia. Quiçá fizesse as duas coisas. Desligou o alarme *Find My iPhone* e desligou o telemóvel. Provavelmente, Tommy iria prever que Alice tinha ido para Pomander e, assim que alcançou a Rua 94, pensou em fugir para outro lado, mas não tinha outro lugar para onde ir. Não era um crime deixar a sua festa de aniversário. Tinha sido um pouco idiota, com toda a certeza, mas não era um crime. Alice não era, propriamente, uma pessoa desaparecida. Era só uma *tola*.

Era cedo — dez horas. Alice abriu o portão, aliviada por ouvir o familiar ranger do ferro pesado. Havia luzes acesas na casa dos Romans, e na casa diretamente em frente à de Leonard, que agora pertencia a um ator cujo rosto Alice conhecia, mas o nome nunca conseguira decorar. A *catsitter*, Callie, vivia ao lado, e Alice podia ver os pais dela atentos à televisão na sala de estar. A própria Callie estaria, presumivelmente, na cama. Era uma rua tão boa para se crescer, mas Alice também se lembrava de se sentir enclausurada, de como a vista da sua janela era curta. Talvez por isso, Leonard tenha tido dificuldade em escrever — não conseguia ver nada lá para fora, a não ser uma casa que se parecia exatamente com a sua, e uma cidade de saídas de incêndio e janelas nas traseiras.

As luzes de Leonard — as luzes da casa — estavam apagadas. Alice perguntou-se se Debbie estaria lá — não estava lá durante a manhã. Talvez ela e Leonard tivessem o tipo de casamento de sonho, do género que a própria Alice queria, ou que *pensava* que queria, onde os cônjuges viviam a quarteirões de distância e podiam sempre refugiar-se nos seus próprios espaços. Pomander não era um sítio pequeno para os padrões de Nova Iorque, mas para alguém que vivia e trabalhava em casa, e tinha estantes forradas em cada parede, e que nunca tinha aprendido a comprar ou a cozinhar comida de verdade, era apertado.

Debbie. Pensar nela fez Alice feliz. Era claramente gentil, o tipo de mulher que ajudaria o pai com as suas tarefas de casa. Alice conseguia imaginar tão claramente Debbie como uma professora amorosa e empática, com as suas

linhas do sutiã e da cintura bem marcadas pela sua saia rodada, a personificação da palavra *busto*.

Alice destrancou a porta e *Ursula* atirou-se contra as suas pernas. *Ursula* tinha destruído a imagem dos outros gatos — os pretensiosos que fingiam não querer saber dos humanos até à hora da alimentação.

— Oh, *Ursula* — disse Alice, pegando nela.

A gata foi delicadamente para os ombros de Alice como se ela fosse um banco com vida. Havia alguma correspondência espalhada em frente à porta, tinha caído através da fenda. Alice dirigiu-se à mesa da cozinha e sentou-se no escuro. *Ursula* saltou para o seu colo e brincou com algumas penas, antes de se enrolar numa bola preta apertada e fechar os olhos. Alice acendeu a luz.

Havia uma prateleira em cima do frigorífico que continha os vários prémios de Leonard — um prémio com a forma de uma nave espacial, outro com a forma de um cometa. Alice nunca tinha compreendido porque é que a ficção especulativa e o espaço eram sempre relacionados — certamente o número de romances de ficção científica que se passaram na Terra ultrapassara largamente os que tiveram lugar no *Planeta Blork*, ou numa galáxia distante. Talvez por ser mais fácil imaginar uma vida totalmente diferente fora das paredes a que se estava habituado. Era confortável passar algumas horas num lugar completamente diferente. Alice meteu-se nas pontas dos pés e agarrou uma das naves prateadas. Havia duas delas, das quais Alice não se lembrava. Tinha pó e era pesada — uma verdadeira peça de *hardware*, não um troféu frágil de uma loja de lembranças. Havia uma pequena placa no fundo e Alice esfregou-a enquanto lia.

Melhor Romance, 1998

Dawn of Time Leonard Stern Alice colocou a nave espacial no balcão ao lado do livro. *Ursula* saltou para o seu lado, ronronando alto e oferecendo o queixo para ela coçar. Alice ligou a torneira e *Ursula* começou a mexer a língua para dentro e fora da água, uma fonte ineficiente. Também bebeu um pouco de água e depois descansou a mão nas costas elegantes de *Ursula*.

Leonard tinha prateleiras em todo o lado, mas nunca tinha colocado os seus próprios livros nelas, mesmo que o tivesse feito, as prateleiras não

estavam alfabetizadas ou organizadas de forma que alguém, exceto ele, pudesse compreender. Quando Alice era pequena, sabia como encontrar certas secções — os Agatha Christies, os P. G. Wodehouses, os Ursula K. Le Guins. Os seus olhos examinaram as prateleiras, à procura do nome do pai, sabendo que não o encontraria.

Leonard tinha um esconderijo — Alice conseguia lembrar-se dele a assinar cópias de *Time Brothers* para várias angariações de fundos em Belvedere e coisas do género, leilões por uma causa ou outra. Alice acendeu a luz do único e estreito armário do corredor, no qual Leonard construía prateleiras de madeira de má qualidade, inacabadas e cheias de farpas. Havia várias caixas de cartão com dobradiças. A que Alice podia com maior facilidade alcançar estava identificada por TB FOREIGN EDITIONS. Alice retirou-a para ver a caixa que estava ao seu lado, rotulada DAWN. Desdobrou a pequena escada que ali estava arrumada, para trocar as lâmpadas, e colocou a caixa no chão com um estrondo. Choveu pó, como neve fresca, nas suas penas cor-de-rosa.

Havia edições de capas duras e moles — o livro de capa mole laranja que Sam lhe tinha dado, e uma edição de capa dura com uma capa preta e branca discreta, a maioria só com o título, mas com uma pequena porta amarela no centro — um pôr-do-sol visto através de um buraco de rato de desenhos animados. Para além de vários exemplares do livro em inglês, havia edições estrangeiras — *Alba del Temps*, *Świt Czasu*, *Dämmerung der Zeit* — todos empurrados para dentro da caixa, como se Leonard tivesse estado a limpar a secretária à pressa. Havia DVD, que Alice não via há anos. Uma *box* especial *Time Brothers* tinha sido lançada — com seis discos, mais material de bónus; e à direita, por baixo dela, estava um DVD de *Dawn of Time*, que parecia ter sido transformado em filme com a Sarah Michelle Gellar como protagonista.

Colocou o filme de volta na caixa e empurrou tudo para o fundo do armário, exceto a cópia em capa dura de *Dawn of Time*, que colocou debaixo do braço e levou para o sofá. Leonard tinha sido sempre alguém dedicado a sextas e, por isso, o sofá tinha um cobertor gasto, mas aconchegante, e uma almofada que pertencia a *Ursula*, mas que ela estava disposta a partilhar. Alice deitou-se e fechou os olhos. Era tarde e estava exausta. *Ursula* saltou para o sofá e começou a amassar o peito de Alice, fazendo pequenos furos com as unhas no corpete do vestido. Ela abriu o livro, sabendo que não iria parar até que tivesse terminado.

Se em *Time Brothers*, Leonard estava à procura de aventura e família — não tivera irmãos; os seus pais tinham sido bem-intencionados, mas desinteressados —, em *Dawn of Time* Leonard focava-se nela, na sua filha, através de si próprio. Alice sabia que ela não era Dawn, que Dawn era uma invenção, uma mistura de pessoas — do próprio Leonard e do que ele pensava sobre Alice; de outras pessoas também — mas depois sentiu aquela estranha alquimia da escrita, quando um personagem começa a fazer e a dizer coisas de que o escritor não estava à espera. Alice adorou o livro do pai. *Livros!* Desejava que existissem mais para que os pudesse ler, escondidos numa caixa em algum lugar. Não importava se seriam publicados, ou se mais ninguém os leria. Era melhor do que um diário, porque não havia nada que a pudesse fazer envergonhar, nada que fosse inapropriado para ela ver. Era permitido às pessoas terem privacidade, mesmo aos pais. Mas, no livro de Leonard — nos seus livros! —, Alice podia encontrar pequenas mensagens. Por vezes, era algo tão simples como uma descrição de uma refeição, que ela sabia que o próprio Leonard gostava de comer — ovos fritos deixados na frigideira o tempo suficiente para ficarem castanhos e estaladiços nas bordas —, ou a menção dos *The Kinks*⁵⁸. Todas aquelas partes eram pequenas partes dele, preservadas para sempre, moléculas que se tinham reorganizado em palavras numa página. Alice podia vê-las pelo que elas eram. Podia ver o pai.

A protagonista não usava uma casa de guarda — Dawn, que vivia em Patchin Place, na West Village, tinha rastejado por uma pequena porta na parte de trás do armário do seu quarto, o tipo de porta que normalmente bate em caixas de fusíveis ou torneiras, um espaço confinado e construído por necessidade. Dawn procurava um esconderijo, mas, quando chegou ao fundo do armário, saltou para um passeio em Central Park. A história era complicada — portais, um mistério por resolver, anos diferentes, realidades diferentes. Mas Alice podia lê-la pelo que ela era — uma história de amor. Não era um romance — não havia sexo no livro inteiro, tínhamos alguns beijos e era apenas isso —, mas o livro era sobre o amor entre um pai solteiro e a sua única filha. Não era engraçado. Era sério. E continha o tipo de coisas que Leonard nunca teria dito em voz alta a Alice, nem num milhão de anos.

Alice limpou os olhos e olhou para o relógio. Faltavam alguns minutos para as três. Sentou-se e olhou pela janela para a casa da guarda. Quanto lhe tinha custado viajar de volta? Tinha-lhe custado um dia. Um dia em que o

pai ainda estava vivo. Não podia continuar a fazê-lo para sempre, mas Leonard tinha-lhe dito que Alice poderia voltar. Ele tinha voltado, afinal de contas. Alice fechou a porta da frente atrás dela, calmamente, e entrou pela casa da guarda. Desta vez, iria fazê-lo de propósito.

⁵⁸ Banda de *rock* britânica de início dos anos 1960.

PARTE QUATRO

Quando Alice acordou na sua cama em Pomander, sabia exatamente onde estava, o momento em que estava e onde estaria o pai. Ficou ali por alguns momentos, espreguiçando-se. Ethan Hawke e Winona Ryder olhavam para ela da parede oposta e Alice começou involuntariamente a cantar *My Sharona*. Ursula estava enrolada em cima do seu estômago.

— Tu és mesmo a melhor gata — disse Alice.

Ursula encolheu as patas e rolou de costas, os olhos ainda estavam fechados. Alice, obedientemente, acariciou a sua barriga peluda.

Não era como em *Peggy Sue*, um desmaio accidental que causava uma ilusão de sonho que não era sequer real. Não era como em *Back to the Future*, onde ela poderia destruir e depois consertar a própria vida, observando-se de fora. Nem sequer era como em *Time Brothers* ou em *Dawn of Time*, onde os heróis estavam sempre ocupados a seguir um enredo, do ponto A até ao ponto B. Mas Alice não se atreveria a dizer isso a Leonard, que as suas personagens estavam sempre a tentar fazer demasiado. Porque é que existiam tantos livros sobre adolescentes que resolviam crimes? Os fãs de *K-pop* tinham angariado dinheiro, tinham usado a *Internet* para combater o mal, mas isso não era o mesmo que resolver crimes. Alice queria falar com o pai sobre Dawn, mas não podia — ele ainda não tinha escrito esse livro.

Não — desta vez, Alice faria melhor. A festa não importava, a aula de preparação para os exames não importava, nada disso importava. Leonard tinha deixado de fumar — o que era bom, podia fazê-lo outra vez. Mas, agora, queria certificar-se de que ele começava a fazer exercício, de que ia ao médico quando estava doente, de que realmente cuidava de si. O que importava, também, era ter a certeza de que ela e Sam falavam sobre o tema que haviam abordado na gelataria — o livro novo. Se Sam não o dissesse, então Leonard não o escreveria. E Alice sabia, naquele momento, que não dispunha de muito tempo.

Ali estava aquela palavra novamente! Não era de admirar que existissem tantas músicas sobre o *tempo*, e livros sobre o *tempo*, e filmes sobre o *tempo*. O tempo era mais do que horas e minutos, sim, mas Alice sabia o

quanto cada um deles importava, todos aqueles pequenos momentos somados. Sentiu-se como uma almofada bordada — *A forma como passas os teus dias é a forma como passas a tua vida*. Não era uma detetive adolescente; era uma cientista. Uma pasteleira. Quanto mais deste ingrediente é que teria de adicionar, e quanto daquele? O que quer que acontecesse, veria os seus resultados de manhã. Tinha sido estranho acordar em San Remo, mas também tinha sido divertido e *voyeurístico*, como entrar numa casa de espelhos distorcidos e ver como a vida era do outro lado. Tudo podia ser desfeito, mais ou menos. Alice não podia viver a vida de ninguém — não podia decidir ser uma modelo da *Victoria's Secret*, ou uma física nuclear, mas podia reiniciar-se a si mesma e ao pai, e, se isso se revelasse uma má escolha, poderia sempre voltar atrás.

— Aniversariante? Estás acordada? — Leonard chamou do corredor.

Alice ouviu-o a fazer barulho pela casa, a tirar algo do armário e depois a mexer em qualquer coisa na casa de banho. A porta bateu atrás dele e Alice ouviu o zumbido da ventoinha. Alice nunca tinha gostado muito de fazer anos — muita pressão para se divertir —, mas sabia que hoje teria um bom dia. *Ursula* saltou para o chão e começou a brincar com um elástico de cabelo, atirando-o para trás e para a frente. Alice empurrou o edredão para trás e deixou que os seus pés tocassem nas conhecidas cordilheiras de montanhas de roupa — talvez as Dolomitas desta vez, em vez dos Andes, mas, ainda assim, montanhas. Ela ainda estava com a sua *t-shirt* da *Crazy Eddie*. Deu a si mesma um abraço e sorriu.

Leonard bateu à porta, empurrando-a para a abrir.

— Estás decente? — perguntou ele.

— Nunca — disse Alice. — Entra.

A porta abriu-se até ao fim, batendo contra a parede fina entre os quartos de ambos.

— Então, qual é plano para o dia de hoje? — perguntou Leonard.

Tinha uma lata de *Coca-Cola* na mão.

— Lavaste os dentes enquanto bebias *Coca-Cola*? — perguntou Alice. Levantou-se e tirou a lata da mão de Leonard. — *Nós vamos correr*. Ou pelo menos andar a pé. Uma caminhada, com uma corrida ligeira lá pelo meio. E depois vamos almoçar no *Gray's Papaya*. Quero faltar à aula de preparação para os exames, porque, a sério, para que é que serve? Soa-te bem?

Ela não esperou pela resposta e arrancou com a lata em direção à cozinha, onde a despejou no lava-louça.

Cheever Place. Sozinha. Um presente de aniversário de Serena, uma pequena mala cheia de cristais polidos e uma lista enorme de instruções sobre como usá-los.

Melinda a arrumar o escritório. Alice a ameaçar desistir. Tinha de perguntar, tinha de tentar. Não iria sequer esperar para perceber como acabaria, era a melhor coisa a fazer.

Uma passadeira no quarto dela em Pomander. Vegetais no frigorífico. Zero cinzeiros. Frigorífico totalmente abastecido com *Coca-Cola Zero*.

Debbie na cabeceira da cama de Leonard. Sem alterações.

Alice certificava-se sempre de que Sam contava a Leonard a ideia dela em relação ao livro, mesmo que a conversa não acontecesse naturalmente. Alice gostava do futuro do pai, mais completo e menos solitário, e, por isso, descobriu como desviar o assunto quando era necessário, para fazer Sam dizer a coisa certa. Os olhos de Leonard arregalavam-se sempre quando ela o dizia, a mesma lâmpada acesa, uma e outra vez.

Alice e Sam vestiram-se com máscaras *anime*, que arranjaram no armário de Alice, e namoriscaram com Barry Ford na convenção. Não deixaram que ele lhes tocasse, mas ameaçaram chamar a polícia quando disseram que idade tinham.

Voltou a ter sexo com Tommy, só porque queria, no quarto dele, no apartamento dos pais. Tinha sido durante a tarde, entre o almoço e o jantar com Sam e Leonard, os pais dele estavam fora da cidade. Tommy tinha um cartaz dos Nirvana numa parede, pendurado com pioneses, e um cartaz de um Ferrari mesmo ao lado, o que era um problema grave.

Cheever Place.

Em vez de Barry, Andrew McCarthy aparecia nos anúncios dos multivitamínicos *Centrum*.

Um dia de trabalho. Alice voltou para Belvedere e deu por si sozinha no escritório de Melinda, que não tinha as coisas dela lá. Deu uma volta à cadeira e olhou pela janela. Tommy Joffey e a sua esposa estavam novamente na lista. Alice sentiu pena dele, preso em San Remo para sempre, tão absurdamente afortunado como tinha sido em todos os dias da sua vida, mas, a seguir, lembrou-se do *poster* do Ferrari.

London na secretária da recepção. Debbie na cabeceira da cama. Leonard, pálido, inconsciente.

Ela poderia fazer melhor, poderia fazer mais.

Existiam padrões: se Alice dormisse com Tommy e lhe dissesse algo firme, algo concreto — *casa comigo*, ou *agora, somos namorados* — sabia que ia acordar em San Remo. Alice não gostava de estar lá mais do que gostava de estar no seu apartamento. As crianças eram sempre fofas e queridas, mas nunca lhe tinham pertencido. Tommy era sempre bonito, mas também não lhe pertencia, não daquela forma. Era difícil mudar um padrão depois de o ter iniciado, como se o seu corpo quisesse fazer o que tinha feito antes, e Alice obrigou-se a procurar uma nova pista. O mundo não se importava com o que ela fazia, não tinha grandes ilusões sobre isso, mas havia claramente alguma inércia cósmica a ser ultrapassada. Pensou no que Melinda lhe tinha dito — que tudo importava mas nada era constante. Melinda não estava a falar sobre viagens no tempo, isso não era tema para ela porque Melinda era uma pessoa sensata e fundamentada, mas aquele continuava a ser um bom conselho. Todas as peças pequenas tinham de ser agrupadas para formar uma vida, mas as peças podiam sempre ser reorganizadas.

Por vezes, as coisas mudavam muito e, noutras, as coisas mudavam pouco. Por vezes, Alice tinha alugado um apartamento diferente, um que quase se lembrava de ter visto — um que tinha descartado por ter um teto demasiado baixo, ou uma sanita estranha, ou por ter de subir quatro lanços de escadas, coisas assim.

Alice pensou em levar Sam com ela, mas decidiu não o fazer. Caso se deparassem com um cenário do tipo *Freaky Friday*⁵⁹, acabariam no corpo uma da outra, ou explodiam.

Em algumas ocasiões, Alice desejava um bagel fresco do *H&H*, com vapor a sair da massa, demasiado quente para segurar com as próprias mãos. Noutras, precisava apenas de passar por lá para os cheirar. A infância era uma combinação de pessoas e lugares e cheiros e anúncios nas paragens de autocarro e *jingles* locais. Alice não visitava somente o pai; visitava-se a *ela*; aos dois juntos. Era a forma como o portão de Pomander se abria, o som dos Romans a varrer as folhas dos tijolos.

Por vezes, não dizia nada a ninguém — nem a Sam, nem a Tommy, nem ao pai. Essas, eram as viagens de que Alice mais gostava. Só tinha de deslizar para dentro da sua própria pele e observar todos à sua volta. Era como ir a um jardim zoológico onde só ela podia escalar cada cerca e aproximar-se de cada leão, cada elefante, cada girafa. Nada a podia magoar, porque tudo era temporário. Tudo o que tinha de fazer era viver aquele dia.

⁵⁹ Filme *Um Dia de Doidos*, de 2003, em que mãe e filha trocam de corpo acidentalmente.

Alice rapou o cabelo com a máquina de barbear de Leonard. Já pensara em fazê-lo várias vezes, mas o compromisso sempre lhe parecera demasiado grande.

Depois, ela e Sam apanharam o comboio 1 e foram até à Rua Christopher, caminharam por alguns quarteirões até chegarem a um estúdio de tatuagens, na Rua 4 West, e, lá, Alice pediu para lhe fazerem uma baleia, como a do Museu de História Natural. Sam estava eufórica, com os cotovelos a afundarem-se no vinil preto da mesa do tatuador, enquanto a agulha entrava e saía do ombro de Alice. Saltou todas as outras coisas do seu dia de anos, exceto o almoço e o jantar com o pai, e foi dormir feliz, com o sangue a escorrer-lhe pela ligadura gigante e transparente.

Nova Zelândia. Um quarto quente. Um oceano a ver-se da janela. Não era a casa dela — era temporário. Ainda usava o cabelo curto, descolorido quase branco. A pele bronzeada, os braços fortes. Tinha uma máquina fotográfica.

Debbie deixou-lhe uma mensagem de voz: *Anda para casa. Não temos muito mais tempo.* Alice quase que se riu. *Há sempre mais tempo, basta olhar para todo o tempo que eu tenho,* pensou, mas entrou num avião e voou durante um dia inteiro — andou para trás um dia e chegou antes de ter partido.

Alice e Leonard foram jantar a todos os restaurantes de que ela gostava no dia do seu aniversário: comeram *dumplings* e *dim sum*⁶⁰ no *Jing Fong*, em Chinatown; beberam chá no hotel Plaza; foram ao *Serendipity 3* comer *sundaes* gigantescos; comeram piza suburbana na *Uno Pizzeria*, que fora sempre a preferida de Alice, em segredo; foram ao *Gray's Papaya* várias vezes; comeram piza viscosa no *V&T*; comeram *lox* no *Barney Greengrass*; comeram todo o tipo de bolachas na *Hungarian Pastry Shop*; foram ao *City Diner* e Leonard fez a sua piada preferida, que iria pedir o bacalhau cozido, mas depois comiam hambúrgueres, batatas fritas e batidos; Leonard deixou Alice beber uns goles da margarita dele no *Lucy's*, com um enorme prato de *enchiladas* de queijo entre eles. Tigelas de *penne alla vodka* no *Isola*. Às vezes, parecia batota, por ser sempre o aniversário de Alice, e por haver sempre uma razão para bolo e para cantar fora de tom; era batota, claro, era batota o resto do ano e seria batota amanhã, mas Alice não se importava; deixava sempre que o pai cantasse a música toda. Depois de um ou dois aniversários, Alice percebeu que voltava sobretudo para jantar com ele, para ter aquelas horas em que ela e o pai, ou eles e Sam, se sentavam à volta de uma mesa a falar sobre nada em particular e a rir, felizes. Apenas para estarem juntos.

Leonard ficava sempre feliz quando ela lhe contava. Para além de jantar, tornou-se a parte favorita de Alice. Ficava surpreendido e, por vezes, batia palmas com prazer, atirando a parte superior do corpo para a frente. Alice tinha imaginado, ao longo da sua vida, contar a Leonard muitas coisas que o fariam sorrir de alegria — verdadeira alegria, grande alegria — mas não havia avançar, apenas recuar. E, assim, ela disse-lhe uma coisa, uma e outra vez, sabendo como ele iria reagir, um presente para ambos.

⁶⁰ Série de pequenos pratos chineses, normalmente comidos em restaurantes que servem *brunch*.

Soube bem, durante algum tempo, andar para trás e para a frente, como se cada dia fosse um novo dia, não importava o ano, como se Alice não tivesse de pensar para a frente. Sabia que não era real, mas, por vezes, quando estava sentada na casa da guarda, à espera do passado ou do futuro, sentia que poderia fazer aquilo para sempre, como se nunca ninguém morresse, e, quaisquer que fossem as escolhas que fizesse, isso não importaria, porque iria simplesmente desfazê-las de manhã.

A pele pálida de Leonard, os olhos fechados de Leonard, a respiração pesada de Leonard. Podia torná-lo melhor e assim o fez, uma e outra vez, como um truque de magia. Leonard jovem, Leonard engraçado, Leonard a beber *Coca-Cola* e a fumar. Leonard imortal, nem que fosse por um dia.

PARTE CINCO

Tinham-se passado duas semanas desde o aniversário de Alice, cada visita fazia avançar um dia. Agora, já se habituara a ter quarenta anos — *o que é que isso importava?* — mas o seu corpo sentia-se mais cansado do que se lembrava, e, quando se levantou, ouviu os joelhos estalar, como uma tigela de leite com cereais *Rice Krispies*. Se Alice tivesse ido para casa naquela noite, naquela primeira noite, a do seu quadragésimo aniversário, se tivesse chamado o carro chique e tivesse dado ao condutor a sua própria morada, em vez da do pai, teria vomitado e desmaiado e teria acordado com quarenta anos mais um dia, mais uma ressaca. Ainda não resolvera uma única coisa na sua vida: Alice não era nenhuma *Dawn* — nem sequer era um dos *Time Brothers*. Se a sua vida tivesse um *slogan*, seria: *volte atrás no tempo, sem resolver nada!* Os livros tinham finais felizes, ou, no mínimo, satisfatórios, e uma resolução definitiva. Um ponto final no fim da frase. O problema de Alice era existir sempre uma frase seguinte.

O apartamento em Cheever Place era mais pequeno do que se lembrava, algo que sentia sempre que passava um dia fora de casa. A maioria dos apartamentos com jardim eram no rés-do-chão, com uma porta que dava para um espaço exterior, quer fosse com relva ou, como no seu edifício, uma grande praça de betão, mas, da maneira como a senhoria de Alice tinha dividido a casa, o apartamento era um grande quarto, com uma cozinha embutida ao longo de uma parede, e duas portas internas: uma que dava para o armário e outra que dava para a casa de banho. A sua secretária, que na verdade era apenas metade da pequena mesa de cozinha, estava coberta com um amontoado de papéis, que ameaçava colapsar a qualquer segundo. Os seus sapatos, que supostamente deveriam viver na pequena sapateira junto à porta, estavam pelo meio do chão como se duendes os tivessem levado a passear.

Alice caiu na cama. O pequeno cão que vivia ao lado, com a senhora idosa que gostava de se sentar no banco da frente e falar com todos os que passavam, ladrava, o que significava que o carteiro estaria por perto. O cão era um cão-salsicha velhinho, não podia subir ou descer os degraus sozinho, e ladrava de cada vez que queria estar num lugar onde não estava. A cama

de Alice era um colchão que tinha encomendado a uma empresa na *Internet*, com publicidade no metro, colocado sobre um estrado do IKEA que rangia. Não estava infeliz com a sua vida — não tinha *sido infeliz*. Estava tudo bem. Era saudável, tinha um emprego, tinha amigos, tinha uma vida sexual decente. Tinha pontos acumulados da *Sephora* e não fazia compras na *Amazon*. Levava os seus próprios sacos para o supermercado. Alice não sabia conduzir, mas, se soubesse, conduziria um carro elétrico. Votava sempre, mesmo para a eleição da câmara municipal e senador do estado. Tinha um plano de reforma e pagava as dívidas dos cartões de crédito, de poucos em poucos meses. Mas Alice não conseguia olhar à volta do apartamento e ver uma coisa que a fizesse verdadeiramente feliz. Era suposto haver um lado positivo na idade adulta, não era? O período da vida em que comandamos e que não foi escolhido para nós por outras pessoas?

Alice procurou o telemóvel na cama, encontrando-o enterrado debaixo da almofada, com a bateria quase no fim. Eram oito da manhã, mas Sam estaria acordada.

— Olá — disse Alice.

— Olá, bochechas doces! Parabéns atrasados! Desculpa ter andado tão inacessível, isto tem sido uma loucura — disse Sam.

Era sempre uma loucura. Alice ouvia uma gritaria ao fundo. Pensou na casa de Sam como um campo de batalha, onde podemos ser emboscados a qualquer momento.

— Posso ir aí? Tenho a certeza de que estás ocupada, mas posso ir? Só para poder sair?

Alice tinha saudades do fio torcido do telefone no seu quarto em Pomander, de ver a carne rosada do seu dedo a passar entre ele.

— Tu *queres* vir até aqui, até *New Jersey* para estar com a minha *família*? — perguntou Sam, incrédula. — Não posso impedir-te e seria fantástico. Pessoalmente, eu iria beber se pudesse, só com adultos, mas tu fazes o que quiseses, querida.

— Estarei aí assim que me lembrar de como se chega a tua casa — disse Alice, e desligou o telemóvel, entrando na aplicação do mapa.

Não foi complicado: Alice apanhou o F para a Rua Jay, depois o A para a Rua 34, depois o New Jersey Transit, que parecia o metro, mas não era. Alice gostava de longas viagens de comboio. Estava a sentir-se demasiado estranha para ler um livro — tinha olhado para a estante durante quase vinte minutos, incapaz de decifrar se queria um final feliz ou ficção científica ou

algo com mortes na primeira página — e, por isso, tinha colocado o último episódio do seu *podcast* favorito: *Shippers*. O *slogan* do *podcast* era *Somos a Razão Pela qual a Internet foi Inventada*, o que era um exagero, mas Alice adorava — todas as semanas, as duas anfitriãs falavam de personagens fictícias que não tinham tido uma relação romântica canónica e, a seguir, conversavam mais de quarenta minutos sobre porque é que deveriam ter tido, como é que deveria ter sido, e assim por diante. Archie e Jughead⁶¹, Buffy e Cordelia⁶², Stevie Nicks e Christine McVie⁶³, Chris Chambers e Gordie Lachance⁶⁴, Tami Taylor e Tim Riggins⁶⁵. Os casais nem sempre eram aqueles em que Alice acreditava, ou que teria escolhido, mas as anfitriãs eram divertidas e faziam-na ouvir sempre.

— *Okay, okay* — disse Jamie, uma das anfitriãs, depois do tema inicial tocar. — Estou entusiasmada com isto. É um pouco *old school*, mas não é o mais *old school* que já fizemos.

— Hoje, vamos falar sobre os dois livros do autor de culto, Leonard Stern, *Time Brothers* e *Dawn of Time*. Agora diz-me, Jamie, o que é que faz de alguém um autor de culto, e isso significa que ele está num culto? — perguntou a coanfitriã, Rebecca.

Leonard tinha sido sempre assim: suscetível de aparecer do nada. Uma pergunta no *Jeopardy!*, uma resposta nas palavras cruzadas. Até tinha entrado num episódio d'*Os Simpsons*, onde lutara com o dono de uma loja de banda desenhada sobre uma coleção de *Time Brothers*. A maioria das pessoas sabia o seu nome e, se não soubesse, conhecia *Time Brothers*, uma forma de batota para Alice na escola no que dissera respeito a fazer amigos. Ela nem precisava de dizer nada — as notícias de um pai famoso corriam rápido. Só depois da faculdade perceberia que isso era uma coisa má e que nunca levaria a uma conexão honesta.

— Certo, portanto, antes que a nossa linha telefónica imaginária comece a acender-se com milhares a queixarem-se de que estamos prestes a sugerir incesto, primeiro que tudo, *não*, e segundo que tudo, *não* — disse Rebecca. — No episódio de hoje, vamos falar de um dos *Time Brothers*, Scott, que foi interpretado por Tony Jakes, e de Dawn, que provavelmente tinha um último nome — *Dawn Gale!* — do sucesso *Dawn of Time*.

Um som de trompete eletrónico ouviu-se no fundo.

— Scott e Dawn! Tony Jakes e Sarah Michelle! Adoro este par. — Jamie riu-se da própria piada. — *Okay*, antes de mais, quero reconhecer que é estranho, mas não posso evitar que, no meu cérebro, Dawn seja Sarah

Michelle Gellar, uma pessoa real, do mundo real, criada depois de *All My Children*⁶⁶, mas pré-*Buffy*; e Tony Jakes simplesmente não existe, como se eu não conseguisse dizer nada sobre ele.

— Ele tem uma quinta de cavalos, de acordo com a Wikipédia — acrescentou Rebecca, pesquisando claramente em tempo real.

— Certo, uma quinta de cavalos! *Okay*, então... Tony Jakes tem uma quinta de cavalos, mas não nos aparece no ecrã há quanto tempo? Duas décadas? E, de acordo com este perfil muito antigo que li na revista *People*, é *gay* e também renova casas. Por isso, parece fantástico, e eu adoro-o.

— De qualquer forma, eis o que gosto no Leonard Stern — continuou Rebecca. — Sabes que idade é que ele tinha quando publicou o primeiro romance?

— Vinte e cinco? — tentou adivinhar Jaime.

— Incorreto! Leonard Stern tinha trinta e oito anos! E só publicou o *Dawn of Time* aos cinquenta e dois anos! — Rebecca soou triunfante.

— Adoro! — disse Jamie — Palmas para um sucesso tardio.

— A sério — continuou Rebecca. — Devíamos começar outro *podcast* dedicado a pessoas que realmente exploram o seu potencial depois dos quarenta. É uma boa ideia para um *podcast*! Mandem-nos um *tweet* se concordarem!

Rebecca e Jamie ainda estavam a falar, mas Alice já não estava a ouvir. Nunca tinha pensado em Leonard como uma pessoa de sucesso tardio. Ele tinha florescido durante a vida dela; como é que se poderia considerar isso tardio? Mas ouvir os números em voz alta, vindo de estranhos, parecia notável. Estas duas mulheres falavam destas personagens, que o pai dela inventara, como se fossem reais, porque *eram*. Por vezes, as pessoas não compreendiam isso — Alice não era escritora, mas tinha passado tempo suficiente sentada em mesas de jantar com escritores para compreender que a ficção era um mito. Podiam existir histórias de ficção más, mas as histórias boas, as boas mesmo — *essas* eram sempre verdade. Não os factos, não as direcções, não os enredos, que podiam acontecer no espaço ou no inferno ou em qualquer outro lado, mas os sentimentos. Os sentimentos eram verdadeiros.

— Sim — prosseguiu Rebecca —, mas queres saber o meu facto favorito sobre Leonard Stern, que li literalmente esta manhã na Wikipédia? Ele casou com a mulher que interpretou a mãe de Dawn no filme!

Rebecca aclarou a garganta e Alice sentou-se, de repente prestando toda a atenção.

— Não *poooooode* — disse Jamie. — A mulher daquela série? Sobre as crianças?

— Sim e sim — confirmou Rebecca. — A mãe de Dawn foi interpretada pela atriz Deborah Fox, que também estava na clássica série de televisão dos anos 1980, *Before and After School*.

Era daí que Alice a conhecia — a professora com mamãs grandes. Alice fechou os olhos e pôde ver toda a sequência de créditos da série televisiva — uma *sitcom* sobre uma mulher que adotara uma casa cheia de crianças e que era, também, a diretora da escola. Tinha dado durante todas as manhãs de sábado, nos anos 1980, mas a mensagem daquilo era terrível, um elenco multirracial de crianças com a senhora branca, doce e gorda, que as salvava. Deborah Fink era Deborah Fox, atriz. E tinha-se casado com Leonard, depois de ter sido uma estrela no filme sobre o livro dele.

— Uau! — exclamou Alice em voz alta.

Havia sempre mais para aprender. Quantas mais surpresas é que Leonard escondia? Alice riu-se, imaginando Leonard e Debbie e Sarah Michelle Gellar no *Gray's Papaya*, a versão divertida de um espelho distorcido da sua família.

⁶¹ Personagens da série adolescente *Riverdale*.

⁶² Personagens da série *Buffy, a Caçadora de Vampiros*.

⁶³ Membros femininos da banda de *rock* britânica Fleetwood Mac, formada nos anos 1970.

⁶⁴ Personagens do filme *Conta Comigo*, de 1982, inspirado no conto *O Corpo*, que faz parte da coletânea *Estações Diferentes* de Stephen King, publicada em Portugal pela Bertrand Editora.

⁶⁵ Personagens da série *Friday Night Lights*, adaptada a partir do livro e filme com o mesmo nome.

⁶⁶ Foi uma popular telenovela americana que passou na televisão durante décadas, de 1970 até 2011, tendo mais de vinte temporadas. Sarah Michelle Gellar esteve na telenovela entre 1993 e 1995, altura em que saiu para começar a série *Buffy, a Caçadora de Vampiros*.

Os Rothman-Woods viviam perto da paragem de Upper Montclair, numa casa azul enorme, com um baloiço no alpendre. Ficava apenas a três quarteirões da estação de comboios, mas Alice ia lá tão poucas vezes que precisava de confirmar se estava no caminho certo. Virou o telemóvel na mão, de modo que ele apontasse o caminho. Depois de errar o sentido duas vezes, Alice conseguiu vê-la, o azul a flutuar na paisagem. Os passeios de Montclair já estavam cobertos de folhas, e as árvores pareciam estar mais cheias de pássaros do que em Brooklyn. Algumas casas tinham já decorações para o Halloween, com lápides pintadas nos relvados da frente. A vizinha do lado de Sam tinha uma fila de abóboras que conduzia as visitas até ao alpendre, e quando Alice se aproximou, viu que Sam também o fizera.

— Olá — disse Sam.

Estava sentada no baloiço do alpendre, balançando-se para trás e para a frente com os dedos dos pés.

— Ei! — disse Alice. Enfiou o telemóvel no bolso. — Só demorei vinte e cinco anos a chegar aqui.

— Oh, por favor — respondeu Sam. Ambas as mãos estavam estendidas contra a sua barriga, que não era plana, era enorme, um meio círculo perfeito. — Os nova-iorquinos pensam que são o centro do mundo. É preciso menos tempo para chegar aqui do que para chegar aonde quer que os jovens de vinte e cinco anos vivam agora. Queens?

— Bushwick, acho eu.

— Certo. É só New Jersey. Por favor...

Sam deixou que os ténis se apoiassem no alpendre de madeira e o baloiço abrandou até parar. Meteu-se de pé, de barriga cheia, uma vista triunfante.

— Uau! — disse Alice. Não tinha acompanhado muito as anteriores gravidezes de Sam. Jantavam num restaurante escuro quando Sam lhe mostrara uma imagem de ecografia, o pequeno perfil de astronauta que viria a ser o seu filho mais velho, e, depois disso, vieram os horários preenchidos, um jantar em março que se transformou num jantar em abril e assim por diante. Alice tinha visto fotografias de Sam e Josh de férias em

Porto Rico, a barriga de Sam a espreitar entre as duas peças do seu biquíni às bolinhas, mas, ainda antes de Sam e Josh se terem mudado para Jersey, mesmo antes de as crianças terem nascido, nunca mais tinha sido como no liceu, quando falavam ao telefone a partir do minuto em que entravam pela porta de casa até ao instante em que adormeciam; e ainda dormiam na cama uma da outra todos os fins de semana. Era como ver uma planta crescer em *stop motion*. — Tu estás incrível.

Sam revirou os olhos.

— Asseguro-te que não me sinto incrível, mas obrigada. Vamos buscar uma bebida e depois podemos sentar-nos.

Alice acenou com a cabeça e seguiu Sam através da porta da frente.

— Onde é que eles estão?

— Os miúdos? Bem, a Mavis está no quintal e este está aqui dentro. — Sam apontou para a barriga dela.

— Certo — disse Alice. — Era isso que queria dizer.

Lembrou-se das listas de nomes de menina que Sam fizera: Evie, Mavis, Ella. As gravidezes eram coisas frágeis — não alteravam o equilíbrio do mundo. Sam já tinha tido abortos espontâneos antes, e talvez tivesse acontecido novamente. Aquela era a maior dúvida de Alice, que Leonard não esclarecera, porque ela não soubera como perguntar-lhe — será que todas as outras crianças, todas as outras vidas, ainda aconteciam algures? Alice acreditava que sim, mas era impossível saber ao certo.

Sam abriu o frigorífico e tirou duas latas de água com gás.

— Toranja, pode ser?

Alice acenou com a cabeça. A casa era tão grande como uma casa de uma série de televisão, uma das que ela e Sam costumavam ver depois das aulas. Quartos suficientemente grandes para os irmãos e para os pais e para os homens que seguravam os microfones sobre as cabeças de toda a gente. Sam conduziu-as pela porta das traseiras. Mavis estava na pequena estrutura de madeira de brincar, pendurada de cabeça para baixo pelos joelhos, com Josh ao seu lado, os braços à espera e prontos para a apanhar se ela precisasse de ser resgatada. Alice acenou e Josh acenou-lhe de volta, incapaz de deixar o seu posto. Estava tudo certo — ele sabia que Alice estava ali apenas para falar com Sam.

— Quarenta não é assim tão mau — disse Sam. — Estás a debater-te com isso? A ideia disso? — Abriu a lata e bebeu um longo gole. — Meu Deus,

estar grávida é como estar sempre de ressaca. Estou sempre com sede, tenho sempre de mijar e nunca me quero levantar para ir à casa de banho.

— Não, está tudo bem — respondeu Alice. — Essa parte está bem.

Sam olhou para ela.

— Então o que é que não está bem? O que é que está a acontecer? Sabes que eu adoro quando vens cá, mas tu nunca vens cá.

— Só tenho saudades tuas — disse Alice. — E sinto a falta do meu pai. — Soltou um barulho que estava algures entre um soluço e uma lamúria. — Desculpa.

— Não, querida, vá lá! Está tudo bem! Sabes o quanto eu adoro o Lenny. Se ele me deu *royalties* por lhe ter dito para escrever um livro que lhe daria um milhão de dólares? Não. Mas pôs o meu nome nos agradecimentos? Sim. E ofereceu-se para pagar a faculdade dos meus filhos? Também sim. E para já não preciso, mas nunca se sabe. E se o Josh for atropelado por um autocarro e eu tiver de parar de trabalhar? O teu pai é como a minha Oprah. — Sam apertou o braço de Alice. — Estou a brincar. Mas não sobre ele se ter oferecido para pôr os miúdos na faculdade — ele fez mesmo isso.

— Não sabia disso. — No entanto, Alice conseguia imaginar.

Podia facilmente ver o pai a dizer aquilo a Sam, grávida do seu primeiro filho. Leonard, possivelmente, desejara ter mais filhos — Alice nunca pensara nisso, tinham sido sempre uma equipa de dois, mas, vindo de uma família pequena, talvez o tivesse desejado. Ou talvez tivesse presumido que Alice lhe daria um ou dois netos! Leonard nunca a pressionara, por nada na vida, mas Alice questionou-se sobre se alguma vez ele teria tentado ter filhos com outra pessoa — e se teria voltado atrás no tempo depois de conhecer Deborah, para ver se a conseguia encontrar mais cedo. Ter filhos *dela*. O que mais teria Leonard feito e que Alice não sabia? Provavelmente, mil coisas.

— Vais vê-lo hoje? — perguntou Sam.

Josh ajudou Mavis a soltar os joelhos e a rapariga desapareceu no topo da estrutura, que tinha sido construída com o intuito de se parecer com um navio pirata.

— Vou lá à tarde — Alice colocou a lata fria na testa. — É uma merda, sabes?

— Sei. — Sam pôs o braço à volta dos ombros de Alice. — E esta criança que não para de me dar pontapés?

— Posso sentir o bebé?

Alice tinha tocado, relutantemente, em várias barrigas grávidas — professoras na escola, amigas da faculdade, na de Sam. Sentia-se sempre invasiva, no limiar do bizarro. Alice nunca tinha sido uma daquelas pessoas obcecadas por bebês, que ficavam felizes nas mesas dos restaurantes e nas costas dos assentos dos aviões com qualquer criança próxima. Ter um bebê — carregar um bebê — parecia tão injustamente público, e compelia estranhos a opinar sobre as nossas escolhas de vida, sem qualquer convite. Mas Alice sentiu que precisava de provas de que este mundo era real, que hoje, o dia de hoje, era um dia real na sua vida, e na de Sam também.

— Claro que sim — disse Sam. Pegou na mão de Alice e colocou-a sobre a barriga. — Ah, é verdade... sabes quem é que acabou de se mudar para Montclair? Aquele miúdo, ou homem, bem, deve ser um homem agora, aquele rapaz que estava um ano atrás de nós em Belvedere. Kenji?

— Kenji Morris — disse Alice.

Ela vira-o muito nos últimos dias — fazia parte do comboio de rapazes que tinha ido à festa de aniversário de dezasseis anos, em Pomander. Andava no ano anterior, mas era alto para a idade e magro, Kenji balançava-se como um salgueiro. A mãe era japonesa e o pai estava morto. Alice não sabia mais nada acerca ele. Tinha fumado *Parliaments*, talvez? Não, ele não fumava. Tiveram espanhol juntos — era bom em línguas e era o único aluno do décimo ano da aula de espanhol.

— Certo, Kenji Morris — disse Sam. — Ele e a filha vivem ao virar da esquina. Acabou de se divorciar. A filha tem a idade da Mavis e nós conhecemo-los no parque no outro dia. É simpático! Na verdade, nunca o tinha conhecido mesmo a sério.

— Deixa-me adivinhar: é advogado.

— Não, sua *snob* de merda. Nem todas as pessoas com quem andámos na escola são advogadas. É arquiteto.

Sam respirou fundo.

— Isso é um trabalho inventado para homens nas comédias românticas.

— Isso também não é verdade. — Sam descansou a cabeça no ombro da Alice. — O que é que queres para o almoço? O menu é queijo grelhado ou manteiga de amendoim e geleia. Ou ovos mexidos.

Desta vez — ontem — Alice não contara a Sam nem ao pai. E, aquele momento, não parecia ser a melhor altura para o fazer, agora que Alice sabia que não iria durar e que provavelmente só aumentaria a conta da terapia de Sam. Mesmo quando não lhe contava, o conceito estava

implícito, no fundo dos cérebros delas — ninguém que idolatrasse Keanu Reeves poderia evitar viajar no tempo por muito tempo.

— Ele é careca?

Alice conseguia imaginar Kenji de uma forma tão clara, o cabelo negro a tapar-lhe um olho. Os cortes de cabelo eram terríveis nos anos 1990 — *Caesars*⁶⁷, *baby bangs*⁶⁸, até mesmo alguns rapazes brancos com rastas —, mas o cabelo de Kenji sempre tivera a qualidade de uma criança penteada para o dia das fotografias na escola.

— Estás a brincar? O cabelo dele é tão espantoso como sempre foi. Honestamente, está melhor, porque agora tem uns cinzentos, e não sei se estou só a ficar velha, mas ele está mesmo *sexy*. Não é estranho que, no liceu, um miúdo seis meses mais novo do que nós, só por estar num ano atrás, nos parecesse um bebé? Todos os rapazes do nosso ano eram estúpidos, sem ofensa, mas havia alguns bem bons no ano abaixo. Porque é que não saímos com eles?

Mavis deslizou pelo escorrega de plástico, esmagando uma pilha de folhas com os seus ténis minúsculos. Josh acompanhou-a até à parte de trás do baloiço.

— Essa é uma boa pergunta — disse Alice. Sempre tivera paixões por rapazes mais velhos. Eram bonitos e adultos e não se interessavam remotamente por ela, exceto por vezes em festas, quando um deles lhe enfiava a língua até meio da garganta e depois se afastava quando se aborrecia. — Como é que sabias que querias casar com o Josh?

Sam riu-se.

— Quero dizer, será que sabia? Não sei! Éramos tão novos... Eu queria, claro que queria, aqui estamos nós, certo? Não foi contra a minha vontade. E eu amo-o. Mas acho que era demasiado nova para saber realmente o que as minhas escolhas iriam significar. Não há realmente nenhuma maneira de descobrir o que precisas de descobrir, sabes? Tipo, se alguém vai ser um bom pai, ou se tem alguma treta patriarcal estranha e fodida que não vai aparecer até aos quarenta anos, ou se é terrível com dinheiro, ou se se recusa a ir à terapia. Devia haver uma aplicação para isso.

— Hum, tu já viste todas as aplicações de encontros? São, literalmente, só pénis. Ninguém está a falar sobre o patriarcado. E se alguém está, tu sabes que é uma fachada para todos os pénis que estão prestes a surgir. — Alice fez uma pausa. — Mas, tu e o Josh são incríveis juntos.

— É verdade, somos mesmo. Na maior parte das vezes. Mas também somos ambos humanos, com bagagens diferentes sobre merdas diferentes. As coisas que me deixam louca por ele podem não significar nada para outra pessoa. Mas é uma escolha. De qualquer forma, estamos casados há quinze anos. Mas continuo a ter de escolher. Isso nunca vai parar.

Mavis desceu novamente o escorrega e, quando saltou e esmagou as folhas, olhou para cima e viu a mãe, desatando a correr pelo relvado a grande velocidade. O corpo pequeno voou para os braços de Sam e Alice viu-as rirem-se e abraçarem-se. Josh também estava a ver. Alice nunca pensara no casamento como uma escolha contínua, uma decisão permanente, e a ideia disso deixou-a exausta e feliz ao mesmo tempo. Feliz por não ser a única que sentia que estava sempre a meio de um planeamento do seu futuro, e exausta por não haver maneira de sair daquela viagem. Isso lembrou-a de quando os pais de Serena — os seus avós, embora os tivesse visto tão raramente que quase não contavam como tal — decidiram abruptamente parar de fazer férias no México e, em vez disso, compraram um espaço no Arizona, onde podiam jogar golfe e comer saladas e beber limonadas geladas, tudo dentro dos limites do seu condomínio fechado. Tinha tido alguma coisa que ver com política, mas Serena não gostava de falar sobre essas coisas, e, assim sendo, ficou-se por essa sugestão, a culpa era da política. *Scottsdale é adorável durante o inverno*. E, depois, quando o pai de Serena ficou doente, a mãe transferiu-o para uma instituição com cuidados a tempo inteiro e a avó de Alice regressou à Califórnia. Será que tinha telefonado todos os dias? Mandado postais para que as enfermeiras os lessem para ele? Quem sabe que decisões iria alguém tomar depois de cinquenta anos de casamento? Quem sabe de que forma a relação dos pais de Serena acabaria por influenciar a visão que a filha iria ter de como deveria ser uma relação? Talvez Alice estivesse sozinha porque Leonard tinha estado sempre sozinho.

— Vá lá — disse Sam. Levantou-se e deu uma palmadinha na cabeça de Mavis. Alice piscou o olho a Mavis, que piscou de volta com a cara toda.
— Hora de comer.

⁶⁷ Corte de cabelo clássico, rapado em baixo e com a parte superior do cabelo escovada para a frente, fazendo uma pequena franja.

⁶⁸ Corte de cabelo com franja longa, muito popular nos anos 1990.

O horário de visitas terminava às cinco da tarde, mas quando Alice entregou a sua identificação a London — às 16h45 —, ele não disse uma palavra, dando-lhe apenas um cartão. Alice sentia-se terrível. Não propriamente *doente*, mas lenta e pesada. Com uma dor de cabeça. Tudo era desorientador — pelo menos, quando ela estava na casa da guarda, sabia o que esperar. Pensou naquilo que estava a fazer como gravar uma cassete, tal como fazia no secundário, rebobinando-a até ao ponto certo para depois lhe acrescentar algo novo. Era crucial colocar as coisas na ordem certa, ter uma música a seguir à anterior. Mas não podia controlar de que modo outra pessoa a iria ouvir, se se importaria, se a ouviria vezes sem conta, ou se a cassete seria atirada para longe, como uma bola de enfeitar de Natal. Alice voltava atrás mais facilmente do que avançava. Porque avançar era assustador, já que tudo poderia ter acontecido. *Qualquer coisa* poderia acontecer. E ela já percebera que *qualquer coisa* era, até, um intervalo bastante estreito, mas mesmo assim não conseguia controlá-lo.

O hospital estava mais calmo do que o habitual — a tarde tinha ficado nublada e escura e talvez a maioria dos visitantes tivesse ido para casa mais cedo, para fugir da chuva que se aproximava. Alice acenou com a cabeça, fazendo saudações educadas às pessoas por quem passava nos corredores intermináveis, cada um conduzindo ao próximo e ao próximo, até chegar ao quarto do pai. Estava à espera de ver a mesma cena em que tinha entrado tantas vezes: o pai, na maioria dos dias a dormir, com os olhos fechados, e Debbie a mexer-se na cadeira, o barulho do telejornal a passar através dos quartos vizinhos. Mas, quando Alice puxou a cortina para o lado, Leonard estava sozinho e acordado, com os olhos abertos, a cabeça apoiada nas almofadas. Olhou para ela e sorriu.

— Finalmente. — Leonard abriu as mãos, como um mágico, mostrando que alguma coisa, uma moeda, um coelho, tinha desaparecido.

Alice parou, ainda agarrada à cortina de *nylon* barata.

— Pai.

Leonard sorriu.

— Estavas à espera de outra pessoa?

O rosto dele estava magro e cinzento. Leonard acenou com a mão na direção da cadeira.

— Anda, entra no meu pequeno reino.

— Não estava à espera de que estivesse acordado.

Alice agachou-se rapidamente, sentando-se na cadeira, e segurou os próprios braços no colo, como se fossem a barra de segurança de uma montanha-russa.

— A Debbie acabou de sair. Esteve à espera para ver se te via, mas depois ligas-lhe, pode ser? — Havia alguns sacos de líquido pendurados atrás dele, um deles a libertar gotas lentamente pelo braço. Os nomes dos médicos e enfermeiras estavam no quadro branco, bem como uma lista de todos os medicamentos de Leonard. Era o mesmo de sempre, só que ele estava acordado e a falar e a olhar para ela. — Prazer em ver-te, *Al-pal*.

— Igualmente — disse Alice, o que era um eufemismo.

— Como foi o teu dia? — perguntou Leonard. — Pareces cansada.

— Eu *estou* cansada — disse Alice, embora fosse mais do que isso.

Sentiu-se envergonhada, ansiosa e entusiasmada. Alice já tinha passado tanto tempo a fazer o seu luto no presente, que não sabia muito bem o que fazer ou dizer ao pai que tinha à frente, acordado. A ideia da morte de Leonard, e o que isso significaria para o resto da vida, era pesada, mas era um peso familiar. Não que Alice pensasse que se tinha preparado para isso — sabia que era algo que não poderia fazer, não era um *puzzle* ou um cubo de Rubik que se resolviam; o luto era algo que se instalara na sua vida e ficara. Podia até andar de um lado para o outro numa sala, afastar-se de uma porta ou janela, mas ficava sempre lá. Uma parte de si que não podia afastar, por mais que o desejasse, ou rezasse, ou bebesse, ou fizesse exercício. Estava tão habituada a ver o pai perto de desaparecer, que isso se tornara quase desejável — ninguém quer ver as pessoas que ama a sofrer. Mas também se sentia tão cansada de estar tensa sempre que o telemóvel tocava, cansada de se sentir nervosa de cada vez que saía do quarto de hospital, cansada de como se sentia ao saber que a sua vida iria mudar e que, depois da morte de Leonard, teria dentro de si um enorme e eterno buraco. *Em breve*. Alice pensou que isto era provavelmente uma espécie de espelho invertido, o contrário de estar grávida e saber que a sua vida nunca mais seria a mesma. Uma subtração em vez de uma adição. Até porque, em ambos os momentos, as tradições se assemelhavam — as pessoas enviariam flores, ou cartões, ou comida. Alguém colocaria o nome dela numa lista de

lembretes — *mandar uma mensagem à Alice Stern*. E, depois de tudo isso passar, aquele seria um problema exclusivamente dela. Demorara muito tempo a chegar àquele ponto de aceitação, e não sabia se iria conseguir fazer tudo isto de novo.

Não conseguia lembrar-se, com exatidão, do que acontecera na última viagem —, os dias misturavam-se. Mas sabia que não lhe contara o que se estava a passar, ao final da noite, como, noutras ocasiões, fizera.

— Muito bem, muito bem. Sim... pareces-me bem — disse Leonard, provocando-a.

— Tu pareces melhor — disse Alice. — Melhor do que alguma vez te vi. Leonard acenou com a cabeça.

— Eles não sabem o que se passa comigo. Sabem que estou a morrer, como é óbvio — sorriu perante aquela verdade simples —, mas não sabem porquê. Acho que quando olham para as minhas análises ao sangue, é como se vissem um homem de noventa e seis anos.

Levantou as sobancelhas. Ele sabia. Claro que sabia.

— Pai — tentou Alice —, não tenho conseguido falar contigo. — Fez as contas, tinham passado vinte e quatro anos desde o seu décimo sexto aniversário, mas também tinha passado apenas um dia, ou uma semana, ou duas. — Podes dizer-me o que sabes? Quero dizer... eu continuo a voltar atrás no tempo e a tentar ajudar-te, a tentar resolver *isto* — fez um gesto, apontando para o quarto de hospital —, isto tudo. Mas esta é a primeira vez que estás acordado! Não sei o que fazer. E tenho andado para trás e para a frente, porque, bem, porque não?

Tentou rir-se, mas saiu-lhe como um gemido. Alice desejou que estivessem em casa e que *Ursula* estivesse ao seu colo. Será que os hospitais tinham gatos? Tinha visto segmentos nas notícias com cães dóceis e fofinhos, labradores que enfiavam os focinhos nas mãos dos pacientes. Leonard não ia querer que um cão qualquer o lambesse; ia querer a dignidade sem idade e sem limites de *Ursula*.

— Bem, só funciona entre as três e as quatro da manhã, e a casa da guarda tem de estar vazia. O que normalmente não está. Certifiquei-me disso. É apenas isto, na verdade. Aprendi há muito tempo que regras são regras. Não importa se fazem ou não sentido. É assim que funciona. É isso que estás a perguntar? — Leonard sorriu. — A ficção científica só tem de fazer sentido dentro das suas próprias paredes, mesmo que essas paredes sejam o teu mundo.

— Explicaste-me essa parte, uma vez. Quem mais é que sabe? — perguntou Alice. — Só nós?

Leonard abanou a cabeça, com o rosto apertado.

— Os Romans sabem. A Cindy costumava voltar aos anos setenta para dançar a noite toda. Isso foi antes de nos mudarmos para Pomander. Vai ficando mais difícil andar para trás e para a frente. Mais difícil de voltar. Eu sei que sentes isso no teu corpo. Durante muito tempo, não pensei que isso fosse fazer-me realmente mal, mas, bem... — gesticulou à volta da sala. — A Cindy costumava ir ao *Studio 54* para dançar o *boogie* e, quando voltava, começou a ter alguns problemas.

— Que tipo de problemas?

Alice pensou no seu próprio corpo e em como parecia estar a abrandar, na forma como a sua cabeça lhe doía de manhã, não importava onde ou quando acordasse.

— É como ter visão dupla, um pouco oscilante, e a oscilação torna-se mais pronunciada quanto mais velho se fica. É mais ou menos o oposto do que tu queres, sabes... desejas que as coisas sejam cada vez mais claras, à medida que te afastas daquele tempo a que estás sempre a voltar, mas, com o passar dos anos, podes confiar cada vez menos na tua própria memória.

Leonard uniu os dedos. A sua pele parecia fina e pálida.

— E como é que tu te podes certificar de que voltas para onde queres estar? — Isso era o que ela não percebia. — Como é que sabes quando parar?

— Tu sabes onde queres estar? — Leonard levantou uma sobrancelha.

— Pois, não sei... que merda! Sei que as coisas não eram perfeitas, originalmente, mas, depois, quando voltei, as coisas continuavam a não ser perfeitas mas de uma maneira completamente diferente.

Pensou em Tommy e nas duas lindas crianças e no apartamento gigante e estava realmente aliviada por não estar lá.

Leonard acenou com a cabeça.

— Sim, claro. Uma vez, e só uma vez, quando voltei, tu tinhas-te mudado para a Califórnia para viveres com a Serena. Isso foi um desastre, por isso certifiquei-me de que nunca mais acontecia. Mas tu vês como funciona — vês o que muda e o que não muda. Não quero soar demasiado budista, porque não sou budista, mas tudo o que está fora de ti não é meramente um reflexo superficial?

Alice anuiu com a cabeça.

— Sim, tenho quase a certeza de que o Dalai Lama nunca disse nada sobre reflexos superficiais.

— Obrigado, miúda. Mas... sabes o que quero dizer. Há coisas que mudam e há coisas que não mudam. Estamos todos a tentar resolver as nossas porcarias internas e ninguém é bom nisso. Nem os budistas! Eles são melhores a tentar, talvez, ou melhores a pôr tudo de lado. Isto não é sobre o tempo que tens, é sobre como é que o gastas. Onde colocas a tua energia...

Leonard fechou a boca a meio da frase e depois os olhos também. Alice conseguiu perceber — só porque estava acordado e a falar, isso não significava que estivesse melhor. O que quer que tivesse feito, não tinha sido suficiente. Leonard encontrara o amor, tinha deixado de fumar, escrevera outro livro, fizera *jogging*, e mil outras coisas que Alice não vira, mas nada disso importava. Continuavam a estar no hospital.

— O que é que se passa de errado contigo? — perguntou Alice.

Mal as palavras lhe saíram da boca, percebeu que sabia a resposta. Era isto — o que Alice estava a fazer, o que Leonard fizera sabe-se lá quantas outras vezes. Não era culpa da *Coca-Cola*. Nem sequer era por fumar. Era *disto*. E, claro, ela não o conseguiria salvar.

Leonard levantou as palmas das mãos em direção ao céu.

— Penso que qualquer pai faria o que eu fiz. Honestamente, gostaria de ter ido a outros sítios, sabes? À Alice com três anos, à Alice com seis, à Alice com doze, eu com trinta, com quarenta... — Marcou os pontos no braço, como David Byrne a dançar no videoclipe de *Once in a Lifetime*. — Ninguém fala sobre isso, pelo menos não com os pais. Talvez as mães falem, aposto que falam. Mas, nunca ninguém falou comigo, garanto-te, sobre o que é amar tanto alguém e depois ver essa mesma pessoa mudar e ser outra completamente diferente. Tu também amas a nova pessoa, mas é diferente; e acontece tudo tão depressa, mesmo as partes que parecem durar para sempre, enquanto estão a acontecer.

Leonard estava certo. Alice sabia que seria doloroso dizer-lhe o quanto ele também mudara, embora ele soubesse disso. Alice amava-o agora, mas não da mesma forma que o tinha amado em criança, porque ele não era o mesmo e ela também não. Era isso que tinha feito, ao ir e vir — mesmo nos dias em que não tinha passado muito tempo com o pai e que tinha feito coisas parvas com Sam, ou passado o dia na cama com um adolescente giro. Não era como se pensasse que Leonard tinha sido o pai perfeito — todos os Dias do Pai, na *Internet*, Alice era bombardeada com fotografias de pais a

caminhar, pais a cozinhar, pais a atirar bolas em campos de *softball*, pais a construir coisas com ferramentas, pais a brincar com vestidos. Leonard nunca fizera nada disso e Alice desejava que o tivesse feito, mas não o podia culpar por ser quem era. Leonard era assim e ela amava-o por isso, especialmente aquela versão dele, o jovem que vivia como se nada o pudesse magoar. Estava a tentar adiar aquela versão do pai. O que quer que tenha acontecido do outro lado, quer ele estivesse consciente ou inconsciente, agora estava noutro lugar — mais lento e a cambalear. Ninguém podia ser jovem para sempre. Nem mesmo o pai, que tinha viajado através do tempo, que tinha inventado mundos, que tinha feito coisas que durariam mais do que ele. Que a tinha criado.

Leonard deixou que os pensamentos de Alice enchessem a sala.

— Não há problema em perder pessoas, Al. A perda é o objetivo. Não podes apagar o luto, a dor, caso contrário o que é que nos resta? Um episódio de *Beverly Hills, 90210*, em que a música cintilante aparece no final e tu sabes que tudo vai ficar bem?

— *Okay*, agora sei que não vias aquilo com atenção, porque aqueles miúdos estavam mais cheios de traumas do que uma sala nas urgências. — Alice riu-se.

— Sabes bem o que quero dizer. Esse final não existe! — Leonard abanou a cabeça. — E não podes estar sempre a tentar. Ou podes, mas é assim que vais acabar, tal como eu. Isto é o que está a acontecer. Isto é o que eles não sabem. Isto nunca aconteceu ao Scott e ao Jeff, estavam sempre prontos para voltar aos anos oitenta com os seus estúpidos coletes. Ou com a Dawn — Leonard olhou para Alice. — Tentei fazer a Dawn o mais parecida contigo quanto possível. Ela transformou-se na sua própria pessoa, como as personagens fazem sempre, mas, quando comecei a escrevê-la, estava apenas a pensar em ti, imaginava-te a ir e a voltar como sabia que irias fazer. Acho que é a mesma coisa que alguns pais sentem quando os filhos tiram a carta de condução, percebes? Tipo, tu andas lá fora, além do meu alcance. E eu só tinha de confiar que eras suficientemente forte. O que és! A Dawn também.

— Então o que é que eu faço? — perguntou Alice. Era embaraçoso. Não tinha dezasseis anos, tinha quarenta, e já sabia que ele não lhe daria uma resposta, que não lha poderia dar mesmo que quisesse. — Porque é que não me disseste?

— Durante muito tempo, não percebi o que estava a fazer ao meu corpo. E, quando soube, o que é que poderia fazer? Parar? Eu não ia parar. Todos fazemos o que temos de fazer, tomamos as nossas próprias decisões sobre como nos devemos comportar. O que queremos fazer, o que precisamos de fazer — disse Leonard. — Queres ver o *Jeopardy*!?

Alice assim o fez. Encostou a cadeira à cama e esperou enquanto o pai procurava o comando gigante do hospital, que tinha botões do tamanho de moedas de cinco cêntimos. Leonard teve de usar ambas as mãos para pressionar o botão com força suficiente. Alice apoiou a cabeça na grade de plástico da cama e virou o rosto em direção ao ecrã. Alex Trebek teria as respostas.

— Tenho mais uma pergunta — disse Alice.

— Só uma? — Leonard riu-se, e depois tossiu. Apontou para a televisão. — Estou rodeado de perguntas.

— É sempre no meu aniversário... quando volto. Porquê? Nada acontece, quero dizer, nada de importante. Pelo menos para mim.

Alice examinou as unhas.

— Não me cabe a mim saber — disse Leonard. Parecia tão cansado. — Mas posso dizer-te isto: o dia em que tu nasceste foi aquele em que me tornei a melhor versão de mim mesmo. Eu sei que isto soa lamechas, mas é verdade. Antes de teres nascido aos gritos, eu vivia bastante feliz a pensar apenas em mim mesmo, durante o dia todo — Leonard sorriu. — Tenho estado à espera de falar contigo sobre isto.

— Sobre seres um lamechas egoísta? — perguntou Alice. Mesmo agora, não conseguia evitar, a provocação, a brincadeira.

— Sobre como era quando eu voltava atrás. Era apenas... — A voz de Leonard começou a ficar fraca. Aclarou a garganta algumas vezes e abanou a cabeça. — Foi nesse momento que senti mais amor. Em toda a minha vida. Lembras-te de quando fomos àquele casamento e a noiva disse ao marido que ia amá-lo mais do que a qualquer filho que eles alguma vez tivessem?

Alice revirou os olhos.

— Sim. — Tinha onze anos e bebera *Shirley Temples*⁶⁹ ilimitados, com um vestido de festa de veludo.

— Bem, obviamente que eles ainda são casados e eu divorciei-me. Mas eu nunca senti pela Serena, ou pela Debby, nada próximo do amor que sentia por ti — Leonard pôs um dedo nos lábios. — E no dia em que nasceste...

estava ali tudo, de uma só vez. Tal como quando uma torre de perfuração de petróleo bate no fundo e sai tudo disparado para o céu. Talvez seja só isso. Sei que nem sempre fui o melhor pai, mas tentei. E correu bem, não correu? Para nós?

— Muito bem, pai. Safámo-nos muito bem.

Ouviam-se barulhos no hospital — cadeiras de rodas no chão liso, alguém a tossir ou a gritar, o *olá* de uma enfermeira, risos por detrás da secretária —, mas Alice não os ouviu. Fechou os olhos por um momento e pensou em tudo o que tinha tido no seu décimo sexto aniversário — um pai que amava e com quem queria passar o seu tempo, que também confiava nela para a deixar sozinha em casa. Uma melhor amiga. Uma paixão. Alice perguntou-se se o dia tinha mudado ao longo da sua vida. Talvez viesse a existir um dia nos seus quarenta, cinquenta, ou sessenta anos, que fosse tão cheio de amor — tão cheio ponto final —, que uma Alice de noventa anos iria viajar até esse dia em vez do outro. Mas Leonard não estaria lá, porque não importava o que Alice fizesse, quando chegasse essa altura, ele já teria ido embora. Aquele podia não ser o melhor dia para outra pessoa, mas era o dela, por enquanto, e isso bastava.

— O que são os *Time Brothers*? — perguntou um concorrente, a mão no botão, os rostos corados pela satisfação de saberem que estavam certos.

⁶⁹ *Cocktail* não alcoólico, feito com *ginger ale* e groselha.

PARTE SEIS

Pomander tinha pássaros — pombos, claro, mas também andorinhas e, às vezes até algumas gaivotas barulhentas, que vagueavam pelo quarteirão, por cima da colina do Hudson. Estavam todos reunidos na escada de incêndio, a reunião diária sobre vermes, vento e migalhas de pão. Alice ouviu-os durante alguns minutos, olhando fixamente para o teto. Da sua cama, podia ver um pedaço de céu cinzento, no meio dos edifícios. Sentou-se num movimento fluído, a enorme *t-shirt* amarela a subir-lhe pela caixa torácica enquanto esticava os braços para cima.

Leonard estava no mesmo sítio, como de costume, a tomar o pequeno-almoço à mesa. Havia um jornal dobrado ao seu lado e *Ursula* estava sentada à janela, como se estivesse à espera de que Alice aparecesse.

— Truz, truz — disse Alice, estalando a língua para chamar a atenção do pai.

Leonard pareceu preocupado por vê-la ali tão cedo. Não conhecia a frequência com que ela ali acordava, acordava e acordava.

— Feliz aniversário, pequena vagabunda — disse Leonard.

Despenteou o cabelo de Alice da mesma maneira que fazia quando ela era uma criança e lhe chegava até à cintura. Alice não chorou, mas só porque engoliu o choro com força, várias vezes seguidas.

Ela tinha um plano.

A aula de preparação para os exames era inútil e, por essa razão, Alice decidiu não ir. Leonard não fez grande alarido. Alice procurou o gravador nas gavetas e levou-o com eles para o *City Diner*, onde tinham queijos grelhados e duas doses de batatas fritas à espera.

— Fala-me dos teus primos — pediu Alice. — Quem era o teu maior rival na escola primária? Com quem foi o teu primeiro beijo? Como era a mãe quando era nova?

Leonard riu-se para a chávena de café. Mas, depois, respondeu às perguntas dela, uma de cada vez. Havia um primo chamado Eggs, que tinha acabado como apostador profissional; havia uma rapariga chamada Priscilla, que lhe partia os lápis ao meio; lá estava Priscilla novamente, anos mais tarde; Serena aos vinte e dois, loira e bonita sem esforço. De vez em quando, Leonard fazia uma pausa e dizia: — Tens a certeza de que queres mesmo ouvir isto tudo?

Mas Alice acenava vigorosamente a cabeça e apontava para o gravador.

— Continua.

Tinham de jantar no *Gray's Papaya* e foi isso mesmo que fizeram, ainda que Alice estivesse a ficar cansada de cachorros-quentes. Experimentara todos os sumos, e o de papaia era o vencedor. Leonard ficou feliz quando Alice adicionou ingredientes ao cachorro dela e, dessa vez, pediu ainda mais. Sam torceu o nariz, mas Alice conseguia perceber que ela estava impressionada. Tinham de comer gelado e assim o fizeram. Alice certificou-se de que Sam dizia a coisa certa, dando-lhe sempre, uma e outra vez, a mesma dica, até que o seu pensamento fosse desviado para o que pretendia. Por vezes, Alice bebia chocolate quente e, noutras, bebia batido de caramelo de manteiga. Isso não lhe parecia fazer qualquer diferença.

Havia um número limitado de festas na vida de uma pessoa, e por isso, Alice deixou o pai ir à convenção depois do jantar. Havia poucas oportunidades, enquanto adulto, de estar rodeado de amigos depois da meia-noite. Tinha decidido deixar que Tommy cometesse os seus próprios erros — não iria intervir. Alice e Sam usavam vestidos de seda e tiaras e batom escuro, como vampiras sensuais, e estavam a divertir-se muito, antes de os convidados tocarem à campainha. Quando Helen e Lizzie chegaram, Helen disse: *O que é isto, The Craft*⁷⁰? e aquilo foi tudo o que Alice e Sam precisaram de ouvir. Durante o resto da noite, foram bruxas adolescentes, lançando feitiços e simulando que levitavam, ao ficarem por trás uma da outra, erguendo os seus corpos. Quando Phoebe chegou com as drogas do irmão, Alice disse *sim*, porque não? Os rapazes tocaram à campainha e entraram como um pequeno desfile, iguais a sempre.

— Foram todos apanhados e deixados aqui à porta, tipo, um de cada vez? Como um furacão que apanha sofá e portas, como o *The Wizard of Oz* ou algo do género, só que desta vez apanhou rapazes adolescentes?

Alice ficou de lado, a rir-se, enquanto os rapazes entravam, uma nuvem *Polo Sport*⁷¹ a empurrá-los até à sala de estar. Tommy estava no meio do pequeno aglomerado, rodeado de admiradores e acólitos, como sempre, e Alice deixou-o beijá-la na bochecha. Era um bom rapaz, mesmo que não fosse o *seu* bom rapaz. Depois de entrarem, os rapazes atiraram-se para o sofá e encostaram-se aos balcões, como se não conseguissem suportar o próprio peso. O que quer que estivesse no comprimido começava a fazer efeito, e Alice sentiu a madeira pesada da porta contra a pele. Kenji Morris foi o último da fila e ficou de pé no tapete de boas-vindas.

— Estás bem? — perguntou ele, atirando a cabeça para o lado para afastar a franja do caminho.

— O teu cabelo é muito bonito — disse Alice. — É como uma queda de água.

— Obrigado — disse Kenji. — Parecia estar levemente receoso de que Alice estendesse a mão e lhe tocasse, pelo que deslizou de lado pela parede

e afastou-se.

De imediato, Lizzie já estava em cima de Tommy. Tinha um *Ring Pop*²² no dedo e lambia-o e chupava-o como se estivesse a fazer um *casting* para um filme pornográfico. Não havia um adolescente heterossexual vivo que pudesse ter resistido àquilo. Sam passou e virou-se para Alice, revirando os olhos com força.

— Preciso de mais cigarros — disse Alice. Uma série de gente atirou-lhe dinheiro e gritou pedidos. — Um maço de *Newport Lights*, um maço de *Marlboro Lights*, alguns filtros.

— Eu vou contigo — disse Kenji. Tinha estado sentado calmamente no fundo da mesa, a abanar a cabeça ao som da música.

A loja de conveniência mais próxima, que não pedia identificação, ficava em Amsterdam. Alice tinha estado tão quente dentro de casa, que se tinha esquecido de que era outono, e mal passaram os portões de ferro, ficou arrepiada e a congelar.

— Toma — disse Kenji. Tirou a camisola da *North Face* pela cabeça e entregou-lha. Alice meteu rapidamente os braços através das mangas. Cheirava a detergente de roupa e a fumo de cigarro, embora Kenji não fumasse, pelo menos era o que ela achava. Nunca prestara muita atenção.

O quarteirão entre a Broadway e Amsterdam estava silencioso. Muito do seu tempo de liceu — e também o de faculdade — fora passado num enorme rebanho de pessoas e Alice já tinha tido a mesma sensação antes: a de estar sozinha, de repente, com alguém com quem nunca estivera sozinha, apesar de ter coexistido na mesma sala com aquela pessoa centenas de vezes. Não sabia o que dizer, mas, ponderando sobre isso, decidiu falar.

— Olha — disse Alice. — Sei que isto é totalmente inesperado, e lamento se é uma coisa estranha de ser dita a caminho da loja de conveniência, mas lamento muito pelo teu pai.

Kenji parou.

— Wow, certo!

— Desculpa — disse Alice. — Não devia ter dito isto, foi um *timing* totalmente estranho.

— Não — disse Kenji, — está tudo bem. É que nunca ninguém fala disso. Ou pedem desculpa, como se me tivessem pisado o pé, e depois está tudo

fixe, sabes?

Alice pensou em quantas vezes teria feito a mesma coisa. O pai de Helen tinha morrido quando andavam na faculdade, depois de uma doença prolongada, e nem um bilhete lhe tinha enviado. Alice tinha pensado nisso. Mas a morte deixava-a desconfortável, e não queria fazer ou dizer a coisa errada, pelo que não dizer nada, nem fazer nada, parecia ser melhor. Mas, obviamente, não era. Alice já conseguia imaginar que iria odiar as pessoas que fizessem a coisa errada quando Leonard morresse, e aquelas que não dissessem nada — embora aquelas que não tivessem perdido um pai ou um ente querido estivessem já perdoadas porque não iriam saber como é.

— Eu percebo. Que idade tinhas?

— Doze — disse Kenji. Tremia dentro da enorme *t-shirt* branca.

— Foda-se — disse Alice. — Lamento imenso. Foi cancro, certo?

— Sim — respondeu. — Um linfoma.

Caminharam em silêncio até chegarem à esquina. Kenji começou a andar em direção à porta da loja de conveniência, mas Alice pôs a mão no braço dele.

— Lamento muito que isto te tenha acontecido. Aposto que sentes muito a falta dele. O meu pai também está doente. E a minha mãe podia muito bem estar morta... sei que não é a mesma coisa, mas ela deixou-nos há muito tempo e por isso sou só eu e o meu pai. E é assustador.

Kenji puxou-a de imediato para um abraço.

— Não sabia que o teu pai estava doente.

Alice descansou a cabeça no ombro dele. Era ossudo, igual a tantos outros corpos de rapazes adolescentes — corpos que ainda não sabiam o tamanho que deveriam ter, onde começavam e acabavam.

No seu décimo sexto aniversário, o pai de Alice não estava sequer doente. As coisas começavam a confundir-se dentro da cabeça dela. Parecia-lhe que tudo acontecia ao mesmo tempo.

— Tu estavas lá? Quando aconteceu? — Alice deu um passo atrás, e outro, até que se viu sentada numa boca-de-incêndio. — Desculpa se são perguntas demasiado pessoais.

— Não, não tem mal — disse Kenji. — Na verdade, é bom falar sobre isso. Quando ninguém fala sobre isso, é como se nunca tivesse acontecido, apesar de eu saber que aconteceu. Às vezes penso: *Eles sabem, certo?* — Passou a mão pelo cabelo. — Eu estava na escola. A enfermeira veio ter comigo e, nunca vou esquecer, estava na aula de inglês do Sr. Bowman, e a

enfermeira disse que a minha mãe estava lá para me vir buscar. Eu sabia o que era, por isso fui buscar as minhas coisas o mais devagar possível, se prolongasse o tempo, até que ela dissesse aquelas palavras, ele continuaria vivo. Tipo, realismo mágico. Embora eu soubesse que já deveria ter acontecido.

— Caramba — disse Alice. — Compreendo perfeitamente.

Não era justo que aquilo acontecesse a uma criança. Acontecia o tempo todo, claro, mas não deveria acontecer. Havia uma menina chamada Melissa, que tinha andado em Belvedere na primeira e segunda classe, e, no decorrer da segunda, a mãe dela morrera — Alice lembrava-se tão claramente da mãe, e das tranças que ela fazia a Melissa todos os dias, aquelas duas longas tranças castanhas-escuras, que abanavam enquanto ela corria ou estava no baloiço do recreio. O pai começou a fazer-lhe tranças e, quando ela saiu da escola, foi fácil imaginar que a mãe continuou com eles, para onde quer que tenham ido. Teria sido demasiado difícil, de outra forma, demasiado pesado para sequer imaginar o contrário, como aprender que a terra poderia explodir a qualquer momento. Kenji empurrou-a em direção à porta.

— Vamos buscar as coisas antes que aqueles miúdos destruam a tua casa.

Alice riu-se. Nunca o tinham feito, nem uma vez, em todos as suas festas de dezasseis anos, mas havia uma primeira vez para tudo. Por aquela altura, Tommy e Lizzie estavam provavelmente a fazer sexo na sua cama. O corpo de Alice estava agitado — o que quer que Phoebe lhe tivesse dado, estava a fazer efeito.

— *Okay* — disse Alice. — Mas posso precisar de um pouquinho de ajuda para conseguir ficar em pé.

⁷⁰ Filme *O Feitiço*, de 1996, onde quatro adolescentes se tornam bruxas.

⁷¹ Clássico perfume de Ralph Lauren, um dos mais populares entre os jovens durante os anos 90.

⁷² Chupa-chupa que se colocava no dedo, em forma de anel, muito popular nos anos 1990.

Eram quase duas da manhã quando as pessoas começaram a ir para casa. A maioria dos miúdos tinha de estar em casa por volta da uma e meia da manhã, que parecia tarde ao início, mas com o tempo se revelou cedo, até Alice ter chegado aos vinte e já achar que era tarde novamente. Tudo era relativo, até o tempo. Especialmente, o tempo. Sam estava meio a dormir, a ajudar a esvaziar as garrafas no lava-loiça e a colocá-las na reciclagem. Tommy tinha ido para casa — ele e Lizzie tinham saído juntos, como se fossem a algum lado, quando, na realidade, iriam somente partilhar um táxi e cada um deles entraria nos respetivos apartamentos dos pais, rezando para que ninguém sentisse o cheiro a cerveja, ou fumo ou sexo que tinham tido. Grande parte de ser adolescente era fingir que o corpo não tinha começado a fazer coisas que os corpos adultos faziam. Era como quando as crianças tinham de aprender a ser humanos individualizados, um processo doloroso em todos os sentidos. Às duas e meia a casa estava vazia, restando apenas Sam, adormecida na cama de Alice, e Alice, acordada junto à janela da frente. Pegou no telefone fixo e ligou para o número de telefone que estava no frigorífico.

— Estou? — Não era o pai, mas sim Simon Rush. O quarto parecia-lhe cheio e barulhento, um aviário cheio de escritores de ficção científica. Alice podia imaginá-lo, um dedo grosso espetado no ouvido oposto para bloquear o barulho.

— Simon? Olá, é a Alice. O meu pai está aí? — Teria pedido desculpa por ter ligado tão tarde, mas claramente não havia necessidade.

— Olá, Alice, claro, espera aí.

Ouviu o som abafado de uma mão no recetor e depois o tilintar do telefone de plástico duro sobre a mesa de cabeceira de madeira brilhante, assumiu ela. Demorou alguns minutos até que Leonard atravessasse a sala — Alice conseguia ver a cena, todos os seus amigos espalhados, a rir e a falar, bêbedos, e a fumar e a ter uma ótima noite. Talvez existissem infinitas oportunidades para ir a festas, e para o amor, se desse para construir uma vida que criasse espaço para isso. Quando Leonard finalmente chegou ao telefone, estava um pouco ofegante.

— Al? O que se passa? Estás bem? Estamos a meio da noite!

— Estou bem, pai.

Queria que o pai fosse para o hotel, porque isso facilitava o que ela tinha de fazer. Alice teria de escolher ser adulta, em primeiro lugar, e ser filha dele, em segundo, em vez do contrário. Alice sempre fora boa a cuidar de si mesma quando era miúda — chegava a casa a horas, tinha boas notas —, mas esquecera-se de o fazer enquanto adulta também.

— Queria só dizer-te boa noite.

Leonard respirou de alívio.

— Céus, assustaste-me. Divertiste-te hoje à noite?

— Claro — disse Alice. O seu corpo parecia-lhe normal novamente. Durante as últimas horas, ela e Sam tinham estado sentadas em frente ao espelho do armário, a experimentar todos os batons que Alice tinha e a falar sobre Ethan Hawke e Jordan Catalano, se os filmes que eles faziam, e que elas adoravam, eram mesmo bons, ou se isso não importava pelo facto de serem tão bonitos. Tinham dado beijos na parte de dentro do armário, primeiro em linha reta e depois a meio da porta e na porta inteira, uma nuvem de beijos, até parecer papel de parede.

— E tu? Estás a divertir-te?

Leonard riu-se.

— Bem, alguém trouxe de casa uma máquina de margaritas e está a fazer margaritas, por isso, sim, estamos todos a divertir-nos bastante. Vou ter uma dor de cabeça pela manhã, mas falar com o Barry dá-me sempre uma dor de cabeça de qualquer maneira.

— Está bem... — disse Alice. — Amo-te, pai.

— Tens a certeza que estás bem, *Al-pai*? Precisas que volte para casa?

A voz dele soou mais alta, como se estivesse a tapar o telefone com a mão. Alice conseguiu imaginá-lo de costas para os amigos e de frente para a parede, talvez a silenciá-los com um dedo.

— Estou mesmo bem, juro.

— Está bem. Eu também te amo, amo mesmo.

Podia ouvi-lo a sorrir. Leonard tinha sido jovem, e *ela* tinha sido jovem — *eles* tinham sido jovens, juntos. Porque é que era tão difícil ver isso, quão próximas eram as gerações? Que as crianças e os seus pais eram companheiros ao longo da vida. Talvez fosse por isso que ela estava ali agora. Talvez aquele fosse o momento em que ambos estavam no seu melhor, e juntos. Alice pensou em Kenji e na bonita mãe dele. Ele tinha ido

embora cedo — o recolher obrigatório era à meia-noite. Alice podia imaginar que provavelmente seria difícil para a mãe dele deixá-lo longe da sua vista. Quando uma pessoa tem provas da súbita crueldade da vida, como é que irá conseguir relaxar? Como é que irá, simplesmente, deixar as coisas acontecerem?

— Vemo-nos amanhã, pai — disse Alice.

Queria lembrá-lo de todas as coisas que deveria fazer — escrever o livro da Dawn, encontrar Debbie, ser feliz —, mas sabia que não tinha de o fazer. Teria de confiar desta vez. Porque não ia voltar. Onde quer que acabasse, era lá que ficaria.

— Podes fazer uma coisa por mim?

Ia pedir-lhe que não o fizesse mais, para não viajar no tempo, que todo aquele amor acabaria por matá-lo. Mas Alice pensou em como era bom ouvir a sua voz saudável e forte, ouvi-lo a divertir-se com os amigos, tão cheio de tudo aquilo, e percebeu que não podia.

— Claro, querida, o que é? — perguntou Leonard.

O liquidificador continuava a fazer barulho. Soava tão alto que, provavelmente, ele mal a conseguia ouvir.

— Toma cuidado contigo — disse Alice. — Está bem?

— Até ao futuro — disse Leonard, a frase de *Time Brothers*.

Alice riu-se. Leonard devia estar bêbedo, bêbedo o suficiente para achar o seu próprio trabalho divertido. Desligou primeiro, e Alice ficou sentada até o telefone começar a fazer um barulho irritante. Colocou o auscultador no suporte e olhou para as horas. O plano era deixar-lhe um bilhete a dizer o que sabia, mais ou menos. Dizer-lhe para não viajar, para não saltar, para não visitar. Alice começou a escrevê-lo uma e outra vez, mas nunca lhe parecia certo. Em vez disso, escreveu apenas: *Até ao futuro/meu futuro/teu futuro, o que significa o futuro, afinal? Com amor, Alice*. Atirou o resto para o lixo e foi para a cama.

Antes do amanhecer, Alice abriu os olhos. Estava em Pomander — na sala de estar, no sofá, com *Ursula* a ronronar ao seu lado. Alice tentou sentar-se sem incomodar a gata. A luz da cozinha estava acesa, o que a fazia parecer um cenário, sendo Alice o único membro da audiência. *Ursula* saltou para a janela e deitou-se de lado contra o vidro. Debbie entrou no palco pela esquerda, vestida com calças de fato de treino e uma antiga camisola de *Dawn of Time*, o que fez Alice perceber que, pela primeira vez, acordara no mesmo lugar onde tinha adormecido, embora numa divisão diferente. Viu Debbie dirigir-se à cozinha, abrir um armário e servir-se de um copo de água da torneira. Ainda estava escuro lá fora e estava vento, fazendo com que pequenos ramos batessem na janela. Outubro era um bom mês para enfrentar a morte — era por isso que o Dia das Bruxas funcionava. As árvores estavam na sua maioria nuas e o ar suficientemente quente para que ainda não se tirassem dos armários os casacos pesados. Era um mês de mudança, a natureza mudava. De transição. Alice sentou-se.

— Querida! — disse Debbie, piscando os olhos no escuro. — O que estás aqui a fazer? Ainda nem coloquei as lentes de contacto.

Alice olhou à volta de Pomander, como se fosse ver algo que fizesse sentido — a plena luz do dia, uma estrada de tijolos amarelos, qualquer coisa.

— Acho que estava a dormir — respondeu Alice.

Engoliu, não querendo fazer a pergunta. Também tinha vestidas umas calças de fato de treino — umas calças do antigo uniforme de ginástica em Belvedere. Eles eram os Cavaleiros de Belvedere, como se os adolescentes do Upper West Side precisassem de ajuda para se considerarem excepcionais e corajosos.

— Claro que sim. Ainda bem que estás aqui.

Debbie beliscou o ar à frente dela até que Alice se afastou e Debbie a envolveu nos braços, num abraço apertado. *Ursula* esfregou o corpo contra os tornozelos de Alice. Debbie soltou-a e Alice inclinou-se para pegar na gata.

— Vou ficar no sofá. Volta para a cama, não queria incomodar-te.

Alice beijou Debbie na bochecha e virou-se, encostando-se de novo no sofá.

— Tenho a certeza de que o teu pai gostaria de dizer-te olá, Al. — disse Debbie, a voz brincalhona. — Não queres ir espreitá-lo?

Alice virou-se para trás. *Ursula* subiu para os seus ombros e bateu com o nariz molhado contra a orelha de Alice.

— Ele está aqui?

Debbie inclinou a cabeça para o lado.

— Claro que está. A enfermeira também está lá dentro. A Mary. Ele gosta muito dela. É de Trinidad e quando vem traz umas sandes maravilhosas de grão-de-bico. Tão deliciosas!

— Ele está acordado? — perguntou Alice. O corredor que conduzia até ao quarto estava escuro.

— Vai estando... — disse Debbie. Fez um meio sorriso. — A Mary acha que estamos perto. Os médicos também o disseram, claro, mas o que é que eles sabem? Assim que o trouxemos para casa, não quiseram saber dele. Acho que não gostam de perder, não é bom para as estatísticas.

Alice pensou na bandeira gigante estendida através da Fort Washington Avenue, proclamando o hospital como um dos melhores do país, e imaginou se, em vez disso, mantivessem uma contagem de todos os que morressem, e de todos os bebés nascidos. Estes saíram. E estes entraram.

— Okay — disse Alice.

Pousou *Ursula* outra vez no chão. O corredor estava escuro e, quando empurrou a porta do quarto do pai, uma mulher com bom aspeto, com óculos e um pequeno livro por baixo de uma luz de leitura, estava sentada no canto. A cama normal tinha sido empurrada até à parede, e Leonard descansava numa cama de hospital ajustável mesmo ao lado, o que fazia o pequeno quarto ainda mais pequeno. Sobrava um bocadinho de chão para se passar, não mais do que um pé de largura.

— Leonard, tens uma visita — disse Mary.

Fechou o livro e colocou-o atrás dela na cadeira. Leonard moveu-se ligeiramente, virando a cabeça de um lado para o outro.

— Ah, sim? — perguntou ele.

Leonard era sempre melhor com companhia — sozinho, como a maioria dos escritores, era propenso a resmungar, mas sabia ligar o seu charme quando queria, especialmente com estranhos, especialmente com jovens, e mulheres, e *barmen*. Na verdade, com a maioria das pessoas. Era curioso e

fazia muitas perguntas — era por isso que todos os amigos de Alice o adoravam. Ele não era como a maioria dos pais, que iriam *mansplain*⁷³ acerca de churrasco ou dos *Rolling Stones* e que desapareciam depois do seu solilóquio. Leonard era interessado.

— Sou eu, pai — disse Alice.

Deu alguns passos ao longo da parede, até alcançar as mãos dele.

— *Al-pal*, esperava que viesses hoje — retorquiu Leonard. Virou-lhe a palma da mão para cima e colocou a sua sobre a dela. — Feliz aniversário.

— Obrigada, pai — disse Alice. Tinha sido há semanas. — Como é que te sentes?

Leonard tossiu e Mary apressou-se, passando por Alice para ajustar as almofadas. Aquilo era uma dança, um dueto entre Leonard e o que quer que estivesse do outro lado, e o outro lado estava a começar a liderar. Alice achatou-se contra a parede para deixar Mary passar. Quando a enfermeira saiu do quarto, Alice aproximou-se da cara de Leonard. As suas bochechas estavam fundas e os seus olhos também. Estava mais pequeno do que alguma vez o vira.

— Já estive melhor, Al — Leonard ofereceu-lhe um sorriso fraco.

— Chamo uma ambulância? — Alice entendia o que significava ir para hospital, mas parecia errado não fazer tudo o que se podia. Mas, obviamente, já o tinham feito.

— Não, não — disse Leonard. Fez uma careta. — Não! Este é o acordo. Todos nós temos um momento e este é o meu. Quer seja hoje ou amanhã ou no próximo mês, é este.

— Não gosto nada disto, pai.

Alice ficou surpreendida por estar a chorar.

— Eu também não gosto muito — afirmou Leonard. Fechou os olhos. — Mas não há outra maneira. É assim que isto acaba, para todos nós. Se tivermos sorte.

— Vou sentir muito a tua falta, sabes? — A voz de Alice ficou presa na garganta. — Não sei quantas pessoas amo realmente, ou quem realmente me ama, percebes o que quero dizer? E isto parece patético, mas é verdade.

— É verdade — disse Leonard. — Mas esse amor não desaparece. Ainda estará lá, dentro de tudo o que tu fizeres. Só esta parte de mim é que vai embora, Al. O resto? Não vais conseguir livrar-te do resto, mesmo que tentes. E nunca saberás o que vai acontecer a seguir. Eu era mais velho do

que tu és agora quando conheci a Debbie. Está na altura de seguir em frente. Até ao futuro, finalmente!

Alice abanou a cabeça, disposta a não chorar, ainda não.

A conversa tinha claramente tirado a respiração de Leonard, que fechou os olhos, o peito dele movia-se para dentro e para fora, em movimentos bruscos e superficiais.

Debbie aproximou-se calmamente e colocou as mãos nas costas de Alice.

— Estão bem? Queres um café, Al?

Foi uma maneira gentil de dizer: *Já chega, não exageremos, ele não pode continuar a esforçar-se*. Alice assentiu. Inclinou-se e beijou o pai na bochecha. Depois, saiu do quarto.

⁷³ Explicar algo a uma mulher de forma condescendente, pressupondo que, por ser mulher, não tem conhecimento sobre o assunto.

O resto do dia passou-se como se Alice estivesse a sobrevoar o oceano num avião muito lento. Ela, Debbie e Mary trocaram de lugar à vez — a cadeira no quarto, a mesa da sala de jantar, o sofá. Debbie dormiu uma sesta no antigo quarto de Alice. Serviu tigelas de clementinas, uvas e *pretzels* que elas comeram. Mary saiu por algum tempo e, mais tarde, regressou. Alice descobriu que ficava ansiosa quando Mary ia embora, mesmo que soubesse que não era Mary quem mantinha o seu pai vivo.

— Encomendamos no *Jackson Hole* o almoço? — perguntou Alice.

Debbie parecia perplexa.

— Querida, isso fechou há anos.

A cidade de Nova Iorque também não tinha parado. Essa era outra bandeira que podia ficar pendurada numa rua da cidade — o número de lugares que adoravas e que tinham sido substituídos por diferentes versões de si mesmos; lugares que outra pessoa viria a adorar e que seriam recordados muito tempo depois de teres morrido.

— Certo — disse Alice.

Deitou-se no sofá e puxou o cobertor para cima das pernas. *Ursula* saltou e enrolou-se num círculo perfeito. Debbie sentou-se junto às pernas de Alice e carregou em alguns botões do telemóvel. Ninguém ia a lado nenhum até que tudo acabasse.

Leonard estava acordado e a dormir. Não dissera mais do que algumas palavras — falara tão pouco, na verdade, que Alice achou que a conversa que tinham tido era fruto da sua imaginação.

— Ele está assim há muito tempo? — perguntou ela a Mary, que já havia passado por aquilo com outras famílias, que já enfrentara o fim por diversas vezes e que, mesmo assim, ainda se levantava de manhã.

— Não vai demorar muito — disse Mary, respondendo à verdadeira pergunta de Alice.

Às sete horas, Debbie e Alice jantaram enquanto viam o *Jeopardy!* na pequena televisão, já não era Alex Trebek o apresentador, porque Alex Trebek tinha morrido de cancro. Não sabiam a resposta a nenhuma das perguntas, mesmo as de categorias que deveriam conhecer, como Musicais

da Broadway ou factos sobre a cidade de Nova Iorque. Alice estava exausta, apesar de não ter saído de casa o dia todo. A ideia da existência de um mundo exterior — barulhento, vibrante, vivo — era demasiado para lidar. Depois do jantar, Debbie obrigou Alice a juntar-se a ela num passeio à volta do quarteirão, que fizeram em silêncio, agarrando-se aos cotovelos uma da outra como irmãs num romance de Jane Austen.

Leonard permanecia em silêncio. Nas suas idas ao quarto, Alice espreitava e confirmava que o peito dele se mexia. Debbie e Mary entravam e saíam como escuteiras, prontas a proteger uma fogueira. A certa altura, Debbie guiou Alice de volta ao sofá e aconchegou-a. Tinha estado a dormir sentada, e adormeceu de novo quando a sua cabeça caiu na almofada, embora não pensasse que o fosse fazer. Alice sonhou que estava novamente no liceu, que estava na sua festa e que Sam a abraçava e Tommy também, e Kenji Morris estava lá, no canto, encostado à parede. Mas não era Sam, era Debbie, ela batia no braço de Alice, de forma gentil, mas insistentemente, puxando-a de volta para o estado consciente.

Alice piscou os olhos e esperou que Debbie falasse.

— Acho que está a acontecer — sussurrou Debbie, o rosto pálido, a boca aberta como um peixe que se alimenta do fundo do mar. Debbie pareceu-lhe horrível, naquele momento, e Alice recuou, da mesma forma que fazia ocasionalmente quando a mãe ainda vivia naquela casa e Alice testemunhava uma coisa de adultos — Serena a arrancar um pelo perdido do queixo com a mesma pinça que Leonard usava para tirar farpas. O que quer que estivesse a acontecer ao rosto de Debbie ia além da máscara da vida quotidiana. Era privado e era real.

— Que horas são? — perguntou Alice. Os seus olhos começavam a ajustar-se à escuridão.

— São três da manhã — disse Debbie. — Arranja-te e depois entra.

Ela apertou o ombro de Alice com força, e depois voltou para o quarto.

Alice balançou as pernas pelo chão e sentou-se. Podia ver o relógio por cima da mesa da cozinha — eram 3:05h. Podia sair naquele momento — podia sair pela porta da frente e ter dezasseis anos outra vez, ver o pai a tomar o pequeno-almoço e a ler o jornal. Podia ver *Ursula* a enrolar o corpo à volta do pescoço forte do pai. E podia fazê-lo rir, e provocá-lo, e sentir todo o amor do pai direccionado para si, como os faróis de um carro.

Alice não o conseguiria salvar — sabia disso. Leonard nem sequer apreciava esse tipo de ficção científica: os livros com avanços médicos que podiam sustentar as pessoas durante séculos; os livros com cérebros em frascos; os livros com vampiros imortais ou mágicos famintos de poder. Leonard acreditava que as resoluções fáceis eram completamente desprovidas de verosimilhança, apesar de ter escrito dois livros sobre adolescentes que viajavam no tempo. Ele e Serena poderiam ter ficado casados, ele poderia ter arranjado um emprego a sério, poderia ter usado coisas que não se compravam na *L.L.Bean*, mas não o fizera. Leonard não se importava de fazer as coisas à sua maneira. Tinha sido sempre exatamente quem era, melhor ou pior, pegar ou largar. E Alice não podia largá-lo, não agora.

Esperava que fosse verdade — o que Leonard lhe dissera sobre o amor, sobre todo o amor que existe no mundo. Ele não era religioso e ela também não. A ficção, ou a arte, poderia ser isso uma religião? Acreditar que as histórias que contamos são capazes de nos salvar, e de chegar a todos aqueles que já amámos.

Alice levantou-se e entrou no quarto de Leonard, os seus próprios faróis a iluminar-lhe o caminho.

Alice mal reparou na viagem de metro que fez até casa. Parecera-lhe mais rápida do que o normal, e olhou para cima enquanto as portas se fechavam em Borough Hall, apressando-se a sair antes de perder a sua paragem. A caminhada desde a estação era longa, quinze minutos num dia bom, mas Alice não se importou. Colocou um pé à frente do outro, até dar por si diante da porta do seu prédio.

Mary sabia o que fazer. Ela e Debbie tinham programado tudo com antecedência — quem chamar e por que ordem: a agência funerária, os bancos para os cartões de crédito, os amigos. Já havia um obituário pronto a sair. A fotografia de Leonard estaria em todos os jornais e no Twitter. Estaria numa montagem a preto e branco nos Óscares, com alguém a cantar *Somewhere Over the Rainbow*, num vestido de baile. Alice fez algumas das chamadas para os amigos — ela e Debbie dividiram a lista. Ninguém ficou surpreendido. Foram todos amáveis. Alice chorou durante os primeiros telefonemas, quase não conseguindo falar, mas depois habituou-se ao ritmo da conversa e descobriu que era capaz de fazê-lo. Essa convicção durou uns minutos e, então, estava a chorar novamente. Alice abraçou Mary durante mais tempo do que alguma vez abraçara alguém relativamente estranho na sua vida. Era assim que as pessoas se sentiam em relação às suas parceiras, ou companheiros de guerra, ou reféns — tinham visto coisas juntos que mais ninguém iria compreender completamente.

Alice encontrou a chave do apartamento e levou-a à fechadura, mas não conseguiu abrir a porta. O telemóvel tocou — Sam — e Alice atendeu, apesar de ter percebido que não conseguiria falar.

— Oh, querida — disse Sam, uma e outra vez. — Oh, querida.

Sam era uma boa mãe, e uma boa amiga.

— Eu vou até aí. Levo-te alguma comida.

— *Okay* — disse Alice, desligando de seguida. Voltou a tentar abrir a porta, sem sucesso, e atirou a chave para o passeio. — Foda-se!

Lentamente, a porta que tentava destrancar abriu-se.

— Hum, Alice?

Era Emily.

— Oh, olá! Desculpa o barulho. Estava a ter alguns problemas com a minha chave. — Alice sentiu-se a começar a soluçar. — Desculpa.

— Não, não, está tudo bem... — garantiu Emily. — Hoje estou a trabalhar a partir de casa, de qualquer maneira. Espera, tenho uma encomenda para ti.

Ela abriu a porta, segurando-a aberta com um batente. Alice deu dois passos para baixo e olhou para dentro do seu apartamento. Não estava lá a sua cama; nem a sua mesa. Não estava lá a sua típica confusão, as suas roupas e a sua arte nas paredes. Tudo tinha sido substituído pelo gosto brilhante de Emily — um sofá cor-de-rosa, um tapete em forma de arco-íris, uma cama de dossel. Alice podia ver o jardim, como se o apartamento tivesse aumentado de tamanho, como se estivesse sentada em frente a um espelho. Emily regressou com uma pequena caixa.

— Aqui está.

Alice pegou na caixa e encostou-a ao peito. Não tinha a certeza para onde ir.

Emily pôs a mão no pulso de Alice.

— Estás bem? Agora vives lá em cima, chefe. Lembras-te?

Apontou com as sobrancelhas e depois com um dedo.

— Certo, certo — disse Alice. — Obrigada por isto.

Olhou para a morada do remetente — era de Sam, prenda de aniversário. Atrasada, como sempre. A tiara e a fotografia, Alice conseguia adivinhar.

— Eu mando-te uma mensagem mais tarde, está bem? Obrigada.

Não mencionou o pai, porque não conseguia.

A sua chave abriu a porta no topo dos degraus. Era um duplex — já lá tinha estado antes, quando a senhoria a convidara para jantar. Carpintaria original, um belo corrimão curvado. As suas coisas estavam por todo o lado, e as de Leonard também — havia *posters* na parede que tinham estado pendurados em Pomander. Alice não reparara que tinham desaparecido.

O plano era que Debbie ficasse em Pomander, por agora, até que decidissem o que fazer. Leonard comprara a casa, e Debbie ainda pagava uma hipoteca da sua casa de cooperativa, por isso a ideia era que ela se mudasse para lá, embora tivesse oferecido a casa a Alice, se ela a quisesse. Alice tinha dito *não* rapidamente — achava que não conseguiria resistir, se estivesse tão perto todos os dias, da casa da guarda. *Ursula* também ficaria em Pomander, já que Alice não sabia se seria, sequer, possível mudá-la, mesmo que a quisesse trazer para a sua casa. Parecia inteiramente plausível que a gata desapareceria num sopro de fumo se alguém tentasse. Tanto quanto ela sabia, *Ursula* nunca tinha ido ao veterinário. Fazia-a rir-se pensar em todas as coisas que Leonard sabia que a filha nunca iria compreender, as pequenas e as grandes.

O telemóvel de Alice tocou. Ia desligá-lo, mantê-lo completamente desligado, talvez até atirá-lo para a banheira. Mas era uma mensagem de um número que não tinha gravado: *Olá Alice, é o Kenji Morris, de Belvedere. A Sam deu-me o teu número. Ela contou-me sobre o teu pai. Eu sei que não falamos há mil anos, mas sabes que já estive na mesma situação. Liga-me, a qualquer hora.*

Afinal, Alice não ia atirar o telemóvel para a banheira. Não ainda, ***

Qualquer história pode ser uma comédia ou uma tragédia, dependendo de onde a termines. É aí que está a magia, no facto de a mesma história poder ser contada de uma infinidade de maneiras.

Time Brothers, o livro, terminava com uma cena em que Scott e Jeff, na mesa do pequeno-almoço, discutiam alegremente sobre quem tinha mais xarope de ácer depois de terem salvado o mundo com sucesso, várias vezes. Não havia dúvida de que fariam tudo novamente.

Dawn of Time terminava com Dawn no meio de Sheep Meadow, no Central Park. Amanhecia, o céu pálido sobre uma cidade silenciosa. Leonard passara meia página a descrever o rosto dela e a forma como a luz do sol cor-de-rosa se refletia nos edifícios. O ano era propositadamente

ambíguo — ao contrário dos irmãos, ao contrário de Leonard, Dawn não queria passar o resto da vida a andar de um lado para o outro ao longo de décadas e séculos. O leitor esperava que ela tivesse, finalmente, encontrado o seu caminho para casa. Os finais felizes eram demasiado exagerados para algumas pessoas, falsos e baratos, mas a esperança — a esperança era honesta. A esperança era uma coisa boa.

Alice caminhou até à janela da frente, agora com uma vista desafogada sobre o passeio. Podia ver as fachadas castanhas dos prédios do outro lado da rua e o céu por cima. O trânsito zumbia ao longe. Pressionou levemente o nariz e a testa contra o vidro.

Sempre em frente, era essa a ideia. Até ao futuro, o que quer que isso fosse.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos os que me falaram sobre o Upper West Side da nossa juventude, sobre ficção científica, sobre viagens no tempo, e sobre os pais: Christine Onorati, Gary Wolfe, Olivia Greer, Julie Barer, Nina Lalli e Sam Saltz.

Obrigada a Gabi Zegarra-Ballon por ser uma amiga amorosa para toda a minha família, e cuja presença tornou possível a escrita deste livro.

Obrigada ao *staff* da *Books Are Magic*, passado e presente — aprendi mais convosco do que alguma vez poderia esperar ensinar-vos e estou grata por cada um de vós todos os dias. Nick Buzanski, Serena Morales, Michael Chin, Colleen Callery, Lindsay Howard, Jacque Izzo, Shulokhana Khan, Natalie Orozco, Aatia Davison, Isabel Parkey, Kristina Rivero, Anthony Piacentini, Abby Rauscher, Eddie Joyce e Nika Jonas — obrigada, obrigada.

Obrigada às minhas pessoas de Riverhead: Sarah McGrath, Geoff Kloske, Claire McGinnis, Jynne Martin, Delia Taylor, Nora Alice Demick e Alison Fairbrother. Obrigada à Laura Cherkas por ter editado um livro de viagens no tempo sem me fazer chorar. Obrigada à Jess Leeke e Gaby Young e à equipa de Michael Joseph. Obrigada à minha querida e incansável agente, Claudia Ballard, e a todos na WME: Tracy Fisher, Camille Morgan, Anna DeRoy, Laura Bonner e Matilda Forbes Watson.

Obrigada ao Justin Goodfellow por me deixar sempre fazer perguntas e a toda a equipa de vendas da Penguin por ajudar os meus livros a encontrarem os seus leitores.

Obrigada a todas as livrarias do mundo que escolheram ter os meus livros nas suas prateleiras. Eu compreendo mais do que nunca o que significa ter um livro em *stock*, a ocupar espaço precioso, e é uma honra que eu não dou por garantida.

Obrigada a todos com quem fumei um cigarro, sentei-me num banco, comi num restaurante, bebi de mais, e fiquei acordada a noite inteira. Posso fechar os olhos e estar lá, elétrica com a excitação de ser uma adolescente.

Obrigada ao meu Mikey, por se certificar sempre de que havia tempo (não foi tarefa fácil este ano), por ser o meu incansável líder de claque, e por

manter a livraria a funcionar nestes tempos incertos e assustadores. Obrigada aos meus filhos, os meus companheiros constantes, por serem criaturas tão selvagens e espantosas.

Obrigada à minha mãe, por ainda colocar pequenas tigelas de petiscos ao alcance da mão.

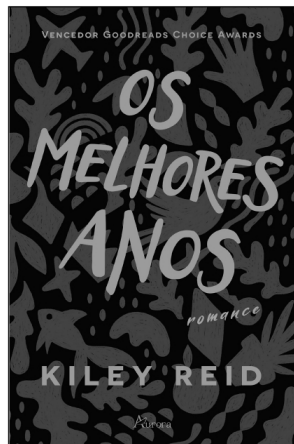
Obrigada ao Killer, a quem concedi a imortalidade merecida neste livro.

Obrigada aos médicos, enfermeiras e *staff* do Columbia Presbyterian Hospital pelo seu trabalho vital, que se tornou muito mais difícil em 2020, quando este livro foi escrito.

Acima de tudo, obrigada ao meu pai, por me mostrar o que a ficção podia fazer e por saber que a verdadeira história está aqui, mas não está aqui, que estamos ambos aqui, sem estarmos aqui, e por receber este livro como ele foi concebido, como um presente.

Lê os outros livros da

Aurora



Quando Emira Tucker, uma jovem mulher negra, é acusada de forma abusiva por um segurança de um supermercado de ser uma potencial raptora de Briar, a criança branca de dois anos que a acompanha e da qual é *baby-sitter*, o acontecimento precipita uma surpreendente cadeia de eventos.

Alix Chamberlain, a mãe da bebê, uma blogger feminista com boas intenções, decide-se a resolver o problema e a compensar Emira, aproximando-se dela o mais que consegue. Esta, contudo, numa fase atribulada de entrada na idade adulta, entre indecisões profissionais e sentimentais e prementes fragilidades financeiras, hesita perante os interesses de Alix.

Quando uma inesperada ligação entre as mulheres é estrondosamente revelada, tudo o que pensam a respeito uma da outra, tudo o que pensam a respeito delas próprias, dos mundos que habitam e das diferentes dinâmicas dos privilégios sociais, será dolorosamente colocado em causa.

Um livro sobre o sentido de família e o que significa crescer e ser adulto. Nada em *Os Melhores Anos* é o que parece ser.



Julietta parece ter a vida perfeita. Aos trinta e sete anos tem um marido adorável que cozinha os melhores bolos. O emprego com que sempre sonhou e que a preenche. Uma casa cheia de luz e livros, onde a mesa está enfeitada com camélias. Então, por que motivo está agora sobre o varadim escorregadio de uma ponte, descalça e suja de sangue, prestes a saltar?

Afinal, nem tudo o que parece é. Quando um amor antigo regressa do passado, traumas são ressuscitados e uma proposta impensável desperta em Julietta um fantasma adormecido. Mas que proposta é essa que vem tornar a verdade perturbadora? E o que é a verdade quando a própria realidade a confunde?

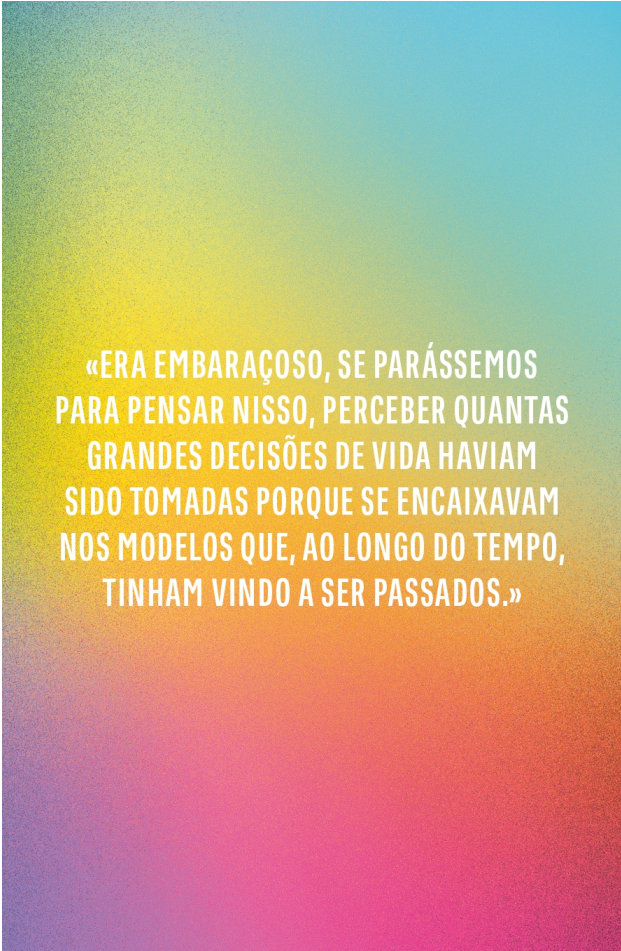
Inquieta é um relato cru e intenso dos ansios e traumas de uma mulher. É a história de alguém incapaz de fugir do abismo da própria memória e de se sentir livre.



Em finais dos anos 1970, no Caniço, uma cidade costeira na ilha da Madeira, todos conhecem Ana Clara, a estranha rapariga que não fala e que passa os dias à janela. Quando Anita Fontoura a vê, também ela presa na sua janela de solidão imposta pelo marido, desenvolve-se entre as duas vizinhas uma amizade inesperada.

Décadas mais tarde, de regresso à ilha para enterrar Anita, a sua filha Oti reencontra-se com Ana Clara, sua madrinha, para tentar compreender a história da família, das mulheres Fontoura, da fuga das duas para Lisboa e daquela mãe que foi tão difícil amar.

Este é um romance sobre liberdade e coragem, sobre forjarmos nosso próprio caminho, sobre gritos no silêncio. Duas mulheres enclausuradas que o destino uniu e que, juntas, encontraram uma forma de voar.



«ERA EMBARAÇOSO, SE PARÁSSEMOS
PARA PENSAR NISSO, PERCEBER QUANTAS
GRANDES DECISÕES DE VIDA HAVIAM
SIDO TOMADAS PORQUE SE ENCAIXAVAM
NOS MODELOS QUE, AO LONGO DO TEMPO,
TINHAM VINDO A SER PASSADOS.»

Contents

1. PARTE UM

1. 1
2. 2
3. 3
4. 4
5. 5
6. 6
7. 7
8. 8
9. 9
10. 10
11. 11
12. 12
13. 13
14. 14
15. 15
16. 16

2. PARTE DOIS

1. 17
2. 18
3. 19
4. 20
5. 21
6. 22
7. 23
8. 24
9. 25
10. 26
11. 27
12. 28
13. 29

14. [30](#)
15. [31](#)
16. [32](#)
17. [33](#)
18. [34](#)
19. [35](#)
3. [PARTE TRÊS](#)
 1. [36](#)
 2. [37](#)
 3. [38](#)
 4. [39](#)
 5. [40](#)
 6. [41](#)
 7. [42](#)
 8. [43](#)
4. [PARTE QUATRO](#)
 1. [44](#)
 2. [45](#)
 3. [46](#)
 4. [47](#)
 5. [48](#)
 6. [49](#)
 7. [50](#)
 8. [51](#)
 9. [52](#)
 10. [53](#)
5. [PARTE CINCO](#)
 1. [54](#)
 2. [55](#)
 3. [56](#)
6. [PARTE SEIS](#)
 1. [57](#)
 2. [58](#)
 3. [59](#)
 4. [60](#)
 5. [61](#)

- 6. [62](#)
- 7. [63](#)
- 8. [64](#)
- 7. [AGRADECIMENTOS](#)

Landmarks

- 1. [Cover](#)